

Um amor proibido.
Uma escolha impossível.
Uma luta pela sobrevivência.

A Parteira Alemã



MANDY ROBOTHAM

 Planeta

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM





HANDY ROBOOTHAN

A Parteira Alemã

Trabalho
Muito Bem Feito

© Pareto

Para os rapazes: Simon, Harry & Finn
E para as mães e parteiras de todo o mundo

Nota da autora

As parteiras adoram falar, analisar e dissecar; é na tagarelice pós-parto, enquanto bebemos café, que relatamos a beleza de um nascimento e discutimos os pequenos dilemas. Como transmitir às mulheres a intensidade daquilo por que podem ter de passar durante o trabalho de parto? Será justo descrever antes do dia em pormenor a agonia e o êxtase do nascimento? Tudo isto me levou a interrogar-me sobre as questões morais mais profundas que podemos ter de enfrentar, um ponto em que nós, as parteiras, podemos não *querer* dar corpo e alma pela segurança de outra mulher e do seu bebé. E com quem e quando poderia isso acontecer?

Para mim, há só uma resposta: uma criança cuja herança genética iria provocar ondas de choque entre aqueles que sofreram sem medida às mãos do pai: Adolf Hitler. Da combinação do meu fascínio pela história da guerra e a minha paixão pelo nascimento surgiu a ideia. Usar personagens reais como Hitler e Eva Braun – ambos continuam a suscitar emoções fortíssimas passados quase oitenta anos – foi um teste à minha bússola moral. E, no entanto, mantenho a premissa de que todas as mulheres, na altura de dar à luz, são iguais: princesa ou pedinte, anjo ou demónio, durante o trabalho normal de parto todas temos de cavar fundo no interior de nós mesmas. O nascimento varre todos os preconceitos. Eva, no momento de parir, é uma dessas mulheres. E também o bebé nasce livre de mácula moral – um inocente, completamente puro.

Embora use material de pesquisa e cenários factuais, esta é a minha visão de um instante da História. Já houve no passado especulações a respeito de o *Führer* e a sua eventual noiva terem tido um filho, mas *A Parteira Alemã* é uma obra de ficção, é a minha maneira de perguntar: e se? Também Anke é uma ficção, sendo embora a corporização do que sinto em muitas parteiras – um coração enorme, mas com dúvidas e medos. Por outras palavras, uma pessoa normal.

Capítulo 1

Irena

Alemanha, Janeiro de 1944

Por uns breves instantes, o barracão ficou tão silencioso quanto era possível estar àquela hora da madrugada, um quase silêncio só perturbado por alguns roncoss femininos. A monitora da noite andava para trás e para a frente ao longo das filas de beliches de varana mão, atenta às ratazanas que tentassem mordiscar os membros imóveis das mulheres, pronta a atacar as malvadas predadoras. Pequenas nuvens de vapor erguiam-se dos beliches superiores à medida que o hálito das deportadas encontrava o ar gélido e parado – era estranho não ouvir as mulheres tossir à vez, uma sinfonia de costelas sacudidas pela força da infecção nos seus pobres pulmões, como se mais um espasmo fosse o suficiente para lhes rasgar o esterno e abrir-lhes o peito. De trinta em trinta segundos, a escuridão era atravessada por finos raios de luz branca quando os projectores faziam a sua incessante ronda pelos buracos entre as finas tábuas, no único lugar a que podíamos chamar casa.



Eu estava a dormir na parte dianteira do barracão, sabendo que Irena se encontrava nas primeiras fases. Um grito súbito vindo do beliche ao lado da salamandra quebrou o silêncio, quando uma violenta contracção se enrolou dentro dela e lhe interrompeu o sono inquieto, escapando-se por entre os dentes partidos.

– Anke, Anke – gritou ela. – Não, não, não... Faz isto parar.

A sua angústia não se devia a fraqueza – Irena já tinha feito aquilo duas vezes antes da guerra – mas ao inevitável resultado do processo, do trabalho de parto. Um nascimento. O bebé nasceria, e esse era o pior dos seus pesadelos. Enquanto estivesse lá dentro, a dar um pontapé ocasional e provas de que não sugara todos os fluidos vitais da mãe e mesmo assim não fora o suficiente, havia esperança. Cá fora, a esperança diminuía muito depressa.

Num instante estive a seu lado, a juntar os trapos e pedaços de papel que tínhamos reunido, um balde de água tirado com dificuldade do poço antes do recolher obrigatório. Irena estava agitada, num género de delírio que é habitual ver nos casos de tifo.

Murmurava o nome do marido – provavelmente há muito assassinado noutro campo – por entre os lábios ressequidos numa litania repetitiva, enquanto se contorcia na fina enxerga de palha, fazendo ranger as tábuas do beliche.

– Irena, Irena! – murmurei uma e outra vez, a abanar a cabeça para lhe prender o olhar nos intervalos em que abria os olhos. Ao contrário das mulheres nos hospitais de Berlim, no campo as mães perdiam com frequência a noção de tudo durante o trabalho de parto e transportavam-se para outro lugar, um palácio da mente. Imaginava eu que era uma maneira de evitar a realidade de estarem a trazer os filhos para um mundo de implacável horror, de criar nos seus sonhos o ninho perfeito que a vida real não lhes proporcionava.

Como a maior parte dos terceiros partos, aquele foi rápido. Depois de estarem a ferver durante horas, as contracções surgiram umas atrás das outras, a aumentar de intensidade muito depressa. Não tardou que Rosa estivesse a meu lado, acordada como eu do seu meio sono. Espevitou o lume fraco e pôs água a ferver, enquanto outra mulher trazia um candeeiro a óleo, cujo combustível tínhamos poupado para ocasiões como aquela. Era tudo o que tínhamos, além de fé na Mãe Natureza.

As contracções eram violentas e as águas rebentaram durante uma mais forte – uma quantidade pequena, patética –, mas Irena estava a aguentar-se. Em qualquer outro cenário, o corpo seria obrigado a empurrar para baixo, a expulsão natural imperiosa e irresistível. Nas suas primeiras gravidezes, as mulheres receavam com frequência não saber quando chegava o momento de fazer força, e nós, como parteiras, só podíamos tranquilizá-las – *vai* saber, uma força dentro de si diferente de todas as outras, uma vaga para cavalgar em vez de resistir. Irena, no entanto, agarrava-se ao bebé como se a sua vida dependesse disso, e só uma fina cobra de mucosidade ensanguentada era visível quando olhei para baixo da manta. Indicava que o corpo estava ansioso, mais do que pronto para saltar. Só a vontade férrea da mãe mantinha os portões fechados.

Por fim, depois de uma série de contracções muito fortes, o útero de Irena levou a melhor; um revelador grunhido primevo, e com a ajuda do candeeiro vi que o bebé vinha a caminho, a cabeça ainda não visível mas uma forma bem definida por baixo da pele fina, quase translúcida, das nádegas de Irena, a arredondar-lhe a anatomia. Ela abanou a cabeça, angustiada, e murmurou: «Não, bebé, ainda não, fica aí», a agitar as mãos na direcção da vagina numa tentativa desesperada de fazer o bebé voltar para dentro à custa de pura força de vontade. Rosa estava junto à cabeça de Irena, a sussurrar-lhe palavras de apaziguamento, a dar-lhe pequenos goles da água mais limpa que tínhamos conseguido arranjar, e eu fiquei lá em baixo, com o candeeiro.

Ignorante do futuro, aquele bebé estava determinado a nascer. Na contracção seguinte, uma massa de cabelos negros saiu dos lábios esticados da vagina de Irena, e eu exortei-a «Sopra, sopra, sopra», na esperança de a abrandar e evitar rasgões que não tínhamos equipamento nem meios para suturar, mais uma ferida aberta para atrair os piolhos e as ratazanas.

A sentir o inevitável, Irena cedeu, e a cabeça do bebé ultrapassou os confins da mãe e entrou no mundo com um movimento de saca-rolhas. Por um momento, como em

tantos outros partos que tinha visto, o tempo deteve-se. A cabeça do bebé estava pousada no trapo mais limpo de que dispúnhamos, os ombros e o resto do corpo ainda dentro de Irena, que deixou cair a cabeça manchada de suor no colo de Rosa, o corpo sacudido por soluços de alívio e tristeza, e apenas uma pequena réstia de alegria. O barracão estava silencioso – a maior parte das mulheres tinha acordado, duas ou três cabeças visíveis por debaixo do beliche, à medida que a curiosidade levava a melhor sobre o desejo de dormir. Mas não se limitavam-se a olhar, respeitando a pouca privacidade que ela tinha.

O bebé emergira de costas, a olhar para mim, e eu via os seus olhos abrirem-se e fecharem-se como os de uma boneca de porcelana, os lábios a desenharem uma boca de peixe, como se estivesse a respirar. Os segundos passavam, mas não havia motivo para preocupações, o cordão umbilical fornecia-lhe oxigénio filtrado de Irena, muito mais puro do que o ar estagnado que nos rodeava.

– Está tudo a correr bem, o teu bebé está aí não tarda – murmurei. Mas sabia que nada conseguiria fazer Irena sentir outra coisa que não fosse medo e tristeza.

A contracção formou-se e ela mexeu as nádegas para dar espaço enquanto a cabeça do bebé rodava para um lado, permitindo aos ombros passarem, e o filho de Irena deslizou para fora, banhado apenas num pouco mais de água misturada com sangue. Era uma coisinha patética, com uma cabeça demasiado grande para os membros minúsculos, finos como gravetos, e uns testículos bulbosos. Irena alimentara-o o melhor que pudera com a sua magra dieta quase desprovida de proteínas ou gorduras, e aquilo era o resultado. Peguei no segundo pano mais limpo e limpei o fluido, a estimular o corpo flácido de onde não vinha qualquer som, e uma pequena parte de mim pensou: «Vai agora, criança, poupa a ti mesma a dor.» Mas continuei a esfregar a pele delicada, a tentar instilar-lhe um pouco de energia, como é próprio do nosso instinto humano de preservar a vida.

No mesmo instante, Irena voltou a este mundo, em pânico.

– Está bem? Por que não chora?

– Está só um pouco chocado, Irena, dá-lhe tempo – disse eu, a sentir a minha adrenalina atingir um pico enquanto murmurava para mim mesma: «Vá lá, bebé, respira por ela, vá lá», e ao mesmo tempo falava e soprava o seu rosto espantado: «Vamos lá, pequenino, chora, vá lá.»

Depois de mais uma vigorosa esfregadela, ele tossiu, engasgou-se e pareceu examinar o que o rodeava com uns olhos ainda mais abertos. Passei-o no mesmo instante à Irena e instalei-o contra a pele dela. O esforço do parto tornara-a a superfície mais quente no barracão e ele começou a murmurar para a mãe, em vez de soltar um vigoroso grito. De todos os modos, qualquer som era respiração; era vida.

Pela primeira vez em meses, as feições de Irena adquiriram uma expressão de satisfação completa.

– Olá, meu amor – arrulhou –, que rapaz bonito tu és. E que esperto.

Depois de duas raparigas, era o seu primeiro rapaz, o sonho do marido. O que todas pensávamos, mas nenhuma dizia, era que as probabilidades de ela ver qualquer dos filhos crescer e atingir o seu potencial como pessoa eram praticamente nulas. Nenhuma de nós

queria furar a sua temporária bolha de felicidade.

Sem uma palavra, eu e Rosa assumimos os nossos papéis predefinidos. Ela ficou com Irena e o bebé, a tapá-lo com tudo o que tínhamos em termos de mantas, enquanto eu mantinha um olho atento à vagina de Irena e o sangue fazia poça no trapo. Era normal... por enquanto. Mas desde que comecei o meu treino, as placentas pregaram-me muito mais sustos do que os bebés. O cansaço podia obrigar o corpo a fechar-se e recusar expelir a placenta. A testa e a parte de trás do pescoço começaram a cobrir-se-me de gotas de suor. Perder uma mulher e um bebé naquela fase seria uma prova de que a Mãe Natureza não tinha coração.

Mas cumpriu, como tinha cumprido inúmeras outras vezes, uma constante nesta humanidade feia e inconstante. As feições de Irena, ainda carregadas de hormonas de amor, contorceram-se num esgar de dor, numa nova contracção. Mais dois empurrões e a placenta caiu nos trapos, minúscula e pálida. O bebé tinha extraído até à última molécula de gordura do seu motor de gravidez, reduzindo-o a um farrapo torcido a que estava ligado o seco cordão. As bem alimentadas mulheres alemãs produziam cordões gordos e suculentos, enrolados como espirais dentro de tecido saturado de sangue, bem alimentado ao longo dos seus nove meses. Desde a minha chegada ao campo, só vira dois magros e engelhados.

Depois de me ter certificado de que toda a placenta tinha saído – qualquer resto que ficasse no corpo poderia causar uma infecção fatal –, abrimos a porta do barracão e atirámo-la para o exterior, o mais longe possível. Houve uma feroz agitação quando várias ratazanas, algumas quase do tamanho de gatos, lutaram para serem as primeiras a sair dos seus buracos dentro do barracão e conseguir a parte de leão do festim. Meses antes, tinha havido acesas discussões entre as mulheres a respeito de alimentar as ratazanas daquela maneira, uma vez que só servia para as tornar maiores, mas aquelas criaturas eram imparáveis na sua busca de comida. Se não encontravam nenhuma, voltavam-se para nós, mordiscando a pele de mulheres demasiado doentes para se mexerem, demasiado sem vida para se aperceberem. Se os animais estivessem distraídos, ou saciados, teríamos ao menos uma trégua dos seus constantes ataques. Eu odiava-as, mas ao mesmo tempo não conseguia impedir-me de admirar-lhes o instinto de sobrevivência. Bichos ou seres humanos, estávamos todos apenas a tentar viver.

Eu e Rosa limpámos o espaço à volta de Irena com aquilo que conseguimos arranjar enquanto ela desfrutava do contacto pele-contra-pele com o seu bebé – de todos os modos, não tínhamos roupas com que vesti-lo. Ele mamava faminto o peito liso como uma folha de papel, as pequenas bochechas a sugar a carne quase seca. A hormona libertada provocou novas câibras no ventre cansado de Irena, mas via-se que ela quase saboreava aquele drenar do seu corpo. Rosa ferveu umas folhas de urtiga que tínhamos posto de parte para fazer um chá, e durante quase uma hora o rosto de Irena foi pura alegria. Mas à medida que a escuridão diminuía e a luz do dia começava a insinuar-se por entre as rachas das paredes, o ambiente no barracão tornou-se tenso. O tempo que restava a Irena e ao seu bebé era limitado.

Algumas das mulheres aproximaram-se dela, um zumbido baixo a formar-se à medida que rodeavam o beliche, num cântico de acolhimento para o bebé. No mundo real, teriam levado prendas, comida e flores. Ali, nada tinham para dar, excepto o amor escondido num canto secreto do coração, um pouco de esperança que de vez em quando deixavam esvoaçar; tantas delas tinham já perdido bebés, sido separadas, sofrido de todas as maneiras possíveis pelo cheiro das cabeças húmidas de filhos, irmãos, sobrinhos e sobrinhas. Todos eles faziam parte da saudade. Uma mulher ofereceu uma bênção, na ausência de um rabi, e aceitaram o bebé como um dos seus. A mãe chamou-lhe Jonas, como o pai, e sorriu quando ele passou a fazer parte da história, reconhecido.

Eu e Rosa sentámo-nos num canto, sendo eu a única não judia do barracão, a ouvir o bonito som. Eu tinha um ouvido atento aos ruídos do campo que despertava, as guardas a gritarem ordens, o bater constante das suas botas no chão duro, gelado, lá fora. Era inútil tentar esconder o bebé. Já o tínhamos tentado noutra ocasião e sabíamos que os vagidos da fome eram impossíveis de abafar. Dessa vez, tinha resultado na morte da mãe e do bebé da forma mais fria e cruel possível. Se conseguíssemos salvar ao menos um, já seria qualquer coisa. Irena tinha filhos que podia voltar a encontrar. Improvável, mas sempre possível.



No fim, Irena conseguiu quase três horas de precioso contacto com o filho recém-nascido. Às sete, a porta foi aberta e uma fria rajada de vento entrou com as guardas que vinham fazer a contagem. Aquele barracão estava isento da contagem no exterior por que muitas das mulheres estavam acamadas e as guardas irritavam-se de uma maneira perigosa se algumas delas tombavam no chão durante a longa espera. Eu tinha apelado ao comandante do campo para que a contagem fosse feita no interior e sido bem-sucedida – uma surpreendente e rara concessão da parte deles.

Foi a primeira guarda que sentiu o recém-nascido. Eu tinha quase a certeza de que aquela em particular trabalhara em hospitais antes da guerra, talvez como parteira; olhava para mim com profunda suspeita, uma funda ruga a cavar-se-lhe na testa larga, sobretudo quando eu estava com as mulheres judias, como se não conseguisse considerar a ideia de lhes tocar. Não tinha, no entanto, escrúpulos em usar o cacete, tendo-se especializado em visar a base das costas daqueles pobres esqueletos para causar o máximo de dor. E tinha também uma segunda especialidade, mais sinistra.

Foi o seu nariz que captou o cheiro a cobre do sangue do parto, não o da segunda guarda.

– Tiveram então mais um?

Avancei um passo, como sempre fazia. O diálogo tornara-se um jogo que eu tinha quase a certeza de perder, mas isso nunca me impediu de tentar.

– O bebé nasceu só há uma hora – menti. – Não é muito. Só um pouco mais de tempo. Não vai interferir com a contagem.

Ela passeou o olhar de uma ponta à outra do barracão, com cerca de sessenta pares

de olhos fixos em si, os de Irena, quase sempre baços, mais brilhantes do que alguma vez os tinha visto. Por um momento, a guarda pareceu disposta a fazer uma pequena concessão. Então fungou e grunhiu:

– Conheces as regras. Não sou eu que as faço. São horas.

A justificação para noventa por cento da degradação do campo era sempre a mesma – a culpa não é nossa, limitamo-nos a cumprir ordens. Os outros dez por cento eram puro prazer.

Foi então que Irena saltou para fora do seu mundo do parto, com o bebé apertado contra o peito nu. Saltou da cama e foi refugiar-se no canto junto à salamandra, deixando atrás de si um fino rasto de sangue.

– Não, por favor – gritou. – Eu faço seja o que for. Faço *tudo* o que quiser.

A expressão granítica da guarda disse-lhe que o seu poder de negociação era inútil, de modo que se voltou para si mesma:

– Leve-me a mim. Leve-me agora, mas deixe ficar o bebé. – Virou-se para mim, frenética. – Anke? Tu podes tomar conta do bebé, não podes? Se eu desaparecer?

Assenti, mas na realidade não podia; as poucas mulheres não judias a que era permitido conservar os filhos já não tinham leite suficiente para os seus recém-nascidos, quanto mais para permitir outra criança a sugar-lhes o peito. As crianças sucumbiam à desnutrição numa questão de semanas, e era raríssimo ver uma com mais de um mês. Nem valeria a pena pedir – nenhum dos meus desesperados apelos resultaria. Todas nós retivemos a respiração por Irena, uma cena que já tínhamos testemunhado demasiadas vezes, mas que nunca deixava de parecer surreal.

A guarda suspirou, o seu tédio bem visível. O passo seguinte era inevitável, mas todas as mães, se não estivessem imobilizadas ou perto de um estado de inconsciência, ofereciam o mesmo irrealista negócio: as suas vidas em troca de uma vida nova.

– Vá lá – disse a guarda, a avançar para Irena –, não tornes isto mais difícil do que já é. Não me obrigues a magoar-te.

Tentou agarrar o trapo, mas Irena encolheu-se ainda mais no canto. O súbito choro do bebé quase abafou o som da pancada, e a guarda saiu da escaramuça a pegar nas pontas do pano com o pequeno corpo lá dentro. Voltou-se, os olhos a semicerrarem-se para igualar a fina linha dos lábios. As pesadas botas a ressoarem no chão enquanto ela se dirigia para a porta e nós nos juntávamos à volta de Irena, a formar como que uma parede de protecção; se corresse atrás da guarda, seria quase de certeza abatida pelos atiradores colocados nas torres de vigia. Ela saltou das sombras como um urso enfurecido, a mostrar os dentes partidos, um furacão de desespero, e nós apanhámo-la na nossa rede humana. Os seus gritos histéricos e agudos deviam ouvir-se lá fora, e imaginei o campo a deter-se por um segundo, conhecedor do mortífero protocolo que ia acontecer.

No mesmo instante, as mulheres iniciaram um cântico, um lamento que subia depressa de volume, e o grupo começou a balouçar em uníssono, com Irena no centro, um escudo à volta do seu sofrimento. A intenção era confortá-la, mas havia outro propósito – disfarçar o ruído do bebé a cair no barril de água, tão chocante como o som de um tiro para quem já

o ouviu. Os olhos de Rosa encontraram os meus, ela assentiu e eu passei a porta no mesmo instante, na esperança de recolher o pobre corpo depois de a guarda o ter deitado fora, a tempo de impedir que as ratazanas e os cães de guarda o disputassem. Uma placenta era uma coisa, mas um corpo humano... uma pessoa. Era impensável.

Passados vários instantes, os gritos de Irena esmoreceram, substituídos por um gemido baixo que lhe vinha do fundo do coração, um som constante que estava para lá das palavras. Só tinha ouvido um som parecido durante as férias de Verão que passava na quinta do meu tio na Baviera, quando as vitelas acabadas de nascer eram levadas para o mercado. As mãos desoladas mantinham um chamamento constante durante todo o dia e uma grande parte da noite, enquanto procuravam às cegas as crias roubadas. Quando cresci um pouco mais, perguntava sempre ao tio Dieter em que altura as vitelas seriam levadas para o mercado, e organizava as minhas visitas para a evitar.



Limpei o melhor que pude e em seguida ocupei-me a tratar de algumas das outras mulheres doentes do barracão, mudando uns pobres pensos, dando-lhes água ou limitando-me a segurá-las enquanto tossiam de forma incontrolável. Era nesses momentos que abençoava os automatismos do meu treino como enfermeira, em que fazer pequenas tarefas exigia muito pouco pensamento. Não queria pensar, nem processar, o que acontecera naquela manhã, e em muitas outras além daquela.

Saí duas vezes, a primeira para apanhar ar – o frio fez-me arrebitar um pouco – e a segunda para visitar outro barracão de não judias, onde duas mulheres tinham parido há pouco tempo. Era muito pouco o que podia fazer por elas no pós-parto, uma vez que não tinha equipamento nem remédios, mas podia ao menos tranquilizá-las dizendo-lhes que a perda de sangue era normal e que os seus corpos estavam a recuperar. As mais fortes do barracão encarregavam-se de ir buscar e trazer coisas enquanto as mães se esforçavam em vão por encorajar os peitos a produzir um pouco de leite.

A minha classificação como «política alemã», um estrela encarnada em vez de amarela cosida na braçadeira, permitia-me movimentar-me por entre os barracões no papel de enfermeira e parteira, e eu tinha muito gosto – como antes da guerra – em tratar de qualquer mulher, fosse qual fosse a sua cultura ou credo religioso. A maior parte das mulheres de que eu tratava chegava ao campo já grávida, ou manifestavam a gravidez uma vez aprisionadas. Isto era sobretudo verdade entre as mulheres judias, apesar de nunca nenhum dos guardas ter sido responsabilizado. Violação era uma palavra que não fazia parte do vocabulário do campo. Parecia irónico o facto de uma boa parte dos bebés nascidos ser meio ariana e, todavia, sacrificados em nome da raça dos senhores.

No Barracão 23, oficiosamente conhecido como «o barracão maternidade» tanto pelas guardas como pelas prisioneiras, Irena continuou sentada no seu beliche junto ao lume moribundo durante várias horas, sempre apoiada por uma ou outra das mulheres que cantavam. Certifiquei-me de que a perda de sangue não era excessiva e ela abriu os olhos por um instante. Estavam inchados, com sacos escuros por baixo das pupilas dilatadas,

ramelosos e espremidos. Agarrou-me a mão quando a afastei do seu ventre.

– Anke, qual é o propósito? – perguntou, os olhos pretos como tinta fixos nos meus, a cair de novo nos soluços de dor seca.

Não soube o que responder porque não sabia o que queria ela dizer. O propósito de quê? Da gravidez, dos bebês, desta vida... ou da vida em geral? Não havia pura e simplesmente resposta.

Capítulo 2

Saída

As palavras simples fizeram-me estremecer: «O comandante quer falar contigo.» Na penumbra do barracão, houve olhos que se abriram mais, assustados. Todo o movimento cessou. Não houve sons, só a respiração rançosa do medo a erguer-se acima do fedor de seres humanos a viverem como animais: urina e excrementos, fluidos femininos e a sombra do cheiro de um parto. As minhas mãos estavam cobertas de pus e o soldado olhava para elas com um nojo evidente. Procurei um trapo que ainda não estivesse ensopado, o que demorou um momento na escuridão.

– Depressa! – disse ele. – Não o faças esperar.

Naquele momento, os meus pensamentos eram claros: vou morrer de todos os modos, já agora não tenho necessidade de apressar o acontecimento. Ninguém era chamado à presença do comandante para uma agradável conversa ao fim da tarde.



Por irónico que pareça, foi o vento gelado a insinuar-se pelos rasgões do meu vestido que me impediu de tremer: os músculos que restavam no meu corpo contraíram-se para o manter tão quente quanto possível. Do outro lado do árido pátio havia mais olhos pousados em mim, a traçar o meu destino, enquanto eu me esforçava por acompanhar as passadas marciais do soldado. «Oh, lembramo-nos da Anke», diriam mais tarde, na humidade escura dos seus barracões. «Lembro-me do dia em que foi chamada ao gabinete do comandante. Nunca mais voltámos a vê-la.» Se tivesse sorte, poderia tornar-me uma de muitas recordações como esta, uma história para ser contada.

O guarda conduziu-me por entre os barracões e depois até à porta da casa principal, a enxotar-me com um rude grunhido: «Vai, vai!» Eu nunca tinha visto a porta da casa e abrandei o passo para admirar os intrincados motivos esculpidos na madeira do lado de fora, com anjos e ninfas, sem dúvida uma obra de Ira, o entalhador e pedreiro que morrera de pneumonia no Inverno anterior. O orgulho que tinha no seu trabalho transparecia até nas portas do inimigo, apesar de eu ter conseguido distinguir uma minúscula gárgula ensanduichada entre duas rosas, uma referência clara à maldade nazi.

Aquela furtiva prova de sedição deu-me uma pontinha de coragem enquanto subia os degraus em direcção à porta.

No interior, as minhas faces arderam com o repentino calor e a pele entre o nariz e o lábio superior perlou-se de pequenas gotas de humidade, que lambi, a saborear o gosto salgado. No vasto *hall*, de paredes apaineladas a madeira, rugia um grande lume na lareira, tendo ao lado um monte de lenha que seria o suficiente para salvar pelo menos uma dúzia de bebés que tinha visto morrer ao longo dos últimos meses. Não fiquei surpreendida nem chocada e detestei-me por aquela ausência de emoção. Tínhamo-nos habituado a racionar os nossos sentimentos àqueles que podiam servir para qualquer coisa; a raiva era energia desperdiçada, mas a irritação gerava astúcia e compromisso, e salvava vidas.

O soldado olhou para os meus membros esqueléticos e ladrrou-me que esperasse junto à lareira, coisa que eu interpretei como uma pequena prova de humanidade. Pus-me de costas para o lume, a deixá-lo queimar-me o ossudo traseiro através do esfarrapado vestido, a senti-lo queimar-me a pele, quase a saborear a quase dor. O soldado bateu com força a uma porta de madeira escura, uma voz respondeu do interior e um gesto do guarda obrigou-me a deixar o calor da lareira e entrar.

Estava de costas para mim, o cabelo tão louro que parecia branco – um rapaz ariano de cartaz. O soldado bateu os calcanhares como um bailarino espanhol e a cabeça rodou na cadeira, revelando o homem-modelo nazi; pómulos altos e duros, pele esticada e tensa, a que uma dieta rica dera um ligeiro tom rosado, como os flamingos que me lembrava de ver com o meu pai no zoo de Berlim. Os tons de pele no resto do campo eram variações de cinzento.

Ele mexeu nos papéis que tinha à frente e baixou os olhos para os meus pés. Uma repentina e ardente vaga de vergonha percorreu-me o corpo ao pensar nos buracos mais do que óbvios nas minhas botas, seguida por uma rápida fúria comigo mesma por ter sentido aquela culpa – os culpados daqueles buracos, e dos dolorosos inchaços nas coriáceas plantas dos meus pés, eram ele e os da sua laia. O olhar dele subiu, ignorando os destroços entre os pés e a cabeça.

– *Fräulein Hoff* – começou. – Está bem?

Podíamos estar numa *tea party*, pela maneira como o disse. Um comentário de passagem a uma tia solteirona ou a uma rapariga bonita. A irritação voltou a subir, e não consegui forçar-me a responder. Ele já tinha voltado aos seus papéis, distraído, e foi só o silêncio que o fez tornar a erguer a cabeça.

Não tenho nada a perder, pensei.

– Pode ver como estou bem – disse numa voz átona.

Estranhamente, a minha insolência não despertou fúria, e foi então que compreendi que ele tinha uma tarefa a cumprir, uma tarefa desagradável mas necessária.

– Hmm – disse. – Funciona como parteira do campo? Ajuda as mulheres, *todas* as mulheres?

Olhou para mim com um profundo desdém, para a minha aparência morena, que fazia de ponte natural entre os mundos alemão e judeu.

– Sim – disse, com uma nota de orgulho.

– E trabalhava nos hospitais de Berlim antes da guerra? Como parteira?

– Sim.

– A sua reputação é excelente – continuou ele, a ler os papéis. – Tinha a seu cargo a enfermaria da maternidade e ascendeu à categoria de enfermeira-chefe.

– É verdade.

A falta de emoção dele começava a aborrecer-me; nem raiva havia.

– E o meu pessoal no campo diz-me que nunca perdeu um bebé a seu cuidado durante todo o tempo que aqui tem estado.

– Não à nascença – disse, dessa vez com uma nota de desafio. – Antes e depois era comum.

– Sim, bem... – Passou por cima da morte como que a recusar com um gesto uma oferta de mais chá ou vinho. – E a sua família?

Foi aqui que o meu orgulho e o descaso me abandonaram, caindo ao nível das esburacadas botas. Um poço de dor apertou-me o fundo da garganta e engoli-o como se se tratasse de carvões ardentes.

– Tenho um pai, mãe, irmã e irmão, provavelmente nos campos – consegui dizer. – Podem já ter morrido.

– Bem, tenho notícias deles – disse ele, o tom crispado e seco. – Todos os registos indicam que vem de uma boa família alemã... mas o seu pai não é um apoiante da guerra, como sabe, e o seu irmão também não. Estão, claro, a nosso cargo, e vivos. Também eles estão ao corrente da sua situação. – Ergueu por um instante os olhos para avaliar a minha reacção. Como não houve nenhuma, continuou: – Precisa de saber isto por causa da proposta que lhe vou fazer.

O tom sugeria que estava a oferecer-me um empréstimo bancário e não a vida. Naquele instante perguntei-me se ele abraçaria a mãe quando se encontravam, se a beijaria com verdadeiro afecto, se tinha soluçado no colo dela quando era bebé. Ou já teria nascido o filho-da-mãe empedernido que era agora? Perguntei-me se tinha sido a guerra a fazê-lo assim, um vazio de uniforme. Estava a divertir-me bastante, os meus ossos a aquecerem-se enfim ao calor da lareira dele. Podia morrer a sentir-me quente, não com sangue gelado a saltitar-me pelas veias. Sangraria bem no seu bonito soalho encerado e causar-lhe-ia algum desgosto, mais do que uma mera inconveniência. Esperava que as botas lhe escorregassem no meu sangue vermelho, uma mancha a embeber-se no couro, para sempre presente.

– *Fräulein*? – Não foi a urgência na voz dele que me arrancou ao meu devaneio, mas um tiro isolado disparado lá fora no pátio. Um dos vários que ouvíamos todos os dias. Ele não pestanejou. – *Fräulein*, ouviu o que eu disse?

– Sim.

– Foi convocada pela mais alta autoridade... o gabinete do *Führer*, nada menos. – Fiquei

à espera de que uma pequena fanfarra se seguisse a esta declaração feita com tanta pompa.

– Os seus serviços são necessários.

Fiquei calada, sem saber como reagir.

– Parte dentro de uma hora – disse ele, em jeito de dispensa.

– E se eu não quises ir?

Aquilo saiu-me da boca sem que eu desse por isso, como se outra coisa que não eu tivesse formado as palavras.

Desta vez ficou visivelmente irritado, talvez por não poder matar-me ali mesmo a sangue-frio. Como já fizera muitas outras vezes, ao que se dizia. A simples referência ao gabinete do *Führer* significava que não ia morrer ali, não naquele dia, se aceitasse ir. A mandíbula do comandante contraiu-se, os ossos do rosto ficaram rígidos como uma máscara de pedra, os olhos cinzentos como aço.

– Nesse caso não poderei garantir a segurança da sua família nem o desfecho da actual situação.

Era então isso. Eu cuidaria de mulheres nazis e ajudaria a dar vida a troco de evitar a morte da minha família. Não havia nada de velado no que ele dizia – todos nós sabíamos em que pé estávamos.

– E as mulheres daqui? – perguntei, a ignorar a dispensa. – Quem tratará delas?

– Lá se hão-de arranjar – disse ele para os papéis. – Uma hora, *Fräulein*. Aconselho-a a estar pronta.



O meu corpo estava uma vez mais imune ao vento gelado enquanto era escoltada de regresso ao Barracão 23. Pode parecer estranho, mas a verdade é que não sentia nada físico, nem alívio por ter voltado a sair viva da casa principal. A minha mente, em contrapartida, fervilhava – com as coisas que precisava de transmitir a Rosa, que tinha só dezoito anos mas fora até ao momento a minha ajudante mais competente. Rosa tinha estado comigo em quase todos os partos ocorridos no campo nos últimos nove meses, a acalmar quando necessário, a segurar mãos, a limpar detritos e a secar lágrimas quando os bebés eram arrancados às mães, como tantas vezes acontecia.

Nenhum bebé judeu chegava às vinte e quatro horas após o parto ao lado da mãe. As não judias eram por veres autorizadas a amamentar os filhos até que a inevitável desnutrição ou a hipotermia fizessem o seu trabalho, mas pelo menos essas mães tinham um desfecho. As judias tinham apenas o vazio a que se agarrar, os seus soluços ritmados a acompanhar o assobio do vento que soprava entre os barracões. Só uma mãe judia e o seu bebé tinham sido levados do campo da noite para o dia, suspeitávamos nós que por ordem de um oficial de alta patente. Estávamos divididas no respeitante à sua sorte: teria sido boa ou má?

No barracão, as mulheres acolheram-me com alívio e depois com pena ao saberem da minha partida. Como não tinha pertences para embrulhar, aquela preciosa hora foi passada a rever com Rosa o que era preciso fazer, onde estava escondido o nosso magro tesouro de abastecimentos. Em sessenta demasiado breves minutos, fiz o melhor que pude

para transmitir a experiência que tinha acumulado ao longo de nove anos como parteira: quando os ombros ficavam encravados, compressas em rasgões vaginais, se um traseiro era o primeiro a aparecer em vez de uma cabeça, o que fazer para impedir uma mulher de se esvaír em sangue, placentas retidas. Não conseguia pensar ou falar com suficiente rapidez para incluir tudo. Por sorte, Rosa aprendia depressa. Os casos normais já ela os tinha visto muitas vezes, e também tínhamos tido alguns anormais. Segurei o rosto dela com ambas as mãos, a pele ressequida esticada à volta dos seus grandes olhos castanhos.

– Promete-me uma coisa para quando conseguires sair daqui – disse-lhe. – Faz o teu treino, sê uma parteira, testemunha enfim o lado bom de mães e bebés juntos. Nascestes para isto, Rosa. Sobrevive e constrói uma vida para ti.

Ela assentiu em silêncio. Brotavam lágrimas dos seus olhos, lágrimas genuínas, eu sabia, porque nenhuma de nós desperdiçava fluidos a menos que nos fossem arrancados do coração.

Uma pancada na desengonçada porta assinalou o fim da hora e eu não tinha tempo para voltar ao meu barracão. Estaria vazio, de todos os modos: Graunia e Kirsten, os meus salva-vidas humanos, haviam de estar a trabalhar. Sem tempo para as procurar, encarreguei Rosa de lhes transmitir o meu amor e as minhas despedidas. Abracei várias mulheres a caminho da porta, de olhos baixos para disfarçar a minha tristeza. Ia sair, mas para quê? Uma sorte que podia ser bem pior do que a fealdade do campo. Não conseguia imaginar que profundezas da minha alma seria obrigada a explorar.



Havia um grande carro preto à minha espera, do género em que só os oficiais nazis se deslocavam, com um condutor e um jovem sargento para me escoltar. O sargento estava sentado, com uma cara de pedra, no extremo oposto do banco traseiro, sem esconder o desagrado que lhe causava o meu fedor físico e moral, como alemã sem fidelidade à Pátria. Com um gesto relutante, empurrou um cobertor na minha direcção. Aninhei-me no couro macio, aquecida pelo luxo de lã verdadeira contra a minha pele e embalada pelo ronronar do motor. Fechei os olhos e mergulhei num sono profundo, ainda que inquieto.

Berlim, Agosto de 1939

Convocaram-nos uma a uma, arrancadas aos nossos deveres na enfermaria da maternidade, para o gabinete da enfermeira-chefe. Que estava de pé, impassível, enquanto um homem de fato preto se sentava à sua secretária, a parecer muito confortável. Quando entrei, já devia ter lido a mesma directiva vezes suficientes para a saber de cor, e mal olhou para o papel que tinha à sua frente.

– Enfermeira-chefe Hoff – começou numa voz monocórdica –, sabe como o Reich valoriza e aprecia a vossa profissão como guardiãs da nossa futura população. – Eu olhava em frente. – E é por isso que contamos tanto consigo e com as suas colegas para nos ajudarem a atingir o objectivo que perseguimos, o objectivo de pureza para a nação alemã.

Eu já tinha sido obrigada a ouvir um número suficiente de prelecções sobre pureza racial para saber o que o homem queria dizer, por muito que a linguagem tentasse disfarçar o óbvio. Há vários anos que as Leis de Nuremberga tinham tornado ilegal o casamento entre judeus e arianos, e tínhamos assistido a um claro declínio do número de bebés «mistos» no hospital. Agora que os judeus tinham sido excluídos do sistema de Assistência Social, já quase não contactávamos com mães judias, a menos que fossem ricas e corajosas.

– Enfermeira-chefe – continuou o homem –, estou aqui para dar notícia de uma nova directiva que vai passar a fazer parte das suas actuais funções, com efeitos imediatos. Exigimos-lhe que nos comunique... por intermédio dos seus superiores... a existência de todas as crianças, quer aqui nascidas ou com as quais tenha entrado em contacto, em que se suspeite da presença de qualquer deficiência.

Neste ponto, olhou para a lista.

– Estas condições incluem: idiotia, mongolismo, hidrocefalia, microcefalia, malformação dos membros – inspirou, entediado –, paralisia e doença espástica, cegueira e surdez. Esta lista não é, claro, exaustiva, devendo funcionar apenas como guia. Confiamos no seu conhecimento e discrição.

Terminado o discurso, olhou para mim. Mantive os olhos fixos num ponto algures entre

a t mpora do sujeito e a oleosa linha do cabelo, enquanto os dele rastejavam pela minha cara.

Desejei mais do que tudo que não me pedisse uma decisão.

– Compreende que isto   uma directiva e não um pedido?

– Sim.

Neste ponto podia ser honesta.

– Nesse caso confio no seu profissionalismo ao trabalhar por uma Grande Alemanha.

O Führer reconhece o seu papel vital nesta tarefa, e garante-lhe... protec o na lei. – Deu um peso especial a estas últimas palavras, e depois continuou num tom mais ligeiro: – No entanto, compreendemos que estamos a pedir uma contribui o extra ao seu tempo e ao seu conhecimento, de modo que haverá um pagamento compensatório de dois Reichmarks por cada caso comunicado, pagos pelo hospital.

Sorrii satisfeito com a generosidade da oferta e fez sinal de que tínhamos acabado.

Por dentro eu tinha vontade de uivar, de usar as minhas unhas demasiado curtas e crav las fundo naqueles olhinhos pequenos e embebidos em demasiada carne, rosada e engordada por numerosas visitas   Bierkeller – sentado ao lado dos seus compinchas nazis, a emborcar cerveja e a rir dessa «escumalha dos judeus». Queria mago -lo por presumir que somos todos tão porcos e nojentos – tão inumanos – como ele se tornara. Mas não disse nem fiz nada, como o meu sábio papá me tinha ensinado: «Anke, há diversidade no desafio. S  inteligente na tua dissimula o.»

O nazi mexeu nos seus papéis e, pelo canto do olho, vi as saias da enfermeira-chefe mexerem-se. Sabia o que ela estava a pensar. «Mant m a calma, Anke, e, sobretudo, mant m-te calada.»

– Obrigada, enfermeira-chefe Hoff – disse ela, animada, e guiou-me para uma rápida saída.

Voltei   enfermaria – durante a minha curta ausência, o quarto parto de uma mulher tinha progredido a toda a velocidade e ela estava agora a embalar o seu beb  mais recente, a contar-lhe os dedos das mãos e dos p s e ignorante de que o eficiente Reich estava disposto a sacrificar a bonita menina se um daqueles dedos estivesse fora do lugar. Não se falara do que aconteceria depois de nós – cidadãs cumpridoras – comunicarmos qualquer incapacidade, mas não eram precisos grandes voos de imagina o para o prever. Não seria de certeza para construir excelentes instala es e proporcionar os melhores cuidados a tais «infelizes». Mas adivinhar-lhes a sorte? A verdade   que não queria aprofundar muito o tema na minha imagina o. O aumento do número de SS de Hitler nas ruas e a sua violência incontida contra os judeus diziam-nos que os limites já tinham sido ultrapassados. Era muito simples: para o Reich não havia limites. Ninguém – homem, mulher ou criança – estava a salvo.

Todas as parteiras, enfermeiras e médicos tinham sido abordados, criando uma estranha conspira o de silêncio. As pessoas eram delicadas umas com as outras – demasiado delicadas –, como se já estivéssemos a extirpar os dissidentes, os não conformistas entre nós. A maternidade mantinha o seu ritmo normal, mas cada parto suscitava uma nova pergunta. Onde antes fora: «Rapaz ou rapariga? Quanto pesa?», agora era: «Está tudo bem?»

Estávamos a jogar à roleta-russa com um número desconhecido de cartuchos no tambor – e ninguém queria ser o primeiro.

Lembrei-me de um parto a que tinha assistido alguns anos antes, em casa de um casal eslovaco. O trabalho de parto tinha sido invulgarmente longo para um segundo filho e a fase de fazer força esgotante. Quando a cabeça aparecera, a razão tornara-se evidente – uma coroa maior do que a média, que esgotara para nascer todas as reservas físicas e de coragem da mulher. Com a menina enfim nos braços da mãe, todos tínhamos compreendido porquê: uma cabeça desproporcionada para lá de toda a medida, com olhos protuberantes por baixo de um cenho carregado, um deles fantasmagórico e opaco e o outro voltado para dentro, quase de certeza também cego. Em comparação, o corpo era esquelético, como se a cabeça tivesse açambarcado toda a energia que a mãe investira na gravidez. E tudo o que ela disse foi: «Não é tão bonita?» E a avó também, a arrulhar sobre aquela nova vida, as duas contentes com o que Deus lhes tinha dado.

Nunca a beleza tinha estado tanto no olhar do observador como naquele parto. Só podia imaginar que a mãe tivesse derramado lágrimas privadas sobre o futuro perdido da sua linda menina, ou especular sobre quanto tempo a bebé iria sobreviver. Mas tive ainda mais a certeza de que todos os bebés são preciosos para alguém, que não tínhamos o direito de fazer de juiz, júri ou Deus. Nunca. Resolvi que não seria cúmplice. No caso de acontecer, havia de arranjar uma maneira – só não sabia qual.

Um mês mais tarde, a Alemanha estava em guerra com a Europa, e o tecido de toda uma nação estava a ser posto à prova.

Capítulo 3

O exterior

Um nítido arrefecimento do ar acordou-me. Estava escuro, e nós ainda estávamos a viajar – o grande motor ronronava, umas poucas luzes salpicavam o caminho, casas quase às escuras. Eu estava desorientada, sem fazer ideia de que direcção tínhamos tomado, mas calculei que estávamos nas montanhas e a subir. O ar era diferente – com um toque cristalino e um sabor que recordava as festas de família.

Aquilo surpreendeu-me. Assumira que iríamos para Berlim, Munique, ou qualquer outro centro industrial, a caminho de uma maternidade privada onde as mulheres dos oficiais nazis e dos fiéis homens de negócios estariam a cumprir o seu dever – as mulheres da Alemanha tinham recebido como missão do seu «serviço militar» procriar a próxima geração. Antes de eu ser expulsa, havia em todas as esquinas de Berlim cartazes a recrutar para as fileiras – mulheres louras e sorridentes a rodear com braços amorosos a prole forte, ariana e loura, prontas a servir o *Reich* e a alimentar as fileiras. Era o seu dever, e elas não o questionavam. Ou questionariam? Não havia maneira de saber, uma vez que as leis das mulheres alemãs nunca se pronunciavam.

O sargento sobressaltou-se quando me mexi e puxou os ombros para trás num reflexo automático. Falou para o ar.

– Chegaremos em breve, *Fräulein*. Esteja pronta.

Eu estava ali sentada com os meus únicos trapos e sem mais nada para juntar, mas assenti de todos os modos. Minutos mais tarde virámos à esquerda, passámos por uns portões de ferro forjado e começámos a subir um longo caminho de acesso, o saibro gelado a estralejar sob os pneus. No cimo havia uma grande moradia cujo portal era iluminado pela luz que vinha do interior. O estilo era caracteristicamente alemão, mas de modo nenhum rústico, com colunas esculpidas a suportar uma larga varanda que rodeava toda a casa e pequenas cadeiras e mesas de madeira para desfrutar da vista da montanha.

Por um breve instante pensei que tinha chegado a um Lebensborn, um dos muitos disfarçados centros de procriação de Heinrich Himmler para o seu utópico sonho racial, e que a minha missão consistia em salvaguardar as vidas de bebés arianos nascidos de mulheres de carreira escolhidas e mulheres de oficiais das SS. Mas aquilo parecia ser

a casa de alguém, apesar de grande e majestosa. Perguntei-me que espécie de esposa nazista viveria ali, como devia ser importante para merecido a atenção do gabinete do *Führer* e a promessa de uma parteira particular.

A imponente porta de madeira abriu-se quando o carro parou e apareceu uma mulher. Não estava grávida nem era a senhora da casa, uma vez que vestia como uma criada, com um corpete colorido e saia rodada. Cambaleei um pouco ao apelar-me, as pernas entorpecidas pelo extremo conforto. A criada desceu os degraus, fez-me um grande sorriso e estendeu-me a mão. O seu hálito encontrou o ar gelado numa nuvem branca, mas a recepção foi calorosa. Aquele dia estava a tornar-se cada vez mais bizarro.

– Bem-vinda, *Fräulein* – disse, com um carregado sotaque bávaro. – Entre, por favor.



Levou-me para um opulento vestíbulo, onde ornamentados candeeiros realçavam as molduras de talha dourada dos quadros, Hitler num lugar de honra por cima da lareira acesa; tinha visto mais acolhedoras lareiras naquele dia do que em todos os meses que passara no campo. Comigo a segui-la como um cachorrinho, passámos a porta do vestíbulo e descemos àquilo que era com toda a evidência os alojamentos do pessoal. Várias cabeças voltaram-se quando entrei numa espaçosa sala, olhos a mirarem-me dos pés à cabeça enquanto a criada me levava por um corredor até um pequeno quarto.

– Cá estamos – disse ela. – Dormirá aqui esta noite antes de falar com a senhora amanhã de manhã.

Fiquei aturdida, uma criança confrontada com um bolo de aniversário mágico. A cama tinha um colchão a sério e uma colcha, com uma camisa de dormir acabada de engomar muito bem dobrada em cima da almofada macia. Havia uma escova de cabelos pousada no tampo de um pequeno armário, ao lado de um sabonete e uma toalha limpa. Aquilo era a matéria de que são feitos os sonhos.

A voz da criada trouxe-me de volta ao mundo.

– A senhora disse para lhe dar – interrompeu-se e emendou – para lhe *oferecer* um banho antes de jantar. Parece-lhe bem, *Fräulein*?

Como tinham explicado o meu desalinho era um mistério – os meus cabelos escuros tinham voltado a crescer e tinha os dentes intactos, mas parecia tudo menos saudável. Ou a criada ignorava a minha origem ou disfarçava muito bem.

– Sim, sim – consegui dizer. – Obrigada.

Ela desapareceu no corredor e o som de água a correr chegou-me aos ouvidos. Água quente! De uma torneira! No campo era escassa, fria e tirada por uma bomba de um poço sujo. Não conseguia desviar os olhos do sabonete, como se fosse um maná dos céus e eu pudesse dar-lhe uma dentada a qualquer momento, como Alice no seu País das Maravilhas.

Sentei-me hesitante na beira da cama, a sentir os ossos afundarem-se no colchão macio, eu, que nunca imaginara voltar a passar uma noite entre lençóis lavados. A criada – disse-me que se chamava Christa – levou-me até à casa de banho e fechou a porta, concedendo-me o meu primeiro momento de verdadeira solidão em dois anos. Não obstante os sons

da casa, reinava ali um silêncio sobrenatural, o espaço à minha volta a pressionar-me, claustrofóbico. Não havia ninguém a tossir para os meus cabelos, a sugar-me a respiração, não havia Graunia a espetar os ossos nas fendas da carne que me faltava. Estava sozinha. E não tinha a certeza de gostar.

Despi o vestido fino e a minha roupa interior quase se desintegrou ao cair no chão. O vapor enrolava-se em espirais por cima da água e eu mergulhei um dedo, quase com medo de entrar na banheira, não fosse uma sensação real rebentar a bolha daquele intrincado sonho.

Ao mergulhar no delicioso calor, desperdicei preciosas lágrimas salgadas, pois já havia água mais do que suficiente. Quando se viu tanto horror, destruição e desumanidade num lugar, são as coisas mais simples que quebram a nossa determinação e nos recordam a bondade no mundo. Um banho quente fazia parte da minha infância, mas sobretudo quando estava com uma constipação, ou sacudida pela tosse, e a mamã enchia a banheira e se sentava a conversar e a cantar enquanto me lavava o cabelo, e me embrulhava numa toalha macia antes de me enfiar na cama com uma bebida quente e calmante. Esforcei-me muito por não pensar em todos eles, enquanto me espojava na estranheza, mas acima de tudo esperava que não estivessem no inferno que acabava de deixar para trás. Pesados soluços sacudiram-me os músculos mirrados, até que fiquei seca por dentro.

Esgotadas as lágrimas, examinei o meu corpo pela primeira vez desde há uma eternidade; não havia espelhos no campo e o frio significava que quase nunca nos despíamos. A visão abalou-me. contei as costelas sob a pele estaladiça como pergaminho e vi que os músculos dos braços, desenvolvidos no trabalho hospitalar, estavam flácidos e secos, os ossos das ancas a sobressaírem através da pele. Para onde tinha eu desaparecido? Para onde fora a antiga Anke? Foi necessária uma vigorosa esfregadela com aquele glorioso sabonete para penetrar as camadas de sujidade, e a água estava cinzenta quando saí da banheira, onde os minúsculos cadáveres de insectos variados flutuavam no meio da porcaria que restara. Christa tinha-me deixado um leve roupão de quarto, e eu evitei com firme determinação olhar para o espelho. Hesitante, percorri o corredor de pés descalços e lavados.



No quarto, tinha mais tesouros à minha espera. Roupa interior limpa dobrada nas costas de uma cadeira, além de uma saia, meias e uma camisola. Havia uma camisa interior, mas nenhum *soutien*, mas também não me restava nada que sustentar: parecia uma adolescente a entrar na puberdade num corpo prematuramente envelhecido. Minutos depois, Christa apareceu com um prato de carne *glacé* rodeada de batatas e cenouras que brilhavam com a cor de um sol de fim de tarde. A fome era um tormento constante, e eu nem reparara que não tinha comido nada durante todo o dia.

– Vou deixá-la em paz – disse ela, com um sorriso doce e natural. – De manhã trago-lhe o pequeno-almoço e depois a senhora falará consigo.

O instinto queria que mergulhasse para aquele prato como um alcatraz e me

empanturrasse de preciosas calorias, mas sabia o suficiente a respeito das minhas famintas entranhas para adivinhar que, se quisesse conservar a comida e não a vomitar no mesmo instante, teria de avançar com cuidado. Mastiguei e saboreei cada pedaço, e não tardei a sentir a dilatação do estômago. Uma ou duas vezes, a minha garganta engasgou-se com a riqueza do alimento, e eu respirei fundo, desesperada por engoli-lo. A carne, bem cozinhada, trouxe-me recordações de antes da guerra, dos jantares de aniversário da minha mãe: carne com cerveja alemã. A sentir-me culpada, tive de deixar no prato um terço da comida. Sem mais nada com que me ocupar, pousei os cabelos ainda húmidos na sumptuosa almofada, a aspirar o cheiro a roupa lavada, e caí no mesmo instante num sono profundo.



A luz que entrava por uma pequena janela por cima da cama disse-me que já era dia, e movi o ombro com muito cuidado, como tinha feito todos os dias ao longo dos meses anteriores. O beliche de madeira tinha-me causado pisaduras dolorosas nos ombros, e levantar-me exigia contenção para evitar feridas abertas que convidassem a infecções. Só quando senti a pele afundar-se no macio algodão me lembrei de onde estava. Mesmo assim, precisei de vários momentos para convencer o meu cérebro acordado de que não estava perdido numa fantasia.

Os ruídos da casa em pleno funcionamento atravessavam as paredes e eu dirigi-me em picos de pés para a casa de banho, a sentir dentro de mim a inevitável luta entre fome e distensão. Christa estava a entrar no meu quarto quando voltei e tinha no rosto uma expressão sobressaltada, como se por momentos me tivesse perdido. Como se eu pudesse fugir.

– Bom dia, *Fräulein* – disse, dirigindo-se-me como se eu fosse uma verdadeira convidada. Eu já tinha começado a simpatizar com ela, sobretudo por me tratar como um ser humano, e também porque me levava mais comida. Tinha os cabelos cor de linho presos num carrapito que lhe puxava para cima os pómulos altos, e os seus olhos verdes brilhavam.

– Peço desculpa, não consegui acabar o jantar – disse eu, ao ver que estava a olhar para os restos. – Não estou habituada...

– Claro.

Sorriu. Era evidente que o pessoal tinha as suas suspeitas, fosse o que fosse que lhes tivessem dito. Demorei algum tempo a comer os ovos e o pão no meu prato, as gemas da cor dos girassóis que o vento fazia balouçar no jardim da minha mãe. Recordações que no campo mantivera reprimidas estavam a voltar. Forcei a proteína a entrar no meu já sobrecarregado sistema e Christa estava à porta quando empurrei a última garfada para baixo.



Levou-me para cima até uma enorme sala com três faces limitadas por largas janelas

panorâmicas, uma com vista para a floresta, a do lado oposto para a montanha. Havia espaço suficiente para vários sofás de couro de austero *design* alemão, com aparadores de madeira escura e muitos *bibelots* feios e vistosos. O inevitável retrato do *Führer* presidia por cima da lareira, onde ardia um pequeno lume.

Estava uma mulher sentada num dos grandes cadeirões de braços. Alta, magra, os cabelos louros ondulados, olhos azul-claros, *bâton* encarnado-vivo a desenhar um beicinho. Muito composta, muito alemã. E não ostensivamente grávida

– *Fräulein* Hoff, bem-vinda a minha casa. – Houve apenas a sugestão de um sorriso. Ficava bem claro desde o início que aquilo era uma combinação, e uma combinação com a qual também ela não se sentia feliz. – Chamo-me Magda Goebbels, e foi-me pedido por uma grande amiga minha que encontrasse alguém com as suas competências para a ajudar.

A simples menção do nome fez-me compreender por que razão tinha sido tão bem tratada. *Frau* Goebbels era a epítome da feminilidade germânica, casada com o ministro da Propaganda e mãe de sete perfeitos espécimes arianos – um modelo óbvio para os tais cartazes. Uma vez que o *Führer* não era casado, ela aparecia muitas vezes a seu lado nos noticiários e fotografias, antes de eu ter sido presa. Era a encarnação do nazismo, apesar de ser mulher, e os colunistas chamavam-lhe «Primeira-Dama da Alemanha».

Continuou, num tom prático e eficiente:

– Estou a par da sua reputação, do seu trabalho, do seu conhecimento e da sua... situação. – Notei que havia sempre uma pausa quando era referida a ameaça que pesava sobre a minha família. Era vergonha, ou um ligeiro embaraço? Para pessoas tão desavergonhadas em relação à crueldade que infligiam, os nazis pareciam relutantes em chamar-lhe chantagem. Prosseguiu, imperturbada: – Sei, uma vez que o seu trabalho tem sido tão variado, que é alguém que tem um profundo carinho por mulheres e crianças em qualquer situação. Só posso esperar que assim seja em relação à minha amiga que precisa de ajuda.

Fez uma pausa, a convidar a uma resposta.

– Tentarei sempre conseguir o melhor desfecho para qualquer mulher – disse eu, e fiz a minha deliberada pausa. – Seja quem for.

Na essência, era verdade. As regras do meu treino como parteira não discriminavam entre ricos e pobres, bons ou maus, criminosos ou cidadãos exemplares; todos os bebés nasciam iguais naquela fracção de segundo e todos mereciam uma hipótese de viver. Eram os momentos, meses e anos depois que os repartiam por um mundo desigual.

Ela percebeu o que eu queria dizer e cruzou as mãos à frente do corpo, as unhas impecavelmente arrançadas.

– Ótimo. Passará o dia de hoje a preparar-se e amanhã viajará até casa da sua nova cliente.

Disse a palavra «cliente» como se eu fosse uma profissional privada pronta a iniciar uma tarefa por mim escolhida. Perguntei-me o que pensariam da mentira, e até que ponto a ressentiriam. Ou seria que acreditavam na sua propaganda? Acreditavam *de verdade*?

Fiquei calada, recusando qualificar a oferta com um «obrigada». Mas ela não estava

disposta a deixar as coisas por ali.

– Espero que compreenda que se trata de uma excelente oportunidade para si, *Fräulein* Hoff. A poucas outras mulheres seria confiada uma tarefa tão importante. Sentimos que será parteira antes e acima de tudo, quaisquer que sejam as suas opiniões políticas.

Estavam a arriscar, mas provavelmente não se enganavam. Eu não era nenhum anjo na vida, mas levava muito a sério os meus deveres. As mães engravidavam para ter bebés saudáveis e os bebés tinham de sobreviver. Pelo menos a maior parte. Era essa a regra de ouro.

Ao voltar-me para sair, vi a sombra de um fantasma passar pela porta.

– Joseph? – chamou ela nas minhas costas. – Joseph, venha conhecer a parteira que contratámos.

Um homem pequeno, vestido com um fato escuro, avançou para mim com um ligeiro coxear, deteve-se e bateu os calcanhares num gesto automático. Não era um ariano, mas a sua cara aparecia muitas vezes nos papéis que o meu pai estudava nos tempos antes de nos tornarmos os desaparecidos. Joseph Goebbels – um dos membros de mais confiança do círculo íntimo de Hitler, mestre na distorção da verdade, em dourar mentiras e em enganar bons e honestos alemães. Não fora Goebbels que declarara: «A função das mulheres é serem bonitas e trazerem filhos ao mundo»? Lembrava-me de eu e a minha irmã, Ilse, termos rido destas palavras, mas naquele instante, a olhar para a mulher dele, compreendi que tivesse imaginado que era possível.

– *Fräulein* Hoff, prazer em conhecê-la.

Fez-me aquele meio sorriso que os oficiais do Terceiro Reich deviam praticar como parte do treino, concebido para roçar a ameaça, quase sem mostrar os dentes pequenos e estreitos. Era muito magro, com cabelos escuros penteados para trás, faces encovadas; se Himmler – a mão direita de Hitler – era descrito como a ratazana nos mais altos círculos do *Reich*, então Joseph Goebbels era a perfeita doninha. No caso da mulher, a atracção devia ter sido mais do que superficial. O facto de ele saber o meu nome causou-me um arrepio.

Voltou-se para a mulher.

– Os arranjos, está tudo em ordem?

– Sim, Joseph – respondeu ela, com uma clara nota de irritação.

– Nesse caso desejo-lhe um bom dia. Espero que tenha sido bem tratada, *Fräulein* Hoff.

Saiu, e a mulher apertou os lábios vermelhos, os olhos fixos nas suas costas. Ela podia ter sido bela e uma copiosa procriadora, mas fiquei com a impressão de que *Frau* Goebbels era mais do que uma cara bonita.

Terminada a entrevista, Christa apareceu à porta para me levar de volta aos alojamentos dos criados. O «preparar-se» consistia em tornar-me apresentável para a minha misteriosa cliente, uma tarefa e tanto para um só dia. Christa apareceu com uma barra de sabão carbólico para arrancar os ovos de piolho embebidos nos meus cabelos. Trabalhava sem ressentimento, a falar com afecto da família que vivia perto de Colónia, e apesar de ela ter passado por cima das agruras da guerra, era evidente que famílias alemãs reais

o pai a enfrentar sozinho o trabalho da quinta familiar, sem um par de braços jovens para o ajudar. Christa deu a entender num fugaz comentário o desprezo que sentia pelo *Reich*.

Tinha sido auxiliar de enfermagem antes da guerra, num lar para mulheres idosas. Uma parte dos cuidados, confidenciou-me, consistia em transformar os fracos caracóis das residentes em qualquer coisa parecida com um penteado. Fazia-lhes melhor do que qualquer remédio. Depois de os últimos piolhos terem sido expulsos da minha cabeça, realizou milagres com a tesoura e o ferro de frisar, parecendo duplicar o volume dos meus enfraquecidos cabelos e escondendo com habilidade o couro cabeludo coberto de crostas. Mal me reconheci no espelho, não tendo visto o meu rosto durante o que me parecia terem sido anos. Tinha envelhecido visivelmente – havia rugas à volta dos meus olhos, as faces eram encovadas e minúsculas veias encarnadas sobressaíam em manchas dos ossos do meu crânio –, mas os esforços de Christa atenuaram o choque. Tal como acontecera com o meu corpo, resolvi não me atardar na visão.

Christa levou-me vários fatos e saias, simples e práticos, recolhidos dos guarda-roupas de anteriores governantas; perguntei-me por um breve instante quantas delas teriam deixado a casa sob uma nuvem de morte. No campo, despojávamos sem pudor os cadáveres de quaisquer peças de roupa que ainda se pudessem usar. «Os mortos não tiritam», costumávamos dizer como justificação para a nossa culpa. Era aceite como modo de sobrevivência. Por isso naquele momento nem pestanejei quando descalcei as minhas grossas peúgas e calcei meias de seda, nem quando abotoei uma blusa que não ia fazer a minha pele comichar com uma renovada família de parasitas. As roupas pendiam-me do corpo como de um cabide, mas Christa espetava alfinetes e apertava e desaparecia com elas e voltava horas mais tarde para uma nova prova.



Já perto do fim do dia, apareceu-me à porta um visitante inesperado. Christa reparou em como fiquei tensa ao ver a sua pequena maleta preta, cabeça calva e grossos óculos. Falou muito depressa, como que para garantir que não se tratava de uma caricatura do doutor Morte:

– *Fräulein Hoff*, apresento-lhe o doutor Simz. A senhora pediu-lhe que a examinasse antes da sua viagem amanhã.

O doutor Simz, que desempenhava um duplo papel como médico e dentista, examinou-me da cabeça aos pés, deu-me um bálsamo para as lesões de pele mais evidentes, declarou os meus pulmões «um pouco sibilantes» mas não infectados e os meus dentes num surpreendente bom estado. A visão da minha caixa torácica e dos meus peitos espalmados não o sobressaltou, e trabalhou com método para se certificar de que eu não representava um perigo para a minha futura cliente. Os seus resmungos positivos disseram-me que estava pronta. Serviria.



Nessa noite dormi mal, não obstante a sumptuosidade da cama. Pensei em Rosa, cheia de frio e vulnerável, e em todas as mulheres do barracão maternidade, e também do meu, e em Margot, grávida de oito meses e dificilmente reconhecível como uma futura mamã. O aumento do volume do ventre era mínimo, mas mesmo assim tinha sugado cada partícula de alimento do seu corpo depauperado. Na sua hora, seria despojada de energia e de vida e do seu bebé num único golpe, e Rosa teria de lidar com os resíduos físicos, e também com os gritos fundos e vazios de Margot a erguerem-se sobre o barracão quando ela chorasse a perda do seu bebé. E ali estava eu, a dormir num quase luxo. «Injusta» não chega para descrever a lotaria por que vivíamos, morríamos ou apenas existíamos.

Comi a minha última refeição naquela casa com Christa, que tinha sido o meu único verdadeiro contacto desde a chegada. Em tão pouco tempo, tínhamos forjado uma pequena amizade; eu reconhecia nela algum do espírito que estava ali apenas para sobreviver, pela família, e no entanto ela revelava nos olhos jovens e verdes que não era um deles. Era sobrevivência, de um género diferente da minha, mas mesmo assim sobrevivência. Talvez houvesse mais de nós do que imaginávamos, a fazer o nosso melhor.

Mas seria o suficiente? Seria certo?

Capítulo 4

A subir

O grande carro preto expelia baforadas de fumo para o ar gelado enquanto Christa me acenava um adeus.

– Tenha cuidado – dissera, a dar-me um significativo apertão no braço. – Esteja atenta... por vezes mandam-me fazer recados à casa grande.

– Estarei, Christa, obrigada. Muito obrigada.

Eu estava triste de verdade por deixá-la, sentia que podíamos ter sido melhores amigas se nos tivessem dado tempo. Percorremos quase dois quilómetros passando pela frente de grandes casas de campo antes de a estrada começar a subir, ladeada por altas árvores de folha perene, cada vez mais para cima por uma espiral de boa estrada de pedra. O ar mudou, um matiz de claridade azul mesmo no interior do carro, e o ambiente começou a tornar-se muito de montanha. Passámos por vários postos de controlo e eu tive a nítida sensação de que não voltaria a descer aquela estrada nos tempos mais próximos.

Ao cabo de um quarto de hora de lenta subida, com o motor do carro a resmungar como um tio quezilento, as árvores afastaram-se e a vista ficou desimpedida – estávamos, ao que parecia, a escalar uma montanha virtual. Mesmo com uma ligeira bruma, era espectacular, um penugento colar branco à volta da massa de rocha, e lá em baixo um tabuleiro de terras agrícolas, salpicadas aqui e além por pequenos povoados. Como uma criança, apertei o nariz contra a janela – parecia-me que, se subíssemos mais alto, seríamos como o João a trepar pelo pé de feijão, a passar por nuvens de algodão-doce.

Minutos mais tarde, o topo surgiu à vista, uma plataforma de betão que parecia equilibrada na beira do cume de granito, como a casa-de-árvore que o meu pai tinha construído no nosso jardim, divertida mas sempre um tudo-nada precária. Quando eu pensava que a estrada não podia tornar-se mais íngreme, o terreno nivelou de repente e transformou-se num planalto, e passámos um portão guardado e metemos por um largo caminho. A vista de baixo fora enganadora; a montanha tinha uma área plana – se feita pelo homem ou pela natureza, não saberia dizer – e o complexo residencial era grande

e extenso, encostado à parede de rocha e não no cume, como à primeira vista pareceria. A casa principal era uma mistura de pedra antiga e madeira, de estilo *chalet*, com dois pisos mas, como um icebergue, a promessa de muito mais por baixo. Era uma minúscula aldeia no topo do mundo, com pequenos jardins e largas varandas a toda a volta, e anexos espalhados aqui e além. Havia soldados uniformizados distribuídos por vários pontos, cavaleiros prontos e alerta.



Subi os degraus até ao grande pórtico, a respirar um ar tão dramaticamente diferente que me dava a sensação de estar noutra planeta, os meus pulmões a assobiarem com tanta pureza. A luz ali em cima fez-me pensar que afinal havia vida; ao longo de todos aqueles dias negros, aquele mundo tinha existido em paralelo, fora do inferno. Era quase demasiado para compreender.

A porta abriu-se e vi o rosto ríspido e magro de uma mulher, encimado por um topete de cabelos negros e com um sorriso relutante nos lábios.

– Bem-vinda, *Fräulein* Hoff – disse ela. – Sou *Frau* Grunders, a governanta.

Esta última afirmação foi feita com reverência, mas o mais que eu consegui foi um «Como está» e «Obrigada». A agreste recepção espelhava os cactos e as plantas espinhosas espalhadas pelo vestibulo em coloridos potes de cerâmica. Direita como uma tábua, a mulher conduziu-me, os severos sapatos pretos a matraquear no soalho de madeira, através de um corredor de tecto alto e abobadado até aos alojamentos do pessoal, no piso inferior. Mandou-me entrar numa pequena saleta, a que tanto podia chamar apinhada como acolhedora.

– Sente-se, por favor, e espere aqui – disse, e fechou a porta.



Minutos mais tarde, entrou um oficial com o uniforme cinzento das SS, a inclinar a cabeça para evitar que a sua elevada estatura a fizesse bater no lintel.

– Bom dia, *Fräulein*, sou o capitão Stenz. – Bateu os calcanhares e sentou-se um pouco rígido, embora o seu rosto fosse aberto. – Vou ser o seu contacto oficial nesta casa. A minha informação é de que só lhe foi explicada uma pequena parte dos seus deveres.

Um fundo poço de íris azuis voltou-se para mim.

– É verdade, capitão. Só me foi dito que as minhas competências como parteira eram necessárias.

Ele fez uma pausa, de olhos postos no chão, como se revelar mais alguma coisa fosse fisicamente doloroso. Em silêncio, tirou as luvas de couro preto, dedo a dedo.

– A situação é delicada – disse por fim. – Estamos a confiar não só nas suas competências práticas mas também na sua confidencialidade profissional... e na sua integridade.

Limitei-me a assentir, desejosa de que ele continuasse.

– Reside nesta casa uma senhora que está grávida... pensamos que de quatro ou cinco

meses. Por variadas razões, não pode ser tratada num hospital. Será a sua única paciente.

– É-me permitido saber o seu nome, uma vez que vou ser a sua cuidadora constante?

A inevitabilidade de abrir uma caixa secreta mas perigosa fê-lo suspirar. Colocou as luvas no tampo da pequena mesa entre nós, como se estivesse de verdade a aceitar um desafio.

Capítulo 5

Novo começo

– O nome dela é *Fräulein* Eva Braun.

Com estas palavras, o capitão Stenz recostou-se na cadeira, consciente de que um gato imprevisível acabava de ser tirado do saco. Eu nunca tinha sido seguidora das colunas de mexericos das revistas, mas a minha irmã mais nova, Ilse, espiolhava com uma curiosidade faminta as páginas de moda e acompanhava os pormenores das festas sociais de Berlim. «Olha para isto, Anke», dizia com frequência. «Não é *maravilhosa*? Achas que devo arranjar o cabelo como ela?» Graças a Ilse, já tinha ouvido o nome de Eva Braun – como irmã de um dos membros do círculo íntimo de Hitler, uma saudável rapariga alemã, de uma boa família, loura e de olhos azuis, alguém com quem Hitler podia e devia dar-se. Nunca era dito que eram próximos, ou tinham um envolvimento romântico – ao fim e ao cabo, o *Führer* estava casado com a Alemanha. Nos noticiários filmados concebidos com o propósito de mostrar o seu lado humano – Hitler «num momento de descontração» – ela aparecia por vezes em fundo, a filmar com a sua câmara e ao lado da irmã, Gretl.

A minha mente entrou em espiral. Até ao momento, pensara que tinha sido escolhida para tratar da mulher de um dignitário nazi, ou até do filho ilegítimo de um dos do círculo íntimo. Mas agora algo de muito mais sinistro atravessou-me o cérebro como uma descarga eléctrica, tão incrível que parecia estar para lá da razão.

Seria possível que Adolf Hitler, o *Führer*, o chefe do Terceiro Reich e talvez de toda a Europa, a seu tempo, fosse o pai do bebé de Eva Braun? E de que maneira isso afectaria a sua posição como Pai da Alemanha – ser partilhado por uma população que reclamava como seus filhos? Para aqueles de nós que tínhamos experimentado a versão do que Hitler entendia por limpeza, que tínhamos testemunhado em primeira mão o que ele era capaz de infligir a seres humanos, qualquer descendência que se aproximasse da sua maneira de pensar era uma perspectiva assustadora. Um filho e herdeiro do nome e da genética era demasiado para considerar.

Esforcei-me por reagir, por assimilar uma tal notícia. O capitão Stenz limitava-se a olhar para mim com aqueles seus profundos olhos azuis, enquanto os segundos passavam. À procura, a inquirir.

– *Fräulein Hoff*?

– Sim?

– Sente-se bem? – perguntou ele com uma nota de genuína preocupação e depois com a sugestão de um sorriso: – Não podemos tê-la doente logo no seu primeiro dia, pois não?

– Não, não – disse eu. – É só... a mudança de circunstâncias, tão depressa. É difícil de assimilar.

Queria testar a reacção dele ao referir a minha outra vida, ver se a mascarava da mesma maneira automática que os outros, cuja empatia fora sugada. Baixou os olhos e estendeu a mão para pegar nas luvas.

– Sim – disse, numa voz átona.

Era, portanto, um nazi completo, um deles. Inevitável. Mas então houve um rapidíssimo piscar das pestanas louras na minha direcção, uma centelha de azul. Nessa fracção de segundo apanhei um vestígio de dúvida, uma réstia de reconhecimento. E ele apanhou-me a apanhá-la. Durante os dois últimos anos, quase nunca olhara para um homem sem sentir ódio ou aversão, uma vez que eram na maioria guardas infectados por um profundo desprezo pela humanidade. No entanto o homem à minha frente provocou uma inesperada reacção no mais fundo do meu ser. Reconheci-a como atracção? Recriminei-me por aqueles sentimentos tão vazios e imediatos.

Ele ia partir em breve – tinha um carro à sua espera –, de modo que fizemos uma rápida revisão dos meus deveres. Ficaria na Berghof enquanto durasse a gravidez, e pelo menos mais quatro a seis semanas depois, para ajudar a minha doente a adaptar-se à maternidade. O bebé nasceria em casa, mas um transporte e um médico estariam disponíveis a todo o momento caso precisasse deles, e eu residiria no complexo durante cerca de um mês antes do parto. Uma pequena sala tinha sido preparada com equipamento de anestesia, pronta para ser transformada em bloco operatório se necessário.

Era elaborado e excessivo, e mais do que evidente que estavam empenhados em evitar uma viagem ao hospital, mesmo particular, a todo o custo – a verdadeira natureza da máquina de propaganda do *Reich* estava ali posta a nu. As aparências representavam uma boa parte daquela guerra, e eu seria conhecida como dama-de-companhia por todos excepto os membros do círculo íntimo. Aquele bebé devia permanecer escondido até que fosse prudente revelá-lo ao mundo, nas condições estabelecidas pelo *Führer*. Já estava quase com pena de Eva Braun.

– Tratei de todo o equipamento necessário – continuou o capitão Stenz, num tom muito oficial. – Se precisar de mais alguma coisa, entre por favor em contacto com o meu gabinete. Enquanto eu estiver ausente, poderá falar com o meu subsecretário, o sargento Meier. Será ele a ocupar-se das suas necessidades do dia-a-dia, e reportará a mim. Esperamos que mantenha um registo regular e pormenorizado de todos os tratamentos.

– Compreendo – disse eu. E compreendia até demasiado bem. Todas as minhas acções seriam comunicadas, vistas ao microscópio, a partir daquele instante até ao nascimento. A minha missão era trazer ao mundo um espécime vivo de ariano. O ariano. A responsabilidade da vida nunca me perturbara em todos os meus anos a trabalhar com

mães e bebês, mas aquela vida... aquela pobre e inocente criança, podia vir a provar ser uma coisa muito diferente. Nem mais nem menos preciosa do que qualquer outra que eu tivesse visto, mas com o potencial de propagar imparáveis ondas de choque através da Europa e do mundo. Ao longo da História. Quase desejei estar de volta ao campo, entre os da minha espécie, onde podia fazer a diferença, salvar vidas, em vez de apaparicar donzelas nazis ricas. Então, a arder de vergonha por ter desejado uma tal degradação a qualquer ser vivo, incluindo eu, recordei a mim mesma a sorte que tivera por sair de lá.

O seco bater dos calcanhares do capitão Stenz chamou-me de volta.

– Desejo-lhe um bom dia, *Fräulein* Hoff – disse ele, e inclinou muito ao de leve a cabeça antes de acrescentar: – Hmm, *Fräulein* Braun não sabe nada da sua...

– História? – disse eu, para o ajudar.

– Sim... história – respondeu com uma mistura de embaraço e alívio, a encurvar quase imperceptivelmente os lábios.

Era, decidi naquele momento, um dos que tinham adorado a mãe, trepado para o seu colo para beijos e abraços à hora de ir para a cama, dos que tinham sido reais, individuais, dos que aceitavam e retribuíam amor. Olhei para os seus olhos azul-turquesa e perguntei-me o que lhe teria o *Reich* feito.

Capítulo 6

Adaptação

Depois de o capitão ter saído, fiquei algum tempo sozinha no meio da tralha do mundo pessoal da governanta, um espaço que, segundo toda a evidência, funcionava como escritório e sala de estar privada, com o obrigatório ícone do *Führer* colocado como que num altar por cima da lareira apagada. O meu estômago, uma vez mais habituado à comida, depressa começou a fazer barulhos, e soube que nos aproximávamos da hora do almoço. Esperei, uma vez que ninguém me tinha dado novas instruções, e apercebi-me da rapidez com que tinha caído num papel servil. No campo, obedecer aos guardas tornara-se uma segunda natureza, uma regra básica de sobrevivência, mas também encontrar métodos de desafio intermédios às nossas reacções «sim, senhor; não, senhor». Nunca, nenhuma de nós, nos tínhamos visto como cidadãs de segunda classe, mas apenas como cativas das armas esgrimidas pelos nossos carcereiros. Todos os dias eram uma luta para nos recordarmos disto, mas considerávamo-lo vital, uma maneira de evitar afundarmo-nos no lodaçal.

Frau Grunders lá acabou por aparecer, trazendo uma bandeja com pão, queijo e carnes frias, além de um pequeno copo de cerveja. Eu não via nem provava cerveja há mais de dois anos, e os raios de luz do meio-dia criavam um globo de néctar nas mãos dela. Mal conseguia concentrar-me tanto desejava tocar o copo com os lábios e aspirar o inebriante aroma do lúpulo. Nunca fui conhecedora em matéria de cerveja, mas o meu pai costumava beber um copo à noite, enquanto ouvia a rádio, e quando eu era criança deixava-me beber um pequeno gole todas as tardes, para me «fazer crescer e ser forte». *Ele* era aquele cheiro, estava naquele copo, pronto e à espera.

A governanta crepitava quando se movia, a irritação a faiscar dos seus membros magros e da coroa de cabelo entrançado enquanto pousava a bandeja. As feições, que faziam lembrar o focinho de um rato, franziram-se numa careta antes de ela falar.

– Vai residir num dos pequenos anexos junto à casa principal – começou, deixando claro que eu não era uma criada nem uma igual. – A menos que *Fräulein* Braun a queira mais perto, caso em que colocaremos uma cama de campanha no quarto dela. Comerá as suas refeições na casa de jantar do pessoal, a menos que *Fräulein* Braun disponha de outro

modo. Se precisar de alguma coisa, por favor fale comigo.

Esta tentativa de impor uma hierarquia deixou-me impassível; criada ou não, tratava-se de continuar viva e de manter a minha medida de dignidade pessoal. Compreendi, no entanto, que para *Frau Grunders* a auto-estima dependia de criar ordem naquele estranho planetazinho no topo do mundo, uma rolha a conter o caos. Com um olho no copo de cerveja, não tive qualquer reacção além de um «Obrigada», e ela voltou-se para sair.

– *Fräulein Braun* recebê-la-á às três horas na sala de visitas, para tomar chá – disse ao partir.

A cerveja era o néctar que prometia ser, doce e amarga ao mesmo tempo, e engasguei-me vergonhosamente à terceira garfada, em parte por gula mas sobretudo porque não conseguia impedir as lágrimas de me escorrerem pelas faces, ou evitar que os soluços me subissem, ruidosos, à garganta.

No campo, resistira a pensar nos horrores que a minha família podia estar a enfrentar: se a asma do meu pai estava a matá-lo devagar, se a artrite da minha mãe se tornara incapacitante com o frio, se Franz tinha sido abatido a tiro por causa de um dos arroubos de desafio de que o seu temperamento era capaz, se a inocência de Ilse estava a torná-la alvo das atenções dos lascivos guardas. Ali, no meio do sossego, do conforto, da relativa normalidade do lugar onde me encontrava, tudo isto desabou em cima de mim. E chorei com saudades de uma vida que nem eu nem o mundo voltaríamos a ter.

Sentia-me seca e forcei-me a engolir um pouco de pão e queijo, ainda não curada do condicionamento imposto pelas condições do campo: onde houvesse comida era para ser ingerida, ali e no mesmo instante. Durante algum tempo olhei cobiçosa para as estantes de *Frau Grunders*, incapaz de me mexer com o ventre distendido e uma onda de fadiga avassaladora. Ansiava folhear as páginas de um outro mundo, talvez um drama histórico que me levasse para longe do lugar onde estava. Mas quando dei por mim alguém batia ao de leve à porta. Abri os olhos e uma jovem criada, de saia comprida e rodada e avental encarnado e verde, disse-me que já passava das duas e perguntou-me se queria ir para o meu quarto antes do encontro com *Fräulein Braun*.



Deslocámo-nos pelo mesmo piso onde se situava a saleta de *Frau Grunders*, passámos pela sala dos criados, saímos por uma porta lateral e descemos um curto declive ensaibrado que nos levou a uma fila de três pequenos *chalets* de madeira, construídos na encosta de modo que de um dos lados se avistava o telhado da casa, e do outro um jardim inclinado. O meu era o do meio, com um pequeno alpendre e um pátio com espaço à justa para colocar uma mesa e uma cadeira do lado de fora da janela. Era como uma minúscula casa de férias, um lugar onde desfrutar da liberdade e da vista.

As roupas que Christa tinha arranjado estavam estendidas em cima da cama; um conjunto de *toilette*, meias e roupa interior nas gavetas da cómoda. Na porta ao lado, na pequena casa de banho, sabonete, champô e toalhas lavadas, tudo muito bem arrumado. E também, aberto, um estojo de parteira – um *Pinard* de madeira, em forma de trompa,

para ouvir o coração do bebê, um monitor de tensão arterial, um estetoscópio e um estojinho para análises de urina. Tudo novo. A culpa fulminou-me como um raio. Que mais devia sacrificar por aquele luxo? Não só as minhas competências, de certeza. Ao longo dos últimos dois anos, tinha enfrentado os meus demónios a respeito da morte; tentara evitá-la provocada por algum descuido ou deslize, mas resignada, de certa maneira, à sua inevitabilidade no meio de toda aquela fúria. O meu maior medo era ser obrigada a escolher, trocar qualquer coisa de mim para que o meu coração continuasse a bater, para viver sem alma.

No campo, era uma decisão fácil, branco ou preto. Era eles e nós, e quando havia troca de favores era por vida ou morte. Não era inaudito as mulheres com melhor aspecto venderem o corpo aos guardas a troco de comida para manter os filhos vivos, ou a si mesmas; um trato aceitável, uma vez que já nos tínhamos despojado da nossa sexualidade – era apenas a anatomia a funcionar. Mas informação que pudesse levar outras detidas a serem arrastadas para uma morte horrível... isso era outra história. Acontecia, claro, quando culturas eram lançadas umas contra as outras, mas eu confiara sem reservas nas mulheres à minha volta. Mais depressa morreríamos do que venderíamos a nossa noção de ser.



A jovem criada dissera que viria chamar-me pouco antes das três. Lamentei o tempo sozinho quando ela se foi embora, um tempo em que teria de pensar. Tinha uma profunda inveja das pessoas dotadas da capacidade de esvaziar a mente para ter paz, de entrar numa arena vazia onde portas levavam a mais e mais vazio. Paz? A simples perspectiva, universal ou pessoal, parecia infinitamente remota.

Encontrei um cobertor numa das gavetas e sentei-me no alpendre, a saborear o sol de Inverno que deslizava devagar pela minha cara, quente e reconfortante. Os jardins estavam sossegados, não havia soldados uniformizados à vista, de modo que talvez fossem discretos, ou não estivessem em alerta total. Perguntei-me se o *Führer* estaria presente, e se estar perto do centro do mal me faria sentir diferente – se sentiria a sua força se me aproximasse. Que faria se me encontrasse cara a cara com o engenheiro da falência moral da Alemanha?

Berlim, Março de 1941

Era inevitável, e aquele que nenhuma de nós queria: o bebé dos nossos medos.

– Enfermeira-chefe?

A voz de Dahlia já era insegura quando me encontrou a limpar os escoadouros.

– Sim, que se passa? – disse, ainda de costas para ela.

– O bebé do Quarto 3. É, hum...

Voltei-me.

– É o quê? Nasceu, respira?

– Sim, nasceu, e está vivo, mas...

Tinha os olhos azuis muito abertos, o lábio inferior a tremer como o de uma criança.

– Há qualquer coisa que não... as pernas dele são...

– Desembucha, Dahlia.

– ... deformadas – disse, como se a simples palavra fosse uma traição.

– Oh! – O meu cérebro entrou no mesmo instante num turbilhão. – É muito óbvio, ao primeiro olhar?

– Sim – respondeu.

– Mais alguma coisa?

– Não, tirando isso é perfeito... um menino lindo. Esperto, mexe-se bem.

– A mãe já notou? Disse-te alguma coisa?

– Não, ele ainda está enfaixado. Reparei durante o parto e outra vez quando o pesei. Não estou a imaginar coisas, irmã.

Ficámos quietas por um minuto, a procurar a resposta dentro de nós, na esperança de que alguém entrasse por aquela porta e nos fornecesse uma solução já pronta. Fui eu a primeira a falar, a olhá-la nos olhos.

– Dahlia, sabes o que nos disseram. Que achas que devemos fazer?

Com aquele conhecimento eu já era cúmplice em qualquer decisão, mas se encobrissemos aquilo, iria arrepender-me? Seria eu, como chefe da enfermaria, a receber uma visita

do administrador do hospital e da Gestapo? Ou íamos as duas carregar o segredo e mantê-los entre nós? É triste dizer que na guerra, entre a desconfiança pura criada pelos nazis, até os nossos colegas de trabalho eram desconhecidos.

– Tenho medo de não dizer nada – murmurou Dahlia, agora a tremer –, mas ele não devia ser... não devia ser tirado à mãe. Vão separá-los, não vão?

– Penso que a probabilidade é muito grande. Quase uma certeza.

Os olhos de Dahlia encheram-se de lágrimas.

– Estás a dizer que queres a minha ajuda? – disse-o com todas as letras. – Porque eu ajudarei se tiveres a certeza. Mas tens de ter a certeza absoluta.

Os nossos olhares ficaram presos por um instante.

– Sim, tenho a certeza – disse ela por fim.

Pensei rapidamente nos aspectos práticos de fazer um bebé existir em termos oficiais, mas ao mesmo tempo desaparecer.

– Dahlia, acaba a papelada e trata da alta o mais depressa que puderes. Eu encarrego-me de empatar o pediatra e chamaremos um táxi logo que possível.

A adrenalina – sempre a minha aliada mais fiel – inundou-me o cérebro e os músculos, deu-me coragem para entrar no quarto da mulher. Afivelei um sorriso de parabéns e, no tom mais diplomático de que fui capaz, disse-lhe que seria do seu interesse deixar o hospital o mais cedo possível, esquecendo os sete dias de internamento habituais, sair de Berlim e mudar-se para casa dos pais, onde o pai estava muito doente e não se esperava que passasse daquela noite. Não era esse o caso? Era, não era?

Ao princípio ela ficou confusa, mas não tardou a compreender o porquê das minhas palavras quando desenfaixámos o bebé e viu com os seus olhos que nunca poderia ser um atleta, mas seria sem dúvida um filho amoroso e bom e talvez, quem poderia afirmar o contrário?, uma grande mente. Sugerir com muita ênfase o que seria o seu futuro no verdadeiro Reich, e ela chorou, mas só enquanto se vestia à pressa para ir para casa. Estávamos a correr um grande risco com a sua lealdade ao Führer, mas eu já tinha visto mães suficientes para saber que todas menos umas poucas sacrificariam a vida pela sobrevivência dos filhos e uma oportunidade de mantê-los perto de si. Ao vê-la acariciar aquelas pernas menos que perfeitas, apostei em que era uma delas.

Eu e Dahlia revezamo-nos de guarda à porta, enquanto eu falsificava a assinatura do pediatra de turno. Ele via tantos bebés e o rabisco com que assinava era tão elementar, que não seria difícil convencê-lo de mais um bebé normal se a papelada fosse examinada.

O rosto de Dahlia era uma máscara de branco, e tive de recordar-lhe que sorrisse quando levasse a mulher para fora da enfermaria, como se sair poucas horas depois de um parto fosse uma coisa corrente. O bebé estava enfaixado com força e só os olhos e o nariz eram visíveis. O corredor estava deserto e nós avançámos devagar em direcção à saída da maternidade, a mulher a dar os passos de passarinho típicos de uma mãe recente. Dahlia garantiu-me que havia um táxi à espera, com o motor a trabalhar.

– Não vai transferi-la para a enfermaria normal, enfermeira? Está tudo bem?

A voz tão característica da enfermeira-chefe Reinhardt vibrou no ar, severa e autoritária.

Estaria disposta a jurar que ela era capaz de silenciar à vontade o som do bater das solas dos sapatos.

Rodei sobre os calcanhares, mas dei um leve puxão no ombro de Dahlia, a dizer: «Fica aí, não te mexas.»

Compus a expressão.

– Infelizmente, a doença de um familiar obriga-nos a dar alta a esta mãe mais cedo, enfermeira-chefe. Um avô que deseja muito ver o neto, e os médicos pensam que o seu tempo é limitado.

A mulher voltou a cabeça, a corroborar as minhas palavras com um aceno de cabeça, os lábios franzidos.

A enfermeira-chefe avançou para nós, o rosto impassível. Lançou um rápido olhar à mulher, encurvou um tudo-nada para cima os cantos da boca e disse:

– As minhas felicitações e as minhas condolências.

E então voltou-se para mim:

– O bebé está pronto para ter alta, enfermeira, foi tudo verificado?

Pareceu-me ouvir um pequeno gemido vindo de Dahlia, mas podia ter sido o bebé, a protestar por estar a ser apertado com tanta força.

A minha amiga adrenalina veio mais uma vez em meu socorro, injectando coragem em vasos sanguíneos onde eu mais precisava dela. Fiz um grande sorriso e declarei, no meu melhor tom oficial:

– Com certeza, enfermeira-chefe. Perfeito e saudável e com uma mãe capaz de o amamentar.

Ela deu mais um passo em frente e estendeu um longo e fino dedo para a manta que escondia o rosto do bebé. Ela – que raras vezes tocava num bebé, mas dirigia, admirava e encorajava à distância – puxou para baixo o tecido de lã e disse:

– É um bonito rapazinho, não é? Espero que o tempo esteja do seu lado, minha querida. – Dirigiu um sorriso de compreensão à mãe. – Talvez seja melhor apressar-se, se tem uma viagem pela frente.

A cara de Dahlia quase se desmanchou de alívio, e a mulher foi pouco menos do que rebocada para a saída. Fiquei com a enfermeira-chefe a vê-las ir, à espera do interrogatório e do inevitável pedido dela para ver o dossier que eu tinha na mão e examinar à lupa os papéis e a ficção que continham. Ela, melhor do que ninguém, desmascararia a minha mentira. Soou a campainha de uma das salas de parto, e eu fiquei onde estava.

– É melhor ir ver quem precisa agora da sua ajuda – disse a enfermeira-chefe, a apontar para a sala, e afastou-se na direcção oposta.

Nunca mais falámos daquele bebé nem o mencionámos uma vez que fosse.

Capítulo 7

Eva

Devo ter andado à deriva na orla do verdadeiro sono durante algum tempo, porque a criada acordou-me com gentileza: *Fräulein* Braun estava à espera. Só tive tempo para verificar o meu aspecto no espelho da casa de banho (quando fora a última vez que fizera aquilo?) antes de voltar à casa principal. Os corredores estavam fantasmagoricamente desertos, com apenas sombras de corpos a moverem-se aqui e ali. Fui conduzida à sala de visitas, vasta e arejada, onde o ambiente tinha um ligeiro matiz de jade e onde ela me esperava, a parecer mais pequena no meio do pesado mobiliário escuro. Algures em fundo, uma avezinha trinou, um lampejo de amarelo numa gaiola suspensa.

Fräulein Braun pôs-se de pé quando entrei e estendeu-me a mão com um sorriso; era de estatura média mas porte atlético, com um brilho saudável no rosto e lábios cheios, destacados por uma cor discreta; quase não usava maquilhagem. Os cabelos eram louros com reflexos avermelhados, ondulados e soltos, e vestia um simples fato verde, com uma saia esticada abaixo da linha da cintura e um casaco que mal disfarçava a inconfundível rotundidade. O meu olhar focou-se de imediato no ventre, a avaliar a gestação, enquanto, num gesto instintivo, ela levava uma das mãos à barriga, uma reacção indicadora de que já estava ligada ao seu bebé, a querer protegê-lo. E sabia Deus que aquela pobre criatura ia precisar de toda a ajuda que pudesse ter, sendo o amor de uma mãe o seu melhor aliado.

– *Fräulein* Hoff – disse ela, num fiozinho de voz que me surpreendeu. – Tenho muito prazer em conhecê-la. Sente-se, por favor.

Senti quase no mesmo instante que Eva Braun, fosse ou não amante de Hitler, não era uma Magda Goebbels. Pareceu-me uma rapariga normal, alguém que antes da guerra podia ter trabalhado numa das grandes lojas de Berlim, pronta a ajudar com um frasco de água-de-colónia na mão. Tinha um potencial e um sorriso que lhe teriam aberto muitas portas. Fora isso que encantara o homem mais poderoso da Europa? Talvez. Só que eu não sabia muito bem se devia odiá-la por esse facto.

Pedi à criada que servisse o chá, e em breve estávamos sozinhas. Sentei-me sem dizer nada, apenas porque não tinha nada para dizer. Houve um breve silêncio, só perturbado pelo crepitar do lume na lareira, e então ela voltou-se de frente para mim.

– Suponho que lhe disseram que estou à espera de um bebé...

As palavras saíram furtivas, com um piscar de olhos, como se as escuras paredes de madeira estivessem à escuta.

– Disseram.

– E que foi especificamente escolhida para ser a minha parteira. Espero que isto seja aceitável para si.

Era possível que ela ignorasse que eu não tinha tido por onde escolher, que nada soubesse da pressão emocional envolvida, mas mesmo assim continuei calada.

– É natural que não o saiba, mas várias amigas da minha família estiveram ao seu cuidado em Berlim durante as suas gravidezes – continuou ela –, e elogiaram muito a sua competência.

Mais uma vez, limitei-me a assentir.

– Sabe também que, devido às... circunstâncias, o meu bebé – voltou a levar a mão à barriga – nascerá aqui. Quero alguém em quem possa confiar, que tenha o saber necessário para trazer o meu bebé a este mundo com segurança. E de uma maneira discreta. A minha mãe teve a sorte de poder contar várias vezes com os cuidados de uma boa parteira e eu gostaria muito de também a ter.

Recostou-se na cadeira, aliviada, como se o discurso a tivesse esgotado. Mas eu continuava a não saber o que dizer para a tranquilizar. O que sabia era que Eva Braun parecia, pelo menos à superfície, uma inocente. Se por desígnio ou pura ingenuidade era difícil dizer, mas não conseguia acreditar que tivesse desejado deitar-se com um monstro, quanto mais trazer no ventre o seu bastardo. A maneira nazi era a maneira da família; «Cozinha, filhos, igreja» era o seu lema e as boas esposas alemãs eram consideradas soldados nas suas casas, recompensadas com medalhas autênticas por uma copiosa procriação. Eva Braun tinha quebrado este protocolo. A sua posição era agora insustentável, o seu corpo e a sua vida já não lhe pertenciam, pelo menos enquanto trouxesse no ventre o bebé do *Führer* – e eu tinha de assumir que era o seu sangue, dada a maneira como fora tratada desde que deixara o campo. Ela não parecia um soldado nem um cúmplice do mal.

Em vez de fingir uma falsa delícia, concentrei-me na gravidez – de quanto tempo estava, qual era a data prevista, que género de exames já tinha feito. Fora vista por um médico para confirmar a gravidez, mas depois disso mais nada. As datas do ciclo menstrual sugeriam que o bebé devia nascer no início de Junho.

– Mas agora sinto o bebé mexer-se todos os dias.

Sorriu, quase como uma criança a querer agradecer à professora, a mão de novo na barriga.

– Bem, isso é muito bom sinal – respondi. – Um bebé que se mexe é regra geral um bebé feliz. Se quiser, posso ir buscar o meu equipamento e fazer um primeiro exame, só para ter a certeza de que está tudo a progredir dentro da normalidade.

– Oh, sim! Gostaria muito. Obrigada.

Emitia o brilho de um milhar de mulheres grávidas antes dela.

A confusão voltou a envolver-me como um espesso nevoeiro, a retorcer as fibras morais do meu cérebro. Eu devia sentir aversão por aquela mulher, até ódio. Ela tinha dançado com o diabo, gerara, e agora criava, o seu rebento. E no entanto parecia-se com qualquer outra mulher orgulhosa da sua barriguinha e a sonhar embalar o filho recém-nascido. Desejei estar de novo no campo, com Rosa a meu lado, onde o mundo era feio, mas pelo menos a branco e preto. Sabia quem odiar e quem era o inimigo.



Fui ao *chalet* buscar o equipamento novo e *Fräulein* Braun guiou-me através de um labirinto de corredores até ao seu quarto. Era de tamanho médio, confortável mas não luxuoso, com fotografias de família na consola da lareira – instantâneos de férias de alemães a desfrutarem a vida ao ar livre. Ao todo, o quarto tinha três portas: aquela por onde tínhamos entrado, outra que dava para uma pequena casa de banho e, no lado oposto, uma terceira que comunicava com um segundo quarto. Vi uma cama de casal através da fresta da porta, com uma pesada colcha de brocado. Ela apanhou-me a olhar e fechou a porta sem dizer uma palavra. E então percebi. Seria o quarto *dele*? O líder de toda a Alemanha, o engenheiro da minha miséria, naquele momento de *toda* a miséria? Quis no mesmo instante encontrar uma saída daquela normalidade surreal, mas *Fräulein* Braun – a minha cliente – já estava ao lado da cama, à espera.

– Quer que me deite, *Fräulein* Hoff?

O rosto dela estava cheio de expectativa, de esperança.

Houve momentos da minha vida em que odiei os elementos automáticos da prática da obstetria. Nos primeiros tempos, as maternidades dos hospitais dos bairros mais pobres pareciam quintas de gado – uma barriga, um bebé, uns atrás dos outros. Naquele instante, porém, senti-me grata pelo treino que me guiou ao longo do exame. Com a saia pelos joelhos, Eva Braun era como qualquer outra mulher, uma esfera esticada para ser avaliada, ansiosa por saber que o seu bebé era perfeito e saudável.

Pressionei com cuidado a carne extra que carregava até encontrar uma dureza à altura do umbigo.

– Aqui é o topo do útero – informei, e ela soltou um gritinho de reconhecimento.

Encostei o *Pinard* à pele do ventre e pousei o ouvido sobre a superfície lisa, a bloquear os sons da casa, à procura do bater do coração daquele bebé. Ela permaneceu imóvel e paciente durante todo o processo... e finalmente apanhei o limite do seu rápido esvoaçar, quase inaudível mas ao inconfundível ritmo de um cavalo a galope.

– Ótimo – disse, endireitando-me –, uns bons cento e quarenta batimentos por minuto, muito saudável.

Mais uma vez, o rosto dela iluminou-se como o de uma criança.

– Consegue ouvi-lo de verdade? – perguntou, como se o Natal tivesse chegado mais cedo.

– O bebé é ainda muito pequeno – respondi –, de modo que é muito baixinho, mas sim, consigo ouvi-lo. E está tudo normal. Parece estar a progredir bem.

Ela voltou a acariciar o ventre inchado e fez um grande sorriso, a murmurar qualquer coisa ao bebê.

Falámos de com que frequência ela gostaria de repetir o exame, e de quando começaríamos a fazer os preparativos para o parto, e de se podia fazer uma última viagem para visitar os pais – a um bom dia de viagem de distância. Apercebi-me de que seria redundante durante uma grande parte do meu tempo na Berghof, no meio daquele luxo e da intensa sensação de culpa que voltava a crescer.

Quando me voltei para sair, ela disse nas minhas costas:

– Obrigada, *Fräulein* Hoff. Agradeço muito ter vindo cuidar de mim.

E eu acredito que estava a ser sincera, inocente ou não. Não sabia se devia estar grata por aquela oportunidade de viver ou furiosa com a sua ingenuidade. O pensamento «uma criança dentro de uma criança» perpassou-me pela cabeça e forcei um sorriso em resposta, enquanto todos os nervos do meu corpo se torciam e enodavam.

Capítulo 8

Uma nova prisão

Na manhã seguinte tomei o pequeno-almoço nos alojamentos do pessoal. Fui apresentada como a dama de companhia de *Fräulein* Braun, mas ninguém me perguntou de onde tinha vindo, ou a respeito da minha vida durante ou antes da guerra; as histórias de toda a gente tinham, ao que parecia, sido varridas pelo turbilhão.

Tinha ficado combinado que eu veria *Fräulein* Braun todas as manhãs depois do pequeno-almoço e uma vez por semana para um exame completo. Entretanto, só falaria com ela se precisasse de mim ou tivesse perguntas a fazer – tudo isto ficou esclarecido na minha primeira entrevista com o sargento Meier, que se me apresentou, muito orgulhoso, quando voltei ao meu quarto.

– E não preciso de deixar mais claro que não pode sair do complexo a menos que seja na companhia de *Fräulein* Braun – acrescentou. – Ou com a sua autorização expressa... por escrito.

Fez um sorriso relutante, o pequeno e bem aparado bigode a ondular, os óculos de armações metálicas empoleirados num nariz curto e pontiagudo e cabelos oleosos. A sua rastejante arrogância e a maneira como usava o escuro uniforme das SS provocaram-me um calafrio; tinha visto uma centena de guardas SS a empunhar grossos cacetes alinhados diante de mil mulheres impotentes. Antes da guerra, aquele homem fora pequeno e insignificante. O conflito dera-lhe importância, e ele espojava-se nela.

– Considerando o lugar de onde vim, sargento, não tenho ilusões a respeito de qual é o meu lugar aqui – respondi. – Continuo a ser uma prisioneira, a fazer trabalho escravo, seja como for que lhe chamem.

– Um trabalho escravo muito confortável, *Fräulein* – disse ele, sem se perturbar. – Lembre-se disso. E da sua família. Tenha um bom dia.



O resto de Janeiro e o começo de Fevereiro passaram devagar. A casa estava silenciosa, e eu só podia assumir que o seu principal residente estava a dirigir a guerra de outro lugar qualquer. Eu e *Fräulein* Braun não tardámos a assentar numa rotina: eu ia ao quarto dela

depois do pequeno-almoço, perguntava-lhe como tinha passado a noite, se o bebé se tinha mexido e se queria que eu lhe auscultasse o bater do coração. Uma ou duas vezes por semana fazia-lhe um exame completo, com medição da tensão arterial e análise de urina. Ela era saudável, sem quaisquer problemas óbvios.

Fazia um frio cortante, mas nos dias de céu limpo desfrutava-se de uma vista espectacular dos largos vales abaixo da casa, e eu ansiava aventurar-me mais longe. Por estranho que pareça, no entanto, nunca me ocorreu convencer os guardas a deixarem-me sair para o mundo. Havia ocasiões em que não me sentia uma prisioneira. Era tratada com respeito por *Fräulein* Braun, conversava com os criados e era tolerada por *Frau* Grunders. Era o espectro constante da sorte da minha família que me retinha. Se houvesse a mais pequena hipótese de a minha obediência permitir a um só deles que fosse sobreviver, seria um pequeno preço a pagar.

Passava horas embrulhada numa manta no canto do vasto terraço de pedra contíguo à casa principal, a beber o sol de Inverno e a ler. Nos dias bonitos, o espaço salpicava-se de mesas e chapéus-de-sol de várias cores, o que lhe dava um ar de hotel de montanha escondido e exclusivo. *Frau* Grunders tivera a gentileza de me dar acesso às suas estantes e eu devorava volumes dos clássicos alemães e ingleses – Austen e Goethe, Dickens e Thomas Mann. Os céus enchiam-se de pequenos aviões, talvez caças, mas ali em cima, rodeados pelo ar mais puro, não nos chegavam sinais de uma guerra que devastava o mundo; as nossas nuvens de algodão não tinham qualquer semelhança com o fumo da pólvora lá em baixo.

A guerra, na realidade, parecia a uma vida inteira de distância. Exceptuando os jovens soldados que patrulhavam o complexo e fumavam nos momentos de pausa, nada havia que sugerisse que alguma coisa se passava no mundo. Estavam entediados e desejosos de falar, usavam a arma suspensa do ombro como um complicado adereço. No campo tínhamos poucas notícias do mundo exterior – só quando traziam um novo internado ficávamos a saber que novas fronteiras tinham caído, que novos países tinham sido ocupados. Não havia jornais, nada que nos permitisse julgar o nosso lugar no grande esquema das coisas. Eu presumia que era intencional, uma vez que a nossa ignorância contribuía para o regime de medo, para a capacidade que eles tinham de controlar as nossas vidas e as das nossas famílias. Tudo para isolar a nossa humanidade.

No topo das montanhas bávaras, parecíamos estar também num ponto negro noticioso. Por vezes via um jornal na secretária do sargento Meier e sentia uma fome desesperada pelas letras impressas nas suas páginas. Mas também sabia que era pura propaganda – como filha de um professor de Ciência Política, aprendera a ter um saudável desrespeito pelos meios de comunicação. «Vivem no bolso dos políticos», era um dos resmungos mais correntes do meu pai. «Procura sempre ler nas entrelinhas, Anke. Não aceites seja o que for pelo seu valor facial.» Os jornais nazis da época – ferreamente controlados por Goebbels – eram mais ficção do que factos. Na sala do pessoal havia um pequeno aparelho de rádio, um dos Receptores do Povo do *Reich*, mas raras vezes estava ligado, e a conversa era limitada a perguntas sobre membros da família mais próxima que não estivessem longe na

guerra, ou à abundante refeição à nossa frente. Na realidade, tudo na Berghof fazia parecer que a guerra era um elaborado produto da nossa imaginação: a qualidade das mobílias, os luxos de sabonete, champô e até graxa para os sapatos, que eram repostos no meu quarto com regularidade.

Como era inevitável, a minha cintura começou a alargar, as minhas costelas a ganhar uma cobertura de carne, de tal modo que já não podia bater nelas como num xilofone e arrancar-lhes um eco. Ao espelho, notava uma subtil alteração no meu rosto, uma cor a cobrir pouco a pouco as faces mais arredondadas, o cabelo a tornar-se mais espesso, a adquirir um ligeiro brilho. Parecia quase saudável. Era a antiga Anke que via, mas não uma Anke que reconhecesse. Os meus eus exterior e interior estavam numa estranha contradição um com o outro.



Uma ou duas vezes por mês, era-me permitido ir um pouco mais longe. *Fräulein Braun* costumava dar um passeio depois do pequeno-almoço com os seus *terriers*, *Negus* e *Stasi*, e eu via-a com frequência passar a vedação que delimitava o perímetro e meter por um caminho que fazia a ligação com outra área do cume da montanha. Uma manhã, depois do nosso encontro habitual, ela perguntou-me se gostaria de a acompanhar. Quando lhe disse que não tinha um casaco, pareceu um pouco surpreendida e procurou no armário um que pudesse servir-me.

– Pronto, este vai mantê-la quentinha – disse com um sorriso, e por um instante a atmosfera foi quase fraterna, como se tivéssemos estado a trocar mexericos durante horas e a pentearmo-nos uma à outra à última moda.

Eva pôs os óculos de sol para se proteger da luz branca e brilhante do Sol que se esforçava por aquecer o ar gelado. As nossas respirações deixavam para trás rastos fugazes enquanto percorríamos o caminho coberto de geada, seguidas a uma distância discreta por um guarda armado e com os cães a cabriolar à nossa frente. Ao princípio a conversa foi forçada, uma vez que havia poucos tópicos sobre os quais pudéssemos trocar ideias, e muitos limites. Nos círculos que Eva frequentava, adquirira algum tacto em tagarelices diplomáticas a respeito de quase coisa nenhuma. Falámos dos nossos filmes preferidos, dos tempos de escola, e ela falou-me um pouco a respeito da família, de que tinha evidentes saudades. A irmã, Gretl, ia com frequência à Berghof, uma vez que estava noiva de um oficial de alta patente das SS, mas quase não via a irmã mais velha, Ilse. Quando lhe disse que tinha uma irmã com o mesmo nome, sorriu e pareceu ficar genuinamente contente por termos aquela pequena coisa em comum. Deteve-se à beira de me perguntar onde se encontrava a minha irmã Ilse e se estava bem.

– Fale-me de quando trabalhava em Berlim e dos bebés que trouxe ao mundo – disse, desejosa de saber. – Penso muitas vezes que deve ser uma profissão encantadora. Penso que, se as coisas tivessem sido diferentes, poderia ter-me sentido atraída pela enfermagem, ou qualquer coisa desse género.

Foi o mais perto que chegou de aludir à guerra e aos efeitos catastróficos que estava a ter

no mundo inteiro abaixo de nós, e não pela primeira vez perguntei-me até que ponto ela sabia a verdade, ou estava disposta a informar-se.

Contei-lhe algumas histórias positivas a respeito de nascimentos, os momentos mais divertidos, mas nada disse a respeito do lado negativo, das vezes em que tudo podia correr mal, das emergências que podíamos ter de enfrentar. É possível que a parte mais amarga de mim sugerisse algumas destas coisas, mas era uma regra não escrita entre parteiras nunca falar dos aspectos negativos. Ao fim e ao cabo, de que serviria? As mulheres grávidas estão lançadas numa viagem, através das tortuosas horas do trabalho de parto até à maternidade, sem a opção de meter por um atalho. Por que havia eu de revelar que era um caminho cheio de perigos, reafirmando a antiga visão alemã do nascimento como algo infectado pelo risco? Como parteiras, sabíamos que o medo intenso pode travar um parto, com as inevitáveis consequências. Precisávamos que as mães o acolhessem nos seus corpos, tanto quanto alguém pode convidar a dor e o desconforto. Ao cabo de horas infintas a observar e a esperar com mulheres em trabalho de parto, acreditava sem reservas que a ansiedade era o nosso inimigo e, uma generosa dose de humor, o melhor remédio.



Demorámos meia hora a chegar ao nosso destino. Uma pequena clareira aberta no meio das árvores onde se erguia uma construção de madeira e pedra, rectangular num dos extremos e semicircular no outro. As janelas debruçavam-se para a vastidão lá em baixo, através da fronteira até à Áustria. Os cães ladraram a anunciar a nossa chegada.

– Calados, seus patifes! – gritou-lhes Eva, risonha.

O edifício era constituído por uma grande divisão principal, com a antecâmara semicircular visível através da porta. Havia confortáveis cadeiras distribuídas ao longo das paredes e os soalhos de madeira estavam cobertos por luxuosos tapetes.

– Chamamos-lhe a *Teehaus* – disse *Fräulein* Braun, enquanto os cães saltavam para as suas almofadas bordadas. Estava satisfeita no seu papel de anfitriã. – É encantador, não é?

Sorriu enquanto me oferecia chá de uma cafeteira pousada num pequeno fogão, aquecido com antecedência e preparado para a visita – o que tornava as suas caminhadas matinais tudo menos árduas – e falou enquanto enchia as chávenas.

– Por vezes, à tarde, vimos até aqui beber um chá. Nos dias claros, a vista alcança mais de dezasseis quilómetros. É de cortar a respiração.

Não olhou para mim, mas o «vimos» foi enfatizado em minha intenção.

– É muito bonito – respondi, como se eu estivesse numa espécie de conto de fadas.

– Meu Deus! – exclamou ela de súbito, quando acabámos o chá. – São horas de voltar. *Frau* Grunders não tarda a chamar para o almoço, sem saber onde nos metemos.

Perguntei-me o que estaria de verdade a chamá-la – que eu soubesse, há semanas que não saía de casa. Tinha ouvido algumas criadas mexericarem a respeito de como a Berghof costumava estar sempre cheia com um constante fluxo de convidados. O corrupção social, no entanto, tinha cessado de repente, sem dúvida por ordem de Goebbels. Eva fez uma

pequena careta de menina marota, a convidar-me a ser cúmplice da sua ligeira troca da governante, e eu sorri num acto reflexo. Sem o querer, *Frau* Grunders tinha-nos ajudado a forjar uma pequena aliança.

Capítulo 9

Contacto

Uma semana mais tarde, Eva voltou a convidar-me para a acompanhar. O dia estava fresco, mas o ar mais pesado de nevoeiro e o ânimo dela mais abatido, apesar do esforço que fazia para manter a conversa a fluir.

– Acha então que nunca vai ter filhos, *Fräulein* Hoff? Quer dizer, na sua posição... considerando o que faz... não a fez perder a vontade?

Fui um pouco apanhada de surpresa por esta franqueza, tendo em conta que nunca tínhamos afluído qualquer tema pessoal. Talvez ela soubesse, por ter lido o meu processo, que eu era apenas um ano mais nova, e ainda capaz de ter um bebé, assumindo que a vida do campo não me tinha apodrecido as entranhas – não tinha o meu período há mais de um ano.

– Espero um dia ter um bebé – respondi. – Não perdi de certeza a vontade, nem a perspectiva me assusta. Longe disso. Penso... espero... gostar, desfrutar da experiência. O meu trabalho ensinou-me a ter uma grande fé nas mulheres. A Mãe Natureza parece acertar a maior parte das vezes.

– Espero que seja bondosa para mim – disse ela, num tom sonhador. – Sinceramente. Não soube dizer se estava a falar do parto, do bebé ou de ambos; a pressão para produzir um herdeiro perfeito devia fazer-se sentir já então. Nada menos do que isso seria tolerado.

– E, claro, a recompensa para um parto difícil é sempre o bebé – disse eu para aligeirar o ambiente, mas no instante em que as palavras me saíram da boca pensei nas mães às quais não era permitido ficar com o seu prémio, e envergonhei-me de estar a tentar cobrir aquele negócio sujo com um verniz aceitável. Como podia ter esquecido tão depressa? Com tanta facilidade? Fui atingida em cheio por uma vaga de remorso e corrediça de vergonha.

Eva Braun, no entanto, viu apenas o brilho.

– Oh, fico tão feliz por ouvi-la dizer isso. A minha mãe falava do nascimento de um filho como uma coisa tão positiva. «Poderosa», disse uma vez. Espero sentir o mesmo quando chegar a altura.

– E os seus familiares, estão entusiasmados?

A ligeira hesitação nos passos dela disse-me que tinha ido demasiado longe, mas a posição dela no *Reich* não se voltou contra mim. Em vez disso, endireitou os ombros e assumiu a fachada.

– A Gretl está muito entusiasmada. Vai chegar dentro de poucos dias, de modo que terá oportunidade de a conhecer. Espero que esteja presente no nascimento.

A sua falsa alegria dizia tudo. O manto de secretismo significava que só os seus parentes mais próximos saberiam – pais e irmãos –, e se fossem nazis convictos ficariam mais orgulhosos do que era possível expressar em palavras. Mas se apenas fizessem os gestos da crença do Terceiro Reich, como muitas famílias que conhecera em Berlim e que eram bem versadas na etiqueta como técnica de sobrevivência, teriam tanto medo pela filha como por eles. Tinha ouvido alguns criados falar de Eva com se ela não fosse digna do seu lugar na Berghof, questionando que ou quem eram os seus familiares. Atribuíra isto a ciúmes e inveja, uma vez que quase todos pareciam ser leais apoiantes do amo. Perguntei-se no círculo íntimo os pais lamentariam o lugar de Eva.

Fräulein Braun interrompeu de repente o nosso passeio, alegando precisar de escrever várias cartas antes do almoço.

– Penso que também terá? – disse.

Brinquei com a ideia de deixar morrer o assunto, mas a falta de contacto com a minha família era uma dor constante, sobretudo porque ter notícias do bem-estar dos meus parecia fazer parte do acordo. Mas o sargento Meier estava sempre muito ocupado quando tentava perguntar-lhe.

– Receio que não me seja permitido enviar ou receber correspondência – disse, numa voz átona.

– Oh... não me tinha apercebido. Lamento.

Corou muito, embaraçada, e voltou-se para entrar em casa.

Passado cerca de um minuto, entrei por minha vez, pela porta dos criados, e dirigi-me à saleta de *Frau* Grunders para escolher outro livro. Havia a habitual azáfama na cozinha, mas a sala estava silenciosa. Ouvi através do tecto vozes agitadas e urgentes. Apanhei apenas os contornos de algumas palavras, sons abafados – a voz de *Fräulein* Braun e o lamento típico do sargento Meier.

– Terei de... só o capitão Stenz poderá dizer...

– Ficaria agradecida... tão cedo quanto...

Apurei o ouvido para captar os sons, invadida por uma estranha curiosidade. Nunca os tinha visto juntos na mesma divisão, e o gabinete do sargento Meier e o quarto de Eva ficavam em extremos opostos da casa.

– Vou tratar...

– Obrigada...

Uma cadeira arrastada lá em cima, o inconfundível bater de calcanhares e depois silêncio.

Estava a voltar ao meu quarto quando o sargento Meier me alcançou.

– Ah! *Fräulein* Hoff.

– Bom dia, sargento Meier, como está?

O meu divertimento ao longo das últimas semanas tinha sido mostrar-me o mais simpática e delicada possível para com o odioso homem que tinha de suportar... e a minha recompensa era vê-lo ficar suado e pouco à vontade.

– Estou muito bem, *Fräulein*. Tenho novidades para si.

– Sim? A minha família? – precipitei-me a adivinhar.

– Ainda não, mas espero que em breve. Foi decidido que pode escrever algumas cartas, à sua família, se desejar. Ou aos seus amigos.

– Oh! – disse eu. – Isso é uma surpresa. Pensava que o meu trabalho aqui não era para ser conhecido – acrescentei com um sorriso inocente.

– Não haverá qualquer referência ao seu trabalho, claro – precisou ele, com a testa a brilhar. – Dirá apenas que está bem. Pode falar do tempo, ou de como a guerra está a correr bem, mas sem pormenores. Todas as cartas serão, claro, revistas por mim.

– Não esperava menos, sargento Meier. Quantas cartas estou autorizada a escrever e que poderei usar para as escrever?

O sargento Meier já tinha deixado muito claro que o pequeno bloco-notas e as poucas folhas de papel soltas que me tinham dado só podiam ser utilizados para os meus relatórios clínicos sobre *Fräulein* Braun. Era proibido manter um diário.

– Não mais do que duas por semana, e encarregar-me-ei de que tenha papel e sobrescritos suficientes – disse ele, uma pequena gota de suor a descer-lhe por uma das sobrelanceiras. – Se deixar as cartas na minha secretária, certificar-me-ei de que são enviadas e que as respostas lhe são entregues. E espero ter o seu relatório mensal na minha secretária em breve... O capitão Stenz virá recolher a sua cópia.

Fiz quase a correr todo o trajecto até ao meu quarto, fechei a porta e abracei-me, com um largo sorriso que se transformou numa gargalhada. Uma carta! A perspectiva de receber em troca algumas notícias era tão excitante! Foi então que me apercebi de como me tinha sentido isolada nas últimas semanas, sem amigas com quem trocar confidências e sem qualquer contacto físico. Era evidente que tinha sido Eva Braun a fonte daquela mudança, como um genuíno gesto de amizade, por pena ou como uma maneira de garantir a minha devoção. A verdade era que não queria saber. Não era demasiado orgulhosa para aceitar a ajuda dela se isso significasse poder saber que a minha família estava viva. E se estavam mortos queria saber, de verdade. Para pôr fim à esperança, ao interminável vazio da ignorância.



O papel e os sobrescritos chegaram ao meu quarto nessa mesma tarde – folhas de um papel espesso e granuloso, todas encimadas pela águia do Terceiro Reich. Sentei-me para escrever aos meus pais, uma carta para cada, uma vez que quase de certeza não estavam juntos, e talvez até estivessem em campos diferentes. Mas que dizer? Como descrever

o meu estado de espírito – aquele constante fio de ansiedade cuja vibração nos arranca ao sono às três da madrugada e nos deixa a olhar para o tecto horas a fio, a perguntarmo-nos que diabo estamos a fazer e como conseguiremos sobreviver? Como transmitir significado numa mensagem em que até as palavras têm grades?

Concentrei-me em tornar positivo o tom das minhas novidades, dizendo que pelo menos estava livre de perigo... de momento. Quando as nossas vidas em Berlim se tinham tornado cada vez mais precárias, eu e o meu pai tínhamos criado uma espécie de código entre os dois, baseado em duas palavras; qualquer referência a «sol» significava que estávamos bem, em termos relativos, mas «nuvens» cinzentas ou «horizonte plano» indicavam o oposto.

Escrevi que estava de boa saúde, a comer bem – o que era muito verdade, na altura – e que a luz do Sol me fazia sentir animada. «O horizonte é por vezes muito brilhante, papá», divaguei, desesperada por transmitir qualquer coisa que ele conseguisse interpretar como ainda não completamente a salvo mas não em perigo iminente. O resto foi tapado com: «Espero que o papá e a mamã estejam bem, e penso em vocês e no Franz e na Ilse todos os dias.» Se a mente do meu pai continuasse tão aguçada como antes, conseguiria arranjar maneira de ler nas entrelinhas. E eu tinha de confiar na fé dele em mim para saber que, não obstante o papel timbrado, não me tornara uma fervorosa nazi. Não tinha virado a casaca.



Estava embrulhada numa manta no meu alpendre, a lutar contra a luz moribunda, quando ouvi passos. Absorta no romance, não ergui o olhar.

– Goethe? Estou impressionado.

– Capitão Stenz – cumprimentei. – Precisa de falar comigo? Quer que vá à casa principal?

– Não, não – disse ele, tirando o quépi –, não quero incomodá-la. Mas gostaria que tivéssemos uma rápida conversa. Posso?

Apontava para a segunda cadeira. O seu tom sugeria que não ia dar-me uma reprimenda e os seus modos pareceram descontraídos quando se sentou.

– Com certeza.

Estava grata pela companhia e sim, estava inclusive satisfeita por vê-lo. Seria apenas porque não era o sargento Meier? O capitão usava o mesmo uniforme, e no entanto a minha reacção ao homem que o vestia era diferente.

Sentou-se e voltou os olhos semicerrados para o Sol que se escondia atrás das montanhas toucadas de neve à nossa direita. Vi-lhe os olhos brilhar durante uns poucos segundos, e depois ouvi um suspiro escapar-se-lhe por entre os lábios antes que o som o arrancasse ao momentâneo devaneio.

– Então, como tem passado? Está a ser bem tratada? Tem tudo o que necessita?

– Sim, estou a ser bem tratada – garanti-lhe –, e sim, tenho tudo o que necessito para fazer o meu trabalho.

Vi-o captar a intenção das minhas palavras.

– *Fräulein* Braun diz que está muito satisfeita com a solução encontrada e que se sente bem, de modo que podemos estar gratos por isso.

– Sim – disse eu. – Está de boa saúde. Na realidade, sinto-me desocupada. Não é o que estou habituada a fazer.

Ambos tínhamos consciência de estar a trocar amenidades que diziam muito pouco.

– Eu não estaria muito preocupado com isso – disse ele, a sorrir. – O seu valor manifestar-se-á em fases posteriores, não tenho a mínima dúvida. É um trabalho importante.

Voltou mais uma vez o olhar para o horizonte. O Sol descia apressado por trás dos cumes, branco contra o fulgor alaranjado do céu. Folheei as páginas do meu livro, a olhar para os seus cabelos louros cortados curtos na nuca por cima da gola preta do uniforme, mas que talvez se transformassem em caracóis se os deixasse crescer. Do pescoço para cima parecia um rapaz do campo, não um homem que carregava poder nos fios do seu uniforme verde-aço.

Perguntei-me por que não se levantava ele e ia embora, uma vez que era evidente que não tinha nada para dizer. Fui eu quem quebrou o silêncio, impedindo a sua súbita partida.

– Capitão Stenz, posso perguntar-lhe uma coisa?

Ele voltou a cabeça, a parecer um tudo-nada alarmado.

– Pode perguntar, embora eu não possa prometer que responderei.

De repente, era de novo um SS.

– Bem, compreendo que o segredo é uma questão de segurança para *Fräulein* Braun, tendo em conta o que acredito que será a linhagem – ele lançou-me um olhar, mas não me contradisse –, e no entanto, exceptuando um pequeno grupo de pessoas, ninguém sabe deste bebé. O Terceiro Reich acredita em famílias, em grandes famílias. E eu trabalhei num Lebensborn... antes de tudo isto. Sei que as mães solteiras são toleradas quando se trata de ajudar... a causa. – As palavras prenderam-se-me na garganta. – É por isso que não compreendo esta encenação de falsa ignorância. Este bebé vai nascer, e isso será difícil de esconder. Não deveriam os dois ser felizes como casal? Não seria bom para o moral se o país soubesse?

Ele inspirou fundo e entrelaçou os dedos enluvados.

– É complicado, *Fräulein* Hoff, e eu não pretendo ser um especialista em relações públicas... temos um departamento para isso. – Fez um sorriso resignado. – Atribui-me demasiada importância... sou apenas um operador e um mensageiro, nada mais.

– Em que área é então especialista?

– Desculpe?

– Quero dizer, o que fazia antes da guerra?

Tinha enfim entabulado uma conversa em que não me sentia submissa ou em perigo.

– Era estudante de Architectura. Tive de desistir dos estudos.

– Teve?

– Era o esperado – disse ele.

- E vai voltar a eles? Depois, quero dizer?
- Isso depende.
- Do quê?
- De conseguir sobreviver à guerra – respondeu ele, deixando cair o sorriso. – E de ainda haver um mundo para reconstruir. – Pôs-se de pé, quase receoso de ter baixado a guarda. – Tenho de ir. Pode entregar-me os seus relatórios, *Fräulein* Hoff?
- Com certeza – disse, e entrei no quarto para os ir buscar.
- Adeus, até à próxima.

Bateu os calcanhares, à beira de fazer-me uma continência, que substituiu no último instante por um aceno de cabeça, embora os seus olhos estivessem fixos nos meus. Vi a sua comprida sombra afastar-se em direcção à casa, e de repente senti-me muito sozinha.

Capítulo 10

Visitas

Os dias que se seguiram assistiram a uma dramática alteração da tranquilidade da Berghof. Ao pequeno-almoço na manhã seguinte havia uma tensão palpável, e a cozinha estava inusitadamente ruidosa e azafamada, com o porteiro a descarregar uma grande encomenda vinda da cidade. *Frau* Grunders bebeu o seu chá do pequeno-almoço em longos sorvos e saiu à pressa e a ladrar ordens às criadas que encontrava pelo caminho. Ouvi-as resmungar: «Mais trabalho do que nos pagam para fazer, só para o prazer de sua majestade», mas sem por isso deixarem de atarefar-se.

Perguntei-me o que poderia estar a acontecer e uma dor que me provocou náuseas revolveu-me as entranhas. Ao longo das últimas semanas, quase não tinha pensado no dono da casa como uma entidade real – a guerra parecia tão distante, e ele estava fora da vista, fora do pensamento. E isso era bom para mim. Não queria pensar em chegar a um contacto real, no que diria ou faria, ou como me comportaria. Uma dissidência evidente seria estúpida, senão mesmo letal, e no entanto qualquer coisa menos do que isso far-me-ia sentir uma traidora – à minha família e aos nossos amigos de antes da guerra, a todas as mulheres que sofriam, a todas as crianças cujas datas de nascimento e morte caíam no mesmo dia.

A excitação da casa reflectia-se em *Fräulein* Braun. Estava agitada, entusiasmada e caprichosa como nunca a tinha visto – foi evidente que tinha estado a passar em revista o guarda-roupa antes de eu chegar, e estava a tentar arranjar o cabelo num estilo mais natural, a comportar-se como uma criança incapaz de conter a excitação. Queria que eu verificasse o ritmo cardíaco do bebé, mas desejosa de adiar mais exames.

– Sinto-me óptima... não podemos fazer isso amanhã? – perguntou.

Tentei sorrir, como se compreendesse a ânsia de estar com o amado, mas o meu sentimento era egoísta; quanto menos tempo passasse na casa principal melhor para mim. Quando ia a sair, *Frau* Grunders deteve-me para sugerir que na semana seguinte comesse as refeições no meu quarto «porque vamos estar todos muito ocupados». Para mim, foi uma prova de que a convivência a respeito do bebé de Eva era completa. Exceptuando Eva, toda a Berghof estava num estado de negação no que respeitava à gravidez. O que acharia

Herr Hitler, perguntei-me, de ser pai de um ser humano além de toda uma nação? Só podia assumir que não estava tão entusiasmado como a mãe do bebê. E que significava isso para o futuro da criança e o de Eva?



Chegou no fim dessa tarde, o barulho gutural dos motores a atrair-me para o alpendre. Um caminhão militar encabeçava a caravana de carros que subia o caminho de acesso, a cuspir saibro com os pneus. O caminhão transportava soldados do exército regular, que se espalharam à volta do perímetro do complexo, as armas prontas a disparar. Os primeiros carros despejaram um grupo de oficiais uniformizados de verde, seguido por oficiais das SS com o característico uniforme cor de ardósia e as brilhantes botas pretas que reflectiam o clarão do poente. Foi o quinto ou sexto carro a deter-se com o motor a trabalhar enquanto os oficiais formavam um semicírculo à volta dele. A aglomeração impediu-me de vê-lo apear-se, mas percebi pela onda de deferência que tinha saído do carro. Não distingui a cabeça loura do capitão Stenz entre eles, e uma parte de mim ficou satisfeita por não o ver fazer vénias e a humilhar-se. Tinha o estômago às voltas, a boca vazia de saliva e queria desviar os olhos, mas por qualquer razão não conseguia. Era difícil assimilar o facto de a poucas centenas de metros de distância estar um homem que tinha uma tão grande parte do mundo na palma da mão e cujos dedos podiam fechar-se e esmagá-lo, movidos por um capricho. Não só a mim e à minha família mas a quem ele quisesse, em qualquer lugar. Não pela primeira vez, tive pena de Eva Braun, pelo seu amor e fé cegos.

Ela estava, por esta altura, no alto do pequeno lanço de degraus que conduzia ao alpendre. Com os cabelos soltos e quase sem maquilhagem, usava um tradicional vestido azul cingido abaixo do busto, o que tinha o efeito de disfarçar o arredondado da barriga. Contra o que era costume, *Negus* e *Stasi* não estavam deitados a seus pés, mas ela já me tinha dito que os *terriers* não se davam bem com *Blondi*, o adorado pastor-alemão do *Führer*; a posição e tamanho de *Blondi* tinham precedência na Berghof. A expressão de expectativa no rosto de Eva, de uma criança ansiosa por agradecer, era quase patética.

Ele subiu devagar os degraus e deu-lhe um beijo amistoso da face; de modo nenhum o beijo apaixonado de dois amantes desejosos de ficar a sós. Entraram juntos, e o séquito uniformizado seguiu-os – vi as faces cavadas de *Herr* Goebbels no grupo – enquanto os soldados cercavam a casa. A fortaleza estava completa.

Pela primeira vez desde a minha chegada à Berghof, senti um impulso desesperado de fugir o mais depressa que as minhas pernas me levassem para longe daquele infectado oásis. A sensação de mal-estar que estivera a arder como brasas no fundo do meu estômago fora atizada e tornara-se um inferno rugidor e eu queria muito fugir dali, mesmo que isso significasse uma vida de perigo incerto. Mas não fugi. O medo das represálias manteve-me ali sentada, amarrada à cadeira, a fazer o que me mandavam. E, não pela primeira vez, odiei-me por isso.

Depois de jantar no meu quarto, continuei no alpendre até tarde, primeiro a ler, depois só a ver a luz do dia morrer. Em contrapartida, as luzes da casa tornaram-se mais

brilhantes, e sons de risos masculinos ecoaram no ar da montanha. Lá em baixo, por todo o mundo, milhares – milhões – de homens choravam, gritavam e morriam, e tudo o que eu ouvia era divertimento. Fui para a cama e tapei a cabeça com a almofada, desesperada por deixar de fora tudo o que estava errado nesta arena louca chamada vida.

Capítulo 11

A primeira-dama

Na manhã seguinte, Eva mandou-me recado para me encontrar com ela às onze no terraço, e eu senti uma onda de alívio por talvez não ter de entrar na casa; Hitler presidia a uma importante conferência de guerra e durante algum tempo a Berghof estaria cheia de homens de verde.

O dia estava magnífico, com um Sol glorioso a subir no céu enquanto eu contornava a casa. O seu brilho ofuscava uma grande parte do verde que se ia tornando cada vez mais intenso lá em baixo, e só o azul-cobalto de alguns lagos transparecia. Felizmente, o terraço estava quase deserto, exceptuando Eva, sentada debaixo de um grande chapéu-de-sol, a bebericar chá. Em frente dela, com uma coroa de cabelos louros visível, estava outra mulher. Assumi que era a irmã, Gretl, que tinha vindo à Berghof com o noivo. Pareciam embrenhadas em profunda conversa quando me aproximei.

– Bom dia, *Fräulein* Braun – arrisquei.

– Ah, *Fräulein* Hoff, bom dia – disse ela. – Obrigada por adiar o nosso encontro. Já conhece *Frau* – quando contornei a cabeça, vi que era a cabeça de Magda Goebbels, o penteado louro impecável, muito pouco maquilhada com excepção do habitual *bâton* nos lábios.

– Sim. Sim, *Frau* Goebbels e eu já nos encontramos.

Tinha sido apanhada de surpresa, e notava-se.

– Sente-se, por favor, *Fräulein* Hoff – disse *Frau* Goebbels, assumindo de imediato o controlo com toda a naturalidade. – Queremos... quero... pedir-lhe um favor.

Sorri, ainda divertida pelo facto de eles conseguirem pensar em qualquer coisa como um favor, como se um pedido significasse que eu tinha o direito de recusar.

– Em primeiro lugar, quero agradecer-lhe o modo como tem cuidado de *Fräulein* Braun até agora... ela elogia muito as suas competências.

Aspirou um longo hausto de fumo do cigarro que tinha na mão. Eva limitou-se a parecer embaraçada, como se fosse uma criança de quem estivessem a falar, ao passo que eu me senti uma espécie de escrava predilecta – era uma habilidade que *Frau* Goebbels tinha aperfeiçoado. Os olhos dela encontravam os de uma pessoa por uma fracção de segundo,

mas depois desviavam-se com a mesma rapidez, dando a impressão de que a pessoa em causa era digna da sua atenção, mas não de retê-la. Continuou:

– Mas uma vez que *Fräulein* Braun está de tão boa saúde, e não precisa dos seus serviços todos os dias, pergunto-me se poderíamos pedi-la emprestada por pouco tempo?

Que devia dizer? «Deixe-me pensar nisso»? Disse o que elas queriam ouvir.

– Se *Fräulein* Braun está de acordo, irei para onde for mais útil.

Dessa vez *Frau* Goebbels sorriu, enquanto esmagava o cigarro. Voltou a sua atenção para mim, como se estivesse a dar ordens.

– Uma prima minha está a preparar-se para ter o seu bebé. Já chegou ao prazo e até o ultrapassou, mas está a ser... bem... com toda a franqueza, penso que está a fazer birra, a recusar sair de casa para ir para o hospital. No entanto, não sou mãe dela, e a única influência que posso ter é oferecer a ajuda que estiver ao meu alcance.

Achei estranho ela ter-se lembrado de mim, mas também me irritava ser tratada como uma criada. Algures no fundo de mim, uma pequena chispa de coragem nasceu do ressentimento.

– *Frau* Goebbels, com todo o devido respeito, fico sempre feliz por ajudar qualquer mulher, mas não sou o género de parteira capaz de forçar seja quem for a um tratamento que não queira ou de que não necessite.

Os olhos muito abertos dela enfrentaram os meus, fixos e duros.

– Não, claro que não – aquiesceu. – Só queríamos uma parteira experiente para cuidar dela em casa. Penso que por uma semana, no máximo. Parece-te razoável, Eva?

Voltou-se para a anfitriã. Era óbvio que aquilo não fora sancionado pelo *Reich* e era um favor da parte de Eva.

– Claro, nenhum problema – disse ela, a assentir como um cachorrinho obediente.

A casa ficava a uma hora de distância e eu teria de partir cedo na manhã seguinte. Ali de pé, calculei que o meu valor actual para *Frau* Goebbels me dava um pouco de poder de negociação.

– Preciso de alguém comigo para me ajudar no parto – disse. – Alguém em quem possa confiar.

– Tenho a certeza de que há-de haver uma criada de confiança disposta a fazê-lo – disse *Frau* Goebbels num tom depreciativo, e desviou o olhar.

– Gostaria que a Christa fosse comigo – disse eu, com convicção. – É muito expedita e sinto que não entrará em pânico.

– A Christa? A *minha* Christa? Mas mal a conhece – argumentou *Frau* Goebbels.

– Mas confio em que me ajudará quando lho pedir.

Talvez por estar demasiado entediada para uma potencial confrontação, Magda Goebbels acedeu ao meu pedido – libertaria Christa. Talvez não o visse como uma concessão, como um pequeno triunfo da minha parte, mas eu sim. Voltei ao meu quarto, aliviada por poder sair daquela casa de jogos de guerra, e por ir encontrar de novo a única pessoa num raio de quilómetros a quem poderia um dia chamar amiga. Ou, quem sabia, uma aliada.

Combinei encontrar-me com *Fräulein* Braun mais tarde para fazer um exame pré-natal, uma vez que podia estar uma semana sem a ver. Uma parte de mim queria também avaliar-lhe o estado de espírito naqueles tempos estranhos e perturbadores – não tínhamos trocado mais do que algumas palavras desde que o *Führer* chegara à Berghof. Na casa houvera murmúrios abafados a respeito das palavras duras vindas do apartamento do *Führer* – dele e de Eva. Eu fingia-me absorta, mas os meus ouvidos estavam focados na tagarelice das criadas sobre choros e súplicas no quarto de Eva.

– Deus me perdoe, mas o que ele lhe chamou foi cruel – disse uma das criadas. – Não queria estar no lugar dela, nem mesmo sendo a senhora desta casa.

Os pormenores perderam-se quando elas se voltaram e afastaram, mas o significado era claro. Na sua guerra doméstica, o bebé de Eva tinha-a tornado mais fraca em vez de mais forte.

Nessa tarde, a porta do quarto de Eva estava aberta de par em par e ela sentada diante do toucador, a fazer caretas ao seu reflexo. Tinha um ar cansado, grandes manchas escuras por baixo dos olhos e a sua pele, regra geral clara e vibrante, parecia seca e áspera. Não admirava que desaprovasse o que via.

– Se não se importa que lho diga, *Fräulein* Braun, parece cansada. O bebé tem-não mantido acordada?

– Um pouco – disse ela. – Uma tia minha costumava dizer que os bebés despertam à noite, e este parece não ser excepção. É verdade?

– Sim, durante muito tempo não têm o conceito da noite e do dia. Talvez quando fica quieta o bebé se lembre de que precisa de mexer-se. Tem conseguido fazer uma sesta durante o dia?

– Agora não, quando... – hesitou, a escolher as palavras – ... agora que há tanta azáfama na casa.

Ainda não tínhamos conseguido passar para lá do espectro de Adolf Hitler. Era claro que tinham uma relação muito íntima – ela era a única mulher que podia fazer praticamente o que quisesse na Berghof, além de Magda Goebbels – e o ciúme mal disfarçado de *Frau* Goebbels bastava para assinalar o *affaire* entre Eva e Adolf. Ela estava grávida, e no entanto não podia reconhecer em voz alta que era ele o pai. Pelo que tinha visto, a hierarquia SS quase não lhe reconhecia valor, e apesar disso ela parecia colada ao lugar que era uma criação dele, que continha um pedaço do seu coração. Sempre supondo que ele tinha um coração.

Cumprimos o ritual do exame e eu escutei o rápido rufar do coração do bebé. Foi então que o rosto de Eva se suavizou e se tornou outra vez o rosto de uma rapariguinha. Tive consciência do meu rosto a contrair-se numa máscara de concentração quando comeci, mas senti-o relaxar à medida que os sons me encheram o ouvido, e também a cara dela se abriu de alegria quando fiz sinal de que estava tudo bem.

– Não estarei muito longe, e se o bebé não tiver chegado dentro de uma semana, requisitarei um condutor para me trazer até cá, pelo menos para um exame – disse-lhe.

– Obrigada – respondeu ela, com genuína gratidão. – É muita gentileza sua ter essa preocupação. Mas eu fico bem.

A verdade era que tinha pena dela – parecia tão só. Nem a irmã, Gretl, aparecera para aquela cimeira de guerra na montanha. A reacção que este sentimento despertava em mim não era fácil de analisar. Eva Braun dormira com Adolf Hitler de livre vontade. Parecia amá-lo. Quanta compaixão merecia... e até que ponto estava a fazer uma cama perigosa para se deitar? No meio de tudo isto havia um bebé, uma nova vida que era, por enquanto, vazia de pecado.

Berlim, Fevereiro de 1942

A panela ainda estava quente do forno da mamã quando a apertei contra o peito e avancei para o posto de controlo. Um soldado de ar aborrecido estava parado a meio da Friedrichstrasse e mexeu os pés quando me aproximei. Num esforço para parecer intimidante, mexeu no coldre da pistola e endireitou os ombros. Tinha vinte e um anos, no máximo vinte e dois. O menino de alguma mamã.

– Boa noite – disse eu, com um sorriso rasgado.

– Noite, Fräulein. Sabe que está a aproximar-se da secção judaica?

Lançou um rápido olhar ao braço do meu casaco, não fosse dar-se o caso de não ter visto uma estrela amarela cosida na manga.

Sem os cabelos louros, as feições arianas e a pesada constituição típicas de algumas mulheres alemãs, era verdade que o meu aspecto podia ser ambíguo e por vezes suscitava suspeitas. Eu achava estranho o facto de as reacções das pessoas ficarem suspensas ou serem influenciadas por aquilo que pensavam ser o meu lugar. Era eu; era Anke – a mesma pessoa diante delas. É triste dizer que na guerra havia pouco espaço para adivinhar; os judeus, não menos orgulhosos da sua religião, eram obrigados a ostentá-la ao mundo, e a estrela amarela cosida na roupa não era um talismã de sorte ou orgulho, mas um cacete com que lhes bater.

– Vou visitar a minha tia – disse, e mostrei-lhe o meu cartão do hospital.

– Ainda não se mudou? – perguntou o soldado. – Há muitos apartamentos no lado oeste, de onde os judeus saíram. A sua tia podia arranjar uma casa lá, muito luxuosa, segundo me disseram.

– Ela é velha e, bem, sabe como são os velhos. – Ri. – É muito teimosa e não se deixa convencer, e o menos que posso fazer é visitá-la e levar-lhe o jantar.

– Parece ser tão teimosa como a minha avó. E o que está no saco?

Apontou com a coronha da espingarda para a grande sacola que eu levava ao ombro.

– Oh! – disse eu, como se me tivesse esquecido da sacola. – Uma das úlceras das pernas dela piorou e, como enfermeira da família, cabe-me a mim resolver o problema.

A cara dele franziu-se. Era uma certeza que qualquer referência a úlceras detinha uma revista mais cuidadosa. O rapaz olhou por um instante para a sacola, como se o conteúdo pudesse estar a supurar, e mandou-me seguir.

– Uma boa noite para si – trinei eu por cima do ombro.

– Boa noite, Fräulein. Não se esqueça do recolher obrigatório.

Senti os olhos dos guardas postos em mim enquanto me afastava e entrava no bairro desconhecido, e depois as gargalhadas quando a sua atenção foi desviada para outra coisa qualquer. O alívio fez-me estremecer.



Na cidade, não havia um gueto oficial assim designado, mas as famílias judaicas tinham sido obrigadas a abandonar as suas casas e lojas no lado oeste logo no princípio da guerra e empurradas para um pequeno enclave no canto nordeste, uma zona assinalada pelas ruínas das sinagogas incendiadas durante a Kristallnacht. Graças a um enorme êxodo voluntário de famílias judaicas desde que os nazis tinham começado a apertar a sua tenaz de ferro, a população judaica de Berlim não era tão grande como em algumas outras cidades alemãs. Os dotados da capacidade de prever o que aí vinha tinham fugido do país para escapar à perseguição. Outros tinham saído de Berlim depois dos incêndios da Kristallnacht, mas continuavam ao alcance da rede.

Nos últimos meses tínhamos ouvido falar de grandes transportes de judeus de Berlim enviados para guetos recém-criados do outro lado da fronteira, na Polónia, murados e isolados, onde o excesso de população e a doença andavam lado a lado. Não era do conhecimento geral, mas aqueles que tinham contactos no mercado negro ou recebiam cartas espalhavam os sombrios pormenores. No espaço de poucos anos, a refulgente estrela amarela perdera o brilho e o arco-íris de culturas de Berlim reduzira-se a um baço espectro.

Subi a Kaiser Wilhelm Strasse com toda a confiança que fui capaz de reunir – na esperança de que não surgissem quaisquer uniformes ou homens desconhecidos que pudessem ser da Gestapo – e virei à esquerda em direcção ao centro do bairro judeu. O único olho de Minna apareceu na fresta da porta.

– Sou eu, a Anke – sussurrei.

Ela abriu e deixou-me entrar. Pegou na panela e subiu à minha frente ao primeiro piso, onde a nossa clínica esperava.

Como nos últimos meses, a divisão era uma mistura de velhos e novos, de doentes e dos que estavam só demasiado cansados, que tinham perdido o direito de beneficiar da Assistência Social alemã e eram obrigados a espremer-se num espaço já sobrelotado para conseguir alguma ajuda. Sempre eficiente, Minna já tinha organizado a fila, colocando à frente os casos mais prementes. Como auxiliar de enfermagem até ao momento em que as suas competências tinham de repente deixado de ser necessárias para o Reich, era uma organizadora extraordinária. A panela foi de imediato colocada em cima da mesa da cozinha improvisada, onde o guisado seria distribuído pelas crianças mais famintas.

Despejei a sacola e comecei a preparar o posto de trabalho. Tinha uma bacia com água

limpa à minha espera, além de uma minúscula barra de sabão e uma toalha; nunca deixava de espantar-me o facto de, no meio daquela sobrelocação e potencial para sujidade, as toalhas estarem sempre impecáveis. Uma panela de água estava já a ferver as tesouras e instrumentos de que podíamos precisar para a variedade de maleitas daquela noite, com a mãe de Minna ao leme.

Eu tinha levado nos bolsos do uniforme, que graças a Deus eram fundos, o que conseguira surripiar no hospital. Todos os dias durante o último ano tinha tido o cuidado de não os encher demasiado, de tirar apenas um item de cada coisa, para que o armário do depósito nunca parecesse ter sido assaltado: pensos esterilizados, cremes anti-sépticos, agulhas e fio cirúrgico, ligaduras e todos os medicamentos que não estivessem trancados no armário oficial. Era furtiva nos meus roubos.

Pensava alguma vez que estava a roubar? Nunca. O Reich tinha abandonado a sua gente, famílias que tinham trabalhado com empenho toda a vida, pago os seus impostos e mereciam mais do que aquela miserável traição. Seria o despedimento imediato – e pior – se alguma vez fosse apanhada, mas a minha bússola moral nunca vacilou. Além disso, o folclore histórico estava cheio de exemplos de outros que tinham querido redistribuir riqueza. Eu era apenas um nome numa longa lista e, suspeitava, apenas um de muitos também naquela guerra.

Sem perda de tempo, Minna guiou o primeiro doente até uma das duas cadeiras, e fomos avançando pela lista de mais de vinte «clientes». Eu ocupava-me das feridas que precisavam de ser cosidas enquanto Minna cuidava de fazer os pensos, a poupar nas ligaduras para as fazer durar mais. Pouco falávamos uma com a outra, a trabalhar com denodo. Havia sempre uma ou duas mordidas de cão para desinfectar e coser, sobretudo em jovens que tinham arriscado um assalto nocturno a um armazém e escapado por pouco aos cães, senão mesmo aos guardas. No Inverno, com o solo duro e gelado, eram obrigados a saltar os muros de fábricas e depósitos e correr para salvar a vida.

O resto era infecções respiratórias, sobretudo em crianças, os pequenos peitos orgulhosamente erguidos enquanto eu auscultava o sibilar dos pulmões, uma fina membrana de pele entre o mundo e os frágeis esqueletos. Minna triturava os preciosos comprimidos de antibiótico num pó fino, que misturava com água, e nós dávamos-lhos à colher como se fossem crias de ave num ninho – uma ou duas, dependendo da profundidade do rouquejar das suas respirações.

No fim vieram os velhos e os doentes, alguns dos quais podíamos tratar, outros que só precisavam de um lugar onde ir e um ouvido amistososo. Eu e Minna distribuíamos grandes quantidades de simpatia e empatia, examinando feridas nos pés e misteriosos hematomas, acenávamos juntas e declarávamo-los em condições de ir para casa. Não havia outra alternativa, mas o facto de tirar tempo para olhar era muitas vezes remédio suficiente.

No fim, a mãe de Minna estava pronta com uma chávena de chá acabado de fazer. Nunca a vi sem uma chaleira na mão, pequenas gotas de transpiração por cima das espessas sobrancelhas e um sorriso amigável não obstante a triste reviravolta que a sua vida tinha levado, o marido perdido na violência da Kristallnacht.

– Tens tempo para ver a Nadia? – perguntou Minna. – Está a poucas semanas do termo.

Não tenho a certeza se o bebé já deu a volta.

Olhei para o relógio.

– Se nos apressarmos. O recolher obrigatório é rigoroso, e se me apanharem o meu nome irá para a lista.



Entregou-me um casaco da irmã, com a estrela amarela já cosida na manga. Caminhámos no escuro até uma casa situada a duas ruas de distância. Minna não parecia afectada pela delenda, mas eu sentia aquele amarelo vibrar como um farol no meu braço, cheio de significado e a profunda injustiça dos meus compatriotas. Não eram as estrelas supostas brilhar? Aquela, parecia, só podia levar à escuridão.

Nadia estava no segundo piso, no canto mais afastado de um pequeno quarto e a enxerga isolada por uma cortina feita com uma velha colcha de cama. Era uma coisa que se aproximava do luxo, dado que só uma família ocupava aquele quarto, e ela partilhava-o com a mãe, o pai e dois irmãos mais novos. Nadia não dizia uma palavra a respeito do pai do bebé, mas as suspeitas da família inclinavam-se para um soldado alemão, um convencido de que a sua suposta superioridade lhe dava o direito de invadir a inocência dela. Só o amor da família lhe permitia vencer a vergonha e a raiva em igual medida.

Sentou-se na cama quando passei por baixo da cortina, satisfeita por me ver. O esforço fez-lhe ondular o ventre, o que lhe provocou uma gargalhada e ao mesmo tempo uma careta.

– O bebé continua a fazer ginástica? – perguntei.

– Nunca pára. Espero que seja cheio de vida... mas talvez não tão activo quando sair cá para fora!

Estava animada mas pálida; quase de certeza anémica. Entreguei à mãe alguns comprimidos de ferro e disse-lhe que os fizesse durar pelo menos uma semana, com toda a sopa de urtigas que conseguissem arranjar.

– Então, vamos ver como está o bebé?

Inclinei a cabeça para ouvir o bater do coração, consciente de que sob os meus dedos a cabeça do bebé continuava aninhada abaixo das costelas de Nadia e não no fundo da pélvis. Nas últimas quatro semanas não tinha dado mostras de querer dar a volta.

– O coração bate que é uma beleza – disse eu, com um grande sorriso.

Ela sorriu também, encantada por estar a criar um bebé tão maravilhoso. Com a pressão arterial e a análise de urina de Nadia normais, disse que voltaria na semana seguinte, uma vez que tínhamos calculado a data algures nas próximas três semanas.

– A posição vai ser um problema? – perguntou Minna enquanto descíamos a escada.

– É difícil dizer – respondi. – Não parece ser um bebé muito grande, e muitos deles nascem com apresentação pélvica, mas isso torna sempre tudo mais difícil. Ou saem com facilidade, ou há um problema que depressa se transforma numa emergência. Não há meio termo quando um bebé nasce em posição invertida.

– Sabes que ela não irá para o hospital? – disse Minna.

Já o receava. O Hospital Judaico era agora o único centro de saúde aberto aos judeus, mas

era também um ponto de recolha para o primeiro transporte que saísse a caminho dos guetos fora de Berlim. A palavra – e uma profunda preocupação – já circulava.

– O tio foi no primeiro transporte que saiu daqui – acrescentou ela, com os olhos brilhantes de fúria.

– Eu sei. E não posso censurá-la. Mas mesmo assim seria melhor se estivesse um pouco mais perto do hospital. Podes falar com ela?

– Vou tentar.

Consegui cumprir o recolher obrigatório mesmo à justa, e encontrei os mesmos rapazes no posto de sentinela.

– Então, a sua tia gostou do guisado?

– Adora aquele falso peixe. – Ri, a ornamentar a mentira. – Dir-se-ia que é um peixe gourmet, pela maneira como o devora.

– Bem, há gostos para tudo – brincou um deles. – Boa noite, Fräulein.

Afastei-me, não a preguiçar, mas também não demasiado apressada, a sentir os olhos deles nas minhas costas, a sopesar a pergunta enquanto batiam com os pés para afastar o frio.

– Tu eras capaz? – diria um deles.

– Não, demasiado morena para o meu gosto, demasiado parecida com uma judia.

– Sim, és capaz de ter razão. Tens um cigarro?

Capítulo 12

Emprego

Parti de manhã cedo, quando os raios do Sol começavam a trepar a montanha. O sempre eficiente sargento Meier encarregar-se-ia sem dúvida de avisar *Frau Grunders* de que eu não tinha fugido. O motorista da Berghof, Daniel, estava à espera, e quando entrei no carro o *sedan* preto do capitão Stenz deteve-se e ele apeou-se. Ao ver-me, fez um ar espantado.

– Vai a algum lugar, *Fräulein Hoff*?

Inclinou-se para espreitar pela janela aberta. Com Daniel a meu lado, o seu tom não foi de confrontação, só curioso. E talvez com uma pequena nota de pena?

– Hum, sim, vou ajudar uma parente de *Frau Goebbels*. *Fräulein Braun* autorizou.

– Não duvido – disse ele, com um sorriso torcido. – Conduz com cuidado, Daniel... precisamos de *Fräulein Hoff* de volta sã e salva.

Retirou os compridos dedos da porta do carro, deixando-os a pairar algures à altura dos bolsos. Quando nos afastámos olhei para trás. Uma das mãos do capitão agitou-se e subiu um pouco num meio aceno de despedida. Não pude impedir-me de ficar perplexa... e no entanto encurvei os lábios num sorriso.

Passados os portões, senti um peso físico ser-me levantado da cabeça, como se a tivesse tido presa num torno durante semanas seguidas. Até àquele momento, não me tinha apercebido do nível de opressão; apesar de toda a sua beleza e isolamento, a Berghof era uma prisão eficaz, e não só para mim.

Descemos a uma velocidade regular a estrada em espiral e Daniel começou a falar. Era um homem de meia-idade, amável e ao que parecia contente e grato pela estabilidade que lhe fora concedida naquele tempo de horrores. O filho estava na Wehrmacht e ele sugeriu em palavras discretas as cicatrizes que a guerra tinha infligido. Perguntei-me até que ponto aquele mundo irreal da montanha podia mascarar o que estava a acontecer, apesar de no último mês, ou perto disso, eu ter estado tão alheada da verdade como todos os outros. Atravessámos Berchtesgaden e eu olhei para as lojas com olhos cobiçosos. Tinham passado pelo menos dois anos desde a última vez que entrara numa *boutique*, comprara mercearias ou até usara dinheiro, já agora. A simples possibilidade de me sentar num café e ver o mundo passar parecia-me um luxo inatingível.

Chegámos ao abastado bairro da classe média da cidade, confortavelmente instalada atrás de altas barreiras de teixo e pinheiro. Christa estava à espera quando entrámos no caminho de acesso dos Goebbels, e fiquei aliviada ao saber que não seria necessária uma entrevista com a dona da casa. Christa saltou para dentro do carro, entusiasmada, e saímos dali.

– Christa! – exclamei, e abracei-a como uma amiga que não visse há muito tempo.

– *Fräulein Hoff*, parece estar bem. – Sorriu. – Estou tão contente por voltar a vê-la. E não há dúvida de que estão a tratar bem de si.

Recostou-se no banco a avaliar a minha forma, que enchera bastante desde a última vez que a tinha visto. Não tinham sido só as minhas faces a arredondarem-se nos últimos meses – o meu corpo não tinha nenhuma das curvas naturais que tivera em Berlim, mas a boa alimentação e a falta de exercício e trabalho significavam que deixara de parecer um espectro.

– Eu sei. Estou a passar demasiado tempo sentada e não o suficiente a trabalhar – disse.

– Pensei que haveria alguma mudança – disse ela, e apontou com o queixo para a grande mala que pousara a seu lado no banco. – Estive a separar mais algumas roupas, e trouxe agulhas e linhas. Achei que íamos ter tempo para arranjar umas coisas para si.

Entrámos numa conversa anódina – eu estava desesperada por saber notícias da guerra, mas desconhecíamos quais eram as filiações de Daniel e, como quase todos os condutores que conhecera, parecia ter um ouvido apurado. Viajámos por entre os campos, onde havia poucos sinais de tropas ou de conflito, só um ou outro camião militar, de vez em quando. Também ali em baixo a vida parecia não ter mudado muito.

A seu tempo, chegámos a uma pequena aldeia, saímos da estrada principal que a atravessava e metemos por um curto caminho de acesso. A casa era menos imponente do que a dos Goebbels, mas mesmo assim substancial, sólida e destacada, rodeada por três lados por um jardim bem tratado, por sua vez limitado por árvores altas. Duas crianças brincavam no jardim com uma mulher jovem, não grávida.

Uma criada recebeu-nos à porta e conduziu-nos a uma sala no piso térreo, e depois ao quarto da dona da casa. Fiquei surpreendida – ninguém me tinha dito que ela estava doente e acamada, e comecei a perguntar-me que espécie de cenário ia ter de enfrentar. *Frau Schmidt* tinha estado a chorar, isso era evidente. Os seus olhos eram manchas avermelhadas, encovados e secos, e mal ergueu a cabeça quando entrámos. As cortinas estavam fechadas e o ar pesado de desgosto.

Só precisei de algumas palavras para descobrir a origem da sua dor; *Sonia Schmidt* estava de luto. No dia previsto para o nascimento do filho, recebera o telegrama que todos os entes queridos temiam: o homem com quem casara há dez anos morrera no Norte de África. Corajosamente e com todas as honras, mas morto apesar de tudo. Confrontada com a perspectiva de ele perder não só a chegada mas agora também o resto da vida do filho, o seu corpo desligara-se e o trabalho de parto fora adiado. A família tentara levá-la para o hospital, na convicção de que os médicos poderiam com facilidade induzir o nascimento do terceiro bebé. Mas ela estava quase catatónica, quase incapaz

de funcionar, e também eles se tinham retirado, confundindo a sua genuína tristeza com um comportamento caprichoso.

– As crianças ainda não sabem – soluçou – e eu não sei como dizer-lhes que o pai nunca mais vai regressar a casa. Que vou dizer a este bebé?

A situação geral dela deixava-me indiferente – a sua vida parecia mais do que confortável –, mas o que estava a sofrer naquele momento seria terrível para qualquer mulher, qualquer mulher, independentemente do que o marido fosse capaz de fazer.

O ritmo cardíaco do bebé era normal, a criança mexia-se bem e estava bem implantada na pélvis; Sonia estava contraída, o ventre endurecido como um ovo ao simples toque, mas tratava-se apenas de um estado de negação. O lado físico de dar à luz era uma força poderosa, mas por vezes a psicologia de uma mulher – a sua força de vontade – conseguia sobrepor-se até à Mãe Natureza durante algum tempo. Aquela mãe não queria ter o seu bebé nos braços, ou pelo menos não já. A sua simples presença, uma criação do pai, recordar-lhe-ia de uma maneira demasiado dolorosa a perda que sofrera.

Ajudei-a a tomar banho, fiz a cama com lençóis lavados e disse-lhe que íamos limitar-nos a esperar pelo bebé. Não havia pressa: era saudável e robusto, com um bom tamanho, e ela precisava de alimentar-se bem antes de querer iniciar o trabalho de parto. A única coisa que fiz foi dar-lhe licença para chorar, e depois ter um bebé quando quisesse.

– Tem a certeza? – Olhou para mim através de uma névoa de incredulidade. – Não há nada que precise de fazer?

– Neste momento, não. Tenho a certeza de que o seu bebé nascerá quando estiverem ambos prontos.



Foram só dois dias. A espera foi como umas férias; o tempo estava gelado, mas eu embrulhava-me no casaco que Christa tinha levado para mim e passeávamos e conversávamos. Não havia presença militar visível, exceptuando o guarda junto ao portão, e quando nos afastámos mais da casa, Christa revelou um pouco do que sabia: informação colhida das conversas na casa dos Goebbels, nas lojas de Berchtesgaden e das cartas que recebia do pai.

A guerra estava a correr mal para a Alemanha – os Aliados tinham atacado a Itália e estavam numa posição de força, Estalinegrado encontrava-se agora nas mãos dos russos e partes da Alemanha tinham sido alvo de constantes vagas de bombardeiros britânicos, com perdas enormes no solo e no ar. Leipzig fora praticamente arrasada e Berlim atingida várias vezes. Senti-me tão ignorante do que se passava no mundo real e muito zangada no nosso casulo no alto da montanha. Perguntava-me quanto disto estaria a ser discutido na Berghof pelo alto-comando alemão, e durante quanto tempo a casa continuaria a ser uma fortaleza protegida. Não admirava que *Fräulein* Braun se sentisse ignorada. Hitler tinha uma guerra inteira na cabeça, uma guerra que nós – os alemães – podíamos estar a perder.

Em casa dos Schmidt, as criadas mantinham-nos às duas alimentadas e confortáveis, mas o seu tempo era ocupado pelas duas crianças e pela jovem preceptora. As hábeis mãos

de Christa equiparam-me com vários vestidos novos, e nós comprámos-nos na liberdade de podermos falar longe dos ouvidos dos Goebbels e dos lealistas da Berghof. Ousávamos até falar da vida depois da guerra, do que poderíamos fazer como mulheres numa posição talvez reforçada, com quem poderíamos casar e como seriam os nossos filhos. Christa era tão cheia de vida – quando a guerra começara estava ela a preparar-se para largar o emprego e estudar moda. Parecíamos ambas sentir que tudo dependeria do nosso sentido de oportunidade – de quando descer da montanha e fugir para um lugar seguro.

Ríamos muito, mas havia um gume em cada tópico que abordávamos. Eu sentia as teias de aranha clarearem no sentido de uma verdadeira conversa. E então, enquanto passeávamos, as doces feições dela ficaram muito sérias.

– E que vais fazer a respeito do bebé?

– O bebé? Vai nascer em breve, julgo.

– Não, refiro-me ao *bebé*. O bebé de *Fräulein* Braun.

Detive-me e voltei-me de frente para ela.

– Que queres dizer com isso? O que vou *fazer*?

De súbito, Christa pareceu velha muito para lá da sua idade verdadeira. O rosto endureceu e os olhos faiscaram.

– Quero dizer, Anke, que tens algum poder sobre o que se está a passar. Não penses que não tens. Nunca te perguntaste de que maneira as tuas acções podem influenciar os acontecimentos muito para lá de Berghof, para lá de *Fräulein* Braun?

Não queria admiti-lo, mas tinha. Em todas aquelas horas desocupadas, a minha mente deambulava por desconfortáveis cantos de possibilidades. Todas as fibras do meu ser profissional moveriam céu e terra para salvar qualquer mãe ou bebé, mesmo depois do que já tinha acontecido. Mas não ignorava a importância daquela gravidez, o que ter um herdeiro significaria para o *Reich*. Podia pensar em sabotagem, como parteira? Gostava de pensar que não, mas a verdade era que o pensamento me atravessara o espírito, e havia só uma alternativa para uma mãe e um bebé felizes. Nenhum bebé.

– Suponho... suponho que sim, muito de passagem, mas não acredito que, chegado o momento... não. Para já, seria suicídio para mim, e a morte certa para toda a minha família. Christa, tudo isto, tudo o que faço, é por eles, tu sabes, por qualquer hipótese que eles possam ter. Além disso, penso que o Hitler não quer saber para nada deste bebé. Qualquer acção que eu pudesse tomar não o afectaria de maneira nenhuma.

Sentia-me esgotada, mas recomecei a andar, tudo era preferível a ficar ali e enfrentar o ambiente pesado que se criara entre nós. Christa acompanhou-me em silêncio.

– Penso que estás enganada – disse por fim. – O que acontece em Berghof pode ter um grande efeito. É o que ouço dizer na casa...

– Na casa dos Goebbels? O que dizem? – disparei.

A minha desconfiança em relação a Magda estava bem enraizada.

– São como cão e gato a respeito disto – disse Christa. – O Hitler pode não querer ser pai, mas o Goebbels está desesperado por aquele bebé, quer usá-lo para aumentar o moral da nação, como uma maneira de fazer virar a guerra para aquilo a que chama «uma nova

esperança». Mas a senhora quer manter o segredo para sempre, quer que a Eva seja uma espécie de Rapunzel no céu.

Tinha visto Christa muito divertida e sorridente, até de marotice, mas nunca a tinha visto tão animada, tão dura. Os seus olhos eram pontos faiscantes, vermelhos de paixão.

– Mas por que quer ela o bebé escondido?

– Inveja – disse Christa, sem rodeios. – Tem sete belos exemplos de sangue germânico, mas não são filhos de Adolf Hitler. Teria feito quase fosse o que fosse para ser a mulher dele, se não fosse já casada. E o marido sabe disso. Joseph Goebbels sabe.

– Nesse caso, por que foi que me trouxeram para tratar da Eva?

– Não foi ela, foi o marido. Ela queria mandar a Eva para a Áustria, longe das vistas, mas o marido insistiu em que trouxessem a melhor. Quer manter tudo muito discreto, mantê-la fora do hospital até estar pronto para revelar a existência do bebé, quando lhe for mais oportuno.

– E tu ouviste tudo isto? Não é só coscuvilhice?

– Com os meus ouvidos – disse Christa. – Eles não se contêm e as paredes não são assim tão grossas. *Frau* Goebbels pode parecer a perfeita esposa alemã, mas não se inibe de usar o seu poder dentro de casa.

Fiquei calada, a absorver as revelações de Christa. Pensei em Eva, na sua estúpida ingenuidade, mas também no seu desejo de ter o filho nos braços. O facto de ser o filho dele não devia entrar na equação. Ou devia?

– Penso que não posso fazer outra coisa senão cuidar dela o melhor que sei – disse por fim. – Neste momento, é o bebé que tem todas as cartas na mão. Se sobreviver, ou não, não será por eu ter assumido o papel de Deus, nem nada disso. Sou uma parteira, não tenho esse direito. Ninguém tem.

Christa olhou para mim, o seu silêncio a espicaçar-me, como se soubesse. Foram os olhos dela que disseram: *Não tens?*

– Odeio esta guerra, Christa. Odeio o que fez à Alemanha, aos alemães, a toda a gente... a dor que causou. E sim, aquele homem... aquele homem odioso... é o culpado. Mas eu não posso ser responsabilizada pela direcção que vai tomar. Não será alterada por um nascimento... uma coisa tão pequena.

– Podes ter a certeza disso? – Os olhos de Christa voltaram a faiscar.

– De onde vem tudo isto, Christa? Nunca te tinha visto assim. Por que estás de repente tão zangada?

– É o meu irmão – disse ela.

A voz era quase inaudível, o fogo líquido de um vulcão a libertar-se.

– Sim, eu sei, ficou cego na guerra. É trágico e...

– Está morto. – As palavras caíram como pedras. – Enforcou-se no celeiro, há duas semanas... não conseguia enfrentar uma vida dependente do meu pai. Foi o papá que o encontrou, que teve de cortar a corda de onde pendia o filho, e enterrá-lo. O Bruno faria vinte e cinco anos no mês que vem.

– Tenho tanta pena – disse eu. – Não sabia. Por que foi que não disseste? Não deste

qualquer indicação, parecias tão, tão... normal.

– Porque isto é a guerra, Anke. Não quero pensar em mim mesma como tendo sofrido mais do que qualquer outra pessoa, mas isto tem de acabar. *Tem* de acabar.

O seu olhar granítico deu lugar a lágrimas grandes como pérolas e ela voltou a parecer pequena e vulnerável. Puxei-a para mim e ela chorou a sua dor no casaco que tão gentilmente me arranjara.

– Oh, meu Deus, Christa, quando irá isto acabar? – murmurei para os seus cabelos. – Quando irá acabar?

Capítulo 13

Vida e morte

Depois da nossa segunda noite descansada na casa dos Schmidt, voltei a examinar Sonia. Ela tinha passado algum tempo com os filhos; levantara-se à tarde e descera à sala para o chá. Movia-se com súbitos queixumes e gemidos e tinha os olhos escuros e assustados, mas estava a aguentar-se pela família, não obstante o crescente desconforto.

– Quanto tempo acha, Anke? Quanto falta para eu poder dar à luz este filho e dizer às crianças? – perguntou-me num tom de súplica durante o exame, desesperada por se desembaraçar do duplo fardo que carregava.

– Não sei, mas diria que não muito – respondi. – O seu aspecto mudou e o seu corpo está pronto. Falta só a sua mente deixar.

– Estou a tentar – disse ela. – Palavra que estou.

– Não tente demasiado, e acontecerá.



A criada acordou-me à meia-noite. Sonia andava de um lado para o outro no seu quarto, corada e agitada. Tinha entrado em trabalho de parto, mas deixei Christa dormir até que as suas mãos fossem de verdade necessárias. O ritmo cardíaco do bebé era bom e Sonia estava a ter de parar para respirar a cada três ou quatro minutos, o que indicava que estava na primeira fase, a dilatação, do parto. Nos intervalos, sorriu pela primeira vez desde que nos tínhamos conhecido.

– É agora, eu sei – ofegou. – É como das primeiras vezes, com os outros doi... – e teve mais uma contracção, a respirar com força para trepar até ao cume daquela montanha de sessenta segundos antes de mais uma trégua.

Sentei-me a massajar-lhe as costas, a murmurar palavras tranquilizadoras na meia-luz. Durante o tempo que assistira a partos em casa nos arredores de Berlim tinha aprendido a trabalhar quase às escuras, em contraste com as luzes brilhantes da enfermaria da maternidade, onde podíamos ver tudo mas não acompanhar o progresso. Ali, estava na minha zona de conforto. Na penumbra, observei a opulência que transparecia, as mobílias caras, e pensamentos do meu último parto no campo pesaram-me no coração. De Irena,

do seu bebé nascido sobre papéis sujos em vez da espessa manta cuidadosamente tecida que esperava aquele bebé. E no entanto, despida de tudo excepto a camisa de noite, Sonia poderia ser Irena ou qualquer outra mulher que eu tivesse ajudado a dar à luz: com dores, assustada e a precisar de que a tranquilizassem. E tão forte como elas.



Passaram só trinta minutos antes que o ambiente no quarto mudasse. Uma grande contracção fez Sonia cair no chão e gatinhar como uma gata prenhá em direcção a um canto. Quando chegou ao ponto máximo, o seu corpo deixou escapar um urro que pareceu surpreendê-la. Para mim, no entanto, era apenas a familiar chamada ao parto. Fiz sinal à criada para ir acordar Christa e pedi que trouxessem a água quente para cima. Christa estava a meu lado minutos depois, pronta e sem sinais de ansiedade. Atarefou-se no canto, a preparar o equipamento de que podíamos precisar, e depois sentou-se e observou – mais uma que daria uma excelente parteira.

Sonia pareceu chegar muito depressa à transição, esse meio mundo entre a necessidade de reter e o desejo do corpo de se livrar de tudo o que crescera nele durante os intensos meses de gravidez. Agora, a cada contracção, respirava, gritava e uivava, balouçava-se e murmurava o nome do falecido marido: «Está a chegar, Gerd, está a chegar, querido. Está quase cá, para ti...»

Eu continuava a dizer palavras de conforto, mas ela pouco mais ouvia além do seu barulho.

Christa pressentiu o momento e ocupou em silêncio o seu lugar junto à cabeça de Sonia, cujos olhos estavam fechados com força. Eu fiquei na parte de trás, a sentir que ela não estava muito longe de empurrar para fora aquele bebé. As águas rebentaram com a contracção seguinte, mas em vez de um jorro límpido, o que saiu foi uma sopa castanha, espessa e granulosa – vestígios de mecónio, o primeiro movimento intestinal do bebé. A gravidez atrasara-se, mas era também um sinal de alarme, o mecanismo de sobrevivência «fugir ou lutar» do bebé. Se estivéssemos no hospital, ou perto de um, a parteira chamaria um pediatra, mas estávamos a meia hora do hospital mais próximo, e um médico local era o nosso único outro apoio. Como parteira, o mecónio não me preocupou – era uma reacção natural e só seria problema se o bebé inalasse o líquido sujo a caminho da saída. A maior parte emergia a espernear e a gritar, sem necessidade de qualquer tratamento além de um bom banho.

Era impossível verificar o ritmo cardíaco do bebé, uma vez que Sonia continuava de gatas. Estava a empurrar com a contracção seguinte, e a pele dela começou a esticar e a moldar-se da maneira habitual, com um pequeno tufo de cabelo a aparecer pouco depois. Estava naquele outro mundo, a chamar pelo marido, enquanto Christa se esforçava por acalmar-lhe a ansiedade, a massajar-lhe a mão e a murmurar-lhe ao ouvido. Tentei fazer-me ouvir acima das suas constantes divagações:

– Sonia, respire, por mim. Pequenos empurrões, vamos com calma.

No minuto seguinte, ela soltou um uivo quando a coroa do bebé emergiu e deslizou

através da pele num súbito salto em frente, fazendo-a voltar ao aqui e agora. De súbito, o quarto ficou silencioso.

– É maravilhoso – disse-lhe eu, enquanto colocava lençóis debaixo dela para a chegada final. – A cabeça do bebé já nasceu. Estamos quase lá.

Na maior parte dos partos, há um ou dois minutos de pausa em que quase nada acontece, a cara azulada do bebé a espreitar, o pescoço entalado na abertura da mãe, por vezes a agitar as pestanas e a fazer um débil esforço para chorar, mas ainda não uma pessoa no mundo, ainda a depender do cordão umbilical para receber oxigénio. Com a maior parte das mães, a confirmação de que a cabeça tinha nascido era uma maneira de provocar um último esforço para libertar os ombros no momento em que já estão prontas para desistir. Em retrospectiva, foi a mensagem errada para Sonia, uma mulher que tinha quase medo de conhecer o seu bebé. Talvez *ela* quisesse conhecer o último filho, mas o medo enraizado no fundo do seu ser, a sua psique, não.

~

Esperámos em silêncio. Um minuto transformou-se em dois e continuava a haver contracções. A sensação de ter um espinho espetado no pescoço aumentou quando a cara do bebé começou a cobrir-se de manchas arroxeadas.

– Sonia, diga-me quando sentir uma contracção – disse, a tentar conter uma crescente preocupação.

– Não está a chegar – respondeu ela, agora lúcida e alerta. – Que se passa?

– Dê-me um empurrão, um dos grandes, bem cá em baixo – pedi.

O corpo dela tentou empurrar, mas o esforço foi patético em comparação com os esforços gigantescos e incessantes de alguns minutos antes.

– Não posso – gemeu ela. – Não consigo.

Numa fracção de segundo eu estava ao lado de Christa, a murmurar num tom urgente:

– Temos de pô-la direita – disse, o brilho dos meus olhos de certeza evidente mesmo na meia-luz.

Christa compreendeu no mesmo instante, e entre as duas pusemos Sonia de joelhos e depois de cócoras, o peso morto da sua fadiga a fazer-nos respirar com força, eu a guiar para proteger a cabeça do bebé.

– Christa, consegues aguentá-la?

Era pedir muito, dada a pequena estatura dela, mas uma natural descarga de adrenalina tinha-lhe injectado nos membros uma força inaudita.

– Não te preocupes comigo – disse ela.

Enquanto Christa apoiava Sonia pelas costas, eu passei para a frente. A cabeça do bebé pairava a centímetros das mantas estendidas no chão, e eu não queria pensar na cor que teria, quanto mais olhar. Aquele bebé precisava de nascer... já!

Sonia rolava a cabeça de um lado para o outro, de novo no seu meio mundo.

– Sonia! Olhe para mim! – Fui directa, e ela endireitou a cabeça, de olhos muito abertos. – Preciso que me dê um empurrão *mesmo muito* grande. Por favor, Sonia. Por mim, pelo

bebé.

Bastava olhar para a minha cara para perceber a urgência. As feições de Sonia contorceram-se e ela fez força sem ajuda de uma contracção. Os ombros do bebé moveram-se um pouco quando agarrei a cabeça com ambas as mãos e puxei para baixo com uma tracção firme, mas voltaram para trás quando ela ficou sem fôlego e o esforço cessou. Soube no mesmo instante qual era o problema: distocia dos ombros, os ombros do bebé entalados no osso púbico da pélvis. Não havia empurrões nem puxões capazes de mover aquele bebé enquanto não fossem libertados. Era um dos piores pesadelos das parteiras, uma vez que o bebé tinha de sair, e não era possível inverter o processo e fazer uma cesariana, nem mesmo num hospital. Tínhamos de libertar aquele bebé, ou ele morreria meio nascido.

– Christa... de costas, *agora*!

Christa captou o meu tom e no mesmo instante puxou Sonia para o chão. Eu levantei as pernas dela e empurrei-as para trás na direcção da cabeça até onde puderam ir, todos os movimentos destinados a desalojar os ombros do bebé. Sonia gemia, a entrar e a sair da realidade, mas graças a Deus sem resistir à ginástica forçada.

– Aqui – disse a Christa, numa voz urgente mas contida. Peguei na mão esquerda dela e pousei-lhe o pulso mesmo por cima do osso púbico, com a direita sobre o ventre ainda inchado mas a ficar flácido. – Agora massaja-lhe a barriga com força, em círculos. Quando eu disser, empurra para cima na direcção do umbigo e para baixo com a outra mão. E, Christa...

– Sim?

Os olhos dela estavam grandes como pires.

– Empurra com força.

Voltei à cabeça do bebé, que pendia sem grandes sinais de vida. Christa massajava furiosamente e os gemidos cada vez mais fortes de Sonia disseram-me que estava a preparar-se uma contracção.

– Sonia! – disse em volta alta. – Sonia! Preciso que faça força, dê-me um *grande* empurrão!

De alguma maneira, no meio da sua confusão, foi o que ela fez. Enfiei a mão direita na vagina e encontrei a parte dianteira do ombro direito do bebé, preparada para o fazer rodar. Empurrámos e puxámos em uníssono – a luz realçava os tendões nos braços de Christa enquanto ela puxava para trás e empurrava para baixo, e eu sentia o esforço de Sonia enquanto os ombros do bebé tentavam deslocar-se para a frente, e os meus músculos ardiam enquanto tentava rodar o pequeno corpo. No fim do que pareceu uma eternidade, mas na realidade foram apenas alguns segundos, o ombro libertou-se, desceu de repente e eu agarrei o bebé por baixo da axila e arranquei ambas as espáduas do ventre da mãe, seguidas pelo torso e as pernas. Sonia voltou a gritar e Christa exalou um fundo suspiro de alívio.

O bebé era grande mas flácido, a cabeça azul e o corpo lívido que nunca eram uma visão satisfatória para qualquer parteira. O fluxo de oxigénio tinha sido limitado durante

os últimos cinco minutos e não estava a respirar. Parecia morto, e eu agradeci a Deus o facto de Sonia ter os olhos fixos no tecto; nenhuma mãe devia ver uma coisa daquelas. Mais uma vez Christa – a brilhante Christa – a meu lado em segundos com o estetoscópio e uma toalha. Enquanto ela esfregava vigorosamente o bebé com a toalha, eu tentava detectar o bater do coração. Encontrei-o, mas era débil e lento, menos de sessenta pulsações por minuto – precisávamos de insuflar, por meios físicos, mais oxigénio naquele corpo.

Fi-lo da única maneira que sabia. Coloquei um pequeno lençol enrolado debaixo do pescoço do bebé de modo a deixá-lo com a cara voltada para cima e certifiquei-me de que não havia qualquer tampão de mecónio a obstruir-lhe a garganta. Não vi quaisquer vestígios, e então fechei a boca sobre os minúsculos nariz e lábios da criança. Estavam frios, sem reacção. A conter a adrenalina sob controlo, soprei a vida que pude naquele bebé, num esforço lento e regular. Com a cara voltada para o peito dele, fiquei à espera de vê-lo subir, de qualquer sinal de que um pouco de ar estava a entrar-lhe nos pulmões.

Ao segundo ou terceiro sopro vi o mágico erguer da pele, e então afastei a boca, pousei dois dedos no peito dele e pressionei com movimentos rápidos o esterno macio – um, dois, três, mais um sopro, um, dois, três. Fiz isto três ou quatro vezes, talvez mais. Christa, sentada no chão a meu lado, murmurava sem parar: «Vá lá, bebé. Vá lá, bebé.»

Ao cabo de mais uma eternidade, vi-o ter um sobressalto e lançar uma golfada de hálito para a minha cara – arquejou, tossiu mais um pouco e começou a miar como um gato, ao princípio baixinho, depois cada vez mais alto. Lembrou-me a sirene de alerta antiaéreo de Berlim a funcionar a toda a força. O miado transformou-se em choro e o corpo passou de branco a azul e depois a um tranquilizante cor-de-rosa. Peguei-lhe e verifiquei o tónus muscular, ainda um pouco fraco mas a melhorar a cada respiração. Um minuto mais tarde, estava a berrar o seu desagrado às duas mulheres que o tinham maltratado.

O rosto de Christa dizia tudo. O sorriso rasgado mostrava alívio e alegria, mas os seus olhos reflectiam o terror dos últimos minutos. O saudável choro do filho fez Sonia voltar a si e pousámos o bebé junto dela, o pequeno corpo tapado pela camisa de noite da mãe. Olhou para a cara dele, congestionada e arroxeadada do esforço do nascimento. Primeiro sorriu, e depois contraiu o rosto e começou a chorar – se de alegria ou tristeza não saberia dizer.

– Oh, bebé! – disse. – Cá estás tu. – E depois para nós: – É menino ou menina?

– Um rapaz – disse eu, um tudo-nada receosa de que fosse a resposta errada.

– Oh, um rapaz. – Sorriu. – Tinha esperado que fosse. Um rapaz para o Gerd. Um rapaz para o meu homem.

Era uma massa de emoções, boas e más, mas naquele instante estava grata por a vida se ter seguido à morte.



Demorámos mais de duas horas a limpar tudo e a instalar Sonia na cama, com o bebé a mamar satisfeito do seu peito sem mostrar quaisquer efeitos da sua traumática chegada

a este mundo. A criada ofereceu-se para ficar com ela, e eu e Christa retirámo-nos para a cozinha.

Sempre afirmei que a primeira chávena de chá depois do parto é o melhor para qualquer mãe, independentemente da qualidade da infusão, mas o mesmo se aplica também às parteiras. Agarrámo-nos às nossas chávenas cada uma do seu lado da mesa, e Christa não conseguia disfarçar o sorriso.

– Ficaste apanhada, não ficaste? – disse eu, e ri.

– Como consegues fazer isto uma e outra vez? – perguntou ela. – É tão intenso!

– Bem, nem sempre é assim tão dramático – respondi. – Mas habituamo-nos aos altos e baixos. Para dizer a verdade, acabamos por depender deles. Conheço algumas parteiras que fazem de boa vontade todos os cuidados de rotina, mas evitam o parto. Para mim, é o pináculo; é o que me alimenta. O nascimento é como uma droga.

Nesse mesmo instante, as imagens do campo encheram-me a cabeça.

– Bem, nos velhos tempos, antes da guerra – especifiquei.

– E agora?

– Digamos que vi demasiadas tragédias para recordar essas com prazer.

Ficámos as duas a pensar em silêncio, a ouvir a casa começar a despertar, mas eu não queria abafar a efervescência de Christa – acabava de assistir ao seu primeiro parto difícil, que nunca esqueceria. Estava entusiasmada.

– Mas tenho de admitir que este fica na lista como um dos mais exigentes, quanto mais não fosse por uns poucos minutos – disse eu, e foi a deixa de Christa para uma barragem de perguntas: por que fazia o quê, e quando os «e se» e as consequências. Quando nos enfiámos nas nossas camas, eu estava exausta, mas apesar disso banhada num bálsamo de satisfação que não sentia desde as primeiras fases da guerra, uma alegria para saborear uma vez que aquela mãe e aquele bebé estavam destinados a continuar juntos.

Ficámos mais três dias em casa de *Frau* Schmidt a certificarmo-nos de que o bebé se alimentava bem e a ajudar Sonia a recuperar. Estava dorida do parto e mexia-se devagar, o seu estado de alma a oscilar entre a mãe contente e feliz e a enlutada viúva que era. As crianças adoravam o novo irmão, dizendo inocentemente à mãe como o papá ia amar o novo bebé – chamado «Gerd» – quando voltasse para casa. O rosto de Sonia contraía-se, mas ainda não estava pronta para lidar com o desgosto delas.



Eu e Christa despedimo-nos de uma família fracturada, apesar de a gratidão de Sonia nos fazer sentir que tínhamos contribuído um pouco para tapar algumas das brechas, pelo menos durante algum tempo. Comecei a duvidar que ela fosse parente de Magda Goebbels, uma vez que era calorosa e emotiva, muito pouco reservada. Estava casada com um oficial nazi, mas isso não a impedia de ter um lado humano.

Capítulo 14

Ascensão renovada

A viagem de regresso despertou nas duas emoções contraditórias. Era óbvio que Christa se sentia infeliz em casa dos Goebbels, ainda mais depois da morte do irmão, e desesperada por estar mais perto do pai. No entanto, o salário que ganhava fazia falta em casa e posições como a dela não eram fáceis de encontrar em tempo de guerra. Despedimo-nos dentro do carro perto do alpendre dos Goebbels, com muito pouca vontade de cortar o laço reforçado que nos unia.

– Vou ver se consigo descobrir maneira de fazer uma viagem até lá acima – disse ela, radiando-se mais uma vez ao meu pensamento. – Tenho a certeza de que alguma coisa hei-de arranjar. Tem cuidado contigo, Anke. Mantém-te a salvo.

O ar ali em baixo era pesado e enevoado, mas à medida que subíamos através da bruma, em direcção ao Sol, voltei a ter a mesma sensação: a Berghof existia noutro plano, um mundo para lá dos pés de feijão. O nó no meu estômago, que afrouxara de uma maneira sensível em casa dos Schmidt, começou a apertar-se e a torcer-se. Ver Eva não me preocupava – não tivera saudades dela nem estava infeliz por reencontrá-la –, mas esperava acima de tudo que *ele* já lá não estivesse.

Havia vários carros parados em frente da casa, os condutores a fumar e a conversar, os motores ao *ralenti*. Gente de importância ia partir em breve. Peguei na minha pequena mala e encaminhei-me para o *chalet* que me fora atribuído, a mente ocupada apenas com tomar um banho e apresentar-me a Eva. Devia ter os olhos fixos no chão, pois foi só no último instante que os ergui para o cume da montanha e me senti apanhada numa ratoeira.

Estava à minha frente, a caminhar na minha direcção, também de cabeça baixa, a sua figura inconfundível. A presença de um pastor-alemão a seu lado confirmou o que eu receava. Não podia correr para o meu quarto nem fazer meia volta e afastar-me na direcção oposta sem que a aversão fosse óbvia. Talvez por ter sentido outra pessoa, ele ergueu os olhos um segundo depois de eu o ter feito, as suas feições tão características a reflectir uma ligeira confusão, mas não alarme. Eu, claro, reconheci o *Führer* no mesmo instante, embora a expressão dele revelasse um certo grau de reconhecimento.

Parei, sem saber o que fazer. Sempre me tinha considerado uma pessoa que não se

deixava afectar por condição, celebridade ou pseudo-importância, mas apesar disso estava aturdida. Os nossos olhares encontraram-se, o dele escuro e fixo, o meu sem dúvida como o de uma raposa assustada. E aquele nó no meu estômago apertou-se com força, como um cão pela trela. O tempo congelou, por um ou dois segundos, até que ele quebrou o ar estático e acenou com a cabeça, como uma maneira de dizer «Bom dia», deu um estalido com a língua dirigido ao cão e voltou a olhar para o chão, seguindo em frente.

E este foi o meu encontro com o *Führer*, sem uma palavra dita – sem medo exsudado, sem monstro à vista, sem brilho diabólico nos olhos dele. Um homem que tinha um gesto de simples cortesia para com alguém que não conhecia.

Fiquei algum tempo deitada na cama, com o coração a bater muito depressa, a pensar em todas as coisas que tinha querido dizer-lhe – a respeito da minha família, do campo, do sofrimento, das mulheres torturadas, dos bebés mortos, de mais sofrimento – mas não disse. Acima de tudo, pensei em como a minha vida parecia mais uma retorcida história de fadas do que qualquer coisa próxima da realidade, e então tive uma profunda sensação de alívio à medida que ouvia os motores desaparecerem, um a um, na distância.



No interior da Berghof, era como se o fervor do Natal tivesse chegado e partido; as divisões reflectiam um vazio pesado, os criados cumpriam as suas obrigações e a cozinha tinha revertido a uma industriiosidade regular que contrastava com a perpétua fúria dos dias anteriores. *Frau* Grunders não se mostrou e eu almocei quase sozinha. Mais tarde, apresentei-me ao sargento Meier, reprimindo a custo a tentação de lhe fazer uma irónica continência. Ele pareceu menos do que encantado por me ver.

– Ah, *Fräulein* Hoff, está de volta.

A pálpebra esquerda dele estremeceu, num movimento de irritação, e eu perguntei-me até que ponto se sentiria perdido privado do clarão da presença do *Führer*.

– Parece que sim. Há alguma novidade que eu precise de saber antes de voltar a ver *Fräulein* Braun?

– Penso que ela tem estado demasiado ocupada com a companhia para pensar nas suas visitas – disse ele, com uma nota de triunfo. – Sei que se retirou para o quarto e pediu para falar consigo amanhã.

Estava tão satisfeito consigo mesmo que eriçou todos os pêlos do bigode, revelando uns feios dentes amarelados.

– Como ela quiser – respondi, imperturbável. – Tenha um bom dia, sargento Meier.

Portanto, mais horas desperdiçadas para pensar. Ao longo de anos, tinha dito a mulheres impacientes que a gravidez é um jogo de espera – ouvia-me a repeti-lo vezes sem conta –, mas a mim nunca me parecera que fosse, com um fluxo constante de nascimentos e mulheres a precisar de cuidados. E no entanto, esperar que uma criança crescesse, fosse educada e criada era um trabalho duro e interminável. Como uma vida inteira.

Não sabia em que estado de espírito ia encontrar Eva na manhã seguinte – vibrante por ter estado com o amante mais do que uns poucos dias, ou melancólica por ele ter partido.

Foi toda a sorrisos, quando apareci – «Oh, Anke, que bom vê-la!» –, mas a fachada depressa caiu e ela derivou para uma tristeza abatida. Sim, o bebé mexia-se bem, e sim, sentia-se saudável, apesar de ter por vezes dificuldade em dormir. Houvera uma alteração no tamanho da barriga durante a última semana, e era evidente que tinha comido bem durante a estada do *Führer*; faltavam ainda dois meses mas o bebé tinha crescido, tal como a carne que o rodeava. Ela observava-me com atenção, a traduzir a minha expressão enquanto eu lhe palpava o ventre.

– Está tudo bem? Parece... perplexa.

Afiveleri um sorriso.

– Não, está tudo óptimo, *Fräulein* Braun. É só que por vezes me deixo entusiasmar ao tentar localizar a posição do bebé. É ainda muito cedo, mas penso que está de cabeça para baixo. Pode não continuar assim... o bebé é ainda capaz de dar cambalhotas, mas é um bom sinal o facto de ele poder ir para a sua pélvis.

– Bebé esperto – disse ela, e deu a habitual palmadinha no ventre.

Voltei-me para sair.

– Quer que a examine amanhã?

– Sim, por favor. – Já a caminho da porta, tornei a ouvir a voz dela, dessa vez fraca e assustada. – Anke?

– Sim?

Ela parecia pequena e vulnerável, a olhar para mim.

– O bebé. Vai estar... bem, não vai? O que consegue sentir é... normal?

Era como se apenas pronunciar as palavras pudesse atrair a má sorte. Já tinha tido de tranquilizar incontáveis mulheres em relação à mesma coisa – quer se tratasse do seu primeiro, segundo ou quinto filho, as mulheres alemãs, ricas ou pobres, instruídas ou não, acreditavam no estranho mito de que simples fantasias a respeito da condição do bebé, até pensamentos desagradáveis, podiam influenciar a saúde da criança e provocar deficiências. Sem uma janela para o interior do útero, éramos obrigadas a confiar na benevolência da Mãe Natureza, e cada vez mais não gostávamos das surpresas que de vez em quando ela nos reservava. O Terceiro Reich tinha multiplicado este medo por mil. Eu sabia muito bem aonde queria Eva Braun chegar.

– Tudo o que sinto e ouço me leva a acreditar que o seu bebé é perfeito e saudável – disse-lhe.

E era verdade, no momento. Como parteira, tinha aprendido muito cedo a não fazer promessas absolutas. Numa noite de Inverno tinha trabalhado num parto em casa com uma parteira da velha escola, nos arredores de Berlim. Era melhor ser eu a assumir o controlo, disse-me, e ela ficaria como reserva.

A mulher em trabalho de parto estava mais ansiosa do que a maioria, mas parecia acalmar-se sempre que eu, depois de ouvir o coração do bebé, lhe dizia: «O bebé está óptimo, vai correr tudo bem.» E eu sentia uma onda de satisfação por ter tanto jeito para a tranquilizar. Até que o bebé emergiu sem vida, uma menina branca como giz enforcada no cordão umbilical, essa linha de vida que fornece oxigénio até às últimas fases do parto.

Através das lágrimas, a mulher olhou para mim, incrédula. Não disse uma palavra, mas não precisava de dizer. Eu tinha prometido o que não podia dar, e foi uma lição duramente aprendida.

«Dizes-lhes “O bebé *parece* bem”, o que é verdade nesse momento», explicou-me a parteira mais tarde, com palavras sábias mas bondosas. «A Mãe Natureza é maior do que qualquer de nós, e só ela sabe.» Por isso o bebé de Eva Braun *parecia* estar óptimo e *devia* correr bem, mas as minhas palavras foram escolhidas com cuidado.

– Obrigada – disse Eva, a agarrar-se àquela esperança. – Oh, e, Anke?

– Sim?

– Por favor, trate-me por Eva. Acho que já é tempo de deixarmos as etiquetas para trás.

Capítulo 15

À espera

Ao longo do mês seguinte, a Natureza avançou a um ritmo mais rápido do que as nossas vidas. As flores da Primavera estavam em botão e o ar mais quente; a neve nos cumes à nossa frente retrocedeu até aos picos, como se alguém estivesse a enrolar um gorro de lã de baixo para cima, deixando apenas o topo da cabeça aquecido. Eva estava bem, de modo que eu passava as manhãs no terraço principal a apanhar sol, e perseguia o astro mudando para o meu pequeno alpendre da parte da tarde, a rodar a cadeira até que os últimos raios alaranjados desapareciam e eu era obrigada a entrar em casa para ir buscar uma manta e uma luz.

Entretanto, ia desbravando as estantes de *Frau Grunders*, que quase não dizia palavras quando eu aparecia para lhe assaltar a saleta. Dir-se-ia de luto desde a partida do *Führer*, como se um filho seu tivesse partido para a Frente. A casa inteira, parecia, estava em estado de depressão.

A saúde de Eva mantinha-se estável, mas o seu humor era volúvel. Por vezes mostrava-se animada e infantil no seu entusiasmo pela vida e pela gravidez, tagarelava a respeito de roupas de bebé e de futuras visitas de Gretl, que esta parecia sempre cancelar à última hora. «Está muito atarefada com os preparativos do casamento», dizia Eva, a inventar desculpas para a «dedicada» irmã. Noutros dias ficava de rastos, quase sem querer saber de mim ou do bebé, a carregar o ventre cada vez maior de um lado para o outro como se fosse uma mala inconveniente.

As criadas sabiam prever os seus modos pelo fluxo de cartas; nos primeiros tempos da guerra, Hitler tinha-lhe escrito quase todos os dias quando estava ausente. O seu estado de espírito, e a maneira como tratava o pessoal, era alegre e agradável quando o afecto dele passado ao papel fluía. Nos dias sem uma carta – e esses estavam a tornar-se cada vez mais comuns à medida que a guerra e a gravidez dela progrediam – andavam em bicos de pés pelo quarto, receosas da sua ira, por vezes despedidas com palavras duras e murros nas paredes.

Eu continuava a escrever aos meus pais, a Franz e a Ilse, embora estivesse a tornar-se mais difícil frasear os mesmos sentimentos uma e outra vez. Todas as semanas levava

as minhas cartas ao sargento Meier, que se limitava a acenar quando as pousava em cima da secretária, e a abanar a cabeça com um rosto inexpressivo sempre que lhe perguntava se havia alguma resposta.

Para ocupar o tempo, comecei a fazer uma lista de desejos de coisas práticas para o capitão Stenz, no caso de voltar a aparecer. Preocupava-me de uma maneira estranha com a possibilidade de ele ter sido enviado para outro ponto da feroz arena da guerra e fatalmente exposto. Surpreendi-me ao notar quanto tempo passava a olhar para o portão e a desejar ouvir os pneus do seu carro esmagarem o saibro do caminho. Não obstante o sombrio uniforme e a ameaça da insígnia da caveira na gola do dólman, via-o como um ser humano, quase um amigo.

Berlim, Fevereiro de 1942

A neve rodopiava no vento quando apertei com força o lenço de cabeça à saída do hospital. Eram só três da tarde, mas o céu era um tecto de lama escura, com pequenos tornados de neve a turbilhonar no ar. Apesar do mau tempo, a minha intenção era caminhar até casa no fim de um turno agitado, enfiar-me numa banheira de água quente, ler um pouco e dormir – por esta ordem.

Ele aproximou-se quando comecei a descer os degraus, a aba larga do chapéu baixada para a cara. Tive um momentâneo sobressalto – o homem podia bem ser da Gestapo, com o seu casacão apertado na cintura e as suas calças pretas.

– Fräulein Hoff?

– Sim?

Continuei a andar, determinada a não o deixar ver o susto na minha cara.

– A Minna enviou-me.

– A Minna? Conheço-a?

Mantive a cabeça baixa, sabendo que qualquer hesitação podia denunciar-me.

– Mandou-me dizer que o mercado está a afundar e que tem de ir depressa.

Ergui a cabeça num movimento brusco, os flocos de neve a pousarem-me no nariz. Era o código que tínhamos combinado para quando Nadia entrasse em trabalho de parto; seria demasiado perigoso para mim estar disponível para todos os partos no gueto, mas dissera que iria se não houvesse por perto nenhuma mulher capaz de ajudar. Se Minna me chamava, era porque precisava da minha ajuda.

Detive-me.

– Muito bem. Quando?

– Ela disse-me para a levar de imediato.

– Vamos demorar algum tempo a pé, e quase o mesmo se apanharmos o eléctrico até meio caminho.

– Tenho um carro e passes – disse ele. – Por aqui.

Hesitei. Uma coisa era caminhar ao lado daquele desconhecido, outra meter-me num carro com ele. O homem percebeu a minha desconfiança.

– Não há perigo – disse. – Não sou da Gestapo, juro.

– Mas é alemão?

Havia madeixas louras a espreitar debaixo do chapéu e as suas feições eram indiscutivelmente arianas.

– Como a menina. – Sorriu, com dentes brancos e genuíno calor. O seu hálito transformava-se em vapor no ar gelado e cinzento. – Estou só a tentar ajudar, como você. Faço o que posso.

– E o seu nome?

– Nada de nomes – disse ele. – É mais seguro.

Mesmo naquele nevoeiro de desconfiança, havia um ponto em que se tinha de acreditar em algumas coisas, algumas pessoas, e o meu instinto visceral disse-me que devia acompanhá-lo. Não tinha alternativa se o que ele dizia era verdade. Nadia podia estar num violento trabalho de parto. Violento e rápido.

Não sei que género de passes ele tinha, mas funcionaram como magia, e passámos os vários postos de controlo com muito poucas perguntas. O carro chegou ao perímetro do bairro judeu, onde estacionámos, e fizemos o resto do caminho a pé.

– Dê-me o braço, Fräulein – disse ele enquanto avançávamos por entre o torvelinho de neve, com flocos que se tinham tornado maiores e mais consistentes. O nosso aspecto seria mais convincente de longe, um casal a caminho de casa a enfrentar a ventania ansioso de calor e conforto, a contornar o bairro judaico de braço dado.

Continuámos a andar, a fingir uma inocente conversa, e entrámos no gueto sob um manto de neve. À porta de Nadia, o homem bateu quatro vezes, fez uma pausa e bateu mais duas. Um rosto que reconheci como sendo o do irmão de Minna surgiu na fresta e eu deslizei para o interior.

– Boa sorte, Fräulein – disse o homem, e voltou a desaparecer na tempestade branca. E eu senti uma pontada de pena ao vê-lo ir.



O quarto tinha sido desimpedido de toda a gente excepto Minna e a mãe de Nadia.

– Desculpa ter-te chamado assim – disse Minna, com genuíno pesar. – A velhota que se tinha oferecido para ajudar foi encontrada morta esta manhã.

Havia uma chaleira com água ao lume e o lençol da cama tinha sido puxado para trás. O quarto estava suficientemente aquecido, todas as contribuições da casa reunidas no monte de lenha. Estava em cima do colchão, de gatas, a cabeça entre as mãos e o traseiro para o ar, vestida apenas com as cuecas, a balouçar como um pêndulo perfeito.

Eu tinha o meu Pinard para ouvir o coração do bebé, mas nada mais, apesar de termos armazenado luvas esterilizadas em casa e as inevitáveis toalhas, limpas e dobradas, estivessem à espera. Acocorei-me ao lado de Nadia quando ela entrou numa contracção, a observar como as contorções da pélvis e os gemidos subiam em crescendo, enquanto ela

soprava com força para as mãos. Resistiu ao impulso de lhe tocar, ainda que fosse para lhe massajar as costas, por ser importante em qualquer parto deixar a mãe mexer-se e retorcer-se em reacção às contorções do bebé no seu ventre.

Acabada a contracção, pus-me à altura da cabeça dela, os cabelos negros húmidos e encordoados.

– Olá, Nadia, estás a ir muito bem. Este bebé quer mesmo nascer.

– Penso que sim – disse ela, com um débil sorriso.

– Posso ouvir o bebé? Talvez precises de te mover um pouco... é possível?

Ela deixou-se cair de lado e eu inclinei-me e encontrei o bater do coração, ainda no alto do abdómen.

– O bebé parece bem – disse eu. – Nenhum problema.

– Que vai fazer? – quis ela saber, com gotas de suor a caírem-lhe para os olhos, a ansiedade a subir nas suas escuras profundezas.

– Eu? Nada, só observar e esperar.

Ela pareceu surpreendida por eu não estar equipada com qualquer ferramenta mecânica para extrair o bebé, mas era também nova o suficiente para nunca ter assistido a um parto na sua comunidade.

– Que devo fazer? – perguntou.

– O que tens estado a fazer, Nadia. Deixa o teu bebé nascer. Não resistas, abre-te aos sentimentos que tens dentro de ti.

Ela assentiu, como uma criança. Mas para alguém tão jovem, pareceu compreender o que eu tinha dito, como se aquelas pressões estivessem já a formar-se. Voltou a pôr-se de joelhos quando uma nova contracção a sacudiu, e o gemido transformou-se numa espécie de mugido baixo. Pelo som, calculei que não faltaria muito.

Minna estendeu-me uma bem-vinda chávena de chá enquanto nós as duas saíamos do quarto e a mãe de Nadia ocupava o seu lugar ao lado da filha, a massajar-lhe os ombros, a murmurar palavras de encorajamento e a dizer que em breve seria uma mãe, que não desistisse, que continuasse. A neve batia contra os vidros sujos da janela e o quarto ficou mais escuro quando os flocos teceram uma cortina branca que escondia o mundo lá fora. Bebericámos o chá e esperámos, enquanto os homens fumavam no piso de baixo, os seus murmúrios preocupados a chegarem-nos através das tábuas do soalho; não haveria risos nem piadas machistas enquanto o bebé não chorasse.

O tom dos gemidos de Nadia subiu e desceu ao longo da hora seguinte, e nos intervalos eu auscultava o coração do bebé. Por fim, um pequeno grito trespassou o pico de uma contracção, seguido por um grunhido que durou uma fracção de segundo, e ela voltou a descer a montanha de dor.

– Não consigo! – gritou.

Tal como eu esperava, duas peças do puzzle nos respectivos lugares. Pousei a chávena e fui pôr-me a seu lado.

– Nadia, talvez seja a altura de despires as cuecas. Não há perigo. Somos só nós.

Ela assentiu com a cara escondida entre as mãos e a mãe tirou-lhe a fina peça de roupa,

humedecida por uma mancha de líquido – quase de certeza das águas – atravessada ao meio por uma saudável risca de mucosidade ensanguentada. A peça número três.

A contracção seguinte encaixou a número quatro; no pico, um gemido escapou-se-lhe da boca, e um rosnar como de um urso desenrolou-se do interior daquela inocente rapariga, um esforço da cabeça aos pés para se purgar enquanto as nádegas se abriam e a linha púrpura por cima do sacro se erguia para assinalar a descida do bebé.

– Mamã! Anke! Ajudem-me!

A angústia dela soou abafada, pois abanava a cabeça mas não conseguia levantá-la do colchão.

– Nadia, está tudo bem, tudo normal – murmurei, com a boca perto do ouvido dela. – Penso que estás pronta para empurrar o bebé, mas deixas-me palpar dentro de ti, só para ter a certeza?

Ela voltou a assentir. No mesmo instante, Minna estava a meu lado com a água quente e as luvas. Em circunstâncias ideais, teria querido que Nadia se deitasse de costas, mas era possível que, uma vez nessa posição, ela não conseguisse voltar a mover-se, e a posição em que estava naquele momento era a melhor para o trânsito do bebé. Introduzi os dedos, primeiro um e depois dois, na vagina húmida, lubrificada pelos líquidos do parto, e toquei no bebé, umas nádegas duras e distendidas que ocupavam todo o espaço e se comportavam como uma cabeça. Já tinha tido aquela sensação mais do que uma vez, pelo que as minhas expectativas continuavam a ser de um parto pélvico. Contornei as partes ossudas e não encontrei o colo do útero, o que era importante porque não sabíamos que tamanho tinha aquele bebé. Se houvesse uma pequena borda do colo do útero, o traseiro poderia passar mas a cabeça ficaria presa no interior, um cenário perigoso, quase sempre fatal para o feto.

Retirei a mão e voltei-me para Minna, a sorrir e a assentir. Ela fez um sinal de alívio à mãe de Nadia, e o quarto inteiro deixou escapar um suspiro uníssono. Minna espezitou o lume para ter qualquer coisa com que ocupar as mãos e pôs mais água a aquecer para fazer chá. Eu retirei-me para a beira do colchão, enquanto Nadia sentia a força plena das ordens do seu corpo.

As nádegas do bebé não tardaram a aparecer. Nadia, de joelhos, balouçava-se para trás e para a frente com movimentos desajeitados, como se estivesse a lavar roupa numa tábua de esfregar, sinal seguro das reacções do seu corpo, que gritava por nós mas sem esperar uma resposta. Não havia qualquer hipótese de fazer uma auscultação naquele momento, com a rapidez do trabalho de parto e a posição. Só me restava conter a respiração e confiar no bebé.

Fiz sinal a Minna para se aproximar, porque a mãe de Nadia não conseguia suportar ver a filha sofrer e tinha-se refugiado junto à chaleira, com os braços cruzados no peito.

– Quando vem ele? Quando? – suplicou Nadia.

– Em breve, Nadia, em breve. Já consigo ver o teu bebé. Está muito perto.

Minna começou a cantarolar baixinho, qualquer coisa que eu já tinha ouvido num parto anterior, e aligeirou um pouco a atmosfera, até que uma nova contracção fez Nadia gritar. Num único e fluido movimento sentou-se para trás, sobre os pés e as coxas, e Minna agarrou-

a antes que caísse de costas. O bebé saltou para a frente e o traseiro surgiu à vista, as pernas dobradas para cima e os pés minúsculos ainda dentro da pele esticada de Nadia. De frente para mim, não pude deixar de ver os inchados mas inconfundíveis órgãos genitais de um rapaz.

– Belo, Nadia! – disse-lhe. – Continua quando o teu corpo te disser. Estamos quase lá.

O parto estava a decorrer muito melhor do que esperara, mas o suor continuava a picar-me o pescoço. A única coisa que fiz foi enfiar uma mão enluvada debaixo das nádegas do bebé, pronta para o apanhar se ele se libertasse de repente. Nadia ofegava como um leão, preparada para o próximo rugido no mundo.

A contracção seguinte foi poderosa. Nadia subiu com um grito e voltou a descer. À luz do candeeiro mais próximo vi, maravilhada, como ela bombeava o corpo para cima e para baixo, as pernas tensas e húmidas, e os pés do bebé libertarem-se um atrás do outro, e depois os braços numa rápida sucessão, o esquerdo e o direito, e o queixo apareceu na abertura, e a jovem mas sabedora mãe baixar-se para depositar o bebé no colchão. Ele ficou sentado, dobrado pela cintura, como se estivesse a usar a mãe como um chapéu. Atrás de Nadia, os olhos muito abertos de Minna estavam fixos nos meus, à procura de indicações, e ela viu-me relaxar naquela fracção de segundo – se o queixo tinha passado, podia ter a certeza de que a cabeça não estava presa. A força de Minna mantinha Nadia direita e a oscilar, e o quarto inteiro existia num estado de suspensão.

Enquanto esperávamos por mais uma contracção, o bebé arquejou e agitou as pernas, como se estivesse desesperado por respirar ar, mas eu contive-me. Queria dizer «Faz força agora, Nadia», o suor a escorrer-me pelo corpo. Era um momento crucial do parto, ainda não terminado, o cordão umbilical preso e esmagado contra a pele esticada da mãe. Queria aquele bebé cá fora – já – mas sabia que tinha de ser no momento certo.

Foi menos de um minuto, mas pareceram-me dez. Por fim, Nadia abriu os olhos, olhou para mim como se tivesse visto o diabo, e largou o seu bebé no mundo. Libertado, ele caiu para a frente e rolou sobre um lado, e despertou para a vida antes que eu tivesse tempo de lhe chegar com uma toalha. O homenzinho era o que mais alto berrava, mas as mulheres no quarto juntaram-se-lhe com as suas manifestações de alegria – as delas num tom de boas-vindas, as minha de puro alívio. Segundos mais tarde, ouvimos gritos vindos de baixo, quando a notícia chegou aos homens.

Houve mais chá, intercalado com cuidados pós-natais e exame da placenta, lavagens e limpezas, enquanto o residente mais recente daquele pequeno quarto sugava com avidez o peito da mãe. Nadia tinha o rosto corado, um halo de cabelos húmidos à volta da cabeça, a sorrir de orgulho e alívio. O bebé, graças a Deus, era moreno, com um nariz pequeno e redondo, sem sinal de feições arianas, por enquanto. A Natureza tivera a misericórdia de o fazer parecido com a mãe. Ser aceite pela família era a sua melhor hipótese de sobreviver.

Quase duas horas após o parto, fiz sinal a Minna de que estava pronta para partir. Depois de escurecer, e com a neve agora assente, um dos homens costumava acompanhar-me até ao

perímetro do gueto, onde uma passagem habilmente escondida me permitia chegar à Berlim que ficava do outro lado, de modo que se alguma patrulha me detinha era mais com curiosidade do que com uma inquirição que tinha de lidar. Podia com facilidade alegar que me tinha perdido no mau tempo e escuridão da tarde.

Minna desceu a escada para ir chamar um dos irmãos de Nadia. Ouvi um distante bater na porta dois pisos mais abaixo, e imaginei que a notícia já se tinha espalhado e as famílias começavam a aparecer com as ofertas que podiam dispensar. Mas o som pesado de passos na escada de madeira fez tocar uma campainha de alarme, e antes que eu pudesse barrar a porta a quaisquer visitantes indesejados ela abriu-se com violência.

Os homens que entraram com um ar de suprema confiança não pareciam apenas da Gestapo. Eram da Gestapo.

Capítulo 16

Planos

Abril assistiu a um desabrochar tardio de acontecimentos na Berghof. Estava a ler no meu alpendre quando vi a figura alta e esguia do capitão Stenz avançar na minha direcção. Senti um fugaz toque de... excitação? Ou seria apenas alívio ante a perspectiva de uma conversa autêntica? Era a primeira vez que o via desde a cimeira de guerra, e parecia ter sido há uma eternidade.

– Capitão Stenz – disse eu, a tentar disfarçar um acolhimento demasiado entusiasmado.

– *Fräulein* Hoff. – Sorriu. – Assumi que a encontraria aqui. Está bem?

– Tanto como seria de esperar.

Os olhos dele, o matiz turquesa das minhas recordações, brilharam sob a luz.

– Acabo de ter uma breve conversa com *Fräulein* Braun, e parece não haver problemas.

Os parentes dos Goebbels estão também muito gratos pela sua competência.

– Fiz o que faria por qualquer mulher e, para ser franca, capitão Stenz, foi uma mudança agradável sair daqui e voltar a ser uma parteira. Já o tinha dito, mas aqui sinto-me desocupada... inútil.

Ele sentou-se, tirou o quépi e alisou os cabelos louros com a mão, os olhos fixos nos meus.

– Mas só tê-la aqui... a sua experiência... é vital para manter tudo em... – pesou as palavras com cuidado – em equilíbrio. – Voltou a sorrir, e apareceu-lhe nos cantos das faces uma pequena ruga em que nunca tinha reparado. – Não a subestime, *Fräulein* Hoff. A sua contribuição, quero dizer. Torna sem dúvida muito mais fácil a minha vida, o meu trabalho.

Nunca me alegraria por tornar aquela maldita guerra mais suave para o Partido Nazi, mas ele fez-me sentir mais uma vez que tinha valor. Em igual medida, odiei-me por necessitar daquilo.

A pensar na recente emergência em casa dos Schmidt, queria discutir os pormenores do parto – o momento certo para trazer o equipamento e os analgésicos que eu sabia que Eva estava ansiosa por ter à mão. O capitão Stenz tomou numerosas notas no seu bloco com capa de couro, numa caligrafia clássica e ornamentada, própria de um estudante

de Arquitectura.

– E o pessoal médico, quando lhe parece que devem chegar e ocupar os seus lugares?

Era uma questão que eu não queria abordar. Mas nunca seria permitido a Eva parir no alto de uma montanha sem apoio médico, e uma vez que não me agradava nada a perspectiva de uma emergência e uma corrida aos saltos encosta abaixo, com consequências para ela ou para o bebé, tinha de aceitar a presença deles. Mesmo assim, tendo em conta a reputação que tinha adquirido, resolvi pôr à prova o meu poder de negociação.

– A partir das trinta e seis semanas seria o padrão – respondi –, mas gostaria de deixar bem claro que terão de ficar sempre fora do quarto do parto a menos que sejam convidados a entrar. Na realidade, a minha preferência seria fora do edifício.

– Com certeza, *Fräulein* Hoff, há vantagem em ter tudo à mão, para o caso de ser necessário? – disse ele, com a familiar expressão de confusão a respeito do nascimento que já tinha visto em inúmeras outras caras.

Recostei-me na cadeira e sorri.

– É difícil explicar – disse –, sobretudo falando com alguém com o seu passado.

– Que quer isso dizer? – ripostou seco, na defensiva.

– Bem, não sei grande coisa de arquitectura, mas assumo que, quando planeia um edifício, pretende antes e acima de tudo que ele se mantenha de pé e direito, e por isso constrói alicerces sólidos, para lhe dar uma boa base?

– Siiim.

A analogia acalmou-o, embora fosse óbvio que não sabia muito bem aonde ia aquela conversa levar-nos.

– E tem a certeza de que o seu edifício será sólido e seguro porque pôs tudo nos devidos lugares, baseado nas leis da física e da ciência?

– Sim.

Continuava céptico. Chegou-se um pouco mais para trás na cadeira, talvez sentindo que eu estava a brincar.

– Ora bem, eu trabalho da mesma maneira, com a diferença de os meus alicerces estarem enraizados em pessoas... experiência, intuição, treino, protocolos. O trabalho de parteira é uma arte muito mais do que uma ciência.

Voltei a sorrir, satisfeita por ter-me explicado.

– Mas e as surpresas desagradáveis, *Fräulein* Hoff? E o facto de os bebés serem humanos e nem sempre ser possível prever o comportamento humano. Veja o caso desta gue...

Calou-se de súbito, antes que nos deixássemos arrastar para um campo de batalha verdadeiramente moral. Era um tema recorrente em debates em que eu defendia a minha inabalável fé no nascimento.

– E pode dizer-me, capitão Stenz, que quando o último tijolo é colocado no topo do seu edifício, sabe com certeza absoluta... cem por cento de certeza, note... de que ele não vai cair?

– Bem, nada nesta vida é cem por cento, mas...

Saltei no mesmo instante para a liça.

– Nesse caso, o que o leva a colocar esse último tijolo? Se não tem a certeza absoluta, sem a mais pequena sombra de dúvida?

– Suponho que há sempre uma pequena porção de fé... – Sorriu quando o disse, admitindo a derrota. Xeque-mate. – Mas é fé na ciência – apressou-se a esclarecer.

– Mas fé, apesar de tudo. No meu trabalho, é-me permitido ter muita. E quando a fé não basta, quando a natureza se desvia, tenho o treino e o protocolo.

– E de certeza isso inclui equipamento, pessoal médico, planos de apoio?

Estava outra vez confuso.

– Sim, por vezes, mas não assumimos que vai correr mal. As mães em trabalho de parto podem por vezes dar a impressão de que o processo descarrilou, como se estivessem descontroladas. Mas não estão. É o momento a falar, o caminho a progredir. E é sempre temporário.

Inclinei-me para a frente, a saborear a discussão.

– É essa a minha única certeza, capitão Stenz. Que a gravidez e o parto chegam sempre ao fim. É o que acontece entretanto que nos mantém sempre alerta. É isso que adoro.

Ele pareceu divertido.

– Bem, *Fräulein* Hoff, se o que diz é verdade, então estamos em boas mãos, embora eu não pretenda compreender. – Pôs-se de pé para partir, e eu fiquei no mesmo instante desanimada. – Não enquadra com o costume militar do *Reich*, de ordens, de regras...

Interrompi-o.

– Não estou muito certa de que o senhor enquadre.

Ele sorriu, de lábios cerrados.

– Talvez. Mas tenho de ir – ergueu o bloco-notas – tratar dos seus pedidos.

Alargou o sorriso e voltou-se.

– Ah, mais uma coisa, *Fräulein* Braun – disse, rodando de novo para mim. – Ficou tranquilizada com as cartas da sua família?

O meu ritmo cardíaco acelerou vinte batimentos.

– Cartas? Que cartas?

Ele corou um pouco e apertou os lábios.

– Julgo que chegaram cartas para si. Dê-me licença por um instante, por favor. Espere aqui.

Sem mais explicações, afastou-se a passo rápido em direcção à casa principal, enquanto o coração me subia à garganta. Minutos depois voltou, o pescoço muito encarnado por cima do clarinho apertado. Estendeu a mão e apresentou-me um pequeno maço de sobrescritos – contei quatro, num relance.

– As minhas sinceras desculpas, *Fräulein* Hoff – disse. – Só posso pensar que a memória do sargento Meier não é o que devia ser. Tem a minha garantia de que qualquer futura correspondência lhe será entregue logo que possível.

Arranquei-lhe os sobrescritos da mão, como uma criança a receber um brinquedo novo, e levei-os ao peito no mesmo instante, a querer abri-los ali onde estava e beber

os sentimentos. Contive-me a tempo de emendar a minha rudeza e agradecer os esforços dele. Estava rígido e tenso, calculei que em consequência de um furioso encontro com o seu subordinado.

– Obrigada – disse eu. – Não pode saber o que isto significa. Juro.

Ele inclinou a cabeça e esteve à beira de bater os calcanhares – parecia menos inclinado a fazê-lo na minha presença.

– Bem, bom dia, *Fräulein*. Tenha uma boa tarde.

– Bom dia, capitão Stenz – respondi, mas estava já a voltar-me para o quarto. Precisava de me conter, de inspirar tudo o que eles diziam, de estar no meu mundo.



Tremiam-me as mãos quando espalhei os quatro sobrescritos em cima da cama, papel barato transformado em invólucros improvisados. Dois apresentavam a caligrafia característica do meu pai, mas um pouco menos nítida do que me lembrava, os outros dois da minha mãe, letras sólidas, direitas. Nada, porém, de Franz ou de Ilse, e eu não me permiti pensar na razão.

Hesitante, tirei as cartas dos respectivos sobrescritos e verifiquei as datas. A primeira, do meu pai, estava datada de cinco semanas antes, e a última, da mamã, de há duas semanas. Na altura, estava viva! Deitei-me na cama, a esperar que o colchão absorvesse o vibrar nervoso do meu corpo, embora de nada servisse para acalmar o tremor das minhas mãos. As cartas tinham só uma página cada, como se tivesse sido imposto um número máximo de palavras. Os olhos encheram-se-me de lágrimas que transformaram a escrita em rabiscos.

O papá começava assim:

Minha querida Anke

Não podes imaginar como fiquei aliviado e feliz ao receber a tua carta... tão inesperada. Parecest estar bem, de boa saúde. Eu estou com alguns camaradas encantadores e cá nos vamos animando uns aos outros.

Não acreditarias se visses como me tornei prático, a trabalhar todo o dia na minha bancada. É quase como ter um emprego normal, minha querida, como tu! O meu peito está a aguentar, mesmo durante o Inverno, pelo que há todas as razões para nos alegrarmos. Conseguimos ver a luz do Sol do nosso local de trabalho, mas seria muito bom vislumbrar o horizonte consistente de vez em quando. Talvez um dia.

Penso em ti, minha maravilhosa filha, e em todos vós, e espero que um dia possamos voltar a estar juntos. Senão em casa, ao menos juntos. Por favor, fica bem, sê boa.

Todo o meu amor, papá

Li a carta várias vezes, à procura de mensagens escondidas. Estava num campo de homens – só usava a palavra «camarada» num sentido masculino – e não havia qualquer referência à minha mãe, de modo que não estavam juntos – tinha de assumir – há já algum tempo. Era óbvio que estava num campo de trabalho a fazer uma qualquer

espécie de labor manual, o que me acalmou um pouco os nervos. O nosso código – falar de horizontes lisos ou rochosos – dizia-me que estava a sobreviver, e pedia-me que «fosse boa», que seguisse as regras, que me mantivesse *viva*. Acima de tudo, o tom era tranquilizador; a sua antiga tenacidade em questões de política tinha-se transferido para a sobrevivência. Não tinha desistido.

A carta seguinte, em data, era da mamã. Transmitia o mesmo género de mensagens, de estar num barracão de mulheres a abarrotar de *muitas novas irmãs*, mas o tom falava de solidão sem a família, até que escreveu: *A Ilse está bem e manda dizer que te ama muito. Continuo a ter de ralar com ela para proteger os pulmões, mas sabes como é a tua irmã! Trabalhamos as duas muito, mas também conseguimos descansar.*

Portanto a Ilse estava viva e as duas estavam juntas! Parecia quase um milagre, mas quando pensei na noite em que tínhamos sido todos presos, era natural que assim fosse. Os homens e as mulheres eram sempre separados, mas não necessariamente as parentes femininas. Fora comum no meu campo ver mães e filhas juntas no mesmo beliche, a alimentarem-se do calor uma da outra, as filhas com idade suficiente para trabalhar, sobretudo adolescentes, com corpos que pareciam cinzelados em pedra pelo duro trabalho de carregar pesadas máquinas de um lado para o outro na fábrica.

Enquanto o papá escolhera as suas palavras com cuidado para evitar o censor, o estilo emotivo da mamã atraía uns quantos riscos pretos. Segurei o papel que quase parecia tecido contra a luz na esperança de ver qualquer coisa, mas a tinta preta do *Reich* era à prova de tudo à simples vista.

A segunda carta de ambos dizia quase a mesma coisa: como eu, esforçavam-se por dizer qualquer coisa nova, e na despedida havia um disfarçado pedido de notícias. *Espero que estejas bem e a sorrir*, escreveu o papá. *Talvez possamos voltar a estar todos juntos um dia*, dizia a mamã. Estavam famintos de notícias um do outro, e de Franz. Cabia-me a mim, nas novas cartas que podia escrever, ser o canal de ligação.

Estava animada, ainda que não de todo livre do braseiro que me ardia no estômago. Tinha pensado que explodiria de emoção, mas dei por mim não a soluçar, só com um fio de lágrimas a deslizar-me para as orelhas. Deixei-as acumularem-se, e quando acordei por um instante tinha duas crostas salgadas à volta de cada lóbulo. A penumbra do quarto recordou-me que ainda estávamos todos na escuridão.

Foram os sons ásperos e espasmódicos que me acordaram, uma tosse regular alternadamente seca e molhada, as espessas mucosidades a rolarem nos pulmões de um qualquer infeliz. Aproximei-me da cama, os sapatos do hospital a ressoarem no chão ao compasso do barulho atrás da cortina – clip, clop, cof, clip, clop, cof. Olhei para baixo e vi várias manchas de sangue no meu uniforme branco de neve. É inaceitável, pensei, concisa. A enfermeira-chefe vai ficar muito zangada.

Afastei a cortina para o lado. «Então como está hoje, Herr Hoff?», perguntei, a pegar no pulso flácido do homem estendido na cama. Os cabelos grisalhos estavam desgrenhados,

a barba comprida e descuidada, o pijama às riscas salpicado de gotas de sangue sobre o peito esquelético e a carne manchada. «Oh, as nossas nódoas são iguais», disse eu, enquanto lhe media o lânguido pulso.

«Sobrevivência, enfermeira Hoff», conseguiu ele dizer, o peito a subir a cada laboriosa respiração com o silvo de foles a esforçarem-se por funcionar. «Não posso queixar-me.»

«É esse o espírito, Herr Hoff», gorjeei eu, e voltei-me para me ir embora. «Trate só de manter-se vivo mais algum tempo. Como sabe, estamos em guerra.»

Os seus dedos finos e compridos agarraram-me a bainha do avental quando me voltei, uma nova bola de expectoração subiu-lhe à garganta. «Fique, por favor», rouquejou, a reprimir o estertor da morte. «Fique comigo.» Os dedos rastejaram no ar, à procura de contacto.

Uma outra voz ergueu-se acima da cortina, urgente, suplicante. «Enfermeira! Enfermeira!» Avancei pela enfermaria, os raios do Sol a esbranquiçar as paredes cor de giz, os meus olhos a adaptarem-se à luz para descobrir a figura que chamava. O contraste era dramático: um halo de luz no meio do qual havia uma cabeça, a balir como um cordeiro aflito.

«Anke, Anke», disse a cabeça, um corpo vestido com uma bata a fundir-se no clarão, pernas cor de palha ligadas ao chão. Dirigi-me, a fazer clip-clop, para a figura, que tinha os olhos fixos nas lajes lavadas do chão. Um risco encarnado serpenteava na direcção dos meus austeros sapatos pretos, como um réptil a cheirar o ar. «Oh, não, mais sangue não», suspirei para mim mesma. «É inaceitável.»

Segui o rasto do rio vermelho até à nascente, até aos pés descalços, e mais para cima, um pequeno latejar visível no tornozelo enquanto o fio encarnado continuava a correr do interior da bata. Duas mãos surgiram do halo, de palmas e dedos ensanguentados, como uma criança travessa que tivesse enfiado as mãos na lata de tinta. «Anke, Anke», insistia o choro monótono. Foi só então que olhei para cima, e através da névoa cor de marfim vi que era o rosto de Eva, os olhos fixos nos meus. «O bebé, o bebé», disse ela, uma, duas, três vezes, a olhar com uma expressão triste para a irregular poça de sangue. «Então e o bebé?»

Do outro lado da cortina, o ar foi conspurcado por uma tosse espessa, e uma voz disse. «Enfermeira Hoff, volte, por favor fique comigo.» Os meus sapatos escorregaram no líquido viscoso, um ouvido sintonizado para cada súplica, puxada para as necessidades moribundas do velho e arrastada na direcção oposta pelos balidos patéticos do desespero de Eva. Qual deles precisava mais de mim? Senti a minha ansiedade latejar e apertei uma mão contra o peito quando o meu coração se rasgou em dois.



Acordei, e dessa vez era suor e não lágrimas que me cobria o rosto, pesados arquejos a acompanhar o ritmo do meu coração desenfreado. O quarto estava iluminado por uma claridade matinal que refrescava o ar, e deixei-me ficar deitada um pedaço, aliviada por ser dia e a fazer um esforço consciente para abrandar a respiração. Não era hábito ter pesadelos – no campo, algumas mulheres eram atormentadas por um contínuo filme de horror durante o sono –, mas a mim era raro acontecer-me e, por estranho que pareça, nem uma vez desde que deixara o campo.

Enquanto lavava as manchas de sal, as imagens do sonho ficaram a pairar como um esbatido negativo de uma fotografia, sem nunca se mostrarem como deve ser. Aquelas cartas tinham desencadeado qualquer coisa dentro de mim, mas eu sentia-me de certo modo confortada. Tinha as emoções certas. Continuava a sentir-me eu. Humana.

Capítulo 17

Uma nesga de vida

Na manhã seguinte houve pouca conversa na sala de jantar do pessoal e, mais uma vez, comi praticamente sozinha. O sargento Meier interceptou-me a caminho do quarto de Eva – tinha um joguinho privado em que aparecia de repente para me assustar.

– Bom dia, sargento Meier. Permita que lhe diga que parece um pouco cansado. Sente-se bem?

Ele levou uma das mãos à cara cor de cera num gesto automático e o bigode eriçou-se-lhe. Missão cumprida.

– Estou muito bem – disse. – Vim avisá-la de que *Fräulein* Braun pede que a visite. Sente-se um pouco abatida e ainda está a dormir.

– Bem, talvez fosse melhor vê-la agora, se não está bem.

– Acho que seria melhor se...

– Penso que essa decisão me cabe a mim, sargento, uma vez que sou eu a profissional de saúde.

Ele sobressaltou-se perante a minha tentativa de puxar dos galões, mas manteve-se firme.

– *Fräulein* Braun deu-me ordens estritas para não ser incomodada. Poderá vê-la quando regressar da sua viagem.

– Viagem?

A perspectiva de uma saída repentina provocou um pequeno pânico, mas ao menos ele tinha falado de um regresso. Era estranho como o cume da montanha oscilava entre a prisão e um refúgio seguro.

– *Fräulein* Braun estava a planear uma viagem de compras a Berchtesgaden, para se abastecer de roupas para o bebé. Não quer adiá-la e pediu que fosse a menina no lugar dela. Escreveu uma lista de pormenores, mas disse que deve usar a sua experiência se achar que não está completa.

Estendeu-me uma folha de papel, espesso e caro, e eu dei uma vista de olhos aos oito ou dez itens listados.

– E com quem irei? – perguntei, apavorada pela ideia de ter o sargento Meier como

companheiro de compras, a seguir todos os meus movimentos e a tentar fazer conversa.

– Terei muito prazer em acompanhar *Fräulein* Hoff esta manhã. – O capitão Stenz aproximou-se, vindo de trás de mim. – Tenho uma reunião à tarde, posso levá-la a Berchtesgaden. Sargento Meier, tenho a certeza de que conseguirá arranjar um motorista para ir buscar *Fräulein* Hoff mais tarde?

A cabeça oleosa inclinou-se, os tacões bateram e o sargento Meier eclipsou-se.

Ao contrário do que era costume, fiquei confusa e silenciosa.

– Vamos? – O capitão Stenz apontou para o vestíbulo. – Há alguma coisa que precise de ir buscar ao seu quarto?

Deixei escapar uma meia gargalhada.

– Quer dizer assim como uma mala, capitão Stenz? E que iria eu guardar nela?

Não fora minha intenção ser tão agressiva, sobretudo com ele, mas era uma reacção natural da minha raiva fervilhante, a subversão imbuída de uma prisioneira. A expressão dele não foi irritada nem divertida, um sinal dos seus afinados dotes diplomáticos.

– Estava a pensar mais num casaco, mas se não precisa, talvez possamos ir?



O carro era usado e confortável, com o cheiro do couro envelhecido e o aroma dele, uma água-de-colónia leve que ainda não tinha conseguido identificar.

– Obrigado, Rainer – disse ao motorista, e arrancámos.

Olhei para a lista de Eva, que reflectia as nossas conversas enquanto caminhávamos de e para a Teehaus: camisas de dormir, musselinas, fraldas, mantas. Tinha rabiscado no fundo da página, talvez uma lembrança tardia, *roca*.

– Estou muito aliviado por *Fräulein* Braun não poder viajar hoje – disse o capitão enquanto conduzia, e o meu coração falhou uma batida. Os nossos olhos encontraram-se, os azuis dele a desviarem-se no mesmo instante. – Bem, *Herr* Goebbels faz muita questão de ela não ser vista em público, por muito que o seu... *estado* possa ser disfarçado.

Fomos até ao centro da povoação e emergimos num límpido dia de Primavera, um cheiro a indústria doméstica no ar e uma azáfama constante de pessoas que não olharam duas vezes para o carro ou para o uniforme.

– Conhece bem a vila, capitão? – perguntei, a procurar em redor as lojas de que poderíamos precisar.

– Nem por isso, não – respondeu. – É possível que tenhamos de seguir os nossos narizes.

Sorriu, outra vez brincalhão, descontraindo por ter saído do carro. Estaria enganada ou o uniforme de vulgar tecido funcionava como um colete-de-forças para o verdadeiro homem que o vestia?

Dirigi-me à praça principal, cujo centro era assinalado por uma fonte, a pensar que poderíamos derivar para as ruas comerciais que lá iam desembocar se fosse preciso. A cidade era típica da Baviera, com casas de altas empenas, janelas com portadas e floreiras acabadas de plantar a pôr pinceladas de cor contra as traves exteriores pretas e brancas. Montanhas de recorte muito nítido espreitavam por entre os telhados, tendo por fundo um

cêu do mais puro azul. Como tomo a Berghof, ali era difícil imaginar que estava uma guerra em curso. Só as numerosas suásticas, de ângulos rectos e arestas duras a contrastar com a exposição floral, nos recordavam que aquela era uma terra do *Reich*, muitíssimo orgulhosa do mais famoso dos seus filhos.

– Talvez devêssemos dirigir-nos à casa de tecidos mais próxima e aí perguntar pelas melhores lojas de roupas de bebé? – sugeri.

– Se é isso que um casal à espera de um filho faria, então submeto-me ao seu conhecimento, *Fräulein Hoff*.

A expressão dele era pura travessura.



No meio da sumptuosa exposição da casa de tecidos, o rotundo proprietário acolheu-nos com um grande sorriso, a falar da «chegada» e de como a mulher tinha usado aquele preciso tecido para fazer fraldas, e de se estávamos na esperança de que fosse rapaz ou rapariga? Detectei uma nova centelha de divertimento nos olhos do capitão Stenz.

– Oh, não – apressei-me a esclarecer –, não é para mim, é para... a minha irmã. Não tem estado a sentir-se muito bem.

– Oh, lamento muito sabê-lo – disse ele. – Mas pode ter a certeza de que ela vai ficar satisfeita com a qualidade dos artigos.

Atrás de mim, o silêncio do capitão Stenz reforçava a mentira, e foi ele que tirou um maço de notas para pagar. Pegou no embrulho e enfiou-o debaixo do braço, em vez de mandá-lo entregar. Sem ter visto Eva nos últimos meses, a cidade não estaria ao corrente da sua gravidez. Línguas soltas não seriam toleradas em casa, e todos os residentes compreendiam até bem de mais os perigos de espalhar mexericos. O manto de segredo dos Goebbels parecia ter sido bem apertado.

Numa loja próxima que vendia roupa de bebé quase me diverti a escolher várias indumentárias e camisolinhas, brancas como a neve e angelicais. A ironia não me escapou, nem a onda de culpa face àquele luxo e decadência quando sabia que, no campo, as mulheres continuavam a arrancar trapos do chão imundo para aquecer os seus bebés. Viva. Só podia justificar aquilo como sobrevivência. Podia – devia – ter recusado ir? Um pequeno gesto de desafio, mas um gesto que lhes recordasse, ao inimigo, quais eram os meus sentimentos? Em vez disso tinha obedecido e – para ser franca – estava a desfrutar da experiência de sair, de uma espécie de liberdade fora do arame farpado da Berghof. No entanto a vergonha queimava, uma fogueira a lamber-me as entranhas.

Enquanto o capitão Stenz pagava, os meus olhos deambularam pelas bem abastecidas prateleiras em direcção a uma roca de madeira. Toquei na pega macia, belamente trabalhada – horas de vida humana dedicadas àquele brinquedo, tão longe da feia e fria maquinaria das armas, das bancas de trabalho do campo, dos duros cacetes de madeira.

Lembrei-me de Ira, o carpinteiro, a bater com pancadas tímidas à porta do nosso barracão, um dia – era autorizado a entrar no campo das mulheres para fazer reparações –, e entregar-me três versões da roca que naquele momento eu segurava, simples e toscas,

mas imbuídas do seu talento e altruísmo. Imagine-o sentado na penumbra do seu barracão, a esforçar os olhos velhos e cansados a trabalhar para prazer de outros. Não falei de todos os bebés que nunca viveriam o suficiente para pegar nos pobres brinquedos, que quase de certeza morreriam antes de chegarem a sorrir. O valor das rocas era como uma recordação para as mães, um momento tangível de um bebé cujas pequenas mãos poderiam ter um dia agarrado a madeira. As recordações, sendo tão breves, desvanecer-se-iam com o tempo, mas o brinquedo ficaria.

– *Fräulein* Hoff, sente-se bem?

O capitão Stenz estava a meu lado enquanto uma grande lágrima me deslizava pela face.

– Desculpe? Oh, sim, estava só a recordar uma coisa.

Limpei a lágrima com um gesto rápido e fiz-lhe um pálido sorriso.

– Quer comprar isso? – perguntou, a apontar para a roca.

– Hmm, não, acho que não. É melhor ser *Fräulein* Braun a escolher essas coisas.

Segui-se um silêncio embaraçado quando me voltei para limpar a outra lágrima que ele não tinha visto. Stenz mexeu os pés, pouco à vontade.

– Se já acabámos as compras, talvez pudéssemos ir beber qualquer coisa? Um café?

Fiquei a olhar num silêncio incrédulo. Ele tinha sugerido irmos a um café? Juntos?

– Bem, se prefere voltar...

– Não, não! Só não estava à espera... mais nada.

Ele sorriu – o sorriso diplomático, só lábios distendidos e nenhuns dentes à mostra.

– Julgo que é adequado eu levar a minha acompanhante a beber um café – disse. – Sou um capitão, ao fim e ao cabo, e o posto tem algumas prerrogativas.

Agora estava a brincar comigo.

– E muitas prisioneiras são tratadas deste modo?

– É uma empregada na Berghof, *Fräulein* Hoff, e como tal é apropriado.

– Bem, talvez empregada seja um pouco exagerado, mas obrigada de todos os modos. E, por favor, trate-me por Anke. Penso que depois de termos comprado fraldas para o *nosso* bebé, podemos ao menos dispensar a etiqueta.

Ele riu, e eu senti-me descontraída como não me sentia desde há não sei quanto tempo. A brisa soprava pelas ruas cheias de sol e, por um momento, esqueci a guerra.

O capitão Stenz encaminhou-nos com passadas confiantes para um café da praça, tradicional e ornamentado, com cadeiras e mesas no exterior. Sentou-se debaixo de um chapéu, tirou o quéri e as luvas. Para todas as outras pessoas, as suas costas estavam direitas e os seus modos eram os próprios de um oficial das SS, mas eu estava perto o suficiente para ver os músculos relaxarem na cadeira, para ouvir a pequena expiração de alívio.

– Café? – perguntou. – Conheço o suficiente de Berchtesgaden para saber que aqui servem café autêntico, não imitações.

Café *autêntico*. A última chávena que bebi, com o líquido forte e espesso coberto por uma capa de leite verdadeiro... quando tinha sido? Em Berlim, com o papá, no início da guerra? Quando o amargo do café reflectira o nosso estado de espírito. Desde então,

o ocaionamento trouxera o infame *Ersatzkaffee*, que fazia o meu pai torcer o nariz e protestar contra a guerra e o mundo. «Café feito de bolota!», exaltava-se, a descarregar na pobre mamã. «Agora sei que enlouqueceram todos!» Para um alemão, um bom café significava estabilidade, conversa, amizade, o mundo no lugar certo. O pó moído do *Ersatzkaffee* era sinal de que o universo rodopiava fora de controlo – insípido, fraco e falso.

– Uma chávena de café seria *maravilhoso*.

Mais uma vez, ele percebeu a minha intenção. Fez o pedido – a empregada a namoriscar o uniforme – e ficámos sentados a contemplar a cena na praça, pessoas a andar de um lado para o outro, a tratar das suas vidas. O azul-turquesa dos olhos dele parecia mais escuro com a sombra do chapéu. Estava a olhar para a distância e parecia em paz. Mas eu era demasiado curiosa para um silêncio prolongado.

– É-me permitido saber o seu nome, capitão Stenz?

– Oh... é Dieter – disse, como se o tivesse esquecido.

– Tenho um tio chamado Dieter aqui na Baviera. Mas é agricultor. – Ri para mim mesma. – Não consigo imaginá-lo de uniforme. Ou até de fato, já agora.

– É irmão do seu pai?

– Sim. Mas ninguém o diria... não são nada parecidos. O tio Dieter só se sente feliz quando está com as suas senhoras, a sua adorada manada. E a única coisa onde o meu pai se enterraria até aos joelhos seria livros. Mas por estranho que pareça, dão-se bem.

– É casado, esse seu tio?

– Só com as vacas – disse eu. – E o seu pai, o que faz?

– É engenheiro... aeronáutico. Cresci debaixo de motores. Até ser adolescente, pensava que todos os pais cheiravam a óleo.

Os olhos dele falavam de verdadeiro afecto.

– E apesar disso escolheu a Arquitectura?

– Sim, mas acho que tem tudo a ver com construção, juntar coisas. Desmontei tantos motores que compreendi o valor de uma boa base. Além disso, o meu irmão tornou-se engenheiro, um engenheiro muito melhor do que eu alguma vez seria.

Juntou os lábios, num meio sorriso à recordação.

– Também está no Exército?

– Na Luftwaffe, qualquer coisa bem alto no desenho de motores. Estou grato por ele ser demasiado importante para o porem a voar.

Senti que pisávamos terreno sólido, numa conversa que não era rígida nem estorvada pelo embaraço. O que acatou a minha curiosidade.

– Era isso que queria? Seguir a tradição?

Voltou-se para mim, os olhos a sondar os meus, como se não pudesse acreditar que eu tinha ousado ser tão directa. Mas não havia sinais de irritação.

– Uma coisa nesse género – disse, e desviou o olhar azul para outro lado.

A empregada salvou-nos de um silêncio atrapalhado ao aparecer com os cafés. O cheiro quase me fez cair – profundo e rico, sabor e promessa a aumentarem enquanto o escuro

moca rompia a superfície da espuma de leite, a evocar imagens e recordações da vida real antes da guerra. Normal. Segura. Fiquei a olhar para aquela beleza durante pelo menos um minuto, a ver as pequenas bolhas desfazerem-se quando a brisa roçou o topo.

– É adequado? – perguntou ele, já a bebericar da sua chávena.

– Sim, sim, ótimo – respondi. – É só que passou tanto tempo. Estou a saboreá-lo. – E então sorri, para que soubesse que estava a brincar e não a atascar-me na tristeza. – O meu pai nunca me perdoaria se não apreciasse a experiência completa.

O primeiro gole cumpriu todas as promessas, amargo e espesso, a deslizar pelas minhas papilas gustativas e pela minha garganta como seda pesada, e penso que deixei escapar um suspiro audível. O capitão voltou-se e tornou a sorrir ao ouvir o som. Apesar de todos os luxos alimentares da casa, o café da Berghof não chegava aos calcanhares daquele; *Fräulein* Grunders não bebia café e o que o pessoal tinha à sua disposição era, claro, de segunda categoria.

Falámos um pouco das nossas infâncias – a dele perto de Estugarda – e ele interrogou-me a respeito de Berlim, as nossas recordações a manterem-se em terreno seguro: antes da guerra, escola e anos de adolescência. Só que naquele momento eu não me importava de falar do que fora a minha vida na capital, e não estava demasiado zangada ou amargurada por causa dos meus familiares para não falar deles. Ainda que o meu pai vivesse sem liberdade, talvez até sob a ameaça de morte, e os parentes do capitão Stenz pudessem ter contribuído para o esforço de guerra. Se falávamos dos meus pais, ou de Franz, ou de Ilse, pelo menos eles estavam vivos para mim, neste mundo. Sentia que havia alguma esperança desde que as suas personalidades fossem coloridas, parte da paisagem, em vez de sombrias e pálidas, quase pretéritas.

Dieter parecia não ter pressa, e pediu mais cafés. Eu acabava de engolir o último e precioso gole do meu quando o motorista apareceu, vermelho e ofegante.

– Rainer, que se passa?

– Perdoe a intrusão, meu capitão, mas *Fräulein* Hoff é necessária na Berghof... imediatamente.

Foi a minha vez de me preparar. Aquilo só podia significar uma coisa. Eva.

– Ela não está bem? – perguntei, mas claro que não podia esperar que o homem soubesse se o que estava em causa era um parto prematuro. Às trinta e duas semanas, podia ser um problema.

– As minhas instruções são levá-la de imediato. O Daniel foi mandado buscar o médico, mas é capaz de demorar algum tempo.

– Vamos.

O capitão Stenz era uma vez mais o oficial das SS. Tirou algumas notas do bolso, deixou-as em cima da mesa e seguiu Rainer, a ter de encurtar as largas passadas para que eu pudesse acompanhá-lo.

A minha mente passava em revista todas as possibilidades. Por que fora que não insistira em vê-la naquela manhã? Por que fora que cedera àquele homem horrível, o sargento Meier? Talvez tivesse detectado qualquer coisa. Se o bebé viesse agora, ia ser uma luta para

conseguir a ajuda necessária a tempo. Estaríamos a fazer o melhor possível com uma má situação, e isso não era suficientemente bom para o *Reich*.

Capítulo 18

A acalmar o fogo

Rainer conduzia depressa, a forçar o motor que protestava, mas a viagem pareceu dolorosamente lenta e passaram quarenta minutos antes que eu saltasse do carro e subisse a correr os degraus do alpendre. Foi *Frau* Grunders em pessoa quem abriu a porta, com o meu pequeno saco de equipamento nos braços, os olhos acerados imóveis.

Eva estava no quarto, só com a cabeça visível acima das mantas. A brilhar de suor, estava quente ao tacto e da cor da sopa de beterraba que a cozinha servia. Esforçava-se por manter abertas as pálpebras que teimavam em fechar-se.

– Eva, Eva – disse eu baixinho, e depois mais alto: – Consegue ouvir-me?

Ela endireitou-se um pouco, a gemer, e por fim abriu os olhos, piscando-os várias vezes até que pareceu reconhecer-me.

– Anke? Ainda bem que veio. Não me sinto bem. Diga-me que o bebé está bem.

O discurso era lento e laborioso, e ela divagava fora e dentro da consciência. *Frau* Grunders tinha-se detido à porta, e eu pedi toalhas molhadas em água fria e ajuda para mover a doente. Ela afastou-se com passos rápidos e a criada principal apareceu quase no mesmo instante.

Juntas, eu e Lena puxámos as mantas para baixo e voltámos Eva de lado. Apesar de a sua pele irradiar o calor de carvões em brasa, ela tiritava como se estivesse metida num banho gelado, a pedir que a tapássemos. Tinha o pulso muito acelerado, a cento e vinte pulsações por minuto, e os vasos sanguíneos esforçavam-se por distribuir o sangue pelo corpo infectado. Não havia dúvida de que era febre – a causa era desconhecida, se bem que eu tivesse as minhas suspeitas.

Levámo-la à força para a casa de banho, onde consegui recolher uma amostra de urina com ela sentada na sanita, de olhos fechados e semi-inconsciente. De novo no quarto, abrimos todas as janelas e Lena aplicou as toalhas húmidas na cabeça e no peito de Eva, enquanto eu me afadigava diante do toucador, submetendo a amostra a uma chama. Estava carregada de proteína – uma infecção urinária, como eu suspeitava, comum nas mulheres grávidas e fácil de tratar nas primeiras fases, mas mais perigosa depois de se estabelecer. Se a intensa infecção chegasse aos rins podia causar um espasmo do útero e provocar um

parto prematuro. Com trinta e duas semanas e sem cuidados especializados, o bebé teria muito poucas hipóteses de sobrevivência.

Eva continuava a gemer baixinho, a mostrar menos angústia, mas agarrada ao ventre enquanto franzia a testa. Eu esperava que a contracção dos músculos faciais não estivesse a imitar qualquer coisa mais abaixo. «O bebé», não parava de dizer. «Salve o bebé, Anke.»

Num reflexo automático, ficou quieta quando lhe encostei o *Pinard* ao ventre, tão perto dela que senti as ondas de calor que emanavam da sua pele. O batimento cardíaco do bebé era forte e regular, com um bom ritmo, mas senti um ligeiro soerguer no ouvido encostado à superfície lisa da trombeta de madeira: a rede de músculos do ventre a juntarem-se. Ela estava a contrair.

– O bebé parece bem, Eva, a pulsação é regular e forte. Só precisamos de arrefecê-la.

Ela gemeu, a indicar que compreendia. Não precisava de saber da contracção. Se fosse muito forte, dir-me-ia.

Disse a Lena que continuasse a molhar as toalhas e a despejar colheres de água fria na boca de Eva, e fui à procura de novidades. O capitão Stenz apareceu a meio do corredor, o rosto cheio de preocupação pela primeira vez desde que o conhecia.

– Como está a *Fräulein*?

A voz dele soou espessa de ansiedade.

Expliquei-lhe a infecção e a necessidade imediata de um médico.

– Mas temos de certificar-nos de que traz antibióticos e os meios para administrá-los depressa. O doutor já saiu do hospital?

– Vou telefonar para verificar. Mandarei o estafeta mais rápido como apoio. Acha que o bebé está em perigo?

– De momento não, mas se ela entrar em trabalho de parto sim. As próximas horas dirão, mas neste momento não podemos correr o risco de a deslocar.

– Vou mandar recado ao médico. – Quando me voltei, ele agarrou-me o braço. – Anke?

– Sim?

– Ainda bem que é você. Que está aqui, com ela. Com tudo o que sabe.

– Isso está para se ver – respondi. – Também precisamos da sorte do nosso lado.

Capítulo 19

Espera vigilante

Depois daquilo não saí de junto de Eva, a estudar-lhe o rosto enquanto ela entrava e saía de um sono intermitente, inquieto, a palpar-lhe o ventre sempre que as suas feições se contraíam de dor. A barriga estava quente, e por vezes dura e rígida, voltando a tornar-se ao cabo de sessenta segundos uma cúpula macia sob os meus dedos. Sem que pudesse evitá-lo, a imagem de um ovo de dragão insinuou-se-me nos pensamentos, recordações do meu muito manuseado livro de contos de fadas, a história preferida que a minha mãe me lia para eu adormecer. E no entanto, em todos os meus anos como parteira, não me ocorrera uma única vez comparar um parto ou um bebé à flamejante imagem. Até àquele momento.

As contracções de Eva tornaram-se mais próximas, de uma a cada quinze minutos para uma a cada dez, numa perigosa espiral em direcção ao trabalho de parto. Como com qualquer outra mulher, era difícil avaliar o nível de dor, mas eu observava com atenção a boca e os olhos dela a cada contracção, atenta à distorção das feições. Até ao momento, o ponteiro da dor mantinha-se estável. Talvez uma pequena dádiva da Natureza? A pele continuava pastosa, mas perdera o violento rubor de momentos antes, só uma leve linha salgada lhe marcava o alto da testa.

Foi então que reparei, ao compor a fina camisa de noite: uma perturbação da pele na base do pescoço. À primeira vista pareceu-me uma mancha de água, e preparei-me para a limpar, mas depressa percebi que fazia parte dela, estava fixa. A pele estava levantada como uma antiga queimadura, com pontinhos cor-de-rosa distribuídos em estrela à volta de um pequeno orifício central, uma minúscula cratera vulcânica. Quase como se tivesse sido queimada com um objecto pontiagudo ou – e aqui a minha imaginação tomou o freio nos dentes – apunhalada, ou até atingida a tiro. Vendo-a semi-inconsciente, não resisti a passar as pontas dos dedos pela zona, e Eva contorceu-se, irritada, obrigando-me a retirar a mão, como uma criança apanhada a enfiar os dedos na lata dos biscoitos.

Passaram dez minutos, lentos e sonoros marcados pelo relógio na cornija da lareira, até que, por fim, o ruído de pneus no saibro anunciou uma chegada. O médico era um clínico local de meia-idade que se tinha especializado em obstetrícia nos seus anos de hospital,

e concordei de imediato com os antibióticos. Trabalhámos juntos para estabelecer uma linha intravenosa no braço de Eva e um cateter na bexiga para monitorizar a urina.

Com os medicamentos a correrem pelas veias de Eva, Lena assumiu a vigilância por meia hora para me conceder uma pausa, e eu encaminhei-me para o escritório. Quando entrei, o médico estava sentado, a parecer muito nervoso, na beira de uma cadeira forrada a couro em frente da secretária. Ele e o capitão Stenz olharam para mim com ansiosa expectativa.

– Está a dormir, não houve alterações para pior – disse eu. – Na última meia hora as contracções acalmaram e a *Fräulein* parece não ter dores. O prognóstico é positivo.

Dois pares de ombros relaxaram de uma maneira visível.

– Diz-me o doutor Heisler que os antibióticos devem começar a fazer efeito muito em breve, e que amanhã de manhã saberemos muito mais sobre o estado de *Fräulein* Braun.

– Penso também que sim – concordei. – Mas para jogar pelo seguro, vou passar a noite no quarto dela, e apresentar-lhes-ei o meu relatório ao pequeno-almoço.

O médico voltou a mexer-se na cadeira, gotas de suor a perlarem-lhe a testa.

– Posso assegurar transporte para o hospital local tão cedo quanto possível, esta noite se necessário. E um quarto particular, claro. Privacidade total.

O capitão Stenz olhou para mim, a sua expressão a convidar uma opinião.

– Bem, concordo que o doutor deve voltar a examiná-la de manhã – disse. – Mas se a urina for límpida, e o estado geral melhorar, não vejo razão para não cuidarmos dela em casa, como estava planeado.

– Doutor?

O capitão Stenz estava mais uma vez a fazer diplomacia, mas as suas expectativas eram evidentes.

O doutor Heisler escolheu as palavras com cuidado.

– Em circunstâncias normais, preferiria errar por excesso e não por defeito de cautela, mas é claro que terei muito gosto em consultar a *Fräulein* no seu domicílio, se for esse o consenso geral.

– Obrigado, doutor, o seu saber é devidamente apreciado – disse o capitão Stenz, pondo fim ao jogo de palavras.

Senti-me de repente muito irritada. Por que não se limitavam eles a dizer o que queriam dizer? Para quê envolver cada diálogo em etiquetas e amenidades, quando todos os presentes sabiam que o verdadeiro significado era sujo e feio, uma sinistra ameaça à única coisa que qualquer pessoa podia de verdade ter naquela guerra – a sua vida? O médico não ia sair dali a congratular-se e a gabar-se pela sorte que lhe coubera ao ser chamado para cuidar da amante do *Führer*, e sim a olhar por cima do ombro todos os dias, a rezar todas as noites para que ela e o bebé sobrevivessem e que não tivesse de abrir a porta a altas horas da noite e deparar-se-lhe a Gestapo disposta a fazê-lo pagar. Era essa a Alemanha em que vivíamos.

Mais do que tudo, não conseguia perceber por que razão estava tão zangada com o capitão Stenz por fazer parte dela. Ao fim e ao cabo, era um SS, um dos escolhidos, um

dos rapazes de Hitler. Mulher estúpida, estúpida Anke. Como pudera ser tapada ao ponto de abrir um pedaço de mim mesma a alguém que nunca poderia ser outra coisa senão meu vigilante ou meu captor? Ao fim de anos a criar uma concha para me proteger desde o início da guerra, tinha deixado a guarda deslizar um pouco por ele. Exposto um coração já ferido. E no entanto esperava mais dele, pelas conversas que tínhamos tido até então; nunca, desde o nosso primeiro encontro, o tinha visto como um corvo negro do nazismo. Agora interrogava-me: seria ele apenas muito bom a criar e manter uma fachada, mascarada por aquele uniforme? Se sim, era para me enganar a mim ou ao regime nazi? A sensação incomodava-me, como uma comichão que não tinha esperança de coçar.

Berlim, Fevereiro de 1942

A neve continuava a cair em espessas cortinas brancas, mas ao menos o interior do carro estava aquecido pelos nossos corpos, dois no banco traseiro, um de cada lado de mim, e o condutor à frente. Disseram muito pouco por baixo das abas dos chapéus, a olharem em frente. Tentei calcular qual era ao certo o nosso destino. O imponente edifício no número 8 da Prinz-Albrecht Strasse era feito dos mesmos tijolos e cimento que quando servia de galeria de arte no início dos anos de 1930, mas tinha desde então adquirido uma espécie de capa negra. Não era segredo que milhares de pessoas tinham sido engolidas pelas suas ornamentadas portas principais, ou, pior ainda, pelas portas das traseiras, e sido absorvidas pelas suas entranhas. O quartel-general da Gestapo não era lugar para uma visita turística.

No carro, eu tremia de uma forma incontrolável, todas as minhas artérias a latejar e uma sensação de náusea a revolver-me o estômago. Talvez graças ao meu trabalho, consegui contê-la num violento espasmo do dedo mindinho da mão esquerda, que mantive fechada e tapada pela outra mão, enquanto pensava na minha família e em todas as coisas que não lhes tinha dito. Quando fora a última vez que dissera à mamã que a amava? Que passara um dia com Ilse? Que tivera uma conversa com Franz? A guerra tinha-nos inundado a todos, e agora preparava-se para me engolfar, talvez para sempre.

Parámos em frente da elegante porta principal; a Gestapo tinha muitos segredos, mas os interrogatórios de dissidentes não eram um deles. Eram impudentes a respeito da maneira como tratavam os oponentes do Reich. O vasto átrio e os corredores de mármore estavam mergulhados numa semipenumbra – percorremos diversas compridas passagens ladeadas de portas antes de começarmos a subir uma escada de pedra, uma escalada de vários andares que me deixou as barrigas das pernas a arder. Aquela parte do edifício era muito menos ornamentada – suja e de um modo geral mal conservada. Detivemo-nos por fim diante de uma porta anónima, com um número 9 pintado na madeira arranhada. «Aqui», disse o homem que me escoltava.

O quarto era escuro e gelado, com um soalho de tábuas nuas e uma pequena janela no alto

da parede, fora do meu alcance. Fora deixada aberta, de propósito, calculei. Esfreguei os braços num gesto instintivo. Tinha trocado o uniforme por uma leve blusa antes de sair do hospital; o meu casaco de malha e o casaco de rua estavam em casa de Nadia e os homens que tinham feito a captura não me deixaram pegar em qualquer deles antes de me levarem para a rua. O frio era em si mesmo um bom método de tortura, pensei. Aquela palavra continuava a piscar à frente dos meus olhos, e por mais que tentasse não conseguia apagá-la – uma feia e escura mancha oleosa de significado que fazia todo o meu corpo tremer de terror.

Havia, ao menos, uma cama com uma enxerga nua. Mas nada mais, nem jarro de água, lavatório ou bacio. Tive de súbito consciência de estar cheia de sede e a precisar de aliviar a bexiga ao mesmo tempo. O suor do parto de Nadia tinha-me secado na pele e sentia um cheiro rançoso emanar do meu corpo. O banho que tinha prometido a mim mesma parecia-me agora uma fantasia inalcançável. Se não chegasse em breve a uma sanita podia ver-me na necessidade de me aliviar num canto do quarto, e depois viver com o fedor. Talvez fosse isso mesmo que queriam, talvez fizesse parte do ritual? Quebrar a pessoa com o nojo de si mesma.

Senti uma súbita onda de cansaço e enrolei-me em cima da cama, a olhar para o débil resplendor do manto de neve que pintava um quadrado no tecto. Esforcei os ouvidos para captar os sons de Berlim – carros, eléctricos, risos ou conversas que me convencessem de que o mundo lá fora estava normal, e não petrificado pelo frio. Mas ali em cima parecia que a Gestapo tinha também o monopólio do ruído. Enrolada numa bola, senti-me completamente sozinha.

Depois do meu turno da manhã e do parto de Nadia, a exaustão deve ter-se sobreposto ao medo, porque acordei com dois homens a entrar no quarto.

– Fräulein, levante-se... depressa.

Ainda era noite, e eu mal conseguia distinguir as silhuetas deles recortadas contra a luz do corredor. Sentei-me e enfiei os sapatos, enquanto eles mexiam os pés, impacientes. Percorremos mais corredores, descemos vários andares e voltámos à antiga galeria de arte, detendo-nos diante de mais uma porta.

Pelo menos não estava tanto frio naquela divisão, com uma única lâmpada suspensa do tecto, mas nenhuma janela. Guiaram-me até uma cadeira entalada atrás de uma mesa de madeira nua, com uma cadeira vazia do outro lado. Ia ter companhia. Mas quem? E que iam eles fazer? Rumores a respeito dos criativos métodos de tortura da Gestapo circulavam de há muito por Berlim, e era difícil saber o que era facto ficção ou apenas medo cultivado. Tudo aquilo parecia ignominiosamente inumano.

Deixaram-me ali sozinha durante não sei quanto tempo, uma vez que me tinham tirado o relógio. Percebi que aquilo fazia parte do plano – suspender a mente num limbo onde não conseguia situar a minha fadiga, a minha sede ou a minha raiva. E eu sentia todas estas coisas. Não tinha jantado e a última vez que bebera fora o chá de Minna. Recordei-me a expressão aterrorizada e fulminada pelo desgosto no seu rosto quando as ruidosas botas dos esbirros invadiram o espaço de segurança que tinha criado, a boca dela a formar a palavra «Desculpa» quando olhei para trás. Tinha a certeza de que não denunciara o parto – o seu

remorso era por me ter posto em perigo.

Poupei a mim mesma os horrores de olhar para o futuro contemplando o passado: contei o número de bebés que ajudei a trazer ao mundo, os partos em casa de que tinha desfrutado – qualquer coisa no mundo que pudesse deixar para trás se fosse cuspidada daquele edifício dentro de uma caixa. Um legado de que os meus pais poderiam orgulhar-se. Oh, meu Deus, a mamã, o papá – iam ficar doentes de preocupação!

Ele entrou, bateu os calcanhares, atirou uma pasta para cima da mesa e sentou-se à minha frente. Abriu a pasta, folheou algumas páginas e ergueu os olhos, com um débil sorriso. Foi meio amistoso, não o esgar sujo de que estava à espera.

– Fräulein – disse, num tom formal. Era louro, mas com um toque arruivado nos cabelos e um pequeno bigode, mais largo e mais fino do que o do Führer, que lhe dava mais um ar de estrela de cinema. Os olhos eram brilhantes, de um azul-aguado, e parecia, com o seu fato escuro, uma raposa humanizada.

Mantive-me em silêncio e qualquer coisa me disse que não mostrasse o meu desespero. Ou que pelo menos tentasse.

Com as mãos espalmadas na mesa, ele começou:

– Sabe onde está?

– Na sede da Gestapo.

– E sabe por que está aqui?

Folheou mais umas páginas e eu vi de relance a minha fotografia do hospital.

– Imagino que seja porque estava a ajudar uma mulher a dar à luz. No bairro judeu.

Para minha surpresa, a voz não me tremeu. Tem calma, Anke, recordei a mim mesma. Não antagonizes.

– É uma coisa de que faz um hábito?

O tom foi o de um professor a lidar com um aluno moderadamente irritante.

– Não um hábito.

– Mas já o tinha feito?

– O que diz o meu processo?

Ele sorriu, a desfrutar o jogo, talvez por saber que não podia perder.

– Diz que gosta de ajudar judeus.

– Gosto de ajudar pessoas. Pessoas que precisam de ajuda. É verdade que algumas delas são judias!

Cuidado, Anke... controla a fúria, sê esperta.

Ele tirou um maço de cigarros do bolso e ofereceu-me um. Apesar de só fumar de longe em longe, senti-me tentada, mas pensei que fumar iria agravar a minha sede. Abanei a cabeça. Ele acendeu um, soprou um jacto de fumo na direcção da lâmpada e recostou-se na cadeira.

– Parece que toda a sua família... a sua família alemã, Fräulein... não tem muito a certeza de ao que deve lealdade. Se ao Reich, se aos seus amigos judeus.

Sobressaltei-me ao ouvi-lo falar da minha família. Com certeza tinham andado a vigiar-me só a mim, a seguir os meus movimentos no gueto – onde alguém nos tinha traído. No pior dos casos, a espiar-me no hospital. Mas não em casa.

– Isto não tem nada a ver com a minha família – disse num tom seco, o meu desespero evidente.

– Peça licença para discordar – respondeu ele. Chegara o momento de apresentar a sua carta de trunfo. Semicerrou os olhos numa expressão astuta. – Além da associação do seu pai com dois proeminentes líderes da comunidade judaica, há as visitas da sua mãe a casas de judeus, para levar comida.

Isto foi uma surpresa para mim; sabia que eles tinham contactado com diversas famílias – as dos antigos colegas do papá na universidade –, mas nunca nenhum deles dissera uma palavra a respeito de uma relação.

– Talvez essas pessoas tivessem fome – disse.

– Talvez. – Até ali tínhamos estado a conversar; de súbito, a voz dele tornou-se cortante como vidro. – Mas talvez também haja famílias alemãs necessitadas. Foram notadas – neste ponto olhou para os apontamentos que escrevera – três ocasiões em que a sua família não deixou a contribuição exigida do almoço de domingo, e por duas vezes não contribuiu para o Fundo de Apoio Social Alemão.

Era verdade. Sabia que a mamã detestava a ordem que obrigava todas as famílias alemãs a contribuir com um tacho de comida por semana, supostamente distribuída por famílias alemãs necessitadas, mas que todos sabiam ser apropriada por soldados já bem alimentados.

– Tenho a certeza de que foi um esquecimento – defendi. – Começa a ficar um pouco esquecida.

– Hmm, talvez seja verdade. Mas diga-me, Fräulein, foi também por esquecimento que omitiu comunicar – fez mais uma vez um espectáculo a consultar as suas notas – três casos de crianças que nasceram com deficiências no seu hospital? Em oposição directa à directiva... muito clara... que recebeu dos seus superiores. Posso dizer-lhe as datas, se quiser.

Mantive um ar inexpressivo. Não havia como negá-lo. Em duas ocasiões tinha-me conluiado com outras parteiras para poupar bebés à separação da mãe e a um futuro desconhecido. Outra vez, com uma criança cega, os olhos opacos de cataratas, agira sozinha. Ali sentada, a recordar o olhar vazio e apagado do bebé que mesmo assim me tinha parecido uma súplica, não me arrependi das minhas acções – só do desfecho a que me tinham conduzido.

– Que vão fazer comigo? – perguntei sem rodeios. – Posso ao menos contactar a minha família? Hão-de estar muito preocupados.

– A sua família está bem, e em boas mãos, segundo sei – disse ele, num tom despreocupado.

– Que quer dizer com isso de em boas mãos? Eles não tiveram nada a ver com as minhas acções, com aquilo que fiz.

A minha voz traía pânico.

Ele fechou a pasta e pousou-lhe as mãos em cima, os olhos azuis a cintilarem com... era divertimento, excitação?

– Dada a sua experiência, Fräulein, e a sua profissão, espanta-me que seja tão ingénua – disse com toda a calma. – Não pense que tais acções contra o Reich passarão impunes.

Ele viu a expressão de puro terror perpassar pela minha cara e gostou de tê-la provocado.

– Ah, não se preocupe, Fräulein Hoff, não haverá castigos físicos... Estou certo de que não tem nada de valor para nos contar. Sabemos tudo a seu respeito. Mas a sua presença em Berlim é, digamos, uma perturbação para a força do Reich. A lealdade é a chave. E não podemos contar que a sua família garanta essa lealdade. Já ouviu falar do Decreto contra os Inimigos Públicos... ou os parasitas nacionais, como gostamos de lhes chamar? – Estava agora a sorrir, satisfeito com a sua versão de humor nazi. – Bem, vocês pertencem a esse bando... o dos parasitas. E o que fazemos aos parasitas?

– Esmagam-nos, calculo.

– Oh, nada de tão desumano, Fräulein. – Mexeu nos papéis num gesto de conclusão. – Mas precisamos de impedi-los de infectar outros com o seu veneno. Pomo-los num boião... é uma barreira eficaz e por vezes o veneno desaparece.

– Castigue-me a mim, não a minha família – supliquei num derradeiro esforço enquanto ele se punha de pé.

– Receio que a decisão não seja minha, Fräulein. Semearam as vossas sementes, e como diz o ditado? Colhemos o que semeámos. – Dessa vez os olhos e a linha da boca exsudavam uma confiante superioridade. Um trabalho fácil para ele naquela noite. Uma tarefa simples, ainda por cima com um toque de excitação. – Boa noite, Fräulein.



Deixaram-me ali a cozer no meu molho durante um bom pedaço, a cultivar as minhas sujas imaginações, e então levaram-me para o mesmo quarto. Continuava frio, mas com a luz de um novo dia a entrar pela janela. Havia um jarro de água no chão, ao lado de uma caneca lascada e um pedaço de pão. Engoli as duas coisas, esfomeada, e tornei a deitar-me na cama.

A cena imaginada na minha cabeça recusava ser expulsa – as pancadas na porta da casa dos meus pais, eles a passarem pela mamã empurrando-a para o lado, Ilse a descer a escada, curiosa, a cara cor de cinza do meu pai. Demasiado vívida. Não conseguia impedi-la de tremeluzir como um filme, de bicar-me a consciência, sabendo que tinha sido eu a pôr-nos a todos sob o olhar temível do Führer. Eu, cuja simples ideia de justiça nos pusera todos à mercê do pior género de castigo da parte daqueles que tinham pouca ou nenhuma noção de justiça.

Que tinha eu feito?

Capítulo 20

A força de Eva

A minha noite foi longa e agitada, mas Eva dormiu profundamente, a murmurar no seu sonho. *Frau* Grunders mandou pôr uma cama de campanha para mim no quarto, depois de eu ter declinado ficar no quarto contíguo, com a porta aberta. A cama – a cama *dele* – não foi oferecida, o que eu agradeci. Por pateta que possa parecer, não suportava a ideia de partilhar o ar do *Führer*, qualquer molécula que restasse das suas imundas entranhas, qualquer coisa que fosse comum aos dois. Hitler já tinha tocado a minha vida mais do que o suficiente, e eu não queria mais nenhuma parte dele.

Verifiquei o ritmo cardíaco do bebé antes de me enfiar debaixo das mantas, e outra vez de manhã – parecia imperturbado, a bater feliz e a contorcer-se irritado sob a minha mão.

– Fica aí mais um pouco, pintainho – dei por mim a dizer, enquanto Eva dormia, o corpo flácido de exaustão. A temperatura tinha voltado ao normal e a urina era quase límpida. Os antibióticos estavam a chegar ao fim, e não me importei de deixá-la por instantes.

Fui arranjar qualquer coisa para o pequeno-almoço e saí para a luz brilhante de um bonito dia de Primavera – o familiar rastejar para fora da caverna de um turno da noite, os raios do Sol a apanharem-nos desprevenidos. Tinha dormido, mas acordara quase de hora a hora para pousar a mão na testa de Eva, e os meus olhos estavam a meia haste. Levei o meu prato para o alpendre, para gozar um pouco de alívio e privacidade. Mas não me importei quando o capitão Stenz apareceu no caminho, os olhos a desviarem-se naturalmente para a vista do cume.

– Bom dia – disse ele, animado.

– Bom dia, capitão Stenz.

– Dieter, por favor. Pensava que tínhamos concordado em dispensar as cerimónias quando não necessárias. Estou contente por vê-la aqui... assumo que significa que não está preocupada?

– Sim, penso que o pior já passou para *Fräulein* Braun. A febre desapareceu e o bebé parece estar bem.

– Fico feliz... e aliviado. Por todos nós.

Ficámos sentados a admirar a maravilhosa vista por alguns momentos, até que uma nova curiosidade queimou um buraco na minha garganta.

– Dieter, sabe alguma coisa a respeito de *Fräulein* Braun ter sido ferida?

– Ferida?

– Ontem à noite, reparei numa coisa no pescoço dela... uma cicatriz, como se... não tenho a certeza. Pareceu-me de um tiro?

– Ah!

Fez uma expressão semelhante à que lhe tinha visto durante o nosso primeiro encontro, meses antes, como se outro gato tivesse saltado de dentro do saco.

– Diz isso como se soubesse do que estou a falar.

– Bem, digamos que *Fräulein* Braun nem sempre foi tão feliz como é agora.

Demorei alguns segundos a assimilar o significado daquelas palavras.

– Está a dizer-me que ela disparou contra si mesma? E *sobreviveu*?

Os meus olhos já não estavam só meio abertos.

– A suspeita é que apontou para o coração, mas graças a Deus falhou – disse ele. – Tornou-se uma afirmação, um grito de socorro. Não foi a única vez.

– Um grito dirigido a quem?

Dieter olhou para mim com uma expressão interrogativa.

– A ele, claro.

– Mas ela ama-o, tanto quanto posso dizer. Idolatra-o.

– E o amor não é complexo? Tem a certeza de que ele retribuiu esse afecto?

Ponderei a pergunta ao mesmo tempo que recordava todas as conversas que tinha tido com Eva, os seus humores, a sua necessidade de contacto. A ânsia era forte da parte dela, por vezes desesperada. E no entanto era a única mulher na Berghof, a senhora nomeada. Com certeza isso significava qualquer coisa?

– Está grávida – disse, e soube no mesmo instante que estava a ser ingénua.

– Todos os homens têm necessidades – respondeu ele. – Nem sempre isso é o mesmo que amor. Ou compromisso. Mas agora... agora talvez Eva sinta que tem na mão o trunfo definitivo, mais poderoso do que qualquer ameaça.

– E vai resultar?

Dieter endireitou-se e olhou para a esquerda e para a direita, para se certificar de que não ia nenhuma patrulha a passar.

– Ele não a trata tão bem como devia. A ela ou a qualquer outra mulher, na realidade.

– Que quer dizer com isso? É cruel com ela? Nunca notei qualquer sinal.

– A crueldade manifesta-se sob muitas formas – disse Dieter, sem rodeios. – Há no *Führer* um desprezo... um profundo desprezo... pela inteligência nas mulheres. Eu vi-o. Pode pôr as coisas desta maneira, Anke, vocês os dois nunca se dariam bem. De modo nenhum.

Consegui um pálido sorriso, e eu tomei a afirmação como o elogio que queria ser. Pegou nas luvas e afastou-se, a olhar para o cume.

Capítulo 21

Convalescença e reflexão

Não tive tempo de pensar a sério nesta mais recente revelação, uma vez que fui chamada à presença do doutor Heisler para apresentar o meu relatório. Após um rápido exame, o médico declarou-se feliz por poder ir-se embora – a expressão dele dizia que se sentia imensamente aliviado – e pediu-me que lhe telefonasse mais para o fim do dia. Voltaria se houvesse algum sinal de recaída, mas esperava que não. Esperava mesmo muito que não.

Eva acordou a meio da tarde, zozza e a precisar de uma cuidadosa explicação das últimas vinte e quatro horas. Os seus olhos azuis mostraram alarme quando lhe contei o que tinha acontecido, mas depois de eu ter escutado o bebé – com vários membros a responderem ao meu toque – ficou mais calma. O alívio no seu rosto era óbvio – não por si mesma, mas pela criança. Apesar de toda a sua patetice e ignorância, da visão estreita que tinha do mundo fora da Berghof, Eva continuava tal como no dia do nosso primeiro encontro: indiferente à sua vida quando a do bebé estava em causa. Pegou-me na mão enquanto eu compunha as mantas.

– Obrigada, Anke. Obrigada por ter cuidado de nós. E a Lena também. Estamos muito agradecidos.

Aquele «nós» era ambíguo – não pude impedir-me de especular: referia-se a ela e ao bebé, ou a ela e ao pai ausente? Seria que ele se importava?

Desembaraçada dos tubos, Eva pôde levantar-se e enfiar-se na banheira, e pareceu logo muito mais animada com os cabelos lavados e um pouco de maquilhagem. Aproveitei a oportunidade para tomar também banho, e estava no alpendre, a brisa da tarde a fazer-me cócegas nas raízes dos cabelos ainda húmidos, quando o capitão Stenz voltou a aparecer.

– Boa tarde, Anke – disse, e sentou-se de seguida, esquecidas as formalidades.

– Boa tarde, Dieter. Estou surpreendida por vê-lo outra vez aqui tão cedo. Pensei que talvez tivesse reuniões em atraso.

– Sem importância em comparação com os acontecimentos aqui em cima – respondeu.
– A minha prioridade continua a ser a boa marcha de... bem... como disse, dos acontecimentos aqui em cima.

A possibilidade usar as suas inferências em relação a mim eriçou-me.
– Refere-se à gravidez? Ao bebé da Eva? O bebé do *Führer*? É disso que está a falar?
– Sim, é disso que estou a falar – disse ele, as sobranceiras arqueadas. – Por que ficou tão irritada?

– Bom, nesse caso por que não o diz? – A minha voz foi veemente, senão mesmo exaltada. – Porquê sempre a sugestão escondida, a capa e espada, como se fosse uma tragédia de Shakespeare? É o que lhes ensinam a vocês, os oficiais? Que sugerir nunca é tão mau como dizer a verdade nua e crua? Esta pobre criança: é como se estivessem a escondê-la ainda antes de ter nascido.

Passei os dedos pelos cabelos molhados, a deixar voar a frustração. A cara dele abateu-se, desanimada. Por um segundo, foi um rapazinho magoado por eu o ter feito um deles, o tecido escuro do dólman em vez do homem.

Levantou-se, o rosto a ficar branco.

– Penso...

– O que pensa, Dieter? O que *realmente* pensa? Diga-me.

As veias do pescoço dele engrossaram, como se as palavras estivessem a lutar por sair. Mas a diplomacia condicionada reteve-as.

– Não creio que compreenda como tudo isto é complexo, *Fräulein* Hoff. A corda bamba em que este bebé vai ter de caminhar.

Parecia arrependido de ter falado de mais, desejoso de retirar a última frase.

– Que quer isso dizer? – perguntei, mas ele já estava a voltar-se.

– Boa tarde, *Fräulein* Hoff.

Estava de costas para mim, e vi os ombros dele levantarem-se e ficarem rígidos.

– Dieter, volte! Peço desculpa, não queria...

Mas as minhas palavras perderam-se na brisa.



Nessa noite voltei a dormir mal, apesar do conforto da minha cama. As palavras de Dieter não paravam de dar-me voltas na cabeça – acreditaria ele de verdade que o bebé já estava sob ameaça? Pobre coisinha inocente, ainda às voltas no ventre da mãe e já condenado a ser empurrado do início ao fim – já um peão, um demónio, um anjo, e no entanto apenas carne e osso. Como o pai. Muito como os bebés do campo, melhor lá dentro, seguros na gestação.

Pensei também na cicatriz no pescoço de Eva, no momento em que ela se sentira tão desesperada pelo amor do seu homem que apontara uma arma ao coração. Mal apontada, mas mesmo assim encostada à pele, com a certeza de causar estragos e talvez até a morte. Quão profundo era o seu anseio pela atenção de outra pessoa? Tinha a certeza de que ela queria ser mãe – tinha visto suficiente indiferença no Lebensborn para saber que o seu sentimento era profundo –, mas era impossível não ter consciência de que aquele bebé podia também ser o seu bilhete, talvez para ganhar o duro coração do amante, para o casamento, talvez para o seu lugar como mãe da Alemanha.

Dieter tinha razão – por muito injusto que parecesse, aquele bebé *era* mais do que apenas carne e osso, e eu fora ingénua ao pensar que podia encarar aquele parto como mais um entre milhares. Podíamos precisar de mais do que a perícia de uma parteira para garantir o futuro de todos nós.

Capítulo 22

Novos demónios

Na manhã seguinte, Eva teve uma visita. Magda Goebbels apareceu na Berghof carregada de flores e chocolates «para a doente», ouvi-a dizer. Fui chamada ao terraço e interrogada sobre os progressos da gravidez. Naquelas visitas, Eva parecia uma criança assustada na presença de uma tia prepotente, enquanto Magda se declarava feliz e aliviada por tudo ter acalmado e o bebé estar saudável. Imaginei as palavras de falsa delícia a prenderem-se-lhe na garganta fina e branca ao ver que Eva estava bem, o bebé incólume. Os seus desejos esmagados.

Mas a visita não foi desprovida de alegria. Pouco depois, a esbelta figura de Christa dobrou a esquina da casa e avançou pelo caminho em direcção ao meu alpendre.

– Anke!

Abraçámo-nos como colegas há muito perdidas.

– Como conseguiste arranjar uma desculpa para vir até cá acima?

– Arandos – disse ela, com um grande sorriso. – Convenci a patroa de que são bons para evitar futuras infecções e acho que ela não podia ser vista a recusar.

– Bem, são, e eu estou encantada. Tenho andado desesperada por um pouco de companhia, alguém com quem falar.

Christa pôs-me a par das políticas em casa dos Goebbels: com os Aliados numa posição forte, Joseph fazia pesar o seu mau humor sobre uma casa já sob pressão, onde os soalhos eram como um tapete de cascas de ovo. As discussões entre marido e mulher tinham-se tornado cada vez mais amargas e tensas enquanto Joseph esperava que a sua nova ferramenta de propaganda estivesse acabada.

– Pela maneira como ele fala, tenho a certeza de que vê o bebé como um novo tipo de tanque ou de avião – troçou Christa.

De repente, olhou em redor e avistou um único guarda a patrulhar o perímetro do terreno. Era um rapaz novo, aborrecido e alvo fácil de uma cara bonita. O uniforme de criada garantia-lhe que nenhuma de nós ia tentar uma fuga.

– Vamos só ao fundo do caminho apanhar umas flores para a senhora – disse, e fez-lhe o mais doce dos seus sorrisos. O soldado assentiu, a olhar com um ar de saudade a atrevida

figura que me puxava pelo caminho em direcção à Teehaus. Senti-me estranhamente fora da minha zona de conforto, sem a autorização de Eva.

– Por que estamos aqui? – perguntei quando abrandámos o passo.

– Bem, nunca se sabe – disse Christa. – Começo a acreditar que as paredes têm mesmo ouvidos.

E olhou desconfiada para as copas das árvores.

– Porquê? Que se passa?

– Fui contactada.

Voltou-se para mim, com uma mistura de medo e excitação no olhar.

– Que queres dizer com *contactada*? Por quem?

– Não tenho bem a certeza. Era alemã e disse-me que *eles* sabiam. Do bebé, quero dizer.

Parei de andar e tentei digerir aquilo.

– Sabem de que modo? E quem são *eles*?

– Sabem que o bebé é do *Führer*, sabem mais ou menos a data prevista para o nascimento... mas quanto a «quem» não ficou muito claro. Tenho a certeza de que não são amigos do *Reich*.

– Da Resistência, talvez. Espiões dos Aliados? – Estava a especular, uma vez que o meu conhecimento da oposição no interior da Alemanha se limitava ao que tinha apanhado no campo. Uma boa parte dos detidos era constituída por alemães, encarcerados por recusarem seguir o *Führer*. – Que queriam eles? De ti, quero dizer.

– Informação – disse Christa, a puxar-me de novo pelo braço para continuarmos a andar. Falava com voz ligeira e não num sussurro, como se estivéssemos a ter uma conversa vulgar a respeito do tempo. – Não imagino como, sabem que eu estou em contacto com a parteira, mas não referiram o teu nome.

– Disseste-lhes alguma coisa? Ameaçaram-te?

– Não lhes disse nada, mas não me senti em perigo. Estava a andar pela rua quando uma mulher se pôs a meu lado e começou a falar. Eu podia ter parado e gritado, a pedir ajuda, mas não o fiz. É estranho, Anke, e não tenho qualquer experiência ou razão para pensar assim, mas tive a sensação de que eram amigos da Alemanha. Não inimigos.

A ideia de Christa ter sido atirada para o meio de um cenário de profunda intriga política pôs-me a cabeça a andar à roda. A vida na Berghof estava a tornar-se cada vez mais surreal.

– Amigos ou inimigos do nosso amado líder, a questão está em saber se são amigos do bebé – disse eu por fim. – Sabes, Christa, não mudei de ideias... estou aqui para garantir um desfecho seguro para a mãe e o bebé. Posso não empatizar com Eva ou não aprovar a sua escolha de parceiro, mas isso não é preocupação minha.

Dessa vez ela parou.

– Eu sei, Anke, e respeito a tua posição. Estou tão confusa como tu. Sou uma criada, não uma mensageira ou uma espia. Só quero que esta guerra desapareça para poder voltar para junto do meu pai.

Deixei escapar um fundo suspiro.

– Já somos duas. – Apanhámos ao acaso algumas flores silvestres, para termos qualquer coisa que mostrar no fim da excursão. – E então, como acabou o encontro?

– A mulher disse que entrariam em contacto. E afastou-se. Que achas que devemos fazer?

Eu não tinha dúvidas a esse respeito. A informação amadurecia como um bom brande. Quanto mais a retínhamos mais valor ganhava, era uma coisa que tinha aprendido no campo. Revelar o que acontecera poderia ter terríveis consequências para todos.

– Não dizemos nada, ficamos caladas. Não falaste disto a ninguém, pois não?

– Não, claro que não.

– Então é assim que fica. Continuamos como se nada tivesse acontecido. Não confiamos em ninguém. Excepto uma na outra.

Olhou para mim, uma expressão de inocência – devia ter a mesma idade que a minha irmã, Ilse, talvez até fosse mais nova – que disfarçava uma mente muito mais sábia do que os seus anos.

– Só uma na outra – disse.

Pareceu-me uma boa altura para perguntar.

– Ando a pensar nisto há algum tempo, desde o nascimento do bebé da Sonia, e agora estou mais do que convencida de que preciso da tua ajuda – disse. – No parto da Eva, quero dizer. Alguém com que possa contar, alguém que me conheça. É pedir demasiado?

Christa distendeu os lábios num sorriso e pousou uma das mãos no meu braço.

– Seria uma honra e estou emocionada por me queres. Estou cheia de medo, nota, mas não há nada como um nascimento para alegrar a vida. Agora sei disso. – Uma pequena sombra passou-lhe pelo rosto. – Achas que vão deixar?

– Bom, até agora não borrei o caderno. A Eva é fácil de convencer, e o que a *Fräulein* quer, parece capaz de conseguir. E o capitão Stenz, bem, tem sido razoável até agora.

Ela voltou para mim os olhos semicerrados, surpreendida por me ouvir louvar as qualidades de um oficial das SS. Logo eu!

Decidimos que a comunicação para baixo e para cima na montanha era o nosso maior problema. Se Christa voltasse a ser contactada, eu precisava de saber, mas as deslocações dela à Berghof eram raras. Envolver mais alguém, mesmo de uma maneira inocente, era perigoso, e Daniel, o condutor, era uma incógnita. As encomendas com comida passavam pela cozinha, e eu não podia ter a certeza de as interceptar a tempo. Christa teve a brilhante ideia de ajustar algumas roupas de bebé e mandá-las para mim. Só podíamos esperar que chegassem às minhas mãos sem serem revistadas.

Regressámos ao complexo no momento em que Magda Goebbels fazia as suas despedidas no alpendre. Christa entregou-me as flores e caminhou apressada para o carro.

– Ah, estás aí – disse Magda, num tom de reprovação enquanto esperava que lhe abrissem a porta do carro. Viu-me e voltou-se.

– *Fräulein* Hoff, julgo que só voltaremos a ver-nos depois do grande dia. Pelo menos é o que espero. – Fez um meio sorriso, cuidadosamente ensaiado. – Por favor, avise-me se pudermos ajudar de alguma maneira.

Inclinou-se com muita elegância para se sentar no banco e desapareceu. Perfeito – tinha oferecido ajuda, e eu ia pegar-lhe na palavra requisitando Christa. O jogo da propaganda podia ser jogado por dois parceiros.



De regresso ao meu alpendre, pensei nesta última reviravolta. Não ficaria surpreendida se Goebbels e a sua mente calculista estivessem por trás da abordagem a Christa, para testar a minha lealdade e usá-la como intermediária, a vigiar as nossas reacções. Mas estar conluiada com Goebbels tinha os seus perigos e a simples ideia de merecer as suas atenções causava-me arrepios.

Não podia abrir-me com Dieter – não o conhecia o suficiente para me pôr a adivinhar quais eram as suas convicções profundas. Claro que simpatizava com qualquer grupo que conspirasse contra Hitler e as suas odiosas ideias, mas se o que tínhamos era um verdadeiro grupo de Resistência, poderia confiar nas suas motivações no respeitante ao bebé? As apostas estavam altas e era muito possível que eles não fossem muito melhores do que Goebbels na intenção de usar o filho de Eva como um peão – ou, pior ainda, encarar a sua morte como um dano colateral. Não, decidi, o melhor plano era ficar calada e esperar que o ministro da Propaganda tivesse demasiado em que pensar para se preocupar com a minha desonestidade, e que houvesse de facto uma Resistência que podíamos ignorar com mais facilidade.

Capítulo 23

Natureza

Eva recuperou a saúde e a força na semana seguinte, uma prova da resiliência do seu corpo antes da gravidez. Talvez arrancadas pelo que tinha acontecido a uma perigosa complacência, começámos a falar a respeito do parto. Sentadas na ampla varanda, ou a passear com *Stasi* e *Negus* a caminho da Teehaus, tentei explicar-lhe a duração e intensidade de um primeiro parto, sem dar muito destaque ao cansaço e à aparente agonia de algumas mulheres.

Como descrever uma contracção, o que se sente quando os músculos se apertam uns contra os outros para criar um estado que para um observador pode parecer a pior das patologias, mas que é natural? As parteiras esforçam-se, recorrendo ou não à sua experiência, por pintar um quadro. Eu tinha o cuidado de salpicar a minha conversa com pontos positivos, consciente de que Eva podia optar por uma cesariana a qualquer altura no pico mais intenso da viagem, e os médicos teriam muito gosto em fazer-lhe a vontade, desejosos de garantir a segurança do bebé do *Führer* a qualquer preço.

A tendência natural de Eva para ver o mundo através de lentes cor-de-rosa era uma clara vantagem, mas também significava que estava isolada da realidade, o suficiente para não ter sido infectada pelo medo congénito das alemãs em relação ao parto, ou exposta a histórias de horror e mexericos bem-intencionados.

Quando lhe falei da calma crucial de Christa durante o parto de Sonia, Eva ficou de imediato conquistada. Eu sabia que ela não tinha a lealdade das criadas da Berghof, a maior parte das quais maltratara nas suas fúrias contra a solidão e a indiferença do *Führer*. Escreveu uma carta a *Frau* Goebbels e Daniel foi mandado buscar Christa poucos dias mais tarde. Foi uma simpatia mútua a partir do primeiro instante. A beber chá connosco na varanda, Christa tornou-se de repente muito mais do que uma criada, e a expressão de Eva espelhava o que ela tinha ansiado durante aqueles últimos meses do seu exílio: companhia e amigas. Estranho era tê-las encontrado junto de uma prisioneira e de uma criada.

Recostada na cadeira, tive consciência de qualquer coisa intrínseca entre as duas que, apesar dos sentimentos genuínos de Christa em relação à guerra, criava uma ligação que eu

não tinha com Eva. Talvez fosse a sua educação tradicional, não contagiada ou confundida pelo liberalismo dos meus pais, e que fazia das duas de alguma maneira mais alemãs. Estava contente por existir aquela ligação; permitia-me libertar-me do papel de apoio quando chegasse o dia e concentrar-me nos aspectos clínicos da viagem. Isso e manter os predadores à distância.

O estado de espírito de Eva era regra geral animado, muito graças às várias cartas chegadas com o selo de Hitler e uma visita, finalmente, da irmã, Gretl. Como futura mulher de um oficial das SS bem colocado no favor do *Führer*, a irmã mais nova de Eva representou o seu papel na perfeição, invadindo o caminho de acesso com o seu *sedan* preto e apeando-se com tanta elegância como Magda Goebbels, os lábios de um vermelho-berrante, a mão pousada no braço do imaculado condutor; os boatos de cozinha sugeriam uma propensão de Gretl para namoriscar com oficiais de diversas patentes.

Chegou carregada de caixas e presentes para o seu novo sobrinho ou sobrinha, e as duas tagarelaram sem fim enquanto bebiam chá na sala, ou estendidas em cadeiras de repouso protegidas por chapéus-de-sol na esplanada, a fazer planos para «depois da guerra» e quando «a mamã e o papá vierem». Também planeavam os festejos na Berghof do iminente casamento de Gretl, marcado para o início de Junho e não adiado, apesar de o parto de Eva ser esperado para a mesma altura. Se Eva acreditava de verdade numa palavra do que a irmã dizia a respeito de famílias felizes, não saberia dizer, mas quando fui chamada para ser apresentada a Gretl como «a minha indispensável parteira», pareceu-me feliz como não a tinha visto em semanas, como se estivesse na realidade a preparar-se para uma bem-aventurada domesticidade no topo do mundo.

Era a ausência do capitão Stenz que mais me preocupava. Com preparativos para fazer, receava ter quebrado o fino fio de amizade que tínhamos tecido. Sentava-me no meu alpendre todas as manhãs a desejar ver o carro dele chegar, ver a sua alta figura avançar para mim, a cabeça loura meio voltada.

Eva estava grávida de trinta e quatro semanas e caminhava com a característica falta de graça quando ele reapareceu. Ela e Gretl tinham ido de carro até ao lago, uns quilómetros distante da Berghof, e eu esperava que regressassem. Por ironia, estava ocupada a escrever uma carta ao capitão, a recordar-lhe o equipamento que tínhamos combinado reunir, quando uma sombra atravessou o papel.

– Bom dia, *Fräulein* Hoff – disse ele.

– Oh! Oh, capitão Stenz... pensei que já não voltava.

A minha voz foi aguda e soou ridiculamente frívola.

– Por que não? Esta é, de momento, a minha principal preocupação.

– Bem, depois de... a maneira como...

– Está a referir-se à nossa troca de palavras? – perguntou, com um meio sorriso.

– Bem, sim, suponho que sim.

– *Fräulein*... posso continuar a chamar-lhe Anke? Todos os dias tenho vinte reuniões

...muito mais azedas do que a nossa conversa. Embora nenhuma delas me dê tantos motivos de preocupação.

– Preocupação a respeito de quê?

– De ter perdido a sua confiança... se posso presumir ter um pouco dela... ou a sua amizade.

– Confio em que é... humano – disse eu. – E julgo-nos amigos, não obstante as circunstâncias.

– É tudo o que posso pedir. – Sorriu. – Dadas as circunstâncias.

Sentou-se e voltámos aos nossos planos para o parto. Embora fosse ainda incerto, era pouco provável que o *Führer* estivesse presente na Berghof, disse ele, mas a equipa médica chegaria na trigésima sexta semana e prepararia uma divisão com o equipamento de anestesia, o aparelho de esterilização e tudo o mais necessário para improvisar uma sala de cirurgia. Seria liderada por um médico experiente e um adjunto. Eu funcionaria como enfermeira anestésista, se necessário, como tinha sido ao longo do meu treino. Estava à espera disto, mas não consegui impedir que a minha cara espelhasse preocupação.

– Mas eu insisti... para manter a *Fräulein* tão livre de preocupações quanto possível... que ficassem numa casa no sopé da montanha até ela entrar em trabalho de parto – apressou-se Dieter a dizer. – Calculei que não ia querê-los à sua volta dias ou semanas seguidos.

– E não se enganou. – Relaxei um pouco. – E quando ela estiver em trabalho de parto?

– Caber-lhe-á a si a decisão de quando me alertar. Nessa altura eles virão para a Berghof e instalar-se-ão... com discrição... numa das divisões do complexo, a menos ou até que os chame. Foi o mais que pude conseguir, Anke. Não tenho o controlo total, como sabe.

– Compreendo. E os Goebbels, quando serão avisados?

– *Herr* Goebbels pediu para ser informado quando *Fräulein* Braun entrar em trabalho de parto. Calculo que virá para aqui logo que possa, para o feliz acontecimento.

O desdém de Dieter era mais do que óbvio.

– E a Magda terá sem dúvida o seu discurso de congratulações preparado – disse eu, sem tentar disfarçar o meu sarcasmo.

– Sem dúvida – concordou ele.

Um curto silêncio sublinhou o tema, e Dieter tirou o quépi, sinal de que tinha deixado de ser estritamente SS. Afastou-se em direcção à casa e voltou pouco depois, a parecer muito satisfeito consigo mesmo.

– Pedi a *Frau* Grunders que nos servissem o jantar aqui. Não sei se ficou muito impressionada, mas disse-lhe que tínhamos muito que discutir – explicou, a sorrir como um colegial travesso.

É possível que o meu rosto tenha reflectido choque, em vez do grande prazer que sentia, porque ele pareceu de súbito alarmado.

– Presumi demasiado? Devo comer lá dentro?

– Não... não! Fiquei só surpreendida... agradavelmente surpreendida... pela perspectiva de ter uma conversa a sério ao jantar. Há já muito tempo que não me

acontecacia.

Com exceção dos poucos dias com Christa em casa dos Schmidt, não tinha companhia às refeições há mais de dois anos. Comer no campo fora como inalar migalhas de sobrevivência que não o considerava como partilhar uma refeição, e comer na sala de jantar do pessoal era uma actividade de dormitório – necessária e sombria.

Lena levou-nos a comida, que pousou na mesa com um sorriso malicioso.

– A luz está a desaparecer... quer que lhe traga uma vela, *Fräulein Hoff*? – perguntou, e eu lancei-lhe um olhar em resposta à brincadeira.

– Não, obrigada, Lena – respondi. – Conseguimos ver muito bem. Levo os pratos para dentro quando acabarmos.

Distribuímos os pratos na apertada mesa e Dieter serviu dois copos do pequeno jarro de cerveja.

– *Frau Grunders* pode ser um osso duro de roer – disse ele –, mas tenho de admitir que gere uma boa cozinha. Isto é muito melhor do que tudo o que comemos no quartel.

Devorou o guisado de frango, mas era evidente que se sentia desconfortável sentado à pequena mesa, sem saber o que fazer com os compridos braços e as dobras do uniforme a roçarem a comida. Os galões da gola do dólman reflectiam a pouca luz que restava e os punhos bordados empurravam o prato.

Recostei-me na cadeira, a olhar para ele.

– Dieter, quer despir o casaco?

Eu vestia apenas uma blusa solta e a tarde ainda estava quente. Ele tinha o pescoço vermelho, apertado pelo rígido colarinho.

Dieter deteve-se com o garfo a meio caminho da boca.

– Não se importa? – perguntou, e depois riu. – Bom, claro que não, uma vez que o sugeri!

Começou a desapertar a fila de botões prateados da frente do dólman. Eu não queria olhar, mas não conseguia desviar os olhos dele. A cada botão que se abria havia uma palpável libertação de tensão, que subia para o ar. Por baixo, a camisa era branca e vincada apenas pelo casaco, sem dúvida bem engomada antes de a ter vestido. Quem lhe engomava a roupa todas as manhãs? Não usava aliança e nunca tinha falado de uma esposa. Nem parecia casado, se é que se pode parecer semelhante coisa.

Os ombros eram largos, mas ao desfazer-se do dólman perdera algum volume; os largos suspensórios pretos apertavam o tecido da camisa contra o peito. Tentei imaginá-lo a vestir só as calças, com os suspensórios caídos de ambos os lados do corpo – queria vê-lo na minha imaginação a trabalhar no jardim com o pai num quente dia de Verão, a reparar um motor de avião.

– Anke?

– O quê? Oh, peço desculpa... perdi-me por um minuto.

Podíamos estar sentados na esplanada de um restaurante simpático numa tarde de Primavera, rodeados pelo *Zeitgeist* de uma cidade, a conversa animada dos berlinenses, em vez dos trinados das aves a prepararem-se para a noite. Parecia um jantar a sério, e a

conversa fluía, a respeito da vida e das famílias, do meu trabalho e dos estudos dele. Incrivelmente, conseguimos contornar o monólito da guerra e dos nazis, e isso deu-me a esperança de que por baixo do horror, das camadas de desconfiança, podíamos ser outra vez pessoas, desobrigadas de vassalagens a um lado ou ao outro.

Limpos os pratos, Dieter recostou-se na cadeira, e dessa vez o seu suspiro foi óbvio, a cara voltada para o céu a libertar a tensão do dia como se fosse vapor. Fixei os olhos na proeminente maçã-de-adão dele, quase sempre escondida pela gola do dólman. Mexia-se quando ele engolia e qualquer coisa em mim – uma corda tensa no fundo da minha pélvis – vibrou, e voltei a sentir-me a colegial de anos atrás, cheia de pensamentos de culpa.



As nossas cabeças ficaram de súbito muito perto quando Dieter me ofereceu lume, uma ou duas madeixas de cabelo quase a roçarem-se. Senti o cheiro da pele dele, um aroma mais forte do que a aura geral que o rodeava. Reparei também que a mão lhe tremia um pouco enquanto segurava o fósforo. A primeira inalação provocou-me um acesso de tosse, e Dieter riu, bem-humorado.

– Já lá vai muito tempo?

– Qualquer coisa nesse género.

O gosto era de bom tabaco alemão, rico de prazer em vez de azedo de necessidade. Muito como com o café, decidi desfrutá-lo e saboreá-lo, sabendo que seria o meu último cigarro nos tempos mais próximos.

A noite desceu e trouxe consigo o silêncio. Ficámos ambos a olhar para a escuridão e para as estrelas durante uns bons dez minutos, a ver as nuvens de fumo dos nossos cigarros serem engolidas pelo céu azul-escuro.

– Custa-me sempre acreditar que o ar possa ser tão límpido – disse ele por fim. – Tão desobstruído.

– Porquê? Porque vive a maior parte do tempo no mundo virtual, lá em baixo? – perguntei, num tom de censura brincalhona.

Ele pensou nisto durante vários segundos.

– Por causa de toda a lama que está a ser atirada. – De repente, ficou sério. – É tanta que não imagino como cada partícula do mundo não está carregada de imundície.

Não respondi. Como naquele primeiro dia na Berghof, não tinha nada a acrescentar.

Um súbito frio estragou a noite e comecei a mexer-me na cadeira e a tiritar. Vi no rosto dele que me ofereceria o casaco mas que sopesou a gravidade de uma tal oferta e limitou-se a dizer:

– Acho que são horas de ir para dentro.

Levámos os pratos juntos e detivemo-nos embaraçados à porta da cozinha.

– Bem, então boa noite, *Fräulein Hoff* – disse.

– Boa noite, capitão Stenz. Assumo que continuaremos a tratar do nosso assunto num outro dia.

– Com certeza.

E desapareceu pelo corredor a caminho do quarto, fosse ele qual fosse, que ocupava na Berghof.



Fiquei estendida na cama, incapaz de desligar. Como tinha feito com todas as experiências agradáveis dos últimos meses, medi aquela com cuidado, os pesos se opõem-se um ao outro nos pratos de uma balança imaginária, como a que havia, grande e sólida, na cozinha da minha mãe. Como adolescente, teria considerado uma noite assim o meu direito de experimentar, e como uma mulher alemã da classe média uma fase da transição para o casamento e filhos.

Agora, tudo o que me fizesse esquecer o campo ou a guerra, mesmo por um segundo, injectava um remorso tão forte que queria purgar-me fisicamente, arrancá-lo do meu ser, como um arame embebido no meu cérebro, puxado da minha alma por um alicate e torcido. Pior ainda era a alegria que me proporcionava a companhia de um nazi – de nome, ainda que talvez não por natureza. Era uma colaboradora? Uma daquelas que nós, as mulheres, tanto desprezávamos no campo? Odiava-me por gostar dele, por querer a sua companhia. E se me tinha enganado a seu respeito? E se ele fosse cúmplice activo da crueldade? Considerei a possibilidade de estar a brincar comigo para se divertir – um gato que apanha mas não pode matar o rato. De repente até a vida naquela aldeia no céu pareceu demasiado complicada.

Capítulo 24

Um interesse crescente

Voltei a encontrar Dieter na manhã seguinte, a caminho do pequeno-almoço. Estava de costas para mim, virado para o vasto espaço que havia entre nós e a montanha seguinte, de modo que era difícil dizer se estava à espera que eu passasse. Um pensamento insinuou-se-me na cabeça: era isso que queria? Que ele me procurasse?

– Bom dia – disse, e ele voltou-se num movimento abrupto. – Oh, desculpe, não era a minha intenção assustá-lo.

– Não... eu... Bom dia, Anke. Espero que tenha dormido bem.

– Muito bem, obrigada.

Fiz-lhe um pequeno sorriso enquanto ele olhava de novo para a paisagem. Os segundos passaram, mas não de uma maneira constrangida, mais como um espaço aceite. Estive quase a retomar o meu caminho sem dizer mais uma palavra, mas apercebi-me de que não queria.

– Procura alguma coisa em especial? – perguntei por fim.

– Não! Não, estou só a observar as mudanças – respondeu, os olhos ainda focados na distância. – Nunca deixo de ficar espantado pela maneira como a natureza está sempre a mudar, mesmo quando não precisa de o fazer.

– E isso não é um conforto? O facto de o mundo não parar?

– Hmm, por vezes. – Voltou a cabeça para olhar para mim, a expressão séria. – Ainda que por vezes anseie ver um edifício nesta paisagem selvagem... qualquer coisa sólida. Inamovível.

Ri, bem-humorada.

– Acha então que os edifícios têm mais integridade do que as pessoas ou a natureza? Com certeza que não.

Ele abriu muito os olhos, as pupilas negras e pequenas à luz da manhã, no meio de um mar de azul. Então sorriu, a entrar na brincadeira.

– E desafiar-me-ia se eu respondesse que sim, que por vezes são.

– Bem, teria de prová-lo antes de eu decidir – disse, a espicaçá-lo.

– Alguma vez estive em Nova Iorque? – perguntou ele.

– Não, ainda não. Mas gostaria muito.
– Nesse caso, se o fizer, deve ir ver o Chrysler Building em Manhattan. – Os olhos iluminaram-se-lhe com a recordação das suas viagens de antes da guerra. – É uma coisa de grande beleza... alto, brilhante, imbuído do amor do homem que o desenhou, e apesar disso funcional. Acima de tudo, não vacila. Todos os lados sustentam a sua beleza, contra todas as condições atmosféricas. – Sorriu, a pensar na nossa conversa anterior. – Permanece sólido, todos os dias. Acho isso reconfortante.

Olhou uma vez mais para a paisagem, de lábios franzidos.

– Não há surpresas desagradáveis ao virar da esquina.

Mais uma pausa, um advogado a dar por concluídas as suas alegações.

– Nesse caso tenho de dizer que percebo a sua perspectiva – concedi. – Embora continue a depositar as minhas esperanças na natureza humana... pode ser volúvel, mas tem um bom registo de triunfos.

– Ambos têm coisas boas e más – disse ele, pensativo. – Vejo agora que a mudança nem sempre é má. – Olhou-me nos olhos quando tornou a falar, o rosto iluminado por um fugaz instante. – Aí tem! Parece que conseguiu dar-me a volta, mais uma vez.

Dirigi-lhe um largo sorriso enquanto fazia meia volta.

– Do mesmo modo, Nova Iorque e o Chrysler Building estão agora no topo da minha lista – disse por cima do ombro. – Tenha um bom dia, capitão Stenz.

Era estranho como eu conseguia pensar, falar e imaginar melhor um futuro para lá daquele mundo na presença dele.



Dieter foi-se embora pouco depois do pequeno-almoço e Gretl despediu-se horas mais tarde. A futura noiva partiu bem ao seu estilo, atrevendo-se até a flertar com o fiável Daniel quando ele a ajudou a entrar no carro. Eva acenou-lhe de lágrimas nos olhos, a mover-se com o bambolear característico do fim da gravidez enquanto contemplava mais uma temporada de tédio e solidão.

Daniel voltou com um embrulho que só podia ser de Christa e não apresentava sinais de ter sido aberto. Continha cerca de uma dúzia de fraldas muito bem costuradas, um barrete de lã e várias toalhas de linho que poderiam ser usadas durante o parto. No meio havia um pequeno estojo de costura com agulhas e linhas, e uma nota que dizia: *Para o caso de precisares de fazer alguns ajustes.*

Christa não perderia uma oportunidade de comunicar, e eu tacteei as peças uma a uma de olhos fechados, como a avó cega que uma vez tinha visto num parto. Estivera a costurar roupas de bebé enquanto esperava e apalpava-as centímetro a centímetro à procura de alfinetes esquecidos, as pontas dos dedos a caminharem pelo tecido para torná-lo seguro e macio para o neto. Por cima das pupilas cegas, as sobranceiras dançavam ao ritmo do trabalho de parto, para baixo e para cima, juntando-se quando os ruídos diminuía. As indicações que o seu rosto dava para actuar coincidiam com as minhas, com a força das contracções, com o desespero e a necessidade, e não tardou muito que eu desviasse

os olhos da parturiente para ela, forçando os ouvidos a sentirem as alterações como ela fazia. Fechei os olhos e peguei nas fraldas uma a uma, apalpei as bainhas reforçadas do mesmo tecido que eu e Dieter tínhamos comprado na cidade. À décima ou décima primeira, detectei um ligeiríssimo estralejar. Levantei os delicados pontos com uma agulha e retirei da abertura uma tira de papel. Era fino como gaze, mas pesava como tijolos. Aquilo era eu – éramos nós – a violar as regras. Com consequências.

Nunca tinha sido uma rebelde determinada, na escola nem no hospital, mas no campo aprendera a mudar as fronteiras e dava uma imensa satisfação enganar as guardas ao fazer, por exemplo, chegar uma batata ou uma cenoura extra a alguém que precisava mesmo delas. Não perdera um minuto de sono por abusar da suposta confiança delas. Ali na Berghof, mantinha o mesmo ódio pelo *Reich*. Lealdade para com Eva como mãe? Continuava a não ter a certeza. Mas sabia que não podia jogar com a segurança de Christa, com a sua vida. Ela tinha demasiado futuro pela frente. Fora um erro de discernimento da minha parte que a empurrara para aquilo? Passar bilhetinhos entre carteiras na escola era uma brincadeira inocente, que no pior dos casos nos valeria uma reprimenda da professora. Mas fazer o mesmo naquela guerra podia levar-nos à morte. Sem apelo nem agravo.

Desenrolei a nota cheia de remorsos e li o que lá estava escrito.

Voltaram a encontrar-me. Fizeram uma oferta. Precisamos de falar.

Suspirei. Ignorar aquela terceira parte parecia mais difícil do que tinha imaginado. Por que teria eu alguma vez pensado que a minha profissão podia ser uma coisa simples e directa, sem complicações vindas do exterior? A guerra era como uma criatura marinha, um polvo com incontáveis tentáculos que sugavam os que queriam esconder-se na calma do fundo do oceano. Trazer ao mundo em segurança o filho de Eva estava muito depressa a tornar-se o mais pequeno dos nossos problemas.

Não me arrisquei a responder à nota. Em vez disso, insinuei na cabeça de Eva a ideia de que uma nova conversa com Christa seria benéfica, para revermos os planos do parto. Por uma feliz coincidência chegou nessa mesma altura, via sargento Meier, um pacote de equipamento para mim. Montado na sua autoridade, ele repisou o facto de ter revistado o conteúdo, «para a segurança da *Fräulein*, compreende? Tem noção de que estão a ser-lhe confiados objectos que em condições normais não seriam permitidos a...». Neste ponto hesitou.

– Prisioneiros? – sugeri eu, prestimosa.

– Bem, sim. Faça-nos, por favor, a cortesia de honrar essa confiança.

Não fui capaz de conter o meu sarcasmo.

– Sargento Meier, penso que... se estivesse a pensar numa fuga... seria suficientemente criativa para o fazer sem um par de tesouras umbilicais ou de sutura e alguns panos cirúrgicos. Além disso, se este equipamento for da mesma qualidade a que estava habituada no hospital, as lâminas não cortarão papel, quanto mais o arame farpado que me rodeia.

Com a respiração cortada pela minha temeridade, o sargento mexeu nuns papéis para disfarçar a sua fúria. Não duvidei de que a sua vontade era empunhar a arma que trazia

a cintura, baixar a patilha de segurança e abater-me a tiro ali mesmo, pela minha dissidência. E para seu prazer. Em vez disso, teve de limitar-se a suar.

– Então, posso levar o material, sargento Meier? Ou vai esterilizá-lo por mim, para ficar preparado?

– Não, não, pode levá-lo – disse ele, desejoso de me ver pelas costas.



Christa chegou três dias mais tarde, e depois de termos cumprido o nosso dever junto de Eva, tivemos autorização para dar um passeio até à Teehaus, onde Christa disse ter visto flores de camomila que queria apanhar e secar para fazer chá para o parto. O cuidado dela fez subir lágrimas aos olhos de Eva e eu senti uma pontada de remorso pelo nosso engano.

– Diz-me como foi que te encontraram desta vez – pedi logo que nos julgámos a distância suficiente de ouvidos humanos.

– Havia uma nota no monte de roupa para lavar em casa dos Goebbels. Tenho a certeza de que foi alguém que conhece a minha rotina diária que lá a pôs. Mas não me lembro de alguém fora do vulgar ter lá aparecido naquele dia.

– Que dizia a nota?

– Que a segurança do filho do *Führer* é também a prioridade deles. Querem impedir que se torne um ícone ou uma jóia na coroa de Hitler.

– Tudo isso é muito literal – disse eu. – Mais alguma coisa?

Christa deteve-se e a sua expressão tornou-se de súbito grave.

– Eles dizem que podem pôr-nos em segurança, Anke. E às nossas famílias também. Mencionaram o meu pai e a tua família nos campos. Dizem que têm a capacidade de levar-nos para fora da Alemanha.

– A troco de quê?

– Avisá-los quando o trabalho de parto começar e quando o bebé nascer.

– Só isso? Mais nada?

– Não, só isso.

– E como comunicamos com eles, se for preciso?

– Deixamos uma luz acesa na janela da despensa se concordarmos.

Recomecei a andar com passos pesados, a desejar que a Teehaus não ficasse tão distante. Queria estar na bonita varanda, a olhar para o vasto espaço na direcção da Áustria e esperar que a paisagem me desse respostas. Senti-me de repente muito cansada; os ramos que se entrecruzavam sobre as nossas cabeças projectavam no chão manchas de luz e sombra, o dia parecia tranquilo, mas eu estava farta de viver no gume afiado como uma navalha das cristas daquelas montanhas distantes, de sentir que cada decisão podia ser a que me conduziria a uma volta errada e à morte inevitável.

– Anke? Que devemos fazer? – Christa tinha-me alcançado e estava a meu lado. – Achas que eles podem pôr-nos a salvo?

Detive-me e olhei-a nos olhos, marcados nos cantos por rugas de preocupação.

– Não, Christa, não acho.

Ela pareceu destrozada, esmagada.

– Mas porquê? Se eles têm influência suficiente para nos encontrar aqui, para contactar connosco, com certeza também terão influência noutros lugares. Com certeza devíamos...

Apertei-lhe as mãos com firmeza, à beira de as sacudir, como uma mãe com uma filha histérica.

– Christa! Pensa! O teu pai está a mil e trezentos quilómetros daqui, a minha família está espalhada por dois ou talvez três campos. Mesmo que eles tenham alguns alemães em altos cargos como amigos, seria necessário mais do que isso para nos levarem a todos para o estrangeiro. É um sonho impossível, e eles sabem que a guerra nos deixa suficientemente desesperadas para acreditarmos em sonhos... estão a *contar* com isso.

Christa fechou os olhos e deixou descair os ombros.

– Desculpa – continuei. – Mas para eles nós somos descartáveis, e merecemos não o ser. Ela suspirou.

– Não, eu é que devo pedir desculpa. Sei que para mim a guerra tem sido mais fácil do que para muitas outras pessoas, e nada que se compare com o teu sofrimento, mas só quero que acabe. Quero estar longe daqui.

– Eu sei – respondi. – Eu também. O que não compreendo é por que razão, se eles acham que podem chegar ao bebé, não visam Hitler. Não produziria muito mais efeito?

– Penso que seria quase impossível – disse Christa. – Nas poucas vezes que estive em casa dos Goebbels, foi como se usasse uma armadura de pessoas à sua volta. Ninguém conseguiria aproximar-se o suficiente. Além disso, o *Führer* transformar-se-ia no mesmo instante num mártir, e um outro qualquer tomaria o seu lugar... talvez o Himmler. É tão determinado como ele, senão mais. O Joseph está sempre a falar da «máquina» nazi... Precisa do bebé para a alimentar.

Olhei para Christa e para a compreensão que havia nas suas bonitas feições. Era uma sorte o *Reich* não saber o género de espia que tinha no seu ninho.

Tentei aligeirar o ambiente.

– Posso estar enganada, mas penso que a nossa melhor hipótese de escapar a isto, de sobreviver, é mantermo-nos juntas, só a nossa pequena equipa. O que estamos a fazer não é colaboração – tinha de o dizer em voz alta para me convencer de que era verdade –, é o que faríamos por qualquer mulher que precisasse de ajuda, com um bebé para nascer. Para nos mantermos vivas, todas nós.

Se o dissesse vezes suficientes, iria a ideia tornar-se mais fácil, os nós nas minhas entranhas menos frequentes?

Acordámos não fazer coisa nenhuma – nada de lanternas de capa e espada na janela, nada de contactos com a Resistência. Eu e Christa cuidaríamos de Eva e do seu bebé e esperaríamos que a sorte nos sorrisse de algum modo. Não era grande coisa como plano, mas era o único que tínhamos.

Capítulo 25

Novas chegadas

Ao contrário do que acontece com a maior parte dos bebés, os reforços chegaram à Berghof mais cedo do que o planeado. O capitão Stenz encontrou-me uma manhã cedo, quando eu estava a suar na cozinha debruçada para uma grande panela de água a ferver onde esterilizava os instrumentos de que ia precisar para o parto.

– *Fräulein Hoff!* – disse ao entrar, de quépi na mão. – Isso é que é trabalhar com calor.

Voltei-me ao ouvir a voz dele.

– Capitão Stenz! – Não pude impedir-me de sorrir. – Sim, nunca foi o meu trabalho preferido, mas é necessário.

Limpei o suor da testa, a perguntar-me se estaria tão vermelha e assada como as criadas da lavandaria. Ele mexeu os pés por um segundo e baixou os olhos para o chão. Contrito.

– Vim dizer-lhe que o pessoal médico vem atrás de mim.

– Tão cedo?

– Esperava ter mais dois dias e poder avisá-la com antecedência, mas o médico está desejoso de se instalar. O máximo que consegui foi vir à frente para lhe dar algum aviso.

– Bem, obrigada por isso, ao menos – disse eu. – É melhor ir arranjar-me um pouco. Posso tentar causar uma boa primeira impressão.

Agarrou-me o braço quando passei.

– Está óptima. Muito bem, se me é permitido dizê-lo.

Os olhos dele tinham aquele fabuloso azul, mesmo no meio do vapor. Mas eu fiz uma careta que questionava tanto a sua acuidade visual como o seu discernimento.

– Bom, está bem, talvez uns ligeiros retoques para os chefões – brincou. – Mas não vai ser necessário nada de especial.

– Agradeço-lhe a confiança, capitão Stenz, e talvez um ligeiro esforçar da verdade. Mas vou compor-me.



Uma hora mais tarde, chegou um único carro oficial, seguido por uma pequena camioneta – mais equipamento do que até eu imaginara. O capitão Stenz encabeçava

...a comissão de boas-vindas, com o sargento Meier à sua frente, rígido e a suar sob o claro Sol do início da tarde. Eu estava um bom passo mais atrás, consciente da hierarquia e da necessidade de apoiar a posição de Dieter como o homem que mantinha o seu pessoal na ordem. O meu objectivo era dar o menos possível nas vistas, para que nos deixassem em paz.

As minhas esperanças de um mínimo de interferência dissiparam-se no momento em que o doutor Koenig se apeou do carro, o uniforme cinzento-esverdeado da Wehrmacht quase sem um vinco e a cruz suástica orgulhosamente espetada no largo peito. Parecia militar primeiro e médico depois, um homem já nascido com aquela cara arrogante e as três rugas cavadas por cima das sobrancelhas hirsutas.

– Bem-vindo, doutor Koenig – disse Dieter com uma continência que me fez encolher por dentro.

– Obrigado, capitão Stenz – respondeu ele. – *Heil Hitler*.

Fizeram a saudação e o sargento Meier foi apresentado, bem como o assistente do doutor Koenig, o doutor Langer, um homem um pouco mais novo com o uniforme verde dos oficiais do Exército. As suas minúsculas pupilas saltitaram de um lado para o outro mal se apeou do carro, como uma ave de olhos redondos a preparar-se para apanhar uma lagarta.

Reconheci-o no mesmo instante – era difícil esquecê-lo, não tanto pela aparência física, que poderia ter sido modelada pela de Goebbels, mas pela maneira como encarara o «estudo» durante a sua breve passagem pelo campo. Se bem recordava, a especialidade dele em ginecologia era mais eliminar bebés do que produzi-los; novas maneiras de esterilizar mulheres, uma área que aprofundara com entusiasmo. Tinha ouvido histórias do bloco do hospital a respeito das suas práticas e testemunhado o sangrento trauma mais de uma vez. A sua partida do campo ao cabo de um mês fora motivo de um enorme alívio entre as mulheres.

O coração caiu-me aos pés. Não sabia muito bem do que estava à espera, mas o relativo bem-estar dos últimos meses – ousou chamar-lhe quase liberdade? – embalara-me numa falsa sensação de segurança. Não tinha dúvidas de que o *Reich* asseguraria médicos competentes para tratar da amante do *Führer* – os melhores nas respectivas áreas –, mas pensara que seriam civis obrigados a fazer o serviço. Estava chocada com a minha ingenuidade; aquele era um bebé político, e portanto o parto era uma manobra política, destituída de humanidade.

– *Fräulein Hoff*? – Dieter estava a chamar-me, e eu avancei para o círculo.

– Doutor Koenig, apresento-lhe a parteira Anke Hoff, que foi do Hospital Central de Berlim e escolhida por *Fräulein Braun*.

– *Fräulein Hoff*. – O doutor Koenig fez-me um aceno de cabeça. – Espero que possamos trabalhar juntos. Também eu estive há pouco tempo no Central... quando foi que lá trabalhou? Na maternidade?

A expressão facial dele era um mal disfarçado sorriso de auto-suficiência, diplomático e perigoso. O homem conhecia a minha história e estava a alfinetar-me.

– Há já alguns anos – respondi, com desembaraço. – Ultimamente tenho contribuído

para o esforço de guerra, mas mantive-me a par dos progressos da profissão.

As linhas da testa dele, que mais pareciam uma crua representação de ondas feita por uma criança, endireitaram-se quando a irritação lhe alisou a pele rosada.

– Estou a ver – disse, para pôr fim à nossa conversa.

– Vamos? – Dieter fazia o papel de perfeito anfitrião. – *Fräulein* Braun espera-nos lá dentro, para o chá.

Os homens subiram os degraus da porta e eu deixei-me ficar onde estava, de súbito à deriva naquele meio familiar. Ao encaminhar o grupo, Dieter viu-me e fez-me sinal para os seguir, mas o médico percebeu-lhe a intenção.

– Ficamos bem, *Fräulein*. Tenho a certeza de que *Fräulein* Braun poderá dar-nos todos os pormenores necessários.

Tinha sido dispensada. Fiz meia volta e afastei-me apressada, a não querer ver a expressão de Dieter, para o caso de ela ser de indiferença, ou pior, de concordância.

Capítulo 26

O bom doutor

Inquieta, li a mesma página do livro pelo menos dez vezes. No hospital, estava habituada a ser menosprezada pelos médicos, por homens que tinham a mais alta opinião a respeito dos seus conhecimentos e de si mesmos. Tal como havia alguns que davam crédito às nossas competências, que acreditavam que nós, as parteiras, conseguíamos trazer crianças ao mundo com paciência, usando a força das mãos em vez de nos limitarmos a gritar-lhes que fizessem força. E eu tinha sido estragada na Berghof, deixada à solta durante tanto tempo, lisonjeada pelo facto de Eva me ter escolhido. Era um luxo a que me tinha tolamente habituado, como a lençóis lavados e boa comida.

À noite, ouvi as vozes deles na sala de jantar – vozes de homens, mas não a de Eva. O mais certo era ter-se retirado cedo para reler mais uma vez as suas cartas. Ouvi a voz de Dieter, os murmúrios obsequiosos do sargento Meier e as gargalhadas estrondosas do doutor Koenig. A voz matreira do doutor Langer conseguia ter uma aresta escura e sinistra sem nunca se erguer, de modo que ele parecia ausente.

Encontrei consolo no meu quarto e nas minhas cartas – só mais uma da mamã e do papá tinham conseguido passar na semana anterior. As margens das páginas já começavam a ficar esfiapadas de eu tanto as acariciar, como se cada carta fosse a suave pele da mamã ou a sedosa barba do papá. Voltei a beber as palavras.

Eu e a Ilse juntámo-nos a um grupo coral e estou a gostar muito, escreveu no seu animado quase-diário. A Ilse implica comigo e diz que não tenho ouvido para a música, mas acho que vou continuar quando a guerra chegar ao fim. É tão inspirador.

Tive de sorrir face ao seu forçado optimismo, mesmo sabendo que era apenas em minha intenção. O papá era, por natureza, mais filosófico. *O meu coração enche-se de um constante orgulho pela natureza das pessoas e pela sua tenacidade quando pouco mais têm para ver além do horizonte,* escreveu, na sua caligrafia cada vez mais difícil de ler. *Os seus pequenos gestos de bondade para comigo põem-me lágrimas nos olhos, embora tu saibas, minha querida Anke, que não é preciso muito para me fazer chorar quando penso na bela e no monstro da humanidade!*

Tantas mensagens em tão poucas frases: sentados em frente do rádio naqueles últimos

dias antes de todos nós termos sido apanhados na rede, eu e o papá tínhamos falado de infinitas possibilidades para a Alemanha e para nós, por vezes ambos de rosto molhado pelas lágrimas. Mas ele terminava sempre, sempre, com estas palavras: «A Humanidade triunfará, Anke. Podes estar certa disso.» Nas suas palavras escritas, estava à procura de uma maneira de conseguir que o seu *ethos* sobrevivesse. Soube então que o seu pensamento, e de milhares como ele – prisioneiros ou livres –, acabaria por expulsar os rufiões como Koenig. Só tínhamos de esperar. E continuar vivos.



Ainda estava acordada quando o carro oficial partiu, por volta da meia-noite, de regresso à base no sopé da montanha. Mas voltariam, a pairar sobre nós; disso não tinha a mínima dúvida. Estava impaciente por saber como reagira Eva à situação – sempre dera a impressão de que só estaríamos nós as duas no parto, e agora Christa. Mas o seu espírito volúvel era facilmente influenciável; a mais pequena sugestão do *Führer* a favor dos médicos e ela cederia. A ideia de fazer um parto com a sufocante presença do doutor Koenig no quarto provocou-me suores frios. E Dieter? Sabia que ele compreendia, mas até um capitão das SS tinha limitações. Deprimida, caí num sono inquieto.

Ninguém podia duvidar do entusiasmo do médico. Estava de volta antes do pequeno-almoço, a supervisionar a transformação de um grande quarto de hóspedes no mesmo piso que o de Eva. Tinham trazido uma mesa cirúrgica, luzes portáteis e uma máquina de anestesia – mais apropriada para um hospital de campanha, onde faria sem dúvida falta –, além de uma quantidade enorme de instrumentos. As criadas estavam a pé desde as primeiras horas da manhã, a esfregar o soalho e as paredes, e as cortinas tinham sido substituídas por persianas. O cheiro acre a sabão carbólico fez-me franzir o nariz.

Avancei sem ruído pelo corredor em direcção ao quarto de Eva, quase em bicos de pés ao passar pela nova sala de operações.

– *Fräulein* Hoff, uma palavra?

Fiquei tensa ao ouvir o som da voz do doutor Koenig.

– Com certeza, doutor.

Fez-me sinal para o seguir até ao gabinete vazio do sargento Meier.

– Sente-se, por favor.

Ocupou o seu lugar atrás da secretária e inclinou-se para trás como se a cadeira se tivesse moldado à sua substancial figura.

– Muito bem, *Fräulein*, parece ter causado uma profunda impressão em *Fräulein* Braun – começou, as mãos de dedos entrelaçados pousadas na barriga. – Segundo ela, fizeram um plano nos termos do qual os médicos – pesada ênfase em os *médicos* – estarão presentes mas fora da sala de parto até que ou a menos que peça a nossa ajuda.

– Penso que é o que a *Fräulein* deseja – respondi, a reduzir ao mínimo o obrigatório contacto visual. – Sou, claro, guiada pelos seus desejos.

– Nesse caso, julgo prudente estarmos ambos esclarecidos quanto às respectivas áreas de competência.

Por outras palavras, as minhas limitações como parteira e a liberdade dele de fazer o que quisesse em nome da Medicina.

– Com certeza – disse eu.

A lista que desbobinou era previsível, mas limitativa: quaisquer demoras no parto para lá de um certo número de horas, qualquer alteração do ritmo cardíaco do bebé, perdas de sangue, fluido descolorido quando as águas rebentassem, alterações da tensão arterial, pulso ou temperatura. Eva teria de ser um caso de manual de estudo para evitar que ele lhe pusesse em cima as grandes e intrometidas mãos. E eu teria de comunicar-lhe em pessoa, de hora a hora, os progressos do parto.

Assenti a cada uma destas exigências, sabendo que sem a presença física dele ou do doutor Langer no quarto, só eu poderia avaliar os factos clínicos. E eu tinha experiência suficiente para detectar os verdadeiros sinais de perigo e ignorar as áreas cinzentas que se sobrepõem aos limites da normalidade.

– *Fräulein*? – Parecia irritado por eu não estar a mostrar sinais de reverência. – Estamos esclarecidos quanto ao seu papel e a quando passar a tarefa a outra pessoa?

– Sim, doutor, estamos – respondi. – Apesar de estar muito confiante em que *Fräulein* Braun será capaz de lidar com o parto e o nascimento sem necessidade de grande ajuda da nossa parte.

Ele resmungou, sem acreditar que qualquer mulher fosse capaz de parir sem a sua ajuda especializada.

– É tudo? *Fräulein* Braun está à minha espera.

E fiz menção de me levantar.

– Espero ver as suas notas todos os dias – disse, em jeito de despedida.

– Com certeza. Bom dia, doutor Koenig.

Contive a respiração até chegar a meio do corredor, e então soltei-a num grande suspiro no instante em que o doutor Langer saía da sala de operações. Deteve-se, lembrou-se de bater os calcanhares e fez-me um aceno de cabeça – as pupilas negras e redondas como contas fixas na minha cara. Receei por um instante que me reconhecesse, mas a minha aparência física era tão diferente do espectro que fora no campo que isso me pareceu impossível. Agora tinha uma cabeleira reconhecível, pele rosada a cobrir-me os ossos do rosto, em vez de um cinzento cadavérico, e luz nos olhos. Já não era uma sombra.

– *Fräulein* – disse ele em voz baixa, e seguiu o seu caminho.



Eva estava muito animada, como se a simples chegada dos médicos fosse sinal de que o bebé vinha a caminho. O seu aspecto era o de uma saudável desportista, com cabelos espessos e brilhantes a ondular-lhe por cima dos ombros.

– Bom dia, Anke – disse. – Hoje o bebé está muito acordado. Estou a pé desde madrugada. Vimos o Sol nascer juntos.

Sorriu encantada e pousou ambas as mãos na barriga.

– Isso é estupendo... um bebé que se mexe é um bebé feliz, como costumamos dizer.

Toda ela irradiava a prontidão de uma mulher preparada para entrar num outro domínio, numa outra vida. Desabrochava.

Afadiguei-me com o exame, embora estivesse ansiosa por pô-la a falar.

– Já conhece então o doutor Koenig e o doutor Langer? – comentei.

Ela estendeu-se na cama num movimento automático, e eu inclinei-me para ouvir o bebé.

– Já.

Estava quase a conter a respiração, como fazia sempre que eu lhe dava notícias sobre o bem-estar do bebé.

– O bebé parece estar magnífico. Hoje é um comboio, em vez de um cavalo a galope... firme e regular.

Ela riu, como sempre ria.

– Anke, que acha dos médicos?

Fiz uma pausa deliberada.

– Penso que estão a fazer o trabalho que foram mandados fazer, garantindo a sua segurança e a do bebé.

– Mas não têm de estar demasiado perto, pois não? Se tudo correr bem?

– Não se não quiser que estejam. – Sentei-me na cama de frente para ela e enchi as bochechas de um modo teatral para transmitir verdadeira preocupação. – Posso mantê-los à distância, mas só se a Eva deixar muito claro que é essa a sua escolha. Sou uma parteira, não posso impor-me aos médicos. Mas a Eva pode.

As feições roliças relaxaram no mesmo instante.

– Isso é bom. A Anke sabe que farei tudo para garantir a segurança do bebé, sinto que posso fazê-lo... consigo e com a Christa. A sério. Só precisamos que o pequenino se porte bem.

Disse estas últimas palavras a olhar para a barriga e, como que a responder à deixa, o bebé fez-lhe ondular o ventre.

– Não tenho medo, sabe? – acrescentou enquanto eu fazia meia volta para sair. – Não tenho medo de parir um filho, nem de tudo o mais que isso significa. – Sorrii, como se quisesse convencer-se de que era verdade. – É só depois...

– Eu sei – disse eu. – Eu sei.

Não havia mais nada que dizer. Todos nós tínhamos medo do depois.

✎

Procurei Dieter no gabinete do sargento Meier, que estivera conscopicamente ausente toda a manhã.

– Venho interromper? – perguntei, ao ver que parecia preocupado.

– Ah, não, entre... é um abençoado alívio depois das frustrações da correspondência. Por vezes penso que esta guerra vai ser ganha ou perdida nas máquinas de escrever em vez de no campo de batalha.

Ofereceu-me a cadeira em frente da secretária.

Contei-lhe o que Eva tinha dito e fiquei à espera do inevitável longo suspiro.

– Já estava a contar com isso – respondeu ele. – Esteve muito calada ontem ao jantar, e receio que nenhum dos nossos ilustres médicos do Exército tenha conseguido causar muito boa impressão. O doutor Koenig foi muito dominador e condescendente, e o doutor Langer, em comparação, pareceu um ratinho. – Juntou as mãos como se estivesse a rezar e apoiou o queixo nas pontas dos dedos. – Mas penso que o doutor Koenig não vai gostar nada de ser posto à margem, por si como parteira ou por qualquer outra mulher. Preciso de lhe dar a notícia de uma maneira, digamos, *criativa*.

Estava absorto em pensamentos e pareceu esquecido da minha presença, até que forcei uma tosse.

– Dieter, posso perguntar-lhe mais uma coisa? Quem manda aqui? *Herr* Goebbels, Magda ou os médicos? Não consigo compreender como foi que não recebemos uma directiva do *Führer* a respeito do filho.

A luz turquesa estreitou-se sob as pestanas louras.

– Também não percebo muito bem, além de saber que o *Führer* nunca fez segredo do facto de não querer filhos. Pelo que pude ver, trata mal a Eva, mas gosta dela à sua maneira. Tolerá-la, tanto como a qualquer outra mulher. Mas não é suficiente para estar presente. – As palavras seguintes saíram-lhe por entre os dentes cerrados, quase que por acidente: – Está demasiado ocupado a ser o pai da Alemanha. Não, este bebé é dos Goebbels, a nova estrela do Joseph.



Mais tarde nessa noite, a ver os pontos de luz que deslizavam pelo tecto escurecido do meu quarto, tive muito em que pensar. Parir um filho é, por natureza, uma série de incógnitas, mas tem as suas garantias. Há uma linha, um guião, mas é também como as peças a que eu costumava assistir no pequeno teatro da Alexanderplatz, onde o enredo podia ser muito diferente a cada representação, mutável e fluido. E eu adorava o facto de ser experimental e errático; era divertido cair da falésia da expectativa, sentados na beira das nossas poltronas.

Como parteira, era a adrenalina que me levava a procurar cada novo capítulo com um olhar renovado. Antes da guerra, a cena seguinte estava predeterminada e era imutável: mães desvanecidas levavam para casa os filhos recém-nascidos, bebés que iam ser amados de mil maneiras diferentes. No campo de concentração, este guião era como que distorcido, e no entanto, cheia de ódio, até a isso eu me habituara. Agora, havia apenas um vasto desconhecido. O bebé nasceria – isso era uma certeza –, mas quanto à narrativa do depois, só podia ter esperança de que Eva tivesse um papel importante algures no drama escrito sem margem para desvios pelos Goebbels.

E a sorte da minha família? Talvez tivessem apenas pequenos papéis. Suficientemente insignificantes para poderem ser riscados.

Capítulo 27

A sala de costura

Dieter esteve ausente o resto do dia e eu ocupei-me a preparar as notas para o doutor Koenig. À tarde, Eva convidou-me para a acompanhar num passeio até à Teehaus, uma mal disfarçada desculpa para me arrancar mais histórias de partos, e não seria eu a fazer-me rogada. Ela gostava sobretudo de histórias de partos em casa, e eu mergulhava nos arquivos da minha memória – a parte boa –, passando por alto o facto de se tratar de mulheres alemãs, checas, húngaras ou judias.

Para a visão obnubilada de Eva, todos os bebés eram gorduchos e rosados, louros e de olhos azuis, e o seu rosto iluminava-se quando os esforços feitos davam o seu fruto. Adorava saber como eram as mulheres que davam à luz – o que diziam, por quem chamavam e os pedidos por vezes extravagantes que faziam. «Acha que vou ser assim, Anke? Oh, espero não gemer demasiado!» E agarrava a barriga com as duas mãos, como que a dizer: «Em breve seremos dois.» Eu não podia censurar a sua vontade de seguir em frente, destemida no seu pequeno mundo.

Quanto a mim, travava uma batalha diária contra a impaciência, lá em cima no céu estático. Lena veio em meu socorro cedo na manhã seguinte, a perguntar-me se queria que transformasse alguns lençóis em panos para o parto. Podia fazê-lo facilmente na velha máquina de costura da governanta.

Uma máquina! A perspectiva de ter qualquer coisa com que me ocupar fez-me sorrir. Daniel pegou na sua almotolia de óleo e limpou e lubrificou a velha engenhoca, e um dos rapazes da cozinha pegou-lhe e pousou-a sobre a pequena mesa à entrada do meu *chalet*. Quase roçava o antigo, mas era-me mais do que familiar: a minha avó tinha uma quase igual, que passara para a mamã e estava agora na saleta da casa dos meus pais. Tive uma breve visão dela debruçada sobre a mesa, a resmungar e a amaldiçoar em voz baixa porque a linha estava sempre a enredar-se na bobina, e engoli a imagem.

A tristeza ficaria para outro dia.

A brisa entrou pela porta quando estendi o pano. Lena levou-me a caixa de costura da cozinha, com uma enorme variedade de linhas e agulhas, e vários pares de grandes tesouras – se o sargento Meier pudesse vê-las, os cabelos empastados em brilhantina eriçar-

se-lhe-iam na cabeça devido ao choque! Eu não era grande costureira, mal-grado as minhas experiências, e de certeza nada que se comparasse com Christa, mas conseguia fazer uma bainha decente, e aquele trabalho não exigia mais competência. Além disso, tinha tempo de sobra.

Não tardou que estivesse a cantarolar ao ritmo do pedal e a sentir-me bastante... *feliz* seria uma emoção demasiado forte? Talvez fosse contente, ou satisfeita? Estava viva, nenhuma ameaça imediata de morte pesava sobre mim, e a minha família também tinha uma hipótese. Havia razões para ter esperança.

Capítulo 28

Explosão

Passei a hora do almoço a cortar e a costurar – Lena foi ver como estava a sair-me e levou-me uma sanduíche, a querida. Ao fim da tarde, tinha uma pilha de panos muito bem embainhados, que ia ferver como preparação para o parto. Sentia os olhos cansados e doridos enquanto limpava os fios, e não vi a figura deslocar-se no alpendre. O rosto dele no umbral assustou-me.

– Dieter!

– Peço desculpa, não era minha intenção...

– Não, não, é só que não estava à sua espera.

Disse isto como uma esposa a acolher o marido regressado tarde do trabalho, e apercebi-me de como era frívola na sua companhia.

– Vejo que esteve ocupada – disse ele, a olhar para os restos de tecido.

– Arranjei um trabalho para me manter ocupada. Todas as encomendas são bem-vindas, nenhum serviço é demasiado pequeno. Embora não possa garantir os resultados.

Sorri como a empregada de uma loja a louvar os seus artigos, num tom ridículo, mas também isso parecia estar fora do meu controlo.

– Bem, é agradável vê-la... contente. Se me permite dizê-lo.

Estava parado no umbral, com um ar cansado.

– Anke, gostaria de fazer-me companhia numa bebida? Por mim, estou mesmo a precisar.

Voltei a adoptar o meu ar aturdido, mas optei por fazer brincadeira, por ele.

– Não posso garantir os efeitos que vai causar... é bem capaz de me pôr a dormir... mas sim, gostaria.

Ele desapareceu no crepúsculo da tarde e voltou minutos mais tarde com uma garrafa de brande. Bom brande.

– Isto serve? – perguntou, a mostrar a garrafa e dois cálices.



Sentámo-nos do alpendre a bebericar. O brande queimou-me a língua e, como

acontecera com a primeira inalação do cigarro, quase me fez tossir. Pouco a pouco, porém, tornou-se um agradável calor, e eu recordei a alegria de uma boa bebida numa noite fora.

A tarde estava calma, a brisa amainara, e não havia ninguém à vista: os guardas deviam estar a jantar e os outros membros da casa tinham-se retirado para o interior. A sensação era de... vazio. A radiação distante dos cumes nevados brilhava através da arena de azul e o único som era o muito leve restolhar das árvores à nossa volta.

– Então, como está o bom doutor Koenig? – disse eu para o ar.

Ele riu.

– É assim tão óbvio?

– Bem, pelo seu ar, parece que teve um árduo trabalho a fazer de diplomata.

Ele suspirou e bebeu um grande trago.

– Isso não descreve nem metade. Tive de passar uma tarde e um dia inteiro com ele e com aquele... doutor Langer, a ouvir histórias da Faculdade de Medicina e de como os ingratos cidadãos de Berlim devem a vida às suas miraculosas mãos. Todos eles, ao que parece. Foi preciso muito para o apaziguar em relação a Eva.

Pode ter sido do álcool, não sei, mas de repente fiquei furiosa. Uma pequena bolha de irritação algures no fundo de mim cresceu numa vaga de ódio. Pelo facto de ser constantemente preciso afagar o ego a indivíduos gordos, pomposos e de escasso talento como o doutor Koenig para que outros pudessem ser deixados em paz.

– Tinha mesmo de o fazer? – perguntei, a tentar embotar o gume na minha voz.

Ele tinha os olhos fechados, a cara voltada para o céu que escurecia.

– Sabe que sim, Anke. É o que faço... o meu propósito.

Disse-o numa voz preguiçosa, como se o álcool estivesse a ter um efeito entorpecente.

– Já pensou em *não* o fazer?

Dessa vez, um corte nítido. Não queria arranjar uma discussão, mas como acontecia com o flertar, estava fora do meu controlo.

Ele sentou-se direito, de olhos bem abertos.

– Que quer dizer com isso?

– Sabe, Dieter, sabe *de verdade* o que está a acontecer no seu país... no *nosso* país? Na Polónia, na Hungria, neste glorioso Terceiro Reich?

Corou e pôs-se de pé, a olhar em redor para se certificar de que estávamos de facto sozinhos.

– Claro que sei! Pensa que sou ignorante, ou pior... um monstro?

– Não, mas...

– Como lhe disse, era esperado. Não havia opção senão alistar-me, *não* foi um convite. – A voz dele era um amargo murmúrio. – Todos fizemos sacrifícios, Anke.

Foi mais forte do que eu.

– E os seus pais estão em campos de trabalho, rodeados por morte e destruição, a ver uma crueldade humana atizada contra outra, dia sim, dia sim? Ou é o estilo de vida confortável que se arriscam a perder... uma criada ou duas, a boa refeição na mesa?

A minha voz escaldava de fúria e brande.

– Não! – Cuspiu a palavra e olhou em redor, a ver se a raiva se tinha espalhado. Controlou-a, fê-la voltar a um fervilhar baixo. – Agora é você que está a ser ingénua, Anke. Acredita a sério que é possível atirar para o lado um uniforme como o meu? Além da vergonha que seria para os meus pais, significaria um perigo real para eles... para toda a família... se houvesse a mais pequena dúvida a respeito da minha lealdade. Os SS não voltam costas e reformam-se. São propensos a acidentes de viação, a suicídios. As famílias morrem em incêndios nas casas onde vivem. – Engoliu com força. – Mais vezes do que imagina.

Cavou-se entre nós um feio abismo quando absorvi a realidade das suas palavras.

Dieter voltou a sentar-se, abateu-se na cadeira como se estivesse exausto. Passou uma das mãos pelos cabelos.

– Também eu sou uma espécie de prisioneiro. Posso não ter visto o que a Anke viu, não ter sofrido como outros, mas sei o que se passa. Tenho olhos e ouvidos, e por vezes quem me dera não ter.

Naquele momento, acreditei nele. Porquê, não sei – ali sentado com o uniforme carregado como um céu de tempestade, mais escuro do que o inferno, as horrorosas caveiras no colarinho a reflectir a pouca luz que restava. Mas acreditei.

– Como é então que vive? – perguntei.

Ele inspirou fundo.

– Faço tudo o que posso para limitar a minha eficiência sem despertar suspeitas. Se parecer ineficiente substituir-me-ão por outro que seja eficiente... maldosamente eficiente. Por isso despacho papéis, por vezes na direcção errada, de modo que um nome desapareça de uma lista, perdido na confusão. – Olhou para mim, a semicerrar os olhos na meia-luz. – Não estou a dizer que ataco os alicerces, Anke. Não sou assim tão corajoso, mas posso enfraquecer os andaimes nem que seja só um bocadinho. Só o suficiente para desviar tempo e recursos para onde não possam fazer verdadeiro mal. Não é muito, mas é tudo o que posso fazer.

Dieter recostou-se na cadeira, vazio de palavras, e eu vi a luz prateada da Lua apanhar as rugas à volta dos seus olhos e os vincos de ansiedade nos cantos da boca. O ar estava tão, tão parado – a vida suspensa. Uma ligeira brisa soprou por alguns segundos e deu-me a coragem, um empurrão. Aproximei-me, toquei ao de leve na sua face quando inclinei a cabeça para o beijar, primeiro com suavidade, e depois com força. Este meu gesto apanhou-o de surpresa, mas numa fracção de segundo estava a corresponder, a puxar os meus lábios para os dele, e assim ficámos quase imóveis, só os mais pequenos músculos a ondular. Segundos? Mais de dez? Quem sabe? A eternidade não tem relógio.

Fui a primeira a afastar-me e estudei ansiosa a cara dele, para lhe adivinhar a expressão. Não era de choque nem de aversão, mas de alívio, e – ousaria pensá-lo? – de prazer. Os nossos olhares encontraram-se, ambos a sondar e a julgar. Ainda a prender-me o olhar, Dieter pegou-me na mão e guiou-me para o interior do *chalet*, como uma rapariga a ser convidada para a pista de dança para uma última valsa. Tudo em mim cedeu, e deixei-me guiar.

Não houve palavras. Na quase escuridão, despimo-nos e ele pôs o dólmán nas costas de uma cadeira. Vi-o fazê-lo, e ele apanhou-me a olhar, despiu a camisa e tapou o tecido escuro com o linho branco de modo que quase não se via, o quépi escondido. Então vi-o como poderia parecer numa outra vida: os suspensórios caídos ao longo das pernas, o peito liso e tenso quase invisível na débil claridade que entrava pela janela, a arfar com os movimentos rápidos e fortes da respiração.

Fechei as cortinas da janela antes de despir o vestido e desembaraçar-me das cuecas, com vergonha do corpo que tinha perdido e só em parte recuperado desde que esta outra vida começara. Deitámo-nos na cama – sempre sem uma palavra – a medir-nos um ao outro, centímetro a centímetro, a encostar cada pedaço de pele com uma ânsia faminta, para que nenhum ficasse sem contacto. Chupei-lhe o pescoço, cheirei a base da nuca onde os cabelos louros se prolongavam pelos ossos da coluna, e ele procurou o lugar onde os meus seios tinham em tempos existido, a saborear guloso a carne que lá restava. Cheirava a brande e a cigarros e à tal misteriosa água-de-colónia, mas não a imundície azeda ou a ódio.

Impossível voltar atrás. Aquilo era a guerra, não havia meias medidas, nem barreiras, nem «vamos esperar para ver». Amor ou luxúria? Quando há pouco tempo para analisar qualquer deles, inventamos qualquer coisa no meio e vivemos o momento.

Dieter foi terno com a manipulação do meu corpo, cuidadoso ao agarrar os lugares onde eu tinha ganho nova carne, roçando ao de leve o flácido sucedâneo de uma figura. Em comparação, ele era firme e cinzelado – de uma maneira natural, com músculos adquiridos nos campos de futebol da infância ou na garagem do pai, firmemente enraizados. Senti prazer em apalpar cada curva, cada orgulhoso tendão enquanto ele me abraçava, e ele embrulhou-se em mim e dentro de mim, e eu senti-me como não me sentia há muito, muito tempo.

Segura.

Em viagem, Fevereiro de 1942

Através da abertura entre as abas de lona que fechavam a traseira do camião, pude ver a vida real passar lá fora enquanto nos afastávamos do quartel-general da Gestapo; uniformes do exército, ciclistas, mães a empurrar carrinhos de bebé a passo descansado. A vida continuava para os que gozavam da sua liberdade, inconscientes dos horrores tão perto deles, como eu tinha estado antes dos últimos dias. Não há nada que se compare a ansiar liberdade quando não a temos, e eu conseguia saboreá-la no vento gelado que soprava pelas aberturas da capota.

Com a presença dos guardas armados, a lona era tão sólida como os muros de qualquer prisão, mas oferecia pouca protecção contra a mordedura do frio. Os dois guardas mantinham-se rígidos e impassíveis nos seus grossos capotes e pesadas botas, enquanto os quatro prisioneiros tiritavam de uma maneira incontrolável. Eu era a única mulher, sentada ao lado de um homem já de certa idade e outros dois mais novos no banco em frente. Esses dois apresentavam contusões evidentes, mas o mais velho parecia incólume. Por acordo inconsciente, não falávamos, mas trocávamos olhares de um lado ao outro da caixa do camião e sorrisos tranquilizadores quando os guardas fechavam os olhos vencidos pela fadiga e pelo sacolejar do veículo.

Os lábios tremiam-me de frio e um dos homens sentados no banco à minha frente começou a despir o casaco. O gesto provocou uma reacção imediata de um dos guardas, que nos ordenou com um latido seco que não nos movêssemos, e o homem apontou para a sua oferta. Por fim, o guarda assentiu, a autorizar. Comecei a protestar, mas o rosto do homem mostrava tanta boa vontade que não fui capaz de insistir.

– Tenho uma camisa e uma camisola – disse ele em voz baixa, a indicar a fina camisola sem mangas por baixo do tweed.

– Obrigada – disse eu, e apercebi-me de que era a primeira palavra que pronunciava nas últimas vinte e quatro horas. Senti o calor imediato do tecido e da humanidade combinados, o casaco a pesar-me nos ombros. Tentei expressar a minha gratidão num sorriso, e ele pareceu

animado pelo acto de dar. Nunca saberia quanto sofrimento aquela simples oferta me pouparia nas horas seguintes, nem quantas vezes lhe agradeci de longe, na esperança de que não tivesse demasiado frio com as suas leves roupas.

Parecíamos estar a seguir para norte, a julgar por algumas das ruas e edifícios por que passámos. Mas quando saímos dos limites da cidade perdi de vista a geografia e a fadiga invadiu-me. Inclinei a cabeça para trás, a balouçar num meio sono, embalada pelo barulho do motor. Fui acordada por uma brusca paragem, gritos de homens lá fora e o regresso dos guardas ao estado de alerta, a raspar as coronhas das espingardas no chão da camioneta.

– Ouçam! Todos vocês! Não falem.

A carga – nós – foi despejada numa espécie de vasto pátio onde havia um grande número de carris ferroviários lado a lado. Fui retida enquanto os três homens eram levados para o outro lado de um comboio de mercadorias e desapareciam da vista. Um Sol pálido escondeu-se atrás de uma máscara de nuvens cinzentas, e calculei que devia ser perto do meio-dia, os débeis raios de luz a traçarem uma trajectória cada vez mais oblíqua enquanto nós – ao todo seis mulheres – ficávamos a tiritar durante quase uma hora. Havia só um guarda a vigiar-nos, a mexer os pés e a olhar para todo o lado menos para as nossas caras, apesar de não nos impedir de falar entre nós.

As mulheres sussurravam histórias semelhantes de medo cultivado; imaginei que algures, num escritório em Berlim, havia uma equipa de psicólogos de olhinhos redondos ocupados a inventar novas maneiras de quebrar os seus compatriotas, dedicados a fracturar a humanidade sem pensarem em reconstruir a alma. Esta ideia deprimiu-me mais do que qualquer outra coisa.

Estava ao lado de uma mulher chamada Graunia, uma jornalista que se situava do lado errado do pensamento de Goebbels. Pareceu-me inteligente e estóica no meio daquele dia cinzento, e já então me senti atraída pelo seu ânimo tenaz e inquebrantável. Agradeço muitas vezes à sorte o facto de termos sido apanhadas juntas, um esteio para a futura sobrevivência de ambas que nunca poderíamos ter previsto.



Por fim, saído da leitosa distância, um comboio de mercadorias avançou devagar na nossa direcção. Os travões chiaram com um gemido queixoso e vários guardas apareceram a correr e formaram um semicírculo diante da porta de um dos vagões, de armas preparadas. Começaram a ladrar ordens, ao que parecia para quem quer que estava lá dentro.

– Recuem! Não falem! Atenção!

As mulheres entreolharam-se, o medo a reflectir-se-lhes no rosto.

A porta do vagão de gado foi aberta e uma baforada fétida saiu do interior, numa desesperada procura de partículas de ar limpo. Agarrou-se-me à garganta – o fedor da degradação humana. Os guardas olharam enojados, a tapar o nariz, e eu tive de esforçar-me para não fazer o mesmo. Os rostos que espreitavam da escuridão pareciam envergonhados da sua imundície, e depois avançaram para a porta, ansiosos por inspirar o ar da gare, carregado de óleo de motor.

– Para trás! Para trás! – ladraram as coronhas das espingardas, e depois a encaminhar-nos para a abertura. Um vômito subiu-me à garganta e eu empurrei-o para baixo com todas as forças do meu ser. Tinha consciência de que, em breve, aquele cheiro seria também o meu, a patinhar sabia Deus por quanto tempo nos meus dejectos. Mais um ponto para os astutos psicólogos.

Fomos empurradas para o interior do vagão, e embora não estivéssemos ombro contra ombro, não havia espaço suficiente para nos sentarmos todas, de modo que algumas mulheres se tinham juntado em grupos, como que a conversar numa festa. A porta fechou-se com estrondo e os meus olhos adaptaram-se à penumbra; notei que eram sobretudo as mulheres mais velhas que estavam sentadas, e uma mais nova que já era só pele e osso, como se os esqueléticos membros dobrados debaixo do corpo não conseguissem sustentá-la. Eu e Graunia fomos empurradas juntas, sem que fosse dita uma palavra. Que podíamos nós dizer? Não havia nada que justificasse a pura desorientação.

Em vez disso, uma mulher a meu lado falou:

– Têm água? Qualquer coisa?

A voz e os lábios estavam gretados e a língua parecia couro. Desviava a boca para o lado, consciente do seu hálito repelente.

– Não, lamento – respondi. – Não temos nada.

Os olhos dela morreram. Afastou-se a tropeçar nos corpos sentados e caiu no chão, a chorar em silêncio.

– Não está bem – murmurou uma das mulheres. – Foi uma das primeiras a entrar, e não sei há quanto tempo não bebe nada.



Mantivemo-nos juntas, eu e Graunia, a falar com as mulheres que estavam no vagão antes da última paragem. Não tinham viajado em etapas muito longas, talvez meia hora de cada vez, mas o tempo de pé entre paragens fora de horas, arrastando-se pela maior parte da noite. Só uma vez um guarda lhes atirara um cantil com água, mas o comboio arrancara com uma violenta sacudidela quase no mesmo instante e metade do líquido derramara-se no chão. O resto fora distribuído entre as que mais precisavam.

Lá fora havia gritos ocasionais, o barulho de vozes, silêncio, e então mais actividade, vários tiros ao longe, e depois um silvo contínuo de vapor a subir, a caldeira a soprar a sua respiração, a preparar a exalação seguinte. Doía-me a barriga das pernas e os pés ardiam-me dentro dos sapatos. Tinha a sorte de nunca ter sido esquisita em relação ao meu aspecto, agora que parecia uma das mulheres vestidas de farrapos que todos os dias faziam fila à porta do hospital, a mendigar um ou dois pfennigs, as faces castanhas e coriáceas. A diferença era que elas sorriam. E eram livres. Pobres e sem abrigo, talvez, mas donas do seu destino.

Estava meio a dormir, amparada pela aglomeração de corpos, quando arrancámos. Ainda entrava luz pelas frinchas da madeira, o nosso único indicador de tempo. Houve um pequeno arquejo de alívio por, talvez, a viagem estar a aproximar-se do fim, mas ninguém falou. Só uma mistura de corações pesados e resignação, a rodopiar com mais cheiros corporais. Um

pensamento não expresso unia-nos: onde iríamos acabar? E quanto mais parecido com o inferno poderia ser?

Capítulo 29

Amigos

Estava aninhada na dobra do braço dele, a ver uma nesga de luar prateado desenhar uma seta na parede. Dieter mantinha-se calado, a respirar com força, o outro braço a acariciar-me as costas, a traçar o contorno de uma das minhas poucas curvas, o queixo pousado nos meus cabelos.

Por fim a respiração abrandou e ele quebrou o silêncio.

– Bem, *Fräulein* Hoff, é uma verdadeira caixinha de surpresas.

– Também não o acho assim muito previsível – ripostei. – Para um capitão, quero dizer. Apertámo-nos e rimos debaixo do lençol, e atardámo-nos num beijo. Agora já não havia urgência.

Não falámos do que aquilo significava – de que linhas tínhamos ultrapassado ou das consequências se fosse descoberto. Havia um tempo e um lugar para isso, mas não naquele instante. Durante aqueles preciosos minutos, esticados em horas, bebemos a intimidade, apertados contra o frio e duro mundo lá fora, na quente noite de Primavera.

Ele explorou o teclado das minhas costelas, os cornos da minha pélvis, e eu as cicatrizes da sua primeira batalha, as cristas em ambas as omoplatas, e não perguntámos nem explicámos. Era assim. Era a guerra.



Devemos ter ambos dormido um bom pedaço e despertámos – Dieter com um sobressalto – quando a patrulha passou, às primeiras luzes da manhã. Não costumava ser o suficiente para me acordar, mas os dois rapazes estavam a rir de qualquer coisa. Ficámos tensos um contra o outro e depois relaxámos, o meu corpo mais pequeno, escondido na curva do dele, como gatinhos no universo das patas da mãe.

– Tenho de ir – sussurrou ele ao meu ouvido. – Não seria nada bom ser visto a sair daqui em bicos de pés... por ti.

– Eu sei.

– Esperemos que *Frau* Grunders não ande a patrulhar os corredores.

Riu e afastou as mantas, e eu rolei para a cova que deixou, desejosa de ocupar o seu

espaço mais alguns minutos.

Vestiu-se na penumbra, só as calças e a camisa, e beijou-me nos lábios antes de enfiar o dólman e colocar o quépi debaixo do braço e voltar-se para a porta.

– Dieter?

– Sim?

– Amanhã... hoje... nada de remorsos, hem?

Tornou a voltar-se para mim.

– Somos amigos, Anke, e podemos ser mais. Sem remorsos.

Sorriu e desapareceu.



Dormitei um pouco mais depois de Dieter ter saído e levantei-me para o pequeno-almoço, tendo o cuidado de não parecer diferente. Queria que a antiga Anke disfarçasse os fogos-de-artifício que começavam nas pontas dos dedos dos meus pés e subiam até ao alto da minha cabeça. Dieter não estava no pequeno-almoço, claro, tomava-o sempre na sala de jantar lá em cima, e fiquei aliviada por evitar o contacto. Era impossível que a minha cara não me traísse. Lena e Heidi riam na cozinha; ouvia as suas gargalhadas a respeito dos jovens guardas recém-chegados, a discutir qual deles escolheriam.

– Aquele Kurt não passa de um garoto. Se é um homem que queres, eu ficaria com o capitão Stenz – declarou Lena, num tom de admiração.

– Oh, não! – contrapôs Heidi com fingida aversão. – Não queiras meter-te com os SS... – baixou a voz –, é um jogo perigoso. Fica-te pelos regulares. Mais músculo e menos cérebro, mas pelo menos manténs-te viva.

Os risos estouvados abafaram o resto da conversa, até que um brusco ralhete de *Frau Grunders* as despachou a correr para as respectivas obrigações.

O coração afundou-se-me como uma pedra num charco. Teria sido louca, teria deixado que o meu desejo corresse em círculos à volta de qualquer razão sensata? Teria olhado demasiado para lá do uniforme, para um homem que moldara na minha cabeça? Pensei que não seria invulgar, e nem malvisto, os oficiais das SS levarem para a cama as mulheres que quisessem. Talvez fosse até aplaudido em certos círculos. Que espécie de domínio teria ele agora sobre mim, se quisesse ampliar e exercer o poder a que estava habituado? Teria eu, no meu momento de necessidade, sido muito, muito estúpida?

E no entanto, no instante seguinte, voltei-me para a recordação do seu calor, da sua ternura, da procura de afecto que havia nele em vez de luxúria brutal. A maneira como tinha dito o meu nome quando subíamos ambos em direcção ao clímax tranquilizou-me: era eu que ele queria, não um receptáculo conveniente para a sua frustração. Não me sentia usada, nem amada por cobiça ou necessidade. Sentia que nos tínhamos juntado no desejo de um ombro macio, de um pouco de doçura no meio das graníticas lascas de fealdade que rodeavam aquele mundo mau. Que tínhamos encontrado um no outro mais do que procurávamos. Poderia ter-me enganado tanto?

Vi, através da janela, o fumo do cigarro de um guarda encostado à vedação, talvez

a sonhar acordado com a namorada que deixara em casa, e perguntei-me como fora que tínhamos chegado até ali – nós os dois no alto do pé de feijão, no meio de uma guerra sangrenta e devastadora. Uma tão grande parte de mim ansiava estar de volta a Berlim, mesmo que a cidade tivesse sido reduzida a pó sob uma nuvem – estar numa crua realidade, em vez de flutuar naquela bolha da Berghof. Queria que as coisas fossem *reais*.

Capítulo 30

Nuvens na Primavera

Todos conhecemos o ditado: tem cuidado com aquilo que desejas.

Voltei ao *chalet*, estiquei os lençóis e afofei a almofada, mas não sem antes aspirar o cheiro dele, ainda presente, e encontrar um fio de cabelo louro preso à colcha. Olhei em redor a parecer culpada, como se pudesse ser apanhada. Não havia nada a vigiar-me excepto a minha insegurança. Para arranjar espaço na mesa, tentei mudar para o chão a velha máquina de costura. Enquanto afastava a pesada peça para o lado, qualquer coisa que não eram restos de tecido caiu do topo, um leve pedaço de papel que rodopiou até ao chão. Pousou junto aos meus pés, um pequeno quadrado dobrado a pulsar com a luz branca de um farol. Uma única palavra, rabiscada a lápis: *Anke*.

Por um breve instante o meu coração bateu como o de uma adolescente e pensei que era uma nota de Dieter. Mas sabia que, nem mesmo no seu afecto, seria ingénuo ao ponto de deixar um rasto. Vi os meus dedos tremerem enquanto desdobrava o papel e lia a mensagem:

Tem o poder de mudar tudo no seu amado país. O Reich precisa de um ícone – pode entregá-lo nas mãos de Hitler, ou à segurança das nossas. Pense na sua família e na sua sorte. E no bem dos alemães. Pode alterar vidas.

Real ou não? Não era capaz de decidir. Só que a tinha nas mãos trémulas, uma fantasia cada vez mais tangível. Ainda não sabia muito bem o que estavam a pedir-me – traí-lo bebé e roubá-lo a Eva? Ou servir de intermediária e fingir ignorância se eles – aquele grupo desconhecido – levasse a cabo um golpe de mão depois do parto? De um modo ou de outro, seria o bebé a sofrer. E Eva também.

Guardei o papel no bolso e corri para a porta, na esperança de ver uma forma humana afastar-se furtiva pelo trilho. Mas estivera muito tempo fora do *chalet* e a porta não tinha fechadura. Qualquer um podia ter entrado. Mesmo assim, senti-me invadida, como se tivesse recuperado um pouco da minha dignidade pessoal e do meu espaço desde que saíra do campo, e agora estivesse alguém a querer tirarmos de novo.

Senti-me furiosa com a invasão, e logo a seguir impotente, despojada de qualquer capacidade de descobrir quem ou porquê. Não podia confiar em ninguém, excepto em Christa, mas do mesmo modo não tinha em mim mesma poder para decidir um rumo definido. Uma combinação de força de vontade e destino tinha-me permitido passar por aquela guerra, e embora nunca tivesse acreditado num ser superior, queria desesperadamente render-me a qualquer coisa fora de mim. Não ter de batalhar em nenhum caminho, só deixar-me levar. Que a vida me escolhesse a mim, para variar.

O tempo arrastou-se até à hora do almoço, o pedaço de papel no meu bolso a causar agitação, com o peso de chumbo da traição. Toquei-lhe com os dedos, nervosa, ao ver Dieter avançar para o alpendre, o passo rígido e o quépi firme na cabeça. Sorri à primeira coisa bem-vinda na minha vida naquele dia. Ele não. Os seus olhos brilharam por uma fracção de segundo e a sua expressão era severa, a pele despida de cor. O coração torceu-se-me quando compreendi o meu engano. Tinha-o lido da maneira mais errada possível. Era um SS, nada menos.

– Dieter? – disse, a sondar-lhe o rosto imóvel.

Subiu ao alpendre, baixou os olhos e tirou o quépi, que colocou num gesto formal debaixo do braço. Estava a mexer nas luvas, um sinal da sua agitação.

– Anke, lamento muito – começou.

– Oh, hum, o que aconteceu ontem à noite? Escuta, podemos esquecer...

– Não, não é isso.

Estava grave e sério, não zangado ou embaraçado.

– Então o quê? Dieter, diz-me... por favor.

– É o teu pai – murmurou ele. – Lamento muito.

Não havia ambiguidade na sua voz; uma sombria mensagem da tumba. Uma grande onda de medo e dor subiu-me à garganta e transformou-se em qualquer coisa entre uma tosse e um vômito choroso. Cambaleei e ele agarrou-me o cotovelo e ajudou-me a sentar na cadeira. Dissolvi-me num mar de soluços, a tentar esconder com uma das mãos as contorções do rosto. Tinha aprendido, ao longo dos anos no hospital, a disfarçar uma parte da emoção – era o esperado de nós –, mas quando ela se soltou os meus diques abriram-se.

Queria saber como, onde e porquê, mas não conseguia formar as palavras para lá dos soluços de desgosto que me saltavam da boca. Dieter falou numa voz baixa e firme por cima das lágrimas, a segurar-me a mão livre. Estava de costas para a casa, e a olhar de longe ninguém suspeitaria de uma conversa tão prenhe de emoção.

– Estive pessoalmente em contacto com o médico do campo – disse. – Foi-me garantido que morreu de pneumonia, provocada pela asma. – As pupilas negras moviam-se de um lado para o outro, à procura das minhas. Limitei-me a olhar para ele enquanto os soluços se reduziam ao choro fingido de uma criança. – Anke, ouviste o que eu disse?

– Ouvi o que disseste, mas não acredito em ti – disse furiosa, as lágrimas a correrem-me pelo pescoço. – Sei quantas certidões de óbito têm escrito pneumonia, ou paragem cardíaca, em vez da verdade. É tudo mentira, é o que eles dizem.

– Não, eu...
– Como podes saber? É tudo uma grande mentira. O mais certo é ter sido metido num camião e levado para o lugar de onde ninguém volta...
Tornei a desfazer-me em lágrimas. *Por favor, por favor, oh, papá, por favor, não me digas que morreste numa câmara de gás.*

Dieter pegou-me em ambas as mãos e baixou-as com força para conseguir a minha atenção.

– Anke! – Parecia quase zangado. – Por favor, acredita quando te digo que ele não morreu num desses lugares. Fiz uma investigação muito aprofundada e tenho provas de que o teu pai morreu no campo. De causas naturais.

Voltei a explodir em fúria.

– Não há nada de *natural* em uma pessoa passar fome e ser obrigada a trabalhar até à morte só porque tem convicções que lhe são queridas.

– Não era isso que eu queria dizer, e tu sabe-lo muito bem. Mas a tua família... tu sabes qual é o acordo... a tua família não corre o perigo de ser levada.

– Desde que eu me porte bem... não é esse o negócio? – A minha raiva e a minha petulância estavam a erguer-se acima do desgosto, e por mais que eu visasse o *Reich*, era Dieter que estava na linha de tiro. – E como podes tu saber os pormenores? És íntimo do comandante?

Ele afastou-se e eu soube que, mais uma vez, tinha ido demasiado longe ao alinhá-lo com o *Reich* que rejeitava. Ao contrário de mim, não ripostou com violência, mas deixou cair as mãos.

– Sei, porque fiz questão de saber – disse em voz baixa –, e porque desde há já algum tempo me tenho interessado. – Tirou um sobrescrito do bolso. – Pode ser que isto ajude a explicar.

Tirei-lho da mão e os nossos dedos voltaram a tocar-se ao de leve, desta vez sem crepitações de acrimónia. Ele estendeu a mão para limpar uma lágrima da minha face, mas interrompeu o gesto quando uma patrulha dobrou a esquina e surgiu à vista.

– Vou deixar-te tranquila – disse. – Voltarei mais tarde. – Endireitou-se e contemplou o meu corpo encolhido e amarfanhado. – Lamento muito, Anke, com toda a sinceridade.

Como tantas outras vezes, vi-o descer do alpendre e afastar-se pelo caminho. Dessa vez, porém, não voltou a cara na direcção do Sol dourado e da paisagem em tons de azul. Pôs o quépi e olhou em frente.

A carta era do papá, datada de uma semana antes. Poderia ter tido alguma dificuldade em saber que era dele se não fosse da maneira ornamentada como escrevia os T e os P – «arte académica», como eu sempre lhe chamara. A caligrafia era angulosa e desconjuntada, a caligrafia de um homem a esforçar-se por manter a caneta junto ao papel.

Querida Anke

Gostaria de poder dizer que estou bem, mas o Inverno cobrou o seu tributo e o meu velho corpo não saiu do frio com o mesmo entusiasmo de outros tempos. Mas estou na enfermaria e as condições são boas, com lençóis limpos e bondade.

Por favor diz à mamã que penso nela – em todos vocês – e lembro-me muitas vezes dos tempos felizes que tivemos em casa, juntos à volta da mesa, quando ríamos e contávamos velhas histórias. O Franz era sempre o que contava as mais extraordinárias! Também me lembro de todas as vezes que nós os dois nos sentávamos à volta do rádio ao domingo e líamos os nossos jornais... Esses tempos especiais, minha maravilhosa filha.

Espero ter notícias tuas em breve, minha querida filha, e ficar a saber que és forte. Mantém o Sol a nascer no teu mundo.

Todo o meu amor, o teu papá x.

Era, sem sombra de dúvida, a carta de despedida de um moribundo. Talvez tivesse demorado horas, ou dias, a escrevê-la. Podia tê-la ditado a alguém, mas eu sabia que tinha lutado, entre o fogo nos pulmões e o esforço de sentar-se direito, para escrever o seu último adeus, porque sabia que eu reconheceria a sua genuinidade. E havia também a mensagem – mantém o Sol a nascer. Sempre cheio de esperança, o meu papá. A Humanidade prevalecerá, costumava dizer. Não percas a fé.

Fiquei uma eternidade a olhar para aquela página escrita, e apesar de as lágrimas correrem, não estava consumida por uma tristeza ardente, incapacitante. A raiva, sabia, viria mais tarde, mas empurrei para trás as minhas imagens do campo, a resignação nos olhos muito abertos das mulheres sentadas nos camiões, prontas para serem levadas ao seu destino, o bloco do hospital. Não podia permitir-me pensar nisso naquele momento.

De uma maneira estranha, distorcida, houve algum alívio; uma estranha satisfação por já não ter de me preocupar com o meu pai e a sua sorte, por saber que não teria, na sua fragilidade, de enfrentar essa fracção de segundo de compreensão quando dos chuveiros em vez de água gelada jorrasse o silvo insidioso da morte. Sabíamos, pelos rumores que circulavam pelo campo, que era então que os gritos atingiam um paroxismo de pânico. Não, não podia, não queria, pensar nisso naquele momento.

Não podia fazer outra coisa senão acreditar em Dieter quando ele dizia que não tinha sido esse o destino do papá. A carta era a prova, não era? Ele não me teria falado dos lençóis lavados e da bondade se não fosse verdade. À beira da morte, o papá seria um candidato prioritário ao transporte, considerado uma «boca inútil», mas podia ter havido cordelinhos puxados, favores pedidos. Tal como dissera, Dieter tinha algum poder – o suficiente para o salvar. Dei voltas às possibilidades na minha cabeça, a oscilar entre crenças e a desejar acima de tudo que a minha fé fosse justificada. Tinha de acreditar que o meu pai morrera numa cama, não nas entranhas da desumanidade.



Fui acordada por um roçar de dedos na porta. A luz fraca disse-me que a tarde chegava ao fim. Estava enrolada na cama, com os dourados raios do Sol que entravam no quarto a aquecer-me um dos pés. Vi a maçaneta da porta rodar e a cabeça de Dieter aparecer na abertura. Deslizou para dentro e fechou as cortinas da janela.

– Como estás? – perguntou na nova penumbra.

Esfreguei os olhos e pensei por um instante: como estou eu?

– Hum, estou bem. Devo ter adormecido.

Aproximou-se e sentou-se na beira da cama, como uma mãe a cuidar de um filho doente. A minha cara estava marcada por riscas salgadas, ásperas ao tacto quando as limpei. Dieter pousou a mão em concha na minha face e acariciou com o polegar a pele inchada por baixo dos olhos.

– É demasiado – disse. – Eu sei que tens de ser mais forte do que um boi para ter sobrevivido até agora, mas é demasiado. Tenho tanta pena.

Sentei-me direita e esfreguei a cara com ambas as mãos, a tentar injectar um pouco de vida na pele seca como pergaminho.

– O mais engraçado é que depois de passar os últimos dois anos a imaginar que recebia esta notícia... a respeito de todos eles... me sinto um pouco entorpecida. O entorpecimento é pior do que estar partida por dentro.

Ele voltou a pegar-me nas mãos e levou-as aos lábios, beijou-me as pontas dos dedos.

– Odeio esta guerra, odeio esta nojenta desculpa para uma luta entre crianças a fingir que são homens adultos – disse em voz baixa, para as minhas mãos.

Olhei para ele e engoli com força, na esperança de ingerir alguma coragem. Havia só uma coisa que precisava de saber, uma coisa que não podia ter perguntado na noite anterior, mas tinha de perguntar agora.

– Dieter, tens alguma coisa a ver com os transportes? A selecção, as listas?

Os olhos dele brilharam numa expressão de alarme, mas estavam fixos nos meus, não escondidos.

– Não. Juro, Anke, juro. Não faria... *não seria capaz*... de fazer uma coisa dessas.

– Mas disseste... falaste de nomes a cair de listas, a desaparecer?

– Por vezes lido com vistos, pedidos de transporte para fora da Alemanha. Académicos, médicos, famílias com raízes estrangeiras. Carimbo mais algumas do que devia, extraviou cartas de rejeição. Como disse, não é muito.

– É qualquer coisa – disse eu, com um débil sorriso. – Qualquer coisa é melhor do que nada.

O barulho de um motor fê-lo voltar-se para a porta, e disse que tinha de ir. Podia voltar mais tarde, depois do jantar? Preferia ficar sozinha? Não, respondi, não preferia. Queria a companhia dele, o seu calor, não queria ficar sozinha a remoer o meu desgosto.

– Não vão suspeitar de que estás aqui?

Há semanas que quase não via *Frau Grunders*, mas não duvidava de que os seus olhos estavam por todo o lado.

– Vou dar a noite de folga ao Rainer e ele levará o carro para a cidade – respondeu. – É a vantagem de ser um oficial itinerante... não tenho agenda fixa, nem casa.

Beijou-me ao de leve nos lábios, acariciou-me os cabelos como despedida e saiu.

Depois de me lavar e arranjar, deixei-me ficar sentada no alpendre até à hora do jantar, talvez o meu lugar mais feliz até à noite anterior. O meu estômago rosnava de fome, o que era típico depois de um sono durante o dia, e apercebi-me de que tinha falhado o almoço,

mas também de que não estava com grande disposição para enfrentar a sala de jantar do pessoal, de modo que ao princípio ignorei os seus irritados protestos.

Com a brisa a lavar-me a pele dorida, fiquei a olhar para as sombras que se alongavam e permiti-me pensar no papá. Vi-o em casa, antes da angústia e do conflito, um homem sábio com um aguçado sentido de humor por trás da seriedade paternal. Muitas vezes ria tanto à mesa do jantar que a mamã lhe lançava um olhar para acabar com aquela criancice, mas no instante seguinte também ela estava a rir à gargalhada, incapaz de conter-se. A imagem era tão fresca que tomei ali a decisão de não deixar a injustiça ferver um caldo de azedume que infectaria as minhas entranhas e me faria destilar um ódio tão sujo que me marcaria para sempre. O corpo do papá sucumbira às circunstâncias, mas aquela loucura não podia vencer-nos. Não iria vencer-nos.

Capítulo 31

Alívio

Os rosridos do meu estômago acabaram por me forçar a dirigir-me à sala de jantar do pessoal, apesar de ter tido o cuidado de lavar os olhos avermelhados com água fria antes de ir. Não queria responder a perguntas embaraçosas e não sabia se Dieter tinha dito à *Frau* Grunders alguma coisa a respeito do papá. Esperava que não – o desgosto era meu e não estava interessada em manifestações de compaixão vindas de onde quer que fosse, e muito menos de apoiantes da guerra do *Führer*.

Para meu alívio, ninguém me prestou uma atenção especial, e o jantar foi tão silencioso como sempre. Só falei com Lena, a respeito de costuras, e ela estava muito entusiasmada com o tecido que comprara na cidade. Talvez eu pudesse ajudá-la a fazer um vestido para um baile local, daí a poucas semanas? Disse-lhe que se procurava uma costureira a sério deveria falar com Christa, mas que faria o melhor que pudesse.

Depois do jantar não vi sinais de Dieter, de Rainer ou do carro, e o meu coração desinchou um pouco. Tentei tranquilizar-me dizendo a mim mesma que eram os deveres do cargo que o mantinham afastado. Mais tarde, sentada sob o céu azul-escuro – o *chalet* parecera-me demasiado claustrofóbico –, ouvi o som de pneus no saibro, uma porta bater e o carro afastar-se de novo. Ele subiu apressado o caminho, a olhar em redor atento à patrulha, e só falou quando chegou ao alpendre.

– Boa noite – disse, o rosto sombrio. – Estás bem?

Os seus olhos sondaram os meus, à procura de pistas.

– Estou ótima – disse eu, e sorri para reforçar as palavras.

Ele inclinou a cabeça para um lado e arqueou as sobrancelhas, numa semi-incredulidade.

– Palavra, Dieter, estou bem. Foi um choque, mas de certo modo não inesperado. Odeio o lugar onde ele estava, odeio que tenha tido de acontecer, mas também foi uma espécie de alívio para ele. Estou determinada a não permitir que me destrua.

Ele tirou o quépi e estendeu a mão para a minha. A sua pele era quente, as pontas macias dos dedos apertaram os meus e criaram um formigueiro instantâneo nas minhas entranhas.

– És espantosa – disse, a olhar para mim. – Gosto de pensar que reagiria da mesma maneira, mas não sei. Não sei se conseguiria perdoar como tu.

A palavra fez-me estremecer.

– Não tem nada a ver com perdão, Dieter. Nem chega perto. Mas recuso ser mais danificada por isto... por esta sopa de ódio. É o triunfo deles, fazer-me odiar como odeiam, só por causa do que são. Não vão conseguir tornar-me uma pessoa assim.

Ele assentiu, a compreender.

– És uma senhora muito determinada – disse. – E volto a dizê-lo, és espantosa.

A boca dele era bela quando sorriu, os dentes regulares e direitos, só com uma minúscula falha num dos de cima. Só então me apercebi, mas era isso que lhe dava um ar arrapazado – não obstante a sua estatura e corpulência – como se acabasse de sair de um campo de rãguebi depois de uma placagem difícil, a sorrir triunfante.

– Bem, não vou de certeza discutir com um homem que me diz que sou espantosa – respondi. – Podes vir ao meu alpendre sempre que quiseres.

Estávamos bem, e outra vez a flertar.

Dessa vez fui eu que olhei em redor à procura de testemunhas desgarradas, a sondar a escuridão de olhos semicerrados. Ao certificar-me de que não havia nenhuma, peguei-lhe na mão e guiei-o para o interior do *chalet*. Com as cortinas fechadas, foi o mesmo cenário, a mesma antecipação, mas sem o desconhecido pela frente. Foi mais lento, e passeámos um pelo outro sem correr para beber o momento, mais seguros de nós. Ele foi paciente e generoso, e revezamo-nos na liderança até que eu não pude adiar por mais tempo o momento em que ambos subimos ao cume e caímos num ninho de bem-aventurança forrado com penas.

Depois, fiquei uma eternidade com a cabeça apoiada no seu peito, o braço dele a enlaçar-me com firmeza, o meu dedo a traçar-lhe desenhos na pele. Ao olhar para baixo, notei uma estranha deformação à altura do umbigo. Tacteei a cavidade e passei o dedo à volta de um pequeno tufo de pêlos. Sim, havia um segundo buraco um pouco mais acima, não tão fundo como o umbigo, mas indiscutivelmente lá.

– Dieter, o que é isto?

Ele acordou de um meio sono e levantou a cabeça da almofada, como se não tivesse muita sensibilidade no sítio em que eu estava a tocar.

– Oh, isso. É, há, um ferimento.

– De guerra?

– Fui descuidado. Uma bala perdida.

– Não é difícil apanhar um tiro na guerra – disse eu. – Foi em combate?

– Sim.

A resposta concisa enviou uma mensagem muito clara, e eu decidi não deixar o assunto em suspenso.

– E então, estiveste muito tempo no hospital? As enfermeiras foram simpáticas contigo?

– Bastante, mas não tanto como tu terias sido, tenho a certeza.

– Não tenhas... sou melhor parteira do que alguma vez fui enfermeira. Talvez tivesse

sido um ogre para ti... um soldadinho insignificante.

Ele puxou-me para si e beijou-me o alto da cabeça.

– Bem, nesse caso seria melhor eu portar-me bem, não seria?

E beliscou-me a brincar.

– Doeu muito, o tiro?

– Como o diabo.

– Nesse caso, é minha obrigação ministrar todo o cuidado e compaixão de que for capaz.

Com um sorriso malicioso, apertei os lábios contra a cicatriz, uma cratera cerosa no seu ventre relaxado, e foi todo o encorajamento de que ele precisou. O cansaço rouco desapareceu-lhe da voz e mergulhámos mais uma vez no quente bálsamo debaixo das mantas.

Capítulo 32

Espera

Mais uma vez, Dieter deixou-me com as primeiras luzes da manhã, esgueirando-se pela terra-de-ninguém do complexo a caminho do seu quarto, e eu perguntei-me quanto mais daquela felicidade me seria consentida antes de a guerra me tirar de novo, tal como sugara tudo o que era terno e bom para o seu negro vórtice. De momento, no entanto, o céu matinal pintava-se de um límpido azul de montanha, a brisa empurrava ao de leve as cortinas para dentro, e eu permiti-me alguns instantes de autocomiseração. Então, a minha mente voltou-se para o papá, a mamã, Ilse e Franz, e levantei-me para iniciar mais um dia de sobrevivência.

O humor de Eva espelhava o meu, embora ela só estivesse consciente do seu desconforto, queixando-se de dores nas costas e «dores esquisitas», a maior parte das quais parecia não passar dos incómodos normais do fim da gravidez.

– Quando é que este bebé chega, Anke? Há com certeza qualquer coisa que eu possa fazer para o apressar, qualquer coisa que possa dar-me?

– Não – disse eu sem rodeios. – Nada excepto uma saudável dose de paciência e uns salpicos de fé.

– A Anke e a sua fé – resmungou ela. Olhou para mim de lado, como uma criança astuta. – Tenho a certeza de que o doutor Koenig me faria a vontade, se eu lhe pedisse com jeito.

– Não duvido – repliquei num tom seco. – Sempre assumindo que queria acabar num hospital quando o seu corpo decidisse que não gostava de ser empurrado e puxado para o trabalho de parto. E o bebé com ele.

Não estava com disposição para lhe aturar as patetices, e muito menos para desempenhar o papel principal numa miniluta de poder.

– Oh! – disse ela. – A sério? É isso que acontece?

– Há uma boa probabilidade – respondi. – Os bebés não gostam que os forcem a sair. Além disso, o que está a sentir é um bom sinal. O bebé está a descer, está a preparar-se.

– Tem a certeza?

O rosto dela iluminou-se, como se eu lhe tivesse devolvido o chupa-chupa que acabava

de tirar-lhe.

– Nada é seguro neste ponto, mas a cabeça do bebé está bem em baixo, e apontada na direcção certa. Portanto, é tudo bom. Mas se está a perguntar-me quando, não sei dizer-lhe. Só o bebé sabe.

– Anda lá, bebé! – disse ela num tom veemente a dirigir-se à barriga. – Anda lá, a tua mamã quer conhecer-te. – Com um perfeito sentido de oportunidade, o bebé deu um pontapé, e ela riu como uma colegial. – Oh, ele ouviu-me!

Chegada, algures na Alemanha, Fevereiro de 1942

Nunca tinha pensado muito em como seria o inferno – a juventude dá-nos esse luxo, e além disso a desconfiança do meu pai pela religião em geral significava que a retórica dos fogos do inferno e da maldição não tinha muito lugar em nossa casa. Durante aquela sacudida viagem, com dores no pescoço e a cabeça a oscilar ao ritmo dos movimentos do vagão, repeli as imagens de fornalhas e buracos negros que tentavam penetrar pelas frinchas do meu meio sono.

Não precisava de ter-me preocupado com predições de fogo e chamas. Porque o inferno é cinzento – sombrio, uniforme e despojado de qualquer pigmento destinado a animar o espírito. Quando por fim as portas se abriram para um mundo árido e crepuscular, a imagem não poderia ter sido mais desolada.

Houvera um franzir de narizes quando nos detivemos, uma tentativa de nos orientarmos, de fazermos alguma ideia da geografia. Detectei uma ligeira salinidade no ar, e houve murmúrios: «Estamos perto do mar?» «Vão mandar-nos para fora de barco?» Preparámo-nos para uma espera, algumas mulheres a cederem os seus espaços no chão para que outras pudessem descansar as pernas. Ouvimos gritos no exterior, mas apurámos os sentidos ao notar vozes de mulher entre o ladrar dos homens e dos cães. Então, houve o pesado raspar de um ferrolho e a porta deslizou para o lado, seguida pelo recuo dos que estavam lá fora para deixar sair o fedor.

– Fora! Fora! Depressa! – rosnaram os homens, enquanto nós olhávamos de olhos muito abertos para as mulheres que seguravam os cães, grandes dentes caninos a brilhar na penumbra, fauces espumejantes a protestar contra a prisão das trelas. Atrás deles, as mulheres quase desapareciam num pano de fundo, as linhas duras dos seus uniformes e barretes difusas e esbatidas. Os rostos eram graníticos, mas os ombros eram sacudidos pela força dos cães. Pareciam achar divertido segurar os animais e depois fingir deixá-los saltar para a frente, à vez, os rosnidos a invadirem o nosso espaço.

Eu e Graunia mantivemo-nos perto uma da outra enquanto descíamos uma áspera rampa

de cimento. Obrigaram-nos aos empurrões a formar linhas de dez, e tornou-se evidente que mais de cem mulheres tinham viajado só naquele vagão.

– Mas que grupo miserável – comentou um dos guardas, com uma gargalhada. – Nem bom-dia lhes diria, se estivéssemos em casa.

– Sim, mas ao menos não são judias, ou prostitutas – disse outro, e as suas gargalhadas eram tão sujas como eu me sentia. O chão ao fundo da rampa era de saibro, e o cheiro a sal misturava-se com um outro, a queimado, que impregnava o ar. Não ouvia o mar e qualquer coisa em mim sentiu que não estávamos no litoral. Mas era como se estivesse cega, surda e muda, com tantas pistas sensoriais a falharem no meu cérebro.

Os nossos pés pisaram o saibro pelo que me pareceu uma eternidade, ainda dilatada pela necessidade de ajudar as mais fracas entre nós. A mulher dos olhos mortos e a outra com pernas que pareciam palitos precisavam de dois ombros cada para as apoiar, o que os guardas toleravam com cruéis incitamentos, as mulheres que não seguravam cães a empurrarem-nos com compridos e pesados cacetes presos aos pulsos por correias.

– Vamos, nada de retardatárias – gritavam. – Aqui é preciso estar em forma; têm de se aguentar sozinhas. Ser qualquer coisa para o Reich.

Uns grandes portões de ferro abriram-se e fomos obrigadas a parar num espaço aberto enquadrado pelas paredes dos barracões. O chão que pisávamos era de um areão mais fino. Havia débeis luzes a brilhar numa ou duas janelas de cada barracão, e consegui distinguir rostos a agitarem-se do outro lado das pequenas aberturas. Os guardas rodearam-nos, a ladrar ordens: «Costas direitas, cabeças levantadas!», as mulheres que seguravam os cães andavam à nossa volta, lobos a amaciar a presa.

Ao cabo de uma eternidade de pé, o frio entrou-me nos ossos até à medula, e senti-os estalar dentro de mim. Seguiu-se um entorpecimento que foi quase um alívio. Não me lembrava de uma altura, mesmo nas duas últimas semanas, em que tivesse tido tanto frio. Senti que, não fora o casaco daquele desconhecido, teria sucumbido ali mesmo.

A mulher com palitos em vez de pernas foi a primeira a cair. O seu corpo fez um ligeiro baque ao bater no chão e no mesmo instante os guardas estavam em cima dela. A mulher ao lado inclinou-se para ajudar, num gesto reflexo, e foi empurrada por coronhas de espingarda. «Deixa-a!», ladraram.

– Merda de fracalhota – gritou um deles para o corpo inconsciente, a espicaçar-lhe a barriga com a baioneta. Quando ela nem gemeu, levantaram-na à bruta, a cabeça a balouçar de um lado para o outro como se estivesse morta. Olhei de relance para uma das guardas e vi um sorriso trocista encurvar-lhe os lábios falsamente encarnados. Estaria a usar batom? Adorno e vaidade no meio da loucura absoluta? Ou seria a minha mente a pregar-me cruéis partidas?

A minúscula mulher foi arrastada para um pequeno edifício de tijolo, as pernas a deixar rastros no areão, as plantas dos pés mais rosadas onde os arcos ainda não tinham sido infectados pela imundície. Talvez conservassem aquele rosado egoísta. Nunca mais voltei a vê-la. Vi muitos membros-palitos ao longo dos meses que se seguiram, mas nenhuns lhe pertenciam.

Era noite quando por fim nos disseram qualquer coisa, e entretanto a neve que caía e dançava tinha-nos transformado num mostruário de futuras noivas. Uma mulher emergiu de um sólido edifício de três pisos e janelas iluminadas onde se via corpos que se moviam com um ar decidido. O seu uniforme era do mesmo cinzento, e à medida que se aproximava do quadrado reparei que a saia não se abria quando caminhava – como as outras, usava uma grossa saia-calça de lã. O casaco tinha várias filas de losangos encarnados e prateados bordados na parte superior dos braços. Sabe Deus por que razão reparei nestes pormenores, como se a minha mente andasse à procura de qualquer coisa naquele mar de desolação, como um cego em busca de uma réstia de luz.

Deteve-se à nossa frente, os cabelos grisalhos encimados por um pequeno chapéu, as meias lisas contra as pernas musculadas. Quando falou, a sua voz foi a de uma professora de um jardim-de-infância, matriarcal mas todavia capaz de bondade, ao abraçar uma criança que tivesse batido com a cabeça. Quando levantou a mão direita, a estendeu para nós e ladrou «Heil Hitler», a imagem rebentou como uma frágil bolha.

– Foram trazidas para aqui por diversas razões – começou. – Sejam elas quais forem, não são amigas do Reich ou do nosso glorioso líder, e não merecem a vossa liberdade. Por isso contribuirão para a sociedade, sob a nossa orientação. Ravensbrück é uma unidade de trabalho, com ênfase em trabalho. As que não puderem trabalhar serão encaminhadas para outro lugar.

Foi muito claro que esse «outro lugar» não era preferível. A mulher passou os olhos por nós, da direita para a esquerda, e fez uma pausa de efeito.

– Se obedecerem às nossas regras, se trabalharem com afinco, serão tratadas com justiça. Mas a disciplina é vital. Não toleraremos qualquer dissidência... os castigos serão severos, é essa a minha promessa.

A voz dela subiu um tom, qualquer coisa no género de «nós as raparigas todas juntas», mas o que disse a seguir foi puro gelo:

– Minhas senhoras, isto não é um campo de férias. Não tenham ilusões, vão pagar ao Reich. Ou enfrentar as consequências.

Senti olhos rodarem nas fileiras, mulheres demasiado aterrorizadas para mexer a cabeça mas desesperadas por avaliar reacções. De súbito, eu tinha outra vez dezoito anos e a enfermeira-chefe Reinhardt tinha-se-nos dirigido pela primeira vez como enfermeiras estagiárias; confusas, expectantes, assustadas. Só que então houvera luz, o brilho dos nossos uniformes de algodão brancos como a neve, os risinhos mal contidos, a esperança que todas nós tínhamos de melhorar, de progredir. Ali, havia apenas um medo abjecto. Os portões fecharam-se com um clangor metálico atrás de nós e eu fui incapaz de vislumbrar uma maneira de sair daquele lodaçal.

Capítulo 33

Espaço vazio

Os dias que se seguiram foram uma manta de retalhos de horas vazias pontuadas por picos de actividade. Dieter esteve ausente muito tempo, mas o desapontamento estava em mim, já com saudades do enrolar nocturno dos seus membros à volta dos meus. Cuidadoso em evitar qualquer contacto físico dentro das paredes da Berghof, tinha-se despedido com um piscar de olho: «Volto em breve.»

Eu e Lena passávamos horas a trabalhar no vestido para o baile dela, e este foi talvez o período de tempo mais longo que passei na casa, uma vez que era nos alojamentos do pessoal que havia a mesa maior para cortar tecido. *Frau* Grunders entrava e saía como um fantasma, a arvorar uma variedade de ares reprovadores, apesar de eu ter detectado um sorriso triste a perpassar-lhe pelos lábios quando Lena rodopiou durante uma prova. Desapareceu num segundo. Teria ela alguma vez sido aquela rapariga, jovem e descuidada, com borboletas no coração, antes de a máscara de lealdade se lhe ter colado? Antes da sua paixão pelo *Führer*?

– Lena, não esqueças que a sala de jantar tem de ser limpa – disse antes de voltar a sair.

Passei muito tempo sozinha mergulhada em profundos pensamentos a respeito do papá, a arrumá-lo mentalmente em partes de mim aonde ninguém conseguiria chegar – nem o *Reich*, a Gestapo, a guerra ou Hitler. Eram minhas. Sem a perspectiva de um corpo ou um funeral, fiz a única coisa que estava ao meu alcance: escrevi-lhe uma carta. Foi longa e por vezes incoerente, a minha dor a derramar-se através da caneta misturada com grandes lágrimas que caíam no papel e o tornavam húmido e fibroso. As páginas pareciam dilaceradas pela guerra, enrugadas e manchadas quando as dobrei e me dirigi aos jardins. Havia um lume sempre aceso na braseira, chamas baixas que estralejavam e estalavam enquanto consumiam folhas e detritos do jardim, carcaças da cozinha, as pequenas patas apontadas para cima. Segurei a carta por cima das labaredas e abri os dedos.

– Adeus, papá – disse, e fiquei a ver o papel encarquilhar-se, escurecer e morrer, as cinzas a flutuarem na brisa em direcção ao céu.

A calma foi interrompida por uma visita dos bons doutores, que se declararam «preocupados» com os preparativos feitos até ao momento. À minha frente no escritório

do sargento Meier, o doutor Koenig, sentado, e o doutor Langer, de pé e com os braços cruzados, interrogaram-me à vez sobre o que faria numa variedade de cenários – um trabalho de parto demorado, ombros entalados, um bebé comprometido. Tinham uma longa lista.

– Assistiu em muitos partos pélvicos? – perguntou o doutor Langer, com um franzir de lábios que o fez parecer ainda mais uma doninha.

– Sim – respondi. – Em casa e no hospital. Descobri que o bebé raras vezes precisa de ajuda se o deixarmos por sua conta. Em todo o caso, tenho a certeza de que o bebé de *Fräulein* Braun não está em posição pélvica.

Sorri para dentro enquanto eles trocavam olhares sinistros. Poder irritar aqueles odiosos indivíduos sem necessidade de uma dissidência evidente era um bónus que aproveitava ao máximo. O interrogatório durou meia hora, comigo a dar respostas curtas, clínicas e objectivas. O doutor Koenig suava de frustração.

– Vou, como é evidente, transmitir as minhas preocupações a *Fräulein* Braun, esta tarde – bufou. – Não faço segredo de que este arranjo não é, na minha opinião profissional, o mais seguro nem o mais apropriado para uma tão grande dama do *Reich*.

Fez uma pausa, à espera de resposta.

– Estou certa de que ela o receberá e escutará as suas preocupações – disse eu numa voz atona. – Se houver alguma alteração do meu papel, respeitarei, como é evidente, as opções da *Fräulein*.

Minúsculos vasos sanguíneos pareceram rebentar nas gordas bochechas do doutor Koenig, e quase consegui ouvir a sua tensão arterial assobiar como uma panela de pressão. O doutor Langer, pelo contrário, limitou-se a olhar para a minha cara, sem pestanejar. Foi a minha vez de estremecer por dentro sob o impacte daqueles olhos negros de breu e dos pensamentos ainda mais negros que escondiam. O arrogante e pomposo Koenig era uma paródia de si mesmo, mas o doutor Langer era perigoso – um carniceiro – e eu tomei uma nota mental de nunca o esquecer.

Mais tarde, soube por Eva que ela tinha alegado cansaço e adiado a visita do doutor Koenig para a sua próxima viagem a Berghof, e tive de disfarçar um sorriso à ideia de o grande homem ter sido despachado com os ouvidos a zunir na inchada cabeça.

Oficina de costura, O Campo, a norte de Berlim, Novembro de 1942

O barulho na oficina de costura quando a produção estava no máximo era de romper os tímpanos, a dança combinada das rodas de mais de cem máquinas a formar uma manta de ruído por cima do barracão. Pode parecer estranho, mas a intensidade do som proporcionava uma pequena capa de privacidade, na medida em que o barulho envolvia cada mulher debruçada para a respectiva mesa, um autómato no que respeitava à tarefa, mas a guardar ciosamente os seus pensamentos.

Os oito meses no campo tinham-se arrastado e corrido de formas diversas; quase que por crueldade contagiada, os meses mais quentes passaram num instante, para serem substituídos por noites geladas em que nos encolhíamos nos barracões, a única manta que nos era distribuída demasiado fina para repelir o frio cortante, os nossos corpos enrodilhados aos três de cada vez num só beliche. O meu precioso casaco de tweed, oferecido por um camarada de prisão em Berlim, tinha sido confiscado à chegada, com as nossas roupas e todos os cabelos do corpo, rapados num ápice, e os nossos couros cabeludos escaldados com água quente como parte da limpeza. Não tinha voltado a ver um espelho desde então. Nem queria. A crosta na minha cabeça era desagradável ao tacto, e o meu corpo comichava com zonas de pele rasgada e esfolada. E isso foi antes de os piolhos se terem instalado.

Eu e Graunia tínhamos conseguido ficar juntas no mesmo barracão, embora estivéssemos separadas pela divisão de trabalhos. Depois daquela primeira e pavorosa noite no chão de um edifício de tijolos, e de termos sido tosquiadas e ataviadas com os regulamentares vestidos de lã áspera, fomos interrogadas quanto às nossas variadas competências.

– Diz-lhes, diz-lhes o que fazes – exortou-me Graunia num sussurro.

Mas eu não conseguia imaginar que houvesse qualquer necessidade de uma parteira e – com os conselhos do papá ainda frescos na cabeça – o que menos queria era chamar a atenção. Estiquei a verdade e disse-lhes que sabia costurar, na esperança de que a limitada experiência que adquirira na velha máquina manual da minha avó e a coser períneos me permitisse aguentar o bluff. As credenciais de Graunia como escritora garantiram-lhe um

lugar no escritório, a redigir e a transcrever cartas graças aos seus conhecimentos de polaco e russo.

A minha jogada resultou: a costura era sempre igual e não exigia qualquer verdadeira competência além de uma mão firme e a capacidade de seguir instruções. E trabalhar depressa. O chefe da minha oficina era um civil, que numa vida anterior trabalhara algures numa fábrica têxtil onde sem dúvida ralhava com pobres donas de casa para as incitar a cumprir as respectivas quotas e usava dinheiro – ou a promessa de dinheiro – como cacete. Ali, Herr Roehm podia dispor do artigo genuíno e espetava-nos nas costas o comprido e polido bastão sempre que tentávamos aliviar os ombros doridos, batendo no osso quando o trabalho era mau ou quando as máquinas se engasgavam com linha, o que acontecia com muita frequência.

«O que chamam a isto?», gritava quando mandava parar o barracão inteiro apagando e voltando a acender as luzes, a mostrar um dos uniformes cinzento-esverdeados que usávamos dia sim, dia sim. «Se eu vestisse uma coisa destas seria motivo de chacota para qualquer exército invasor. Olhem para esta costura. É uma merda. Vocês são todas uma merda! Façam melhor!» E a cara dele, rosada e redonda como um pudim, latejava de raiva.

O castigo de uma mulher era sempre partilhado e Herr Roehm tinha o hábito de atribuir ao barracão inteiro uma hora extra de trabalho, sabendo muito bem que com isso perdíamos a chegada da panela da sopa ao barracão. Graunia esforçava-se por guardar a minha magra ração – água gordurosa onde boiavam finos pedaços de couve –, mas havia detidas tão esfomeadas que não era tarefa fácil conservar a minha gamela a salvo, quanto mais quente. O único quadrado de pão estaria bolorento, de todos os modos, denso e com a textura da serradura, mas mesmo assim uma insípida bóia salva-vidas.

Tinha-me adaptado? Suponho que sim, na medida em que alguém consegue descer a uma vida tão baixa. Naquela primeira semana funcionei numa névoa; tudo o que eu conhecia, confortos ou pessoas, tinha sido engolido da noite para o dia e cuspidos na forma da oleosa bola de escarro que era a minha vida. As recém-chegadas eram empurradas, puxadas ou guiadas pelas veteranas de bom coração. Uma pessoa aguentava ou caía, era tão simples como isso. Como parteira, tinha aprendido que as mulheres são resilientes para lá de toda a imaginação, e nas semanas que se seguiram vi por mim mesma como os seres humanos são capazes de agarrar-se, e se agarram, à dignidade e à vida em igual medida.

A fome era uma companhia constante; nem a minha mãe reconheceria a escassa carne que me cobria a esquelética figura, em que só os antebraços conservavam algum músculo devido à pressão constante de fazer passar o tecido pela máquina. Mesmo sem um espelho, não reconhecia os contornos da minha cara, as minhas faces estavam tão encovadas que dava a impressão de que o pescoço podia partir-se sob o esforço de suportar a cabeça bulbosa.

O campo in si era gerido com eficiência. Era imundo, infestado de doenças e um paraíso para a morte, mas funcionava como um relógio e distribuía castigos com uma viciosa regularidade. Oficialmente, era comandado por um SS, mas na realidade eram as guardas que mantinham a ordem e supervisionavam tudo. Apresentavam-se como um grupo bem vestido, penteado e maquilhado, tendo tido a bizarra ideia de montar um pequeno salão

de cabeleireiro onde as prisioneiras lhes arranjavam os caracóis à última moda. Quando não estavam a incitar os cães a rosñar-nos, derramavam indizíveis quantidades de afecto sobre os seus «bebés», escovavam-lhes o pêlo e davam-lhes pedaços de carne com que nós só podíamos sonhar. Qualquer delas poderia dar lições de crueldade aos oficiais das SS, como se tivessem cimento cosido nas dobras dos uniformes cinzentos.

Os espancamentos eram comuns, maldosos e visíveis, o barracão de castigo estava com frequência sobrelotado e a morte fazia parte da vida quotidiana. Era raro o dia em que a carroça dos cadáveres não fazia o trajecto até à beira do lago, pés ensanguentados a espreitar por debaixo do fino lençol, apesar de Graunia nos dizer que – oficialmente – as certidões de óbito manifestavam sempre como causa da morte pneumonia ou paragem cardíaca. Só esperava que as vítimas fossem enterradas em paz, em vez de mil almas a balouçar por toda a eternidade nas águas lamacentas.

Quanto a mim, mantinha a cabeça baixa, cosia o mais depressa que era capaz e encontrava algum alívio na companhia de Graunia e de algumas outras mulheres do barracão. Éramos cerca de oitenta, um mosaico humano de culturas e credos: alemãs, húngaras, germano-polacas e checas. A nossa unidade vinha do facto de sermos todas antinazis, algumas comunistas, algumas sociais-democratas, e logo por definição patriotas falhadas. Chamávamos a nós mesmas as Pestes, e orgulhámo-nos disso.

O resto do campo era uma lição sobre como dividir para reinar. Judias, prostitutas, ciganas, Testemunhas de Jeová – todas consideradas «indesejáveis» –, todas com o seu barracão ou barracões, dependendo dos números, e as guardas divertiam-se a atihar os grupos uns contra os outros. Seria animador pensar que mulheres empurradas juntas para a adversidade se uniriam, todas a cuidar umas das outras, as mais fortes a apoiar as mais fracas. Mas não é essa a natureza do homem. A sobrevivência, não tardei a aprender, é o mais básico dos instintos humanos, e a arma mais poderosa dos nazis era saberem-no. E usavam-na.

Reissen, a supervisora-chefe, era astuta. Dedicava tempo a recrutar prisioneiras como suas delegadas – as kapos – para funcionarem como chefes de barracão, dando-lhes pequenos privilégios que tornavam a vida mais suportável, e uma migalha de poder para exercerem sobre as outras mulheres do barracão, a troco de informação sobre qualquer dissidência. Estas kapos eram também chamadas a fazer o trabalho sujo das guardas. Algumas mulheres, aquelas que sem dúvida pensavam que não lhes restava ponta de moralidade para perder, trabalhavam no bloco de castigo e encarregavam-se dos espancamentos. O amor pela vida – a nossa vida – é um potente motivador.

Porque tinha o cuidado de me manter abaixo do radar, consegui sempre passar despercebida. Em contrapartida, formei um apertado trio com Graunia e Kirsten, uma checa de ascendência alemã cujo crime fora contrabandear judeus para fora da Alemanha em navios mercantes. Juntas, partilhávamos comida, histórias, desejos e sonhos. Todas as noites, antes de as luzes se apagarem, dávamo-nos as mãos e murmurávamos: «Mais um dia passado, mais um dia vivas, mais um dia a caminho de liberdade.» Fazia-me lembrar as palavras que eu dizia quase diariamente, no hospital, às mães que desesperavam chegar ao fim da viagem: «Menos uma contracção, mais um passo para ver o seu bebé.» A cada dia que

passava essa vida pacífica-me mais distante, a fugir como areia por entre os meus dedos.

Até Leah. A azáfama na oficina de costura naquele dia era frenética, com Herr Roehm ainda mais feroz do que de costume devido a uma encomenda urgente do gabinete superior do Reich. Havia uma recompensa de um Mercedes-Benz novo como agradecimento pela sua «lealdade» – foi o que Graunia nos disse depois de ter dactilografado a carta em que Roehm garantia ao gabinete do Reich que a encomenda estaria pronta a tempo, «custasse o que custasse».

Nesse dia já duas mulheres tinham desmaiado devido à desidratação, e um nevéu de partículas de tecido saturava o ar enquanto as cortadoras trabalhavam ao máximo da capacidade. Eu só tinha tempo para me concentrar em não enfiar os dedos debaixo da agulha da máquina que subia e descia a uma velocidade estonteante. O barulho era incessante e cacofónico.

Leah trabalhava duas máquinas afastada de mim. Já tinha reparado nela ao entrar na oficina às seis da manhã, um pouco dobrada para a frente e com uma das mãos na barriga. A menstruação era rara entre as prisioneiras, mas as infecções urinárias eram comuns e provocavam dores intensas na bexiga. Tinha-lhe lançado um olhar de sobrancelhas erguidas, como que a dizer: «Estás bem?» E ela esboçara um débil sorriso, mas não assentira com a cabeça. Era pequenina e frágil, e eu esperei que conseguisse sobreviver àquele dia. Graunia tinha-nos dito que a encomenda inteira tinha de estar no comboio às dez da noite.

Todas nós sentimos a ponta do bastão de Herr Roehm naquele dia. Depressa não era bom o suficiente – o que ele queria era que os uniformes saíssem a voar das máquinas a um ritmo obsceno. Ao meio-dia, quando viu a esperança do brilhante carro novo desaparecer da vista, a sua voz atingiu novos paroxismos de fúria.

– Suas cabras! Não há café ao almoço enquanto não tivermos metade da encomenda. Mais depressa! Trabalhem mais depressa, suas cabras. Trabalhem para o Reich!

Tinha manchas de suor nas axilas do casaco e parecia capaz de precisar de um médico antes de algumas de nós. Leah já tinha recebido um toque do bastão, e depois uma pancada nos ombros, quando abrandara de uma maneira visível. Já há muito passada a hora da pausa para o almoço, a mulher que trabalhava a meu lado esticou a mão para me chamar a atenção.

– Ela está mal – disse, a formar as palavras com a boca, e olhámos ambas para Roehm, ocupado no outro lado da oficina. Leah tinha caído para a frente, a cabeça apoiada na parede. Não estava morta; via, através do vestido, a escada ossuda da coluna vertebral subir e estremecer, como se estivesse a receber pequenos choques eléctricos.

Ficámos petrificadas. Regra número um, martelada nas nossas cabeças todos os dias durante a chamada das cinco da manhã, ainda mal acordadas no quadrado cinzento: nunca ajudar uma mulher que caísse. A fraqueza não era tolerada, ainda que fosse criada pelo Reich. O instinto de socorrer outro ser humano em dificuldades dava direito a um espancamento e alguns dias na solitária do bloco-prisão. Mais psicologia eficaz.

Eu sabia que se Roehm visse Leah a parecer que estava a dormir o bastão se abateria com força sobre o pequeno corpo, talvez até sobre a cabeça, com consequências fatais. Continuei

costurava com uma das mãos e agitei o outro braço no ar, na esperança de atrair a atenção da guarda de turno que passeava por entre as filas de máquinas. Era nova no campo e pensei que talvez pudéssemos tirar vantagem de quaisquer vestígios de humanidade que lhes restassem. A kapo que falava com Roehm era particularmente brutal e, por irónico que pareça, tínhamos melhores probabilidades com a guarda.

– Que se passa? – perguntou ela, a aproximar-se.

Apontei para Leah e a guarda desviou-se na direcção dela e puxou-a pelos ombros.

– Vá lá, rapariga. Não te metas em sarilhos.

Eu mantinha um olho na máquina, que não parava de matraquear, e o outro atento à cena. A cabeça de Leah oscilou como um peso morto, e a guarda voltou a puxar. Leah recuperou os sentidos com um sobressalto e levou as mãos à barriga. Ouvi o familiar uivo sobrepôr-se ao barulho da oficina. Contracções, dor. Trabalho de parto. Um bebé. Inconfundível.

Não pensei nas consequências, nas noites e noites sozinha numa cela escura, coberta de contusões. Estava de pé e fora da minha cadeira, a espreitar para debaixo da orla da saia de Leah, onde a forma de uma cabeça já estava a arredondar a pele, pronta para mostrar-se de um momento para o outro.

– Está a ter um bebé – disse à guarda.

– O quê? Consegues vê-lo?

Olhou preocupada para Roehm, mas ele continuava distraído.

– Ainda não, mas não vai demorar muito.

Olhou para mim, desconfiada, e os nossos olhos encontraram-se. Supliquei, com todo o meu ser naquele olhar, que não alertasse Roehm, que nos levasse para fora do barracão antes que ele pudesse usar o cacete. Leah tornou a gemer, e os olhos da guarda voltaram-se para a porta próxima. É possível que tenha pensado que a confusão de um parto ia parar a produção e merecer-lhe uma reprimenda.

Levámos Leah, meio arrastada, meio carregada, para o pequeno vestíbulo do barracão.

– Temos de levá-la para o Revier – disse a guarda num tom brusco, a espreitar por cima do ombro para ver se Roehm nos tinha seguido.

– Ela não vai conseguir – disse eu. – A cabeça vai aparecer de um momento para o outro. Confie em mim.

– O que faz de ti uma especialista assim de repente?

– Uma família grande, montes de sobrinhas. – Descartei o assunto com um gesto da mão. – Precisamos de qualquer coisa para embrulhar o bebé, um tecido qualquer.

Leah estava estendida no chão e parecia inconsciente, mas a dor da contracção fê-la voltar a si. Estava a fazer força e a empurrar para baixo de uma maneira visível, a pele esticada até ficar fina como papel, quando vi aparecer um círculo de cabelos negros do tamanho de uma moeda. A parte de trás do vestido estava ligeiramente húmida no sítio onde o pequeno saco de líquido que rodeara o bebé tinha derramado o seu conteúdo ao rebentar. A desnutrição significava que não tinha sido uma inundação.

A guarda reapareceu com um pedaço de tecido cortado, a olhar em redor pouco à vontade.

– É melhor que aconteça depressa, ou o Roehm está aí não tarda – ladrou, mas mesmo assim vi as mãos dela pousarem num movimento automático nos ombros de Leah, num gesto de fugaz apoio.

– Vai acontecer. – Eu estava a falar em voz baixa com Leah, embora ela parecesse estar num mundo muito seu. – Está tudo bem, Leah, estás a ir muito bem, estamos quase lá.

As palavras eram tanto para mim como para ela.

Leah deu um poderoso empurrão e a cabeça do bebé nasceu muito depressa, cabelos negros a contrastar com uma pele branca de giz. As feições estavam imóveis, os lábios manchados de castanho, e eu não sabia dizer se havia ou não vida nela. Bastou mais um meio empurrão para que o corpo deslizasse para fora como um minúsculo cachorrinho, o magro cordão umbilical enrolado à volta do fino pescoço. Numa reacção instintiva, esfreguei-o com o tecido.

– Hei, homenzinho; hei, bebé, vá lá – exortei, e então debrucei-me para soprar vida sobre ele e nele. Não pensei, limitei-me a fazê-lo.

Sem vestígios de gordura a cobrir as costelas, foi fácil ver quando respirou, um balão de vida a empurrar-lhe o esterno, e então tossiu e gemeu. Leah voltou a si naquela fracção de segundo, os seus olhos a espelhar alarme e medo, a que logo depois se veio juntar um sorriso. Um verdadeiro sorriso. Nesse momento apareceram vários trabalhadores do Revier, o bloco-hospital, e transportámo-la através do pátio, ainda agarrada ao seu bebé, pingos de sangue a dar luz, vida e cor ao areão cinzento.

No interior do bloco-médico, trabalhei no meu mundo, a encorajar a placenta a sair massajando o abdómen de Leah, e quando me voltei para a descartar encontrei o olhar duro da enfermeira-chefe do Revier.

– Não tem nada para me dizer, prisioneira Hoff? – perguntou, de sobranceiras arqueadas. – Parece que tem andado a esconder-nos qualquer coisa.

Capítulo 34

Começos

Era meia-noite do quarto dia depois de Dieter ter partido e eu fui acordada pelo ranger da maçaneta da porta. A alta figura dele avançou para a cama nos bicos dos pés descalços.

– Tudo bem, estou acordada.

– É muito tarde, precisas de dormir?

Apoiei-me nos cotovelos.

– Não, quero dormir contigo... depois.

A última semana tinha visto o meu apetite sexual – deprimido quase até zero desde que o verdadeiro conflito começara – voltar à vida, estimulado pela presença dele.

O sono desaparecia à simples vista de Dieter. Com o dólman relegado para o canto mais afastado do quarto, caminhou até mim e deslizou para debaixo do lençol.

~

A brilhante luz do Sol atravessava as finas cortinas quando acordei. Demorei alguns segundos a aperceber-me de que continuava enrolada na concha do comprido corpo de Dieter, que ele não tinha desaparecido como um fantasma com os primeiros alvares. Mexeu-se quando me espreguicei.

– Dieter, é muito tarde. Não devias ir?

Ele olhou para o relógio de pálpebras semicerradas, a combater o nevoeiro do sono, e voltou a puxar-me para si quando tornou a aninhar-se.

– Dieter?

– Hum? Oh, deixei o Rainer ficar com o carro... ele visita uma mulher na cidade. Não vai voltar antes do meio-dia.

Dormitou enquanto eu via a dança das cortinas agitadas pela brisa. O meu estômago emitiu um rosnido audível, e naquele momento eu teria dado tudo para estar num quarto de hotel em Paris em tempo de paz, o cheiro do café e dos pãezinhos a tentarem-me a deixar o calor das mantas, roubá-los, voltar para a cama e partilhá-los com Dieter.

Pouco a pouco, senti a respiração dele espevitar, e depois espreguiçou-se. O piscar das pestanas fez-me cócegas no ombro. Deitou-se de costas e eu mudei de posição para

encaixar como a última peça de um *puzzle* da dobra do seu braço.

– Achas que alguma vez acordaremos num bom quarto de hotel e tomaremos o pequeno-almoço juntos? – murmurei.

– Isso importa? Posso ir até meio caminho e pedir a *Frau* Grunders que nos traga uma bandeja, se estás assim tão desejosa.

Espetei-lhe o cotovelo nas costelas, na brincadeira.

– Sonhar nunca fez mal a ninguém, capitão.

Ele apoiou o queixo no alto da minha cabeça e eu senti o bafo quente das sus narinas.

A minha curiosidade cresceu com o arrastar do silêncio.

– Dieter, que achas que vai acontecer-nos, à Alemanha?

Ele ponderou o assunto durante alguns segundos.

– A nós? Não faço a mais pequena ideia. Mas à Alemanha, não quero pensar nisso. É irónico que o Hitler esteja decerto num *bunker* subterrâneo a tentar manobrar uma vitória enquanto nós nos afundamos cada vez mais fundo num buraco muito negro.

– É assim tão mau?

– Penso que sim, a julgar pelo que me passa pela secretária. O alto-comando sempre foi bom a manter a fachada, mas por baixo estão atarantados como ratos. Penso que o Hitler subestimou grosseiramente os Aliados. Eles são tenazes e o Churchill é uma raposa matreira.

Exceptuando aquela primeira explosão que nos levara para a cama, aquilo era o mais perto que tínhamos chegado de discutir a guerra em pormenor. Mas ele parecia ter perdido todas as reservas, como se purgar-se fosse um alívio.

– O Goebbels ainda controla os jornais, de modo que o alemão médio pensa que marchamos pela Europa invencíveis, de cabeça erguida. Mas a verdade é que os Aliados estão a ocupar posições-chave na Itália, e temos sofrido grandes ataques aéreos. Cidades alemãs foram arrasadas e nós arrastamo-nos como um animal ferido. Além disso, houve vários atentados contra a vida do *Führer*, orquestrados pelos seus homens. Não admira que ele não esteja aqui a brincar às famílias felizes.

A respiração prendeu-se-me na garganta quando ele falou de tentativas de assassinio, e fiz um esforço para expelir o ar devagar. As palavras estiveram quase a sair – as mensagens recebidas por Christa, a nota debaixo da máquina de costura, a potencial ameaça ao bebé. Houve, porém, qualquer coisa dentro de mim que me conteve. Confiava nele, juro que sim. Não acreditava que ele me traísse ou me causasse mal. Mas mesmo naquele momento não tinha a certeza da dimensão da ameaça, nem de se seria muito real. Não queria sobrecarregá-lo ainda mais, obrigá-lo a escolher um lado ou o outro. Demasiadas escolhas podem quebrar-nos, e naquele momento ele era a única coisa brilhante que me permitia seguir em frente, ainda que fosse a coxear. Depois do papá, a minha propulsão não era suficiente. Precisava de uma razão para continuar até ao dia seguinte.

– Dieter, tens medo?

Ele inspirou fundo e conteve a respiração – senti os pulmões tensos contra o meu

ouvido. Por fim, exalou.

– Já não sei muito bem o que é o medo. Perdi-o há muito tempo, com a ansiedade e a preocupação. Tudo se funde no mesmo... vivemos cada momento à espera de ver a morte aparecer como um amigo há muito perdido ao virar de cada esquina. Até no meu mundo. Um comandante nazi bêbedo com um rancor e uma arma pode ser tão perigoso como um campo de batalha.

– Tens esperança? – foi tudo o que consegui dizer.

– Agora tenho – respondeu, e apertou-me com mais força. Uma ligeira sensação de humidade deslizou por entre os cabelos do alto da minha cabeça e chegou-me ao couro cabeludo, mas eu não quis tocar para ver se era uma lágrima dele, ou a centelha de todo o meu corpo a ser empurrada ao seu encontro.

Vestiu-se enquanto eu estava na casa de banho e despediu-se com um beijo antes de fechar a porta. Cheguei à sala de jantar do pessoal quando a mesa estava a ser levantada, pusei a cafeteira ao lume e atarefei-me a preparar o meu pequeno-almoço. De quípi debaixo do braço, Dieter entrou com um ar embaraçado.

– Bom dia, *Fräulein* Hoff. Acho que cheguei demasiado tarde para o pequeno-almoço lá em cima – disse, com um pequeno sorriso a encurvar-lhe os cantos dos lábios.

– Pois é o que parece, capitão Stenz. Também eu cheguei atrasada. – Mal conseguia conter o riso, a correr um sério risco de nos denunciar. Mas baixei a cabeça e aguentei. O nosso segredo era a melhor das motivações. – Ia fazer café. Está interessado numa chávena?

– Ficaria muito grato, obrigado.

E assim tivemos o nosso pequeno-almoço juntos, não num ornamentado quarto de hotel, nus e a cheirar a sexo, mas vestidos no meio da azáfama matinal e com *Frau* Grunders a olhar-nos de lado com olhos acerados sempre que entrava e saía.



Encaminhei-me para o quarto de Eva com um passo muito mais ligeiro que de costume. Regra geral, encontrava-a ainda na cama – entretanto já passava das dez –, mas ela mandou-me entrar e rolou para o lado com um gemido. Tinha a cara pálida e inchada – sinais reveladores de uma noite mal dormida.

– Eva, como está? Parece cansada.

– Oh, Anke, vai ser sempre assim nas próximas semanas? Devo ter estado a pé até às três da madrugada. Pesa tanto. É como se tudo lá em baixo estivesse a ser esmagado. Mas o bebé mexe-se muito, de modo que isso é bom sinal, não é?

– É. É provável que a cabeça do bebé esteja a descer e a voltar-se, o que também é bom.

Ao cabo de um minuto de exame, no entanto, minúsculos fios começaram a vibrar no meu cérebro. Quando palpei a barriga, senti-a ficar tensa sob os meus dedos, e a cara de Eva enrugou-se. Surgiu-lhe logo abaixo do queixo um rubor que desceu pelo pescoço e persistiu depois de o ventre voltar a ficar macio. A tensão arterial estava um pouco mais alta e a pulsação um tudo-nada acelerada. Ou muito me enganava, ou Eva estava a entrar

na primeira fase do trabalho de parto.

O ritmo cardíaco do bebé estava ótimo, como sempre, e eu não falei na ligeira contracção – se Eva imaginasse que podia acontecer de um momento para o outro, a casa inteira entraria em alerta máximo. Se estivesse certa, podíamos ainda ter pela frente dias de pontapés e incómodos antes de lá chegarmos.

– Bom, parece estar tudo bem. Estou certa de que ele vai voltar a assentar – disse-lhe. – Talvez devesse ir dar um passeio e certificar-se de que recupera um pouco do sono perdido esta tarde.

Ela pareceu satisfeita com o meu conselho, e não pela primeira vez pensei que Eva Braun era suficientemente estóica para suportar as exigências físicas que em breve ia ter de enfrentar.



Encontrei Dieter na sala de comunicações e fiz-lhe sinal para falarmos lá fora, em privado.

– Não posso ter a certeza, mas penso que a Eva está a entrar em trabalho de parto – disse-lhe, quando não podíamos ser ouvidos.

Ele pareceu um pouco alarmado.

– Não é demasiado cedo? Julgava que ainda faltavam três semanas?

– É para que saibas como são as mulheres e os bebés. Mas não, não é demasiado cedo, ela está de trinta e sete semanas e o bebé já não é prematuro. Só não quero dizer enquanto não tiver mesmo a certeza. Não quero que as tropas nos caiam em cima.

– Que precisas que faça?

Quis beijá-lo ali mesmo onde estávamos, por ter reagido como eu esperava que reagisse.

– Quero a Christa aqui comigo, mas sem alertar os Goebbels ou o doutor Koenig. Há alguma maneira de a mandarmos vir com uma boa desculpa?

– Posso fazê-lo, se arranjares uma que seja credível. Sei que *Frau* Goebbels está ausente de momento, de modo que as suas suspeitas não serão despertadas.

A notícia foi um profundo alívio, e combinámos chamar Christa a pretexto de ficar com Eva à noite, uma vez que ela se levantava com frequência para ir à casa de banho, e dar os últimos retoques no enxoval do bebé. Iam de certeza ser feitas perguntas, mas não teríamos problemas em lidar com elas. Mais importante era proteger o espaço à volta de Eva, para que ela pudesse lidar, e lidasse, com o seu bebé.

O Campo, a norte de Berlim, Novembro de 1942

– É então parteira? – Gerta Mencken estudava o meu processo de olhos semicerrados. –
E está na oficina de costura?

– Pensei que seria mais útil lá – respondi num tom impassível. Tinha-me tornado hábil na
mentira, aprendera a eliminar toda a emoção da minha voz, a apagar toda a expressão
do meu rosto, a mostrar uns olhos que pareciam não ver.

Mencken tinha a reputação de ser uma nazi leal, mas que conservara o ethos
de enfermeira da Alemanha de antes da guerra. A olhar para o alto dos seus cabelos
oxigenados, cortados num estilo masculino, perguntei-me como podiam as duas ter-se
misturado.

– Sim... bem. – Não estava convencida. – Agora está aqui, e nós podemos beneficiar das
suas competências. Temos mais mulheres do que foi previsto no início. – Olhou para mim
e suavizou o desenho da boca, mas também não foi muito convincente. – As mulheres
beneficiarão da sua experiência.

Como todos os verdadeiros nazis, Frau Mencken sabia como tirar o melhor das suas
prisioneiras-trabalhadoras recorrendo a uma subtil forma de chantagem moral. Estava
a dizer que eu podia tornar mais tolerável a experiência das mulheres, e ao mesmo tempo
servir o Reich.

– Apresente-se aqui amanhã às seis. Mostrar-lhe-emos como as coisas funcionam.

Eu tinha uma comichão desde que chegara ao campo. Ao contrário dos numerosos
parasitas que residiam no meu corpo e me faziam coçar-me como uma louca até ficar em
carne viva, esta farpa era interior e espicava-me o cérebro. Era o conhecimento de que
havia bebés a nascer no campo. Ingenuamente, imaginara que as mulheres grávidas eram
triadas antes de embarcarem nos transportes, uma vez que aquilo não era lugar para dar
à luz e criar um filho. Era um campo de trabalho, só as crianças com doze anos ou mais – as
que podiam fazer um dia de trabalho – eram autorizadas. Mas as minhas novas clientes não
apresentavam, na sua maioria, sinais óbvios de gravidez no momento da captura, e algumas

tinham sido selvaticamente violadas pelos soldados alemães. Mesmo assim, nos primeiros tempos do campo o número de nascimentos era reduzido.

Elke, prisioneira desde 1939, disse-me que os primeiros bebés eram tratados com autêntica reverência no Revier – lençóis lavados, banhos para as mães, até um copo de leite depois do parto. Mas, apesar de todos estes cuidados, os bebés não sobreviviam às condições no campo, dizimados pela desnutrição com dias ou semanas de vida quando as mães ficavam sem leite, ou levados com um dia de vida para serem «germanizados» se tinham a sorte de nascer com olhos azuis. Eram na sua maior parte filhos e filhas de prisioneiras políticas, alemãs ou pelo menos não judias, e por isso tolerados. Os poucos bebés já então judeus não passavam do dia do nascimento.

À medida que a guerra avançava a população do campo crescia, e com ela o número de mulheres judias que chegavam já grávidas. Muitas tinham sido violadas durante a invasão de Varsóvia, e os seus números aumentavam ao mesmo ritmo que as barrigas. Mas os nazis eram espertos. O campo fornecia abastecimentos essenciais às tropas e mão-de-obra às fábricas em redor, e as polacas eram boas trabalhadoras, sobretudo as judias. Uma vez ouvi Mencken dizer à chefe das kapos que as mulheres grávidas «são como mulas. Se têm força suficiente para gerar um filho, têm mais resistência. Uma semana depois do parto estão outra vez de pé, e precisamos dessa força. São mais valiosas para nós».

O pensamento dela não se ficava pelos abortos forçados. Qualquer mulher que se pensasse estar grávida de menos de vinte semanas era levada para um bloco separado e um fim certo para uma ou duas vidas. Ouvíamos os seus gritos quando jovens médicos nazis chegavam para aperfeiçoar as suas habilidades sem anestesia. Se as mulheres sangravam até morrer, o facto era lançado na conta da experiência e danos colaterais – embora eu tenha muitas vezes visto Mencken andar pelos corredores a amaldiçoar os médicos por reduzirem o número das «suas raparigas». Mas estava só a pensar em valores, não nos pobres cadáveres estendidos nas mesas de pedra.

As mulheres conseguem, porém, ser não menos determinadas, e o zelo com que preservavam a vida que traziam no útero ultrapassava com facilidade a vontade nazi. Algumas mulheres só sabiam que estavam grávidas quando sentiam uma reveladora agitação no ventre, uma vez que os períodos menstruais – fosse devido ao stress ou à desnutrição – cessavam quase à chegada. Os movimentos do bebé e uma barriga ligeiramente arredondada eram muitas vezes os primeiros sinais de uma gravidez. Mesmo assim, os vestidos largos escondiam muito bem a pequena protuberância, e algumas mulheres ocultavam o facto a toda a gente, excepto às companheiras de barracão até ao momento do parto.



Na minha primeira manhã no Revier, levaram-nos uma mulher que estivera na chamada das quatro e meia. Tinha sem dúvida passado longas horas de pé no quadrado cinzento e sucumbira às dores. Quando chegou ao edifício e eu fui empurrada na sua direcção, estava já numa fase adiantada do trabalho de parto, a escorrer suor e congestionada dos ombros à testa. Era checa e divagava num dialecto que eu não conseguia entender, o que me deixou

como única opção recorrer à linguagem universal das partearias: um toque suave na mão, a massajar a pele áspera na direcção dos dedos de espantalho, um sussurro calmante da minha voz enquanto lhe falava em alemão. «Deixe-me só olhar. Posso espreitar para baixo do seu vestido?» Nem sabia como se chamava.

Depois de uma contracção, ela parou de murmurar e abriu os olhos. As nossas pupilas encontraram-se e eu sorri-lhe e assenti com a cabeça.

– Está tudo bem – disse. – Está a ter o seu bebé.

– Bebé – disse ela, e fez força para me mostrar o filho.

O Revier já tinha visto melhores dias, mas pelo menos era um edifício sólido, sem buracos nos madeiramentos, ainda que a tinta das paredes estivesse a pelar por força da intempérie e do abandono. Os lençóis lavados das recordações de Elke tinham também desaparecido há muito. Agora eram cinzentos e esburacados, rasgados às tiras e transformados em fraldas para os bebés que sobreviviam. A chefe das guardas, vim a saber mais tarde, não partilhava o ethos de Mencken em relação a grávidas saudáveis e tolerava mais do que encorajava os esforços dela. Não havia instrumentos, nem medicamentos, e era só um grupo de prisioneiras-partearias vindas de todos os cantos da Europa que o tornavam algo mais do que um edifício onde se faziam partos. O saber e a humanidade daquelas mulheres faziam dele uma maternidade que gerava vida.

Por grandes que fossem as nossas capacidades, o fim de uma vida seguia sempre de perto o aparecimento de outra. Todos os bebés não judeus – os que não tinham olhos azuis – eram transferidos para um Kinderzimmer ao cabo de apenas dois dias com as mães, a quem só eram permitidas curtas visitas durante o dia. À noite, a porta era fechada à chave e as janelas deixadas abertas, mesmo no Inverno. Era frequente as mães encontrarem os seus bebés hirtos e sem vida quando iam vê-los de manhã. Outros recém-nascidos morriam de inanição nas semanas seguintes e só um punhado vivia mais de um mês.

Para os judeus, no entanto, havia um destino ainda mais certo. Nunca esquecerei a primeira vez que ouvi o som de um recém-nascido a cair no barril da água; o estômago contraiu-se-me e a minha garganta ardeu com a compreensão de que uma vida acabava de ser brutalmente apagada. Ninguém pode imaginar a dor que uma mãe sentia ao ouvir aquele som. Como parteira, tendo sido guiada pela luz da vida em todas as ocorrências – uma mãe unida ao seu bebé –, todo o meu ethos foi destruído. Que ia eu fazer? Apenas ajudar ao breve transporte entre a vida e a morte? Ajudar a máquina nazi a aperfeiçoar uma nova mão-de-obra, ajudar Hitler a atingir o seu odioso objectivo de uma Alemanha pura, banhada em imundície moral?

Depois daquele primeiro dia no Revier, contorci-me no meu beliche, não por causa dos perrejeos mas da luta que se travava entre a minha consciência e o meu cérebro. A verdade era que não tinha muito por onde escolher. Era obedecer ou ser levada para a floresta e abatida a tiro por dissidência – muitas não tinham voltado depois de oposições menos evidentes. Ou então enfrentar a sinistra ameaça de ser enviada para Leste. Nessa altura, ninguém sabia muito bem o que havia «a Leste», mas todas adivinhávamos que não era bom.

Ao longo das semanas seguintes, o confronto moral perdeu força e eu encontrei um novo

propósito, uma luz que só posso descrever como débil – uma fresta no cinzento, mas qualquer coisa que podia tirar do horror daquele mundo alternativo. As mulheres que iam para o Revier eram fantásticas; ultrapassar as vinte semanas sem abortar já era milagre suficiente, mas fazê-lo com um bebé cujos membros empurravam, imperiosos, o engelhado pergaminho dos seus ventres, a dizer «Estou aqui, estou vivo», parecia inacreditável. Tinham preservado os seus bebés com todas as exauridas células dos seus corpos, os olhos encovados pela fome e pelo medo, pequenas figuras instáveis sobre pernas por vezes finas como caniços. Nenhuma delas pensava em desistir. Nunca. Dar vida era tudo. Muitas sabiam que seria uma curta existência, mas todas albergavam a ténue esperança de que a guerra acabasse de repente, de uma rápida libertação pelos Aliados e um indulto de última hora para os seus recém-nascidos.

Depressa compreendi que o meu papel – e o das outras cerca de dez parteiras no campo – era levar dignidade onde não podíamos prolongar a vida. Podíamos criar recordações, talvez de apenas horas ou dias, em que a bondade e a humanidade prevaleciam. Encorajávamos e acalentávamos, procurávamos pequenos extras capazes de fazer que todas as mulheres se sentissem objecto dos melhores cuidados que o dinheiro podia pagar.

Cada uma de nós tinha a sua maneira de criar um pequeno mundo impermeável à dura realidade de barulho e fedor à nossa volta. Era um minúsculo cosmo onde chorávamos e ríamos com elas, onde mantínhamos – talvez só por alguns minutos – um espaço tão puro que só os seus filhos, os seus bebés, existiam durante esse lapso de tempo. A história delas, a dor lancinante de serem separadas dos filhos, não era menos horrível, mas ao lado da tristeza havia recordações do que tinham feito pelos seus bebés – recordações de terem sido mães.

E naquela sombria arena de morte sempre à espreita, voltei a viver.

Capítulo 35

Prenúncios

Fiquei agitada depois de ter examinado Eva, o que em mim era invulgar, a deambular pela casa e na prática a vigiá-la de perto. Saiu para o terraço por volta do meio-dia, e eu fui dizer-lhe que Christa viria ajudar com os últimos preparativos. Pareceu agradada, mas também preocupada – a mexer-se desconfortável na cadeira de repouso e a segurar a barriga com ambas as mãos num gesto inconsciente cada vez que o fazia. O seu rosto estava agora menos pálido, a maior parte do tempo até corado. Pediu-me que ficasse a fazer-lhe companhia, de modo que me sentei durante algum tempo a folhear uma revista, com os ouvidos atentos à respiração e a vigiar as contorções do corpo. Ao olhar para ela tive a certeza de que estava – no jargão das parteiras – *mesmo à beira*.

Separámo-nos para o almoço e Christa chegou cerca de uma hora mais tarde, trazida por Daniel. Senti verdadeiro alívio por tê-la comigo. Sem treino e com pouca experiência médica, era todavia o que eu mais precisava, uma aliada de confiança – como Rosa tinha sido antes dela. Chegou armada com montes de tecidos e a sua caixa de costura, convencida de que teria pelo menos três semanas antes do parto, e ficou desapontada quando lhe falei das minhas suspeitas.

- A sério? Tão cedo? – perguntou, os grandes olhos verdes muito abertos.
- Continua a ser possível que seja um falso alarme, mas os sinais são bons.
- Estás aliviada?
- Sim e não – respondi com sinceridade. – Fui apanhada um pouco de surpresa, mas, para ser franca, se a Eva ultrapassasse a data devida ficaríamos muito mais sob vigilância. É melhor que este bebé nasça quando quiser. Por vezes temos de o enfrentar. Se há alguma certeza a respeito do parto é que ninguém fica grávida para sempre.

Rimos as duas, para quebrar a tensão que pairava sobre as nossas cabeças, uma ameaçadora nuvem de tempestade que havia de seguir-nos até que o Sol rompesse ou se rasgasse num tirânico trovão.

- Qual foi a reacção em casa dos Goebbels? – perguntei.
- A senhora e o senhor estão ambos fora... separados. Não duvido de que têm os seus espiões na casa, mas penso que disfarcei muito bem no que respeita à justificação.

Disse que não recebera mais mensagens do grupo de Resistência, e acrescentou:

– E tu?

– Não, nada.

Devia ter-lhe dito, por uma questão de confiança, mas raciocinei que isso não ia alterar o nosso plano e só serviria para aumentar a tensão. Estávamos determinadas a dar a Eva um bebé saudável e seguir em frente com as nossas vidas.

Decidimos que Christa dormiria no quarto de Eva naquela noite, para salvaguardar o pretexto, mas a verdade é que eu queria que fosse ela a chamar-me em caso de necessidade, e não uma das criadas. Não havia meio de saber quem estava no bolso dos Goebbels ou da Resistência.

Pouco depois das três da tarde, Eva chamou-me ao seu quarto, o rosto uma máscara de alarme.

– Veja! – disse, guiando-me até à casa de banho. As cuecas de seda estavam caídas no chão, sujas por uma camada de mucosidade estriada de encarnado e cor-de-rosa. – O que é aquilo?

– Só um sinal de que está a ficar pronta, um bom sinal – tranquilizei-a. O rolhão mucoso, a tampa gelatinosa que protege a entrada do útero, pode ser expelido duas semanas, dois dias ou duas horas antes do início do trabalho de parto, mas com tudo o mais que tinha visto, era outra indicação de que estávamos perto. – Venha, vamos ouvir o bebé.

Continuava a contrair-se, a pele sólida como casca de ovo quando se deitou, mas não se contorceu nem reagiu de qualquer outra maneira. Já tinha visto, neste ponto, mulheres lavadas em lágrimas de exaustão e desespero, mas Eva mostrava mais uma vez a sua fibra.

Christa ajudou-a a entrar na banheira e combinámos um plano para a noite. Mesmo assim, não falei em «trabalho de parto», a jogar com a inocência de Eva. Além disso sabia que precisava de dormir – para o caso de ser chamada a altas horas da noite –, de modo que fui para o *chalet* logo a seguir ao jantar. Christa foi juntar-se-me no alpendre, mas até ela estava cansada e retirou-se pouco depois. No pano de fundo crepuscular, vi uma sombra parada perto da casa. Por um ansioso momento, imaginei que era alguém da Resistência a tentar um contacto directo, mas a patrulha estava a passar e a figura manteve-se imóvel quando os dois pares de botas se aproximaram. Os guardas afastaram-se e a silhueta oscilante de um quépi adquiriu uma forma familiar.

Aproximou-se a sorrir, de quépi na mão. Sem uma palavra, olhámos ambos em redor, desaparecemos no interior do *chalet* e fechámos as cortinas. Dieter despiu o casaco e beijámo-nos antes de falar, os meus dedos a enfiarem-se por baixo dos suspensórios para lhe apertar os músculos do peito através da camisa.

– Passei o dia inteiro a desejar fazer isto – disse ele, quando afastámos os lábios húmidos. – Para ser franco, estou a desejar que a Eva aguente, para poder ter mais de ti.

– Também eu.

– Há alguma novidade?

Falei-lhe dos sinais.

– Ou ela entra em trabalho de parto esta noite, ou a ocasião passa e vamos ter de esperar mais tempo. Para dizer a verdade, não sei. Ela é difícil de ler.

– Bem, bem – troçou ele –, uma mulher que consegue vencer a intuição da grande enfermeira Hoff! Eva Braun tem o meu respeito.

Bati-lhe no peito, e essa foi a nossa deixa para nos enfiarmos na cama e adiar o meu precioso sono.

Capítulo 36

Um turno da noite

– Anke! Anke!

Uma necessidade urgente fez-me lutar para chegar à superfície do sono, a nadar contra a maré. Quando rompi à tona, alguém batia no vidro da janela.

– Anke! Anke!

– Vou já – consegui dizer, mal consciente da presença de Dieter a meu lado. Quando ele acordou voltei-me e levei um dedo aos lábios, a pedir silêncio. A cara de Christa estava muito perto da porta; vestia a camisa de noite, os cabelos apanhados num rabo-de-cavalo meio solto.

– Acho que tens de vir – disse.

Era estranho eu ter estado a sonhar que Eva dava à luz – dessa vez na Teehaus, com *Negus* e *Stasi* como meus assistentes de confiança – e apesar disso o presente ter demorado alguns segundos a encaixar no lugar.

– Anke. – O tom de Christa apressou o meu regresso ao estado de vigília. – Acho que lhe rebentaram as águas.

Isto deixou-me desperta.

– Tudo bem, volta para junto dela. Eu vou já. Que horas são?

– Duas e meia.

É possível que ela se tenha perguntado por que razão eu mantinha a porta entreaberta, por que não dizia «Entra e conta-me tudo» enquanto me vestia. Mas, dadas as circunstâncias, não quis saber.

Quando retrocedi para o interior, Dieter estava apoiado num cotovelo, a esfregar os olhos sonolentos.

– Aconteceu alguma coisa?

– Nada de mau, mas está a acontecer – disse eu, a puxar as meias para cima com gestos desastrados. – A Christa acha que as águas rebentaram, o que significa que o mais provável é o processo avançar.

Ele rodou as pernas para fora da cama, a esfregar o rosto.

– E o doutor Koenig? Quando devo chamá-lo? Sabes que tenho de o fazer, Anke.

– Eu sei. – Parei de abotoar a blusa, as engrenagens a girar a toda a velocidade na minha cabeça. – Mas neste momento tu estás na tua cama, não estás? E não sabes de nada disto até que eu te chame, ou que a casa desperte.

– Não adies demasiado, Anke. O Koenig já está irritado. Pode tornar tudo pior para ti. Vou fazer o melhor que puder para o manter à distância, mas...

– Eu sei.

– Sabes uma coisa?

– Sei ter cuidado, Dieter. Palavra, só estou a fazer isto para me manter viva, pela minha família. Não vou arriscar tudo no último minuto. Mas sou a parteira da Eva. Para mim, isso conta.

– E eu amo-te por isso.

Imobilizei-me ao ouvir estas palavras, com um sapato calçado, e ele fez-me sinal para me aproximar da cama. Estendeu as mãos, os dedos compridos e fortes a entrelaçarem-se nos meus, a apertarem com força.

– É de loucos, é o momento mais estranho possível – disse ele, a olhar para o chão. – E há a guerra. Mas isto... é amor. – Ergueu o queixo e cravou aqueles seus olhos azul-turquesa nos meus, a cor visível mesmo na escuridão. – Amo-te, Anke. Amo-te a ti e àquilo que és.

Aproximei os lábios dos dele. O meu coração corria à desfilada – adrenalina das notícias de Christa e desejo pelo homem que tinha à minha frente, um *cocktail* inebriante.

– Também eu te amo. Cada centímetro de ti. O que tivemos, mesmo que seja...

– Chhh... não precisamos de dizer essas coisas. Ultrapassemos o dia de hoje, e depois trataremos do amanhã. Juro-te que sim. Havemos de deixar esta vida para trás.

O nosso beijo foi longo e apaixonado. Não obstante o que ele tinha dito, nasceu do desespero e da ânsia. Beijei-lhe o alto da cabeça, inspirei o cheiro da sua juventude. Não queria deixar aquele local.

– Anke – chamou ele, quando eu já me encaminhava para a porta. – Toma, fica com isto. Vais precisar.

Estava a estender-me o relógio de pulso, e eu aceitei-o. Não era o modelo-padrão distribuído às SS, tinha um estilo mais pessoal, com um mostrador largo e uma pulseira muito usada onde um vinco no couro marcava o perímetro do pulso dele.

– Obrigada.

Sorri, enfiei o relógio no bolso e saí a caminho de um dia incerto.



Passei a porta sem fazer barulho e meti pelo corredor descalça, detendo-me por um instante atenta aos sons da noite. Não havia sinais óbvios de actividade. O alívio de Christa foi patente quando entrei no quarto, mas não o de Eva – estava deitada de lado, com a cabeça enterrada nas almofadas e os joelhos dobrados para cima, de tal modo que a camisa de noite mal lhe tapava as nádegas. Segurava a barriga com uma das mãos e, apesar de a luz ser fraca, havia um único candeeiro na mesa-de-cabeceira, tapava os olhos

com a outra. Respirava com regularidade, e não estava a gemer nem a chorar.

Christa já reunira uma parte do equipamento e eu levava o resto comigo.

– Há quanto tempo está acordada? – sussurrei.

– Começou a ficar agitada por volta da meia-noite, a mexer-se e a voltar-se. Levantou-se cerca das duas e passou algum tempo na casa de banho. Chamou por mim mesmo antes de eu te ir buscar.

– O que foi que disse?

– Que tinha ouvido um *plof* e depois água a correr. As dores foram mais fortes quase no mesmo instante.

– Foste à casa de banho, ver o que lá estava?

– Uma pequena quantidade de sangue... sei que isso é normal... mas a água pareceu-me um pouco suja. Deixei-a como estava, não puxei o autoclismo.

– Perfeito, Christa. És uma maravilha.

Um gemido baixo vindo da cama anunciou o início de uma contracção, a respiração de Eva tornou-se mais funda e depois houve um longo grito, mas sem sinais de pânico. A mão com que tapava os olhos desceu para a almofada, o tecido e o rosto dela enrugaram-se ao mesmo tempo.

Christa estava junto dela, a massajar-lhe as costas e a murmurar palavras de encorajamento.

Na casa de banho, o relatório de Christa revelou-se exacto.

O sangue era um bom sinal de que o colo do útero começava a abrir-se, a mancha castanha na água não era tão encorajadora. O doutor Koenig vê-la-ia de certeza como uma razão para intervir, mas se o bebé estava bem, não me pareceu que fosse motivo de preocupação. Eva estava deitada em cima de uma toalha branca, e era fácil de ver que o mecónio não era espesso, apenas uma ligeira coloração do líquido amniótico – a variedade que todas nós preferimos.

– Eva, sou eu, a Anke – sussurrei. – Posso ouvir o bebé?

Como acontecera tantas outras vezes, ela rolou numa reacção automática, só que nessa ocasião com evidente desconforto, e demorou algum tempo a instalar-se de costas.

A palpação mostrou-me que a cabeça do bebé estava baixa na pélvis, mas, ao contrário dos dias anteriores, não consegui encontrar a coluna vertebral, só membros de ambos os lados. Fechei os olhos e voltei a verificar, sem querer acreditar. Mas com o instinto do cego, a tradução foi a mesma. Era uma estimativa baseada numa conjectura, mas suficientemente boa – aquele bebé estava em posição posterior, com a coluna encaixada na da mãe. Não era uma posição que causasse nas parteiras o mesmo alarme que uma apresentação pélvica, mas significava com frequência uma longa, lenta e esgotante viagem, pois ou o bebé tentava uma rotação de cento e oitenta graus no ventre da mãe, ou tinha de atravessar a pélvis costas com costas, o que se dizia ser muito mais doloroso, uma vez que a linha do canal de parto era menos flexível. Com a cabeça tão em baixo, senti que o bebé de Eva não ia conseguir fazer a rotação como deve ser. Podíamos ter pela frente uma longa noite e um longo dia.

Com as contracções regulares, Eva autorizou-me a examiná-la, e o exame confirmou o que eu já suspeitava: um espaço revelador atrás da cabeça do bebé e uma cabeça a tentar – mas a não conseguir por enquanto – encaixar-se nos ossudos confins da pélvis, uma situação que costumávamos descrever às mulheres como um ovo «um pouco fora do ovelho». Numa nota positiva, o colo do útero apresentava uma dilatação de quatro centímetros, e pareceu-me sentir uma espessa manta de cabelo na cabeça do bebé. Já não havia retrocesso possível.

Felizmente, o coração parecia óptimo, a uns regulares cento e quarenta batimentos por minuto, e uma nova contracção fez Eva deitar-se de lado. Violentas dores nas costas era outro factor a ter em conta na posição em que o bebé estava, e Christa já estava ocupada a massajar com força a coluna vertebral dela durante a contracção. Eva gemeu mais com a dor no fundo da coluna do que com a contracção, uma mão a dançar por cima do sacro enquanto respirava.

Em voz baixa, dei conta das minhas suspeitas a Christa, não para a alarmar mas como uma maneira de a preparar. Aquele não ia ser um parto em que o bebé se adiantasse à chegada do arrogante doutor Koenig.

– Que fazemos agora? – perguntou Christa.

– Esperamos, é tudo o que podemos fazer. Auscultamos o bebé, cuidamos da Eva e não a deixamos desistir. O resto é com ela e o bebé.

– E temos esperança?

Consegui uma pequena gargalhada.

– Sim, Christa, estás a aprender depressa. Temos muita esperança.

Com Eva, concentrei-me só nas partes positivas.

– Está a ir muito bem – disse-lhe, com a cara perto da dela.

Fez uma careta, como se não acreditasse.

– Está em trabalho de parto, o seu bebé vem a caminho. – E num tom de certeza, prometi: – Hoje é o dia do aniversário do seu bebé. – E então, lembrando-me da preocupação dela com o calendário, acrescentei: – Vai chegar muito antes do casamento da Gretl. E a Eva vai exibí-lo a todos os convidados.

Com esta consegui por fim arrancar-lhe um sorriso.

– Ela vai ficar tão invejosa – murmurou para a almofada no momento em que se formava mais uma contracção.

Christa foi descalça pelos corredores buscar mais água limpa, e comunicou que a casa continuava silenciosa. A criada da cozinha levantar-se-ia às cinco para acender o forno, e depois disso poderíamos ter de nos mostrar. Calculei que Dieter seria suficientemente esperto para mandar Daniel buscar os médicos em vez de usar um carro que já estivesse na cidade – acrescentando uma hora à viagem, talvez mais. E então eu começaria a defender uma muralha enquanto tentava derrubar a outra.

O Campo, a norte de Berlim, Abril de 1943

– Bem, se ela não quer vir, vamos ter de arrastá-la, ou morrerá na cama. E é bem feito. Mencken fechou a gaveta da secretária com tanta força que alguns corpos recuaram, como se alguém tivesse disparado um tiro dentro do Revier. Estava de péssimo humor – a sua mão-de-obra tinha sido mais reduzida, o que feria o seu orgulho e ameaçava a sua reputação.

Fazia apenas um mês que Mencken recebera o mais alto louvor do partido, uma carta assinada por Heinrich Himmler em pessoa a felicitá-la por um «registo exemplar de fornecimento de mão-de-obra» no campo. Com a carta emoldurada e guardada na gaveta da secretária, Mencken estava decidida a manter a confiança de Himmler no seu trabalho. Não tinha um pensamento humano para com a mulher em trabalho de parto no barracão 16 que recusava ir para o Revier – mas se ela se esvaísse em sangue e não estivesse no seu posto de trabalho dentro de uma semana, o facto teria um reflexo negativo na folha de serviço da enfermeira-chefe.

– Manda as guardas ao barracão – ladrou a uma das kapos. – E diz-lhes que levem os cães.

A súbita e crua visão de uma mulher grávida confrontada com cães que rosnavam e espumavam e do medo da crescer dentro dela levou-me a falar.

– Vou eu – disse. – Cuido dela no barracão.

Mencken franziu a cara numa expressão de nojo. O barracão 16 era ocupado por judias, e por muito que ela detestasse a ideia de mulheres judias a macularem o seu domínio, queria olhos a vigiar todos os nascimentos – e sem dúvida também as parteiras. Só os bebés nascidos durante a Appell – a chamada – ou no barracão das latrinas escapavam ao controlo do Revier.

– Por que havia de fazer uma coisa dessas? – perguntou, os olhos cor de ferrugem fixos nos meus.

– Os cães só servirão para parar as contracções. Se isso acontecer, o bebé pode voltar-se de repente, e nesse caso teremos um parto transversal ou obstruído, com maior probabilidade

de hemorragias graves.

Estava a exagerar, muito, mas Mencken era uma enfermeira, não uma parteira, e era fácil ofuscar-lá com palavreado técnico. Duas parteiras que estavam a meu lado assentiram, juntando-se à conspiração. O cérebro de Mencken funcionava a todo o vapor, sem dúvida a pensar na infecção moral da sua relativamente limpa unidade e no pequeno quarto destinado às mulheres judias e já sobrelotado.

– Muito bem – disse. – Mas quero ser informada no instante em que ela parir. A responsabilidade é sua, Hoff... se ela não estiver no seu posto de trabalho dentro de uma semana, é muito possível que perca o seu. Ou seja, será enviada para o Leste.

Podia estar a fazer bluff, mas era o suficiente para me agitar os nervos. Pouco a pouco, tínhamos aprendido que o transporte para fora do campo não era para um lugar adequado ao trabalho nem à vida. Nunca nenhuma das detidas levadas num camião a caminho do Leste tinha voltado.

O barracão 16 estava quase deserto, com todas as prisioneiras nos respectivos locais de trabalho. O único som era um gemido baixo vindo da frente, tendo como pano de fundo a azáfama do campo. Há meses que não ouvia um silêncio assim. Uma rapariga pôs-se de pé quando entrei, os ombros rígidos, a expressão alerta. Relaxou um pouco ao ver que eu não era uma guarda nem uma kapo. Com apenas dezassete anos, era uma cabeça envelhecida sobre uns ombros jovens.

– Chamo-me Rosa – disse, com rugas de preocupação a marcar-lhe a testa. – Tentei argumentar com a mamã, mas ela diz que não vai. Diz que o bebé deve viver e morrer em nossa casa.

– Tudo bem – disse eu, e pousei-lhe a mão no braço. – Podemos ficar.

Ao ouvir estas palavras, Hanna saiu da sua bolha de dor, rolou para o lado e iniciámos a jornada em direcção ao nascimento.

Esperámos e cuidámos. Rosa não saiu de junto da mãe, e eu fiquei a ver como os papéis se invertiam, a filha a dissipar os receios da mãe, a tranquilizá-la quando ela disse as inevitáveis palavras finais:

– Não consigo.

– Consegue, sim. Por nós, por todos nós – garantiu-lhe Rosa, e ficou a ver, de olhos muito abertos mas com uma silenciosa maturidade, a mãe dar à luz um rapaz surpreendentemente corpulento. Os cabelos cor de areia e os olhos claros confirmavam o que Rosa já me tinha dito: Hanna fora violada pelo capataz civil de uma fábrica, que se aproveitara dos seus «bem merecidos privilégios» para abusar dela. Saqueou-lhe o corpo, e o Reich roubou a vida resultante desse saque poucas horas mais tarde. Hanna, no entanto, estava viva, Rosa continuava a ter uma mãe, e a distorcida balança deste novo mundo disse-nos que devia estar grata por isso.

Fiquei até que as companheiras voltaram. Quase uma centena, entraram em bicos de pés: a notícia arranjara maneira de se espalhar pelo campo. Em silêncio, avançaram para os beliches, e então, pouco a pouco, aproximaram-se de Hanna e de Rosa, cada uma a oferecer uma mão ou um abraço. Naquele dia, quase todas deram a Hanna uma pequena porção

da sua aguada sopa, de modo que quando se sentaram a cantar em círculo à sua volta, ela adormeceu nos braços de Rosa, com o estômago mais cheio do que alguma vez tivera desde há meses, mas o coração a arranhar-lhe o seu ventre vazio.



Hanna estava a pé e no seu posto de trabalho seis dias mais tarde, e Mencken anotou os dias extra de laboração, concedendo-me um relutante aceno de cabeça quando nos cruzámos no Revier. Ao longo dos meses que se seguiram, houve mais nascimentos nos barracões. Sobretudo de mulheres judias, mas o facto não era tratado como dissidência, desde que eu ou outra parteira estivéssemos dispostas a assistir. Mencken gostava de manter o seu barco moralmente limpo, apesar das paredes a ameaçar ruína e dos soalhos imundos. Havia ali menos ratazanas do que nos barracões, mas só porque o edifício tinha sido construído sobre estacas de madeira.

No entanto, uma vez que a maior parte dos bebés morria muito antes de a infecção conseguir instalar-se, a sujidade não era a minha principal preocupação. Além disso, quando se esperava o nascimento de um bebé num barracão, uma busca e recolha geral de trapos e papéis levada a cabo por todas as mulheres tornava a área mais limpa do que o bloco do hospital, e por isso mais segura. E em «casa», as mulheres estavam rodeadas de amigas e amor, um bálsamo vital para o inevitável desgosto. Sentia-me de certa maneira – como já me tinha sentido no meu trabalho com a comunidade judaica de Berlim – rodeada de mulheres fortes que se compreendiam umas às outras, aranhas que teciam elegantes teias de amor e protecção e que voltariam a tecê-las por mais vezes que elas fossem destruídas.

Mesmo assim, encarava cada parto com o coração pesado. Por muito unida que fosse à comunidade de um barracão, o resultado final era sempre o mesmo: uma mãe separada do seu bebé no espaço de horas, dias ou por vezes semanas, se tivesse a infelicidade de ver o filho chorar de fome durante todo esse tempo. A separação era sempre uma agonia e nós não podíamos lutar contra o cacete ou a arma. Preparava-me antes de cada parto, um pedaço de gelo entalado algures no fundo do coração, e então soluçava agarrada a Graunia e a Kirsten quando o nível de injustiça se tornava demasiado. Eram elas que me recordavam o que estávamos a fazer – permitir dignidade no interior da máquina nazi, não apenas ajudar os maus.

Com o tempo, mereci confiança suficiente para andar de barracão em barracão, a dispensar cuidados pré-natais e pós-parto e a usar os meus conhecimentos de enfermagem para ajudar os doentes, às infundáveis dezenas de contusões e feridas que era preciso pensar. Não tardou que raras vezes estivesse a trabalhar no Revier e tornei-me conhecida como «a parteira dos partos em casa», embora me entristecesse imaginar que alguma mulher pudesse ver aqueles pardieiros como sua casa. Depois daquele primeiro parto, Rosa tornou-se a minha assistente oficial, e trabalhámos como equipa em inúmeras chegadas.

É verdade que nunca perdemos um bebé no parto. Durante a gravidez, sim – e depois era a norma. O nosso único êxito era na recuperação – no facto de as mulheres sobreviverem. Cuidadas pelas amigas, eram embaladas em amor e desgosto partilhado, e desde que

as trabalhadoras de Mencken tivessem saúde suficiente para se manterem de pé, ela tolerava os meus esforços.

A mobilidade significava que eu era uma boa mensageira, hábil a esconder pequenos pedaços de papel dobrado no corpo ou nos sapatos, e os objectos maiores embrulhados nos trapos sujos do parto. Nenhuma das guardas estava disposta a mexer-lhes com as suas unhas pintadas, e os soldados ainda menos. Os melhores ganhos conseguia-os nas visitas à cozinha – todas as prisioneiras que lá trabalhavam eram revistadas com minúcia à entrada e à saída, mas eu estava com frequência demasiado suja para os soldados me tocarem, devido à minha proximidade do sangue e do pus do parto. Por vezes, conseguia roubar uma pequena batata, num dia bom um nabo que tinha crescido deformado.

Num dia de sorte, uma guarda nova no campo ficou tão enojada pelo aspecto de um recém-nascido que se esqueceu de me pedir de volta o canivete que me tinha emprestado à pressa para cortar o cordão umbilical. Depois, teve demasiada vergonha ou demasiado medo de ser repreendida pelos seus superiores para falar no assunto. Com um gume afiado, eu podia distribuir pequenos pedaços de contrabando pelos barracões, uma casca de batata aqui, uma lasca ali, para as mulheres mais doentes ou mais fracas.

O canivete proporcionava calorias e consolo. A cada parto, cortava uma pequena madeixa de cabelo do bebé, e graças à almofada de carimbar e às folhas de papel que Graunia tinha roubado no escritório (apanhara dois dias de solitária pela sua incompetência na «contagem do material»), podíamos criar impressões das mãos e dos pés como recordações. Era um pobre substituto, mas quando apertavam contra o peito o precioso papel, as mulheres agarravam-se a uma vida breve que se tinha tornado história – tangível e real. Para algumas, na dor e loucura do pós-parto, era a única coisa que as prendia à realidade.

E assim vivíamos, e sobrevivíamos. Muito como acontecia aos berlinenses que tinham acabado por mal notar o adejar das insígnias nazis espalhadas por toda a cidade, as nossas expectativas de vida iam decaindo pouco a pouco.

Capítulo 37

Vigiar e esperar

O relógio de Dieter indicou-nos que tínhamos conseguido chegar quase até às seis da manhã quando ouvimos uma leve pancada na porta. Estava vestido, recém-barbeado e o aroma da água-de-colónia entrava pela fresta que eu tinha aberto e acalmou o ansioso bater do meu coração.

– Como estás? Alguma coisa a comunicar?

Saí para o corredor e apoiei as costas contra a parede, na esperança de enterrar a minha voz na sua textura. As pontas dos nossos dedos encontraram-se por um instante, os ouvidos atentos a corpos próximos.

– Bem, ainda não há bebé, mas o trabalho de parto está bem avançado – disse. – Às três horas a dilatação era de quatro centímetros, mas é sempre melhor ser conservador... dois para os médicos.

Ele pareceu confundido pela minha conversa de parteira.

– Quer dizer que ela está a meio caminho de expelir o bebé, mas ainda faltam umas horas. – Suspirei. – Penso que chegou a altura de enviares uma mensagem ao Koenig. Não podemos esconder isto por mais tempo, e em breve vamos precisar de ajuda da cozinha.

– Tudo bem, se tens a certeza – disse ele, e voltou-se para ir. Agarrei-lhe o braço.

– Dieter, por favor, quando eles chegarem, vem chamar-me. Não os deixes vir bater à porta. E também não quero criadas a pairar pelos corredores.

O rosto dele adoptou um ar de preocupação.

– Eu sei que é pedir muito – acrescentei. – Mas não quero o Koenig a entrar por aqui dentro como um *bulldozer*. Pode desequilibrar a Eva.

Ele arqueou as sobrancelhas. Era a calma de Eva, ou a minha, que podia ser perturbada?

– Palavra – insisti. – Pode atrasar todo o trabalho de parto. Confia em mim quanto a isto.

Ele olhou-me nos olhos. Dessa vez sem contorções teatrais.

– Confio em ti, Anke. Implicitamente.

– Obrigada. Prometo manter-te informado. Não vou deixar-te no escuro.

Eu e Christa revezámo-nos a cuidar de Eva que, de um modo geral se queixava muito pouco para uma mulher que estava a suportar tantas dores nas costas. Só precisava que lhe dissessem que a agonia era normal à medida que as contracções se tornavam mais intensas. De meia em meia hora, eu auscultava o coração do bebé e as duas enfiávamos colheres de chá de camomila na boca de Eva e aquecíamos as folhas de alfavaca, cujo odor forte e calmante enchia o quarto. Bebíamos café insípido para contrariar o efeito soporífero da alfavaca e manter-nos alerta, tendo começado tão cedo. Entretanto, eu escrevia copiosas notas sobre o progresso do trabalho de parto, a escolher com cuidado as minhas palavras, sabendo que seriam vistas ao microscópio pelos médicos e pelo *Reich*, talvez até pelo *Führer*. Sobretudo se alguma coisa corresse mal.

Às oito e meia soou outra leve pancada na porta. Outra vez Dieter.

– Já chegaram – disse. – Levei-os para a sala e a Lena está a mantê-los ocupados com o pequeno-almoço. Mas insistem em falar contigo... já. O Koenig parece estar a curar uma enorme bebedeira, mas o Langer é afiado como uma navalha. Tem cuidado.

– Terei. Estarei lá daqui a cinco minutos... prometo.

Auscultei o bebé e deixei Christa a controlar a situação. Enquanto me dirigia à sala, foi óbvio que alguns dos gemidos de Eva estavam a espalhar-se pelos corredores, pondo a casa inteira em alerta máximo. Tinham aumentado de volume, e eu só podia assumir que isso significava que o trabalho de parto progredia.

– *Fräulein* Hoff. – O doutor Langer pôs-se pé quando entrei, mas o volume de Koenig impediu-o de se levantar com a mesma presteza. Isso e a quantidade de pão e carne que estava a mastigar. Fez-me um relutante aceno de cabeça.

– Como está a progredir o trabalho de parto?

Os olhos de Langer eram negros como carvões, o que o fazia parecer ainda mais uma doninha.

– *Fräulein* Braun está a ir muito bem – respondi. – Tinha uma dilatação de dois centímetros às três da manhã, as contracções são boas, as águas rebentaram às duas e um quarto.

– Líquido límpido? – conseguiu o doutor Koenig perguntar, com a boca ainda cheia.

– Sim – respondi, a mentir sem vergonha.

– Ritmo cardíaco?

– Dentro dos limites normais, doutor.

Ele grunhiu.

– Gostava de a ver.

Lá estava. A desconfiança não só do médico para com a parteira, mas também a do *Reich* para com a prisioneira. Inspirei fundo.

– *Fräulein* Braun pediu que, salvo no caso de uma emergência, só eu e a Christa, uma das criadas, estejamos com ela. Como planeado.

Não o dissera de uma forma explícita, mas estava subentendido.

Os olhos dele queimaram os meus, e o que disse a seguir foi pura pompa.

– Penso, *Fräulein*, que se disser à sua senhora que estamos aqui, ela nos admitirá no seu quarto sem demora. A nossa presença tem como objectivo a segurança e sobrevivência do bebé. Talvez ela precise que lho recordem.

– Com o devido respeito, doutor Koenig, penso que vai descobrir que também eu estou aqui com o mesmo propósito, e *Fräulein* Braun já está ao corrente... e agradece... a vossa preocupação. – As palavras foram secas, nascidas da irritação e de um profundo desprezo pela arrogância do homem. Ignorei um estremecimento algures no meu estômago. – Preocupa-me, no entanto, o facto de qualquer interferência poder não ajudar. Ela precisa de calma e sossego para que o trabalho de parto possa prosseguir.

– Humf.

Descartou séculos de intuição e saber com aquele som desdenhoso. O seu rosto ficou tão vermelho como o presunto cozido que tinha amontoado no prato. Em comparação, Langer era um fantasma, e os dois trocaram um olhar. A tentação de me dar um tiro devia ser avassaladora, mas tinham consciência de que se tratava da amante do *Führer*. Convinha andar com cuidado.

– Muito bem, mas quero ser informado da mais pequena mudança ou atraso – disse, a tentar adoptar um tom de comando.

– Tem a minha palavra.



Detive-me por uns instantes junto à porta do quarto de Eva a escutar os sons que vinham do interior – não por não confiar em Christa, apenas porque precisava de ligar o meu radar de parto. Com todas as pressões exteriores, não tinha tido tempo para avaliar como devia as mudanças de tom, o vaivém das contracções.

– Christa!

A voz de Eva era suplicante.

– Estou aqui – ouvi Christa dizer. – Vamos lá, uma mais perto de ver o seu bebé, uma de cada vez, Eva.

Falava como uma verdadeira parteira.

– Mas *dóiii!* – gemeu Eva, mais uma afirmação do que uma queixa.

– E a Eva é forte, e a recompensa é o seu bebé – continuou Christa, enquanto Eva gemia baixinho, numa espécie de mugido. Quantas vezes já teria dito aquilo, e quantas mais o diria antes que víssemos aquele bebé?

Terminada a contracção, abri a porta e vi-o no mesmo instante – o familiar papel dobrado no chão, mesmo junto à porta. Apanhei-o e guardei-o no bolso antes que Christa pudesse ver-me. Já tinha o bastante com que se ocupar. Auscultei o bebé, sussurrei a Eva que os médicos tinham chegado, como que a confirmar que o bebé estava de verdade a caminho. O rosto molhado daquela princesa solitária na sua torre espelhava tanta necessidade! Disse-lhe que era ela a mulher mais forte naquele quarto, que estava tudo

a correr bem – e ela sorriu, satisfeita com tão ténues garantias.

Refugiei-me nas minhas notas e tirei o papel dobrado do bolso:

Estamos prontos e à espera. Temos transporte seguro para si e para a sua companhia. As vossas famílias ficarão a salvo. Tem o futuro do Reich nas mãos, e o da Alemanha. Aproveitaremos a oportunidade, como pode também fazer. Deixe-nos um sinal, porta das traseiras junto à despensa.

Aquilo era uma promessa ou uma ameaça? Ou ambas as coisas? Se não lhes entregássemos o bebé iriam eles – generais do exército, dissidentes alemães ou até um pequeno grupo de comandos Aliados – levá-lo à força e deixar-nos, a mim e a Christa, enfrentar as consequências? Tinha vivido aquela guerra durante tanto tempo como qualquer outro alemão, mas a minha experiência fora aberta e brutal, violência sem disfarces. Não tinha experiência daqueles jogos, nem de trocas de tiros. Se houvesse luta ali no alto da montanha, as pessoas seriam apanhadas no fogo cruzado. Dieter seria obrigado a defender a praça, e ele já escapara a uma bala.

O meu cérebro era um poço de areias movediças de dúvida. Como ousavam eles? E no entanto podiam fazê-lo e fá-lo-iam. Aquela guerra não conhecia limites, nem regras. Como podia acalmá-los, ganhar tempo e reforçar a segurança de Eva e do bebé?

Decidi muito depressa que não podia continuar a fazer aquilo sozinha e ser a parteira de Eva. A pretexto de ir verificar a botija de gás anestesiante, procurei Dieter no escritório. Ergueu para mim um olhar interrogativo.

– Não, ainda não há novidades – disse eu. – Mas preciso da tua ajuda.

Contei-lhe tudo e ele ouviu-me, surpreendido mas não estupefacto – a respeito das notas, da toupeira desconhecida na Berghof, do plano para afundar o *Reich*, da ameaça presente e actual sobre o bebé. Os olhos dele endureceram quando leu a última mensagem, tornaram-se de um azul-marinho vítreo quando semicerrou as pálpebras. Estava zangado comigo? Tinha todo o direito de estar. A testa franzida significava que estava a pensar – sem dúvida dividido entre a defesa do regime que odiava, da mulher que dizia amar e da Alemanha a que aspirava, tudo a turbilhonar à volta do cerne dos seus inabaláveis princípios morais.

– Dieter, que vamos fazer? Estou perdida.

A resposta dele pareceu demorar uma eternidade.

– Bem, se o trabalho de parto progredir como prevês, o bebé vai dar-nos tempo, mas podemos empatar a Resistência prometendo-lhes o que eles querem.

– Não acreditas que podem dar-nos aquilo que prometem? Segurança para nós e para o bebé?

Precisava de testar-lhe o pensamento.

A resposta foi firme:

– Escuta, Anke. Quero tanto como tu que os Goebbels tenham uma ferramenta nas mãos, mas esta pseudo-Resistência é uma falsa esperança. Não querem saber de ti, da Christa ou da Eva. Vão deixar-te pendurada.

A analogia foi penosamente visual e reforçou a minha convicção.

– E que acontece quando não cumprirmos?

– Não sei, mas dá-me tempo para pensar.

– Vais dizer a mais alguém? Ao Meier? Pedir reforços?

Olhou para mim, as rodinhas do cérebro a rodarem a toda a velocidade.

– Não. Vamos manter isto entre nós. Pode não passar de um *bluff* complicado e no fim dar em nada.

Mesmo assim, abriu a gaveta e tocou na pistola que lá estava. Apanhou-me a olhar para ele, um diálogo sem palavras como daquela primeira vez na Berghof, e os seus lábios apertaram-se numa estreita linha.

– Dieter, agora é a minha vez de te pedir que tenhas cuidado. Por favor.

– Terei, prometo.

Sorriu para me tranquilizar, mas não foi convincente.

– Tenho de voltar para junto da Eva.

– Está bem. Mas, por favor, não demores muito a fazer um relatório aos médicos. Estão a ficar impacientes. Vou escrever uma nota e deixá-la na porta da despensa; vai acalmá-los durante algum tempo.

Os nossos mindinhos entrelaçaram-se por um instante sobre o tampo da secretária, e eu quis muito debruçar-me para a frente, beijar-lhe os nós dos dedos e puxá-lo para mim. Mesmo com o dólman vestido, queria beijar-lhe os lábios e sentir a sua suavidade, mas não era seguro. Agora segurança significava sobrevivência.

Capítulo 38

Iminência

Quando voltei ao quarto, tornou-se óbvio que Eva estava a aproximar-se da transição – o túnel entre as fases de dilatação e expulsão. O tom dela tinha mudado e estava agora às voltas dentro da sua cabeça, que movia de um lado para o outro enquanto murmurava um «Não, não» dirigido a si mesma. Christa, permanentemente a seu lado, oferecia-lhe água com mel e alívio com mãos que já lhe doíam.

Assumi a massagem pelo espaço de algumas contracções, a ler o progresso nos picos, a estudar a abertura das nádegas enquanto massajava a área à volta do sacro, a notar a característica linha roxa que ia subindo. Mas o impulso prematuro de empurrar era comum em bebés costas com costas, e eu tinha de certificar-me de que a dilatação estava completa antes de Eva fazer força para baixo. Eram dez e meia e já passara bastante tempo desde o último exame interno. Se tivesse o verdadeiro controlo da situação, teria esperado até que ela desse sinais de querer empurrar, mas não tardaria a ter de ir aplacar os bons doutores.

A minha sorte era o estoicismo de Eva – no mundo onde estava concordava com o que quer que fosse, e eu fiz um rápido exame. A cabeça do bebé estava agora bem fundo na pélvis e o colo do útero, fino como papel e a funcionar bem, tinha uma dilatação de oito centímetros. Mapeei a posição, a sentir o pequeno espaço em forma de losango sob os meus dedos às seis horas – uma pequena abertura nos ossos do crânio do bebé, o que significava que continuava costas com costas mas bem para baixo. Não era perfeito, mas era suficientemente bom, uma vez que até ao momento o bebé parecia estar a encontrar o seu caminho. As próximas duas horas seriam cruciais para nos certificarmos de que Eva não empurrava demasiado cedo; o som dos seus gritos viajaria de certeza pela casa – até aos médicos, e até alguém cujos ouvidos estivessem ao serviço da Resistência. Estariam atentos por razões diferentes, mas nem uns nem outros tendo em mente os melhores interesses de Eva.



Encontrei Koenig e Langer no improvisado bloco operatório, a verificar o equipamento

de anestesia, como abutres a voar em círculos no céu. O cheiro acre a desinfetante fez-me tossir.

– Algum problema, *Fräulein*? – perguntou Koenig, e o seu tom mostrava que estava desejoso que houvesse.

– Não. Pelo contrário, doutor Koenig, *Fräulein* Braun é uma mulher muito forte, tal como o bebé. Está tudo bem, e o trabalho de parto progride como seria expectável para um primeiro filho. A dilatação é neste momento de sete centímetros – respondi, a atrasá-la de propósito um centímetro.

– Seria de esperar que já estivesse mais adiantada – queixou-se Koenig.

– Mas ela só está em trabalho de parto activo há sete horas, doutor. A média para um primeiro filho são doze horas...

– Sim, eu sei! – ladrou ele. – Não preciso que me diga como decorre um parto médio, muito obrigado. Quero um relatório dentro de duas horas. É preciso que nessa altura a dilatação esteja completa. Caso contrário, falarei com o capitão Stenz e veremos quem manda aqui.

O esforço do comando deixou-o vermelho e ofegante. Langer continuou imóvel, um sorriso torcido gravado na pele cor de giz.

– Muito bem – disse eu, e voltei-me para sair, a sentir a lúgubre forma de Langer nas minhas costas.

– *Fräulein* Hoff?

– Sim, doutor?

Toda eu era inocente curiosidade.

Ele baixou a voz, a boca larga e estreita e o hálito azedo a invadirem o meu espaço.

– Não pense que nós... ou pelo menos eu... ignoramos as suas... práticas particulares.

Pus a cabeça de lado, como uma criança apanhada em flagrante e no entanto a sorrir virtude.

– Estou bem consciente da minha área de competência, doutor. Definimos as regras com pormenor.

– Muito bem, como queira. – Os olhos peçonhentos derramavam astúcia sobre as suas palavras. – Mas tenho boa memória para caras, e lembro-me bem da sua, apesar da boa vida que tem tido aqui. É uma mentirosa e uma traidora, e por muito que tenha a atenção da amante do *Führer*, continua a ser uma inimiga do *Reich* e indigna de confiança.

Enfrentei-lhe o olhar, desesperada por pestanejar mas a manter a respiração e todo o meu ser num limbo.

– E no entanto, apesar de tudo isso, doutor, sou uma boa parteira, capaz de trazer este bebé ao mundo. Sem recorrer a artes de magarefe.

Com esta, a respiração falhou-me e voltei costas antes que ele pudesse ver-me corar e exalar ao mesmo tempo. Afastei-me a sentir o nojo dele queimar-me as costas.

O Campo, a norte de Berlim, Junho de 1943

Rosa, o meu inestimável segundo par de mãos, estava a meu lado quando Dinah entrou em trabalho de parto. Era o seu sexto filho; os outros cinco deixara-os em Munique ao ser presa. Este novo era apenas uma pepita no seu ventre quando a tinham capturado. Eu e Rosa receávamos um parto rápido e chegámos ao barracão quando Dinah começou a ter dores. Fervemos as urtigas que tínhamos e bebemos chá; eu conseguira convencer Mencken de que as ervas da horta do campo eram eficazes para contrair o útero, de modo que ela deixava-me manter um pequeno fornecimento.

E assim eu e Rosa esperámos. Dinah teve o seu bebé à hora do crepúsculo, com um fio de líquido e um rio de lágrimas. O bebé – a sua segunda menina – manteve-se calada, ao princípio, a respirar mas calma, o que nos deu cerca de meia hora extra antes que os seus eventuais vagidos me obrigassem a anunciar o parto. A guarda que entrou ficou a pairar, nervosa, à porta, e tive de lhe pedir que me entregasse a tesoura para cortar o cordão. Avançou alguns passos relutantes pelo barracão. Nós sabíamos que ela não tinha estômago para o afogamento – essa tarefa estava a cargo de uma guarda especialista e uma prisioneira encarcerada por infanticídio no início da guerra, iguais em estatura moral.

A guarda recuperou a tesoura e recuou, a dizer: «Vou chamar as outras.» A chorar, Dinah pediu-nos, a mim e a Rosa, que fôssemos buscar uma manta que tinha miraculosamente remendado e escondido debaixo das tábuas do chão, a pensar no parto.

Demorámos apenas cinco minutos a procurar a manta no outro extremo do barracão e a recolocar as tábuas com todo o cuidado. Quando voltámos, as lágrimas corriam pela cara de Dinah. A bebé – Nila – desaparecia debaixo de um fino pano, mas a mãe tinha-o dobrado por cima das suas minúsculas feições, uma mão a pairar sobre tecido.

– Quero poupar-lhe aquele fim – soluçou –, mas não consigo fazê-lo.

A necessidade contorcia-lhe os dedos que ao mesmo tempo estavam paralisados. Sabia que sentiria a leve respiração da bebé através das fibras.

– Por favor ajuda-me... ajuda-a. – A sua cara parecia cera derretida, contorcida pela dor.

Demorei uma eternidade a compreender o que estava a pedir. – Ajuda-a – voltou a dizer.

– Não... não posso, Dinah – gaguejei. – Como poderia?

Rosa estava a meu lado, silenciosa. Vi-lhe a expressão concentrada do rosto. Sabia que estava a recordar o dia em que o irmão nascera e fora levado no espaço de horas. Tinha ouvido o chapinhar, e muitos outros desde então. Juro que vi a cabeça dela inclinar-se num aceno quase imperceptível.

Os olhos de Dinah, muito abertos e molhados, espelhavam uma dor tão funda como qualquer poço.

– Por favor – repetiu. – Por ela.

Não fui capaz de pegar na bebé enquanto o fazia, desesperada por não sentir o último estremecimento de vida contra a minha pele. Mas enrolei a manta e pousei a mão sobre a boca e o nariz de Nila, um olho na porta atenta ao regresso das guardas. Nila agitou-se, mas foi só um sobressalto mínimo, e então cedeu como que a tornar tudo mais fácil para mim. Mantive a mão firme enquanto Dinah baixava a cara para a filha e lhe beijava a cabeça húmida. Foi a mãe que conheceu o derradeiro movimento. Quando já não havia respiração naqueles lábios rosados, embrulhámo-la na manta. Parecia em paz, embora o meu corpo estivesse em tumulto, tudo o que havia de sujo neste mundo a revolver-se nas entranhas, detritos a sangrar dentro de mim.

– Obrigada – disse Dinah, a raiva a vir ao de cima no meio da dor. – A alma dela está aqui. – Escavou o peito ossudo enquanto cuspi as palavras. – Não lá fora, com eles. Nunca lhes daria isso. Não vão ficar com ela. É minha. Para sempre.

Desafoguei as lágrimas mais tarde no barracão com Graunia e Kirsten, vomitei o pouco de alimento que tinha no estômago, derramei arrependimento e culpa nos regaços delas enquanto me abraçavam. O que sabia, o pensamento que mantivera perto de mim todos os dias até àquele, era que tirar uma vida continuava a ser assassinio. Mesmo naquela vil desculpa para uma guerra. Agarrava-me a ele cada vez que ouvia um tiro, ou um chapinhar. Era assassinio a sangue-frio, levado a cabo por sequazes mas engendrado pelo homem que prometera ser nosso pai, cuidar da mãe-pátria. Jurara, para todos os que tinham acreditado nas suas diatribes em Nuremberga, dar-nos uma vida melhor, e ali estava ele, a roubar-nos tudo o que nos era próximo e precioso. As nossas vidas. As nossas famílias. A nossa humanidade. Como ousava? Adolf Hitler não era nenhum pai.

E eu? Atravessara a linha, tirara uma vida, fosse qual fosse a razão. Fora assassinio ou misericórdia? Iria – conseguiria – alguma vez voltar de uma coisa daquelas?

Capítulo 39

A força da rede

No quarto de Eva, os seus inconfundíveis grunhidos significavam que estava a fazer força. Baixos, roucos, primevos, vindos do mais fundo dela, como se todas as mulheres nascessem com um pequeno braseiro aninhado no seu ser, pronto para ser ateado em ocasiões assim. Agradei o facto de o volume ser, por enquanto, controlável, e fiquei a ver com atenção como Christa massajava a área do sacro, os olhos focados nas nádegas de Eva e nos seus mais pequenos movimentos. Lá estava – no pico da contracção, as nádegas afastaram-se, a linha entre elas moveu-se para cima e a pele ficou lisa e brilhante, quase translúcida. Costas com costas ou não, aquele bebé estava a descer.

Enquanto encorajava Eva a respirar entre cada contracção, contei meia hora antes de sugerir um novo exame interno. Se estivesse de verdade com uma dilatação completa, então aquele parto ia ser rápido não obstante a posição do bebé. Se não estivesse, tínhamos de arranjar maneira de a impedir de fazer força.

O coração afundou-se-me quando senti uma nítida borda do colo do útero em frente da cabeça do bebé: um comum mas irritante «lábio anterior». O tecido estava mais espesso do que antes – demasiado espesso para ser afastado –, e se Eva continuasse a empurrar ia inchar ainda mais, deixando-nos sem outra alternativa senão esperar. E eu sabia que Koenig não estava disposto a fazê-lo.

– Eva, está quase lá, só um pouquinho mais de trabalho para fazer antes de empurrar – disse-lhe, o cheiro a cobre típico do trabalho do parto óbvio quando ficámos cara a cara.

Lágrimas automáticas saltaram-lhe dos olhos.

– Quanto mais tempo, Anke? – suplicou. – Acho que não consigo fazer isto muito mais tempo. Preciso que pare.

– Eu sei que sim, e vai parar, mas para já respire o mais que puder. Pelo seu bebé.

Ela assentiu com resignação, a voltar ao seu papel na Berghof – a amante obediente e complacente.

Eu e Christa passámos a meia hora seguinte a levá-la de um lado para o outro, da casa de banho para a cama e da cama para a casa de banho, a distraí-la do pesado inchaço entre

a vagina e as nádegas que vibrava com um ligeiro estremecimento no pico de algumas contrações.

– Respire, Eva, sobre o ar para fora, sobre a vela que está à sua frente – dizíamos nós, a incitá-la a cada espasmo de dor.

– Estou a tentar, Anke – dizia ela, as pálpebras a meia haste. – Estou a tentar tanto.



Chegou o momento em que já não era possível aguentar mais. A dor explodiu e o sangue jorrou como lava quando ela empurrou de uma maneira incontável – eu e Christa sentimos o seu poder, e não havia incitamentos capazes de deter aquela força bruta. Talvez fosse a antiga forma física de Eva a mostrar-se mais uma vez, pois já não encontrei o colo do útero quando o procurei. A cabeça do bebé estava baixa, apenas ao comprimento de meio dedo de distância, e a deslocar-se para a frente sob os meus dedos com uma contração.

– É fantástico, Eva. – Não consegui evitar o alívio e a alegria na minha voz. – Pode empurrar o seu bebé.

Ela olhou para mim como se eu fosse uma aparição.

– A sério? Julgava que era demasiado cedo, que ainda não devia.

Tinha o rosto corado e gotas de suor perlavam-lhe as raízes dos cabelos. E no entanto parecia mais viva do que parecera nas últimas semanas, pronta para receber o filho. A notícia tinha-a galvanizado, e era evidente que estava a reunir forças.

Eu estava preparada para uma demorada fase de expulsão e disse-lhe que, de momento, «se deixasse guiar pelo corpo». Era meio-dia; enquanto os médicos não soubessem, não estávamos condicionadas por um horário, e o ritmo cardíaco do bebé era normal. À uma, no entanto, teria de comunicar que Eva tinha uma dilatação completa, e o tempo começaria a contar. Tínhamos menos de uma hora para fazer alguns progressos e conseguir um avanço. Mandeí Christa apanhar um pouco de ar e trazer-nos mais chá e abastecimentos, e instalámo-nos para esperar.

Vi, pela janela da casa de banho, um uniforme rondar a casa, uma forma escura contra o clarão do meio-dia – a figura alta e direita de Dieter a vigiar as traseiras. O meu coração falhou uma batida só por vê-lo, a proteger-nos. Voltou a cabeça e eu fiz-lhe sinal. Aproximou-se da janela, sem deixar de perscrutar as redondezas.

– Está tudo bem? – perguntou, o olhar ainda distraído.

– Sim, a Eva começou a fazer força, mas não é preciso que os médicos saibam já disso. Pode bater à uma, para levar uma mensagem ao Koenig? Espero que por essa altura já estejamos muito perto de ver o bebé.

Ele assentiu com a cabeça e voltou à sua vigilância.

A firme coragem de Eva aumentava a cada contração, e eu fiquei a observá-la com genuína admiração. Parecia escutar o seu corpo de uma maneira instintiva – já não a gemer mas à espera do intenso impulso físico para usar a sua energia. Em vez de uivar como um lobo, como tantas mulheres faziam antes de conseguirem controlar esse poder,

fazia força para baixo, para a pélvis, apenas com um rosnydo baixo, contínuo. A fechar os olhos com força, empurrava à custa de força de vontade o seu bebé para o mundo. Com Christa a apoiar-lhe as costas e a encorajá-la, Eva balouçava para trás e para a frente sobre os joelhos, enquanto eu observava do outro lado. Não estava à espera de ver o bebé antes de passada pelo menos uma hora, só sinais da sua chegada. Incitámo-la a continuar com um constante fluxo de palavras.

– É brilhante, Eva, está a fazer avançar o seu bebé.

– Está a chegar? Tem a certeza? Consegue ver alguma coisa? – perguntou, a ofegar de desespero.

– Ainda não, mas parece estar a correr tudo bem. Continue. A Eva e o seu bebé são tão fortes.

Cada vez mais agitada pela pressão nas nádegas, Eva foi à casa de banho, com uma ondulante banda sonora de fortes empurrões e gritinhos de surpresa quando o bebé invadia novas partes da anatomia da mãe. O facto de os sons serem contidos e não se espalharem pela casa, alertando amigos e inimigos, foi um alívio. Sem que o fizesse de propósito, Eva estava a revelar-se a salvadora do seu bebé e do respectivo futuro.

De novo no quarto, não conseguiu replicar a potência dos empurrões que tivera na casa de banho, de modo que eu e Christa fizemos o que podíamos para improvisar uma cadeira de parto humana: Christa sentou-se na cama com Eva encostada a si, as pernas apoiadas no suporte das suas. Eu fiquei à frente, atenta a sinais da cabeça. Se não tivesse testemunhado em primeira mão a força de Christa durante o parto de Sonia, poderia ficar preocupada com a tensão a que o seu corpo estava a ser sujeito, mas ela estava mais do que à altura da tarefa. Carregado de adrenalina, o quarto inteiro estava determinado a ter um bebé.

Ao meio-dia e meia em ponto, pude dizer a Eva o que ela precisava de ouvir.

– Estou a ver o bebé!

Dessa vez não tive necessidade de controlar a voz ao distinguir um vislumbre de uma cabeça escura e húmida.

Eva deixou cair a sua para trás, num gesto de alívio, mas só por um segundo. Quando a contracção seguinte se formou, quis ver mais e canalizou toda a sua energia para baixo, todos os vasos e tendões do pescoço retesados pelo esforço. Cada empurrão, cada contracção fazia o bebé deslocar-se um milímetro para a frente.

Dieter bateu à uma em ponto e eu fui entreabrir a porta.

– Diz-lhes que a dilatação está completa, que o ritmo cardíaco é normal e que volto a reportar daqui a uma hora – sussurrei.

– O que está de verdade a acontecer? – perguntou ele, já com uma medida de astúcia de parteira.

– Só consigo ver a cabeça. Com sorte, vamos ter novidades em breve, por isso mantém-te por perto. Alguma actividade lá fora?

– Nada que eu consiga ver. Vou fazer mais uma passagem daqui a pouco e depois volto aqui. Se precisares de mim, deixa uma caneca de café do lado de fora da porta.

As três juntas trabalhámos aquele parto na meia hora que se seguiu. Tendo-se mostrado, o bebé ficou onde estava durante uns bons vinte minutos, a despeito dos enormes esforços de Eva; um pedaço de cabeça do tamanho de uma moeda manteve-se, como que a provocar-nos, na abertura da mãe, comigo a pedir-lhe que avançasse.

– É aí mesmo, Eva, é o lugar, só mais um bocadinho, eu sei que é capaz.

Os meus músculos, pulmões e articulações chegavam ao ponto de tensão máxima a cada contracção, mas Eva estava a ficar exausta e nem colheres de mel conseguiam arrancar-lhe mais esforço.

Ouvi-o no instante em que Eva iniciou mais um empurrão. Um estalo no ar – curto, seco e familiar, e o meu cérebro demorou alguns segundos a localizar a origem. Então outro. O escape de uma mota, ou um tiro – como os que ouvíamos todos os dias no campo. Seria a Resistência a fazer a sua jogada, a querer vir buscar o que acreditavam não ter o direito de existir? Haveria luta e troca de tiros, com Dieter metido no meio? Com um ouvido apontado para a janela e o outro em Eva, não detectei vozes alteradas lá fora nem nada que perturbasse o ar parado. A minha batalha era no quarto, e tinha de confiar em que Dieter nos protegeria. Sem ouvir mais nada, concentrei-me na força da energia que crepitava entre nós as três.

Mudámos para uma série de posições – de joelhos, de cócoras, do lado esquerdo de Eva, e de novo para a cadeira humana de Christa – com poucos progressos. Olhei para o relógio de Dieter, onde os ponteiros avançavam demasiado depressa em direcção às duas. Iria aquele bebé precisar da ajuda dos fórceps de um médico, como tantos dos que nasciam costas com costas? Iria esgotar-se-nos o tempo e a energia de Eva? O ritmo cardíaco do bebé mantinha-se forte, mas isso não ia durar sempre. Os bebés acabam por cansar-se e Eva estava exausta. Precisávamos de tirar qualquer coisa do saco, e depressa.

Olhei para o monte muito bem arrumado de mantas e roupas prontas para vestir o bebé. A mãe de Eva tinha enviado uma bonita manta de lã tricotada e eu vira que ela ficara emocionada quando o embrulho chegara algumas semanas antes, enrolando-a à volta da cintura e passeando-se como um modelo na *passerelle*. Peguei na manta e estendi-a com gestos firmes debaixo de Eva, que rolava agora a cabeça de um lado para o outro, vencida pela fadiga.

– Eva? Eva, olhe para mim.

Ela abriu os olhos com um esforço.

– Vê esta manta, esta manta para o seu bebé? – Um débil aceno de cabeça. – Muito bem, quero que deposite o seu bebé no ninho que está debaixo de si, e será seguro porque eu estou aqui e o seu ninho está forrado com esta manta especial. Agora é o momento, Eva, agora é o momento de ter o seu bebé.

Mesmo através da névoa de exaustão, ela ouviu o tom da minha voz, a nota de verdadeira necessidade. A contracção seguinte foi poderosa, correspondida pelo esforço dela, e eu sorri quando o bebé contornou a curva do canal de parto e saltou para a frente, o cabelo a revelar-se cor de areia em vez de preto. Eva soprava e fazia força alternadamente,

forçada a continuar pela contracção, mas retida pelo anel de fogo da sua pele esticada ao máximo.

– Fantástico, Eva! Fantástico! – Era difícil conter a minha excitação. – Só mais um pequeno empurrão, é maravilhoso, não pare.

Atrás de Eva, os olhos de Christa estavam focados no meu rosto, e eu sorri-lhe a indicar o progresso.

Uma vez passada a curva, o resto foi rápido. A cabeça do bebé apareceu e o grito mais alto de Eva aconteceu quando a sua pele deslizou por cima dos ossos do crânio, o nariz e a boca a deslizarem para a frente quando a cabeça inteira emergiu, a olhar para cima e para fora, para o mundo, ainda costas com costas. As pernas de Christa tremiam com o esforço de suportar o peso, e Eva estava ansiosa com o limbo de um bebé só em parte nascido, os ombros ainda dentro dela, mãe e filho num meio mundo. Estávamos todas a aguentar-nos... à justa. O bebé tinha o rosto azulado e os olhos fechados, mas isso era normal, e eu tive de recordá-lo a mim mesma.

– Só mais um, Eva. Espere pela sensação... mais uma vez e teremos o seu bebé.

Tinha as mãos prontas para o apanhar. Olhei para o relógio. Faltavam cinco para as duas.

Os ombros saíram um minuto mais tarde, e o corpo deslizou para as minhas mãos com a graça de um ginasta. O cordão estava enrolado, sem apertar, à volta do pescoço, e eu soltei-o com uma das mãos e levei-o até Eva, que despertou do seu mundo de sonho com a visão e o contacto de um bebé molhado contra a pele. O seu sorriso foi um dos mais rasgados que eu alguma vez tinha visto, de absoluto contentamento.

– O que é? – perguntou. – Rapaz ou rapariga? Diga-me, Anke!

O bebé foi posto ao lado da mãe e eu levantei-lhe uma perna para ver os inconfundíveis órgãos genitais.

– É um rapaz!

Pobre criança, pensei no mesmo instante. Uma rapariga poderia ser ignorada – não seria o troféu macho que Joseph Goebbels ansiava. Mas sendo um tesouro menor para o *Reich*, talvez tivesse uma hipótese. Aquele rapaz era ouro puro – tanto para os Goebbels como para a Resistência.

– Ele está bem? Por que não chora?

Eva parecia alarmada, como todos os pais que acham que os bebés nascem a berrar. Os olhos muito abertos daquele examinavam os rostos à sua frente, e a minha mão voou para o seu peito, rosado de oxigénio. Senti o bater do pequeno coração por baixo das costelas.

– Está ótimo, está a respirar bem – disse-lhe.

O bebé tossiu e guinchou baixinho em resposta.

Deitámos Eva e o bebé no ninho como um só e o alívio de Christa foi imediato. Ainda carregada de adrenalina, entrou em acção no mesmo instante, retirando o equipamento e pondo lençóis debaixo de Eva, enquanto eu verificava o fluxo de sangue, que não mostrava nada de preocupante. Demos-lhe pequenos goles de água enquanto ela

recuperava o fôlego, sem parar de beijar a cabeça do bebê.

– O meu bebê. – Estava quase a cantar. – O meu maravilhoso menino.

Atei com força tiras de pano a poucos centímetros de distância em torno do gordo e saudável cordão umbilical, e ele voltou a guinchar quando o separei da completa dependência da mãe. Peguei-lhe para secar e embrulhar, e foi só então que vi.

Capítulo 40

Um mundo real no topo da montanha

Faltava-lhe a mão direita. O braço tinha estado escondido fora das vistas nos poucos minutos desde o nascimento, encostado ao corpo de Eva. Deixado livre, vi que acabava num coto arredondado à altura do pulso – sem deformidade dos dedos ou mão; simplesmente, não havia ali nada. Verifiquei o resto do corpo – todos os outros quinze dedos, orelhas e olhos pareciam normais, sem sinais de síndrome ou deficiência. Por sorte, tinha muito mais de Eva do que do pai. Na sua absoluta inocência, arrulhou enquanto eu o examinava, mas não chorou. Com poucos minutos de vida, parecia perceber que um grito mais alto alertaria toda a gente à nossa volta para a sua presença.

Enfaixei-o depressa e devolvi-o a Eva, que, claro, não tinha reparado... por enquanto. Deixei-a entregue ao seu êxtase e fiz sinal a Christa para me acompanhar à casa de banho. Ela detectou no mesmo instante a minha expressão.

– O bebé não tem a mão direita – disse eu.

– O quê? Que estás tu a dizer? Parece perfeito.

– E é, em todos os outros aspectos, mas não tem a mão direita... nada. Temos de dar a notícia à Eva com cuidado, e manter toda a gente à distância por enquanto, dar-lhe tempo para se adaptar. Quero despachar a placenta antes de lho mostrarmos.

Ela assentiu e voltámos às nossas tarefas.

De novo, a sorte bafejou-nos naquele dia mais vezes do que consigo contar, com a placenta a sair inteira e sem problemas. Eva sorriu-me, uma mulher cujos fragmentos de insegurança se tinham reunido no intenso momento da maternidade. E ali estava eu, a preparar-me para voltar a espalhá-los.

Quando eu e Christa nos preparávamos para desenfaixar o bebé, uma pancada na porta fez-me levantar a cabeça. Tinha perdido a conta ao tempo e já passava das duas. A cara de Dieter apareceu na fresta da porta.

– Que posso dizer aos médicos? – perguntou. – Estão a ficar muito agitados.

Deslizei para o corredor e enfrentei-o, a sentir o cheiro da água-de-colónia.

– Tivemos o bebé mas...

– Mas o quê? Está tudo bem?

– Está vivo e bem, mas falta-lhe uma das mãos.
– Que estás a dizer? Como é isso possível?
– É muito raro... só o tinha visto uma vez. Pode ser apenas genético – a palavra cavou-lhe mais fundo as rugas da testa –, mas também pode acontecer quando se forma uma tira no útero que corta o afluxo de sangue quando o feto está a formar-se. O bebé é perfeito em todos os outros aspectos.

– Mas não completamente perfeito. – Dieter expressou o que eu não me atrevera a pensar. Semicerrou os olhos, sinal de que estava mergulhado em profundos pensamentos.
– Que precisas que faça?

– Preciso de tempo para dar a notícia à Eva antes que os outros apareçam. É provável que queiram fazer alguns exames, e depois disso... não sei. – Pensei a toda a velocidade. – Diz-lhes que ainda estamos a fazer força, que o bebé está bem e a mexer-se mas que é possível que precisemos de ajuda com fórceps daqui a pouco tempo... não lhes digas quando. Assim vão estar ocupados a preparar-se em vez de andarem de um lado para o outro. Volta logo que puderes.

Entrelaçámos mais uma vez os dedos; juro que senti a pulsação dele latejar na minha pele.



No quarto, Eva estava na cama, a balbuciar cheia de hormonas pós-parto, e o bebé agarrara-se-lhe ao peito, a chupar com verdadeiro vigor. Ela olhava para baixo com absoluta adoração.

– Acho que vou chamar-lhe Edel... sempre gostei desse nome. É muito forte, não acham? Oh, vão ficar todos tão contentes... um rapaz. Ele vai ficar contente, tenho a certeza.

Esteve quase a dizer «Adolf» ou «o *Führer*», mas isso passou-me ao lado, estava demasiado ocupada a compor a parte seguinte do guião.

– Eva, o bebé é adorável, e é perfeito de tantas maneiras... mas...

– Mas o quê? – disparou ela, na defesa imediata de uma mãe.

O bebé estava a mamar do seu seio direito e eu afastei a manta para revelar o membro truncado. Ela arquejou e levou uma mão à boca. Lágrimas instantâneas saltaram-lhe dos olhos encovados. Exceptuando nenhum bebé, aquele era o pior dos seus medos. Tentei encher o ar com palavras, explicando como podia ter acontecido, que tirando isso ele era perfeito...

– É perfeito para mim, mas não para eles, pois não? Não para...

E dessa vez impediu-se mesmo de dizer o nome. O nome do pai do bebé. O homem que tinha de aceitá-lo como herdeiro do seu apelido e do *Reich*. Como um pai orgulhoso. Como Dieter, Eva tinha vivido no círculo íntimo do nazismo muito mais tempo do que eu, e ambos conheciam os estreitos limites da tolerância. A saturação de alegria no quarto dissipou-se em desespero. Eva passou os dedos pelo coto liso e suave do bebé, a pingar lágrimas para os seus finos cabelos, enquanto ele chupava feliz o seio da mãe.

Eu e Christa afastámo-nos para a deixar assimilar a notícia, e abraçámo-nos com força, em parte de alívio por o parto ter terminado, mas também por medo do que podia acontecer a seguir. A anormalidade não era culpa nossa – não era culpa de ninguém – e não podia ter sido predita, mas o regime nazi nunca fora muito receptivo a desculpas. Haveria consequências.

De momento, porém, a mãe e o bebé tinham prioridade.

– É tão bonito – disse Eva, a tocar-lhe nos caracóis. Engelhados e contusos, esqueléticos ou robustos, todos os bebés eram fascinantes para as mães, e isso tinha de ser reconhecido. – Mas ambas sabemos que não pode ficar.

As palavras ficaram a pairar entre nós como um espesso nevoeiro.

– Que quer dizer com isso? – perguntei, os olhos fixos nos dela.

Eva fungou.

– Não sou ingénua ao ponto de não pensar que os médicos vão querer levá-lo, examiná-lo e mexer-lhe. Seja qual for a razão, vê-la-ão como genética, como um defeito. – A palavra fê-la estremecer. – E então que lhe acontecerá? Na melhor das hipóteses será um embaraço, na pior... Não quero pensar.

– Mas é um bebé, um inocente...

Não obstante o que tinha visto, não queria acreditar que aquele bebé fosse posto de lado.

– Anke, não sabe como eles são! – Estava a abanar a cabeça, de desespero. – As deficiências físicas enojam o *Führer*. É o que ele mais teme. Se o filho for revelado, isso vai enfraquecê-lo, enfraquecer o seu sonho. Podia aguentar perdê-lo, mas tirem-mo para ser investigado, examinado... por eles... isso não seria capaz, não o suportaria.

O silêncio ficou suspenso como um mau cheiro, até que eu não aguentei mais.

– Eva, diga-me o que quer fazer.

O sorriso de vendedora de loja tornou-se a máscara dura como aço da vontade de uma mãe.

– Quero que o levem para um lugar seguro. Quero que viva.

O coração caiu-me aos pés – era outra vez Dinah e o seu pedido, separar uma mãe do seu bebé.

– Eva, sabe o que está a dizer? É possível que nunca mais volte a vê-lo? Tem a certeza?

– Não, mas tem de ser feito. Por ele. Sei que sim. – Fez um débil sorriso e apertou-me a mão. – Por favor, ajude-me mais uma vez, Anke. Ajude o meu filho.

Tinha razão, claro. Vira muitos oficiais entrar e sair daquela casa, alguns com ferimentos de guerra, a coxear, com membros falsos e olhos a menos, mas não duvidava de que todos eles tinham sido espécimes arianos perfeitos antes de ir para o campo de batalha. As deficiências causadas pela guerra eram aceitáveis, até mesmo merecedoras de louvor. Mas uma linhagem fraca era encarada como isso mesmo: fraqueza. Só Joseph Goebbels, com o seu pronunciado coxear, parecia ser excepção. O filho do *Führer* tinha de ser forte e completo.

Este conhecimento pôs-me o cérebro a funcionar a todo o gás. Como levar em segurança um bebé do alto de uma montanha até às planícies lá em baixo, num país em

guerra, em plena luz do dia? E depressa? Parecia impossível.

Afastei-me de Eva para pensar. Tinha dado meia dúzia de passos quando o quarto rodou de uma maneira tão louca que tive de pousar a mão numa parede para me apoiar, a bília amarga a subir-me à garganta enquanto as cores da alcatifa se transformavam numa mancha de confusão. No meio do nevoeiro, só conseguia ver uma coisa: o papá no seu leito de morte, o rosto pálido e a barba comprida e fina, a parecer tranquilo, mas morto. Morto não por causa da guerra, não sob uma bomba aliada, mas às mãos dos seus compatriotas. do país que ele amava com paixão. Os mesmos compatriotas que naquele momento me rodeavam.

Naquele segundo, agarrada à ombreira da porta, pensei: por que havia de fazer aquilo? Por que arriscaria tudo a que me tinha agarrado por um fio por alguém que se conluiou – que se deitou – com o arquitecto da todas as minhas desgraças? Cujas mãos podem estar manchadas de sangue? Podia dizer não. Podia deixar Eva enfrentar as consequências do que tinha feito. Ela não corria perigo, pois não? Um exílio forçado, talvez, deixar de ser a princesa reverenciada por todos, mas não maltratada. Não morta como o papá, nem prisioneira como a mamã.

O meu músculo cardíaco lutou, o suficiente para me fazer levar a mão ao peito, e depois à boca, para impedir a náusea de dar fruto. Forcei-me a olhar para Eva, que sorria e soluçava ao mesmo tempo enquanto bebia os últimos e preciosos momentos com o seu bebé – o bebé a que acabava de dar vida e se preparava para arrancar do seio. Quando o mutilado bracinho oscilou, ela beijou-o com tanta ternura que o coração se me apertou mais uma vez. A inocência dela podia ser questionada, as escolhas que fizera moralmente condenáveis, mas as dele não. Ele não tinha pedido nada daquilo, não tivera uma palavra a dizer em relação a quem eram os pais. Não devia ter de pagar pelas decisões ou crimes deles. Eu tinha poucas mais certezas, mas a virtude daquele bebé, naquele momento, era inquestionável.

A pancada de Dieter na porta soou como um dobre de finados, penetrou-me na cabeça e trouxe-me de volta ao instante presente. Dessa vez mandei-o entrar, e os olhos de Eva abriram-se muito, alarmados, à vista do uniforme.

– Tubo bem – disse-lhe eu. – Ele pode ajudar.

Expliquei a Dieter, com palavras apressadas, o pedido de Eva. Ele não disse que o plano era uma loucura completa ou um suicídio, limitou-se a assentir e a pensar.

– Dieter, achas a sério que é sensato?

– Não, nada nesta guerra é sensato, Anke. Mas penso que *Fräulein* Braun tem razão: aqui em cima, o bebé não tem a mais pequena hipótese.

– Porquê? Aconteceu alguma coisa?

Ele baixou a voz para um murmúrio.

– A Resistência fez a sua jogada, do interior. Não houve necessidade de um ataque, já cá estavam... o Daniel, e vários soldados. Só posso assumir que fazem parte de um grupo cujas frustrações os voltaram contra o *Reich*.

– O Daniel! – Não conseguia acreditar que o motorista de modos suaves fosse qualquer

coisa mais do que isso. Mas a guerra cobrara tributo à sua família... ele tinha aludido ao facto. – E continuam cá? São uma ameaça?

– Houve uma pequena escaramuça, que controlámos. De momento retiraram, mas penso que foi para se reagruparem, e é possível que voltem. Entretanto, desmantelaram o rádio... felizmente, o Meier está ocupado a tentar consertá-lo.

– Como vamos então tirar o bebé daqui? Há outros condutores com que possamos contar?

Ele abanou a cabeça.

– Não posso pedir ao Rainer. Ele é-me leal, mas tem família. Seria pedir demasiado.

– Podíamos esconder o bebé até ser seguro transportá-lo, depois de escurecer?

Enquanto falava já sabia que estava a agarrar-me a ervas muito curtas.

– Não sei grande coisa a respeito de bebés, mas estou a supor que não ficam calados durante muito tempo, sobretudo quando têm fome. E a estrada da montanha não tarda a ser fechada, quando os reforços chegarem.

Dieter tinha razão. O bebé estava a mamar naquele momento, mas tínhamos um máximo de quatro horas, se tanto, antes que o seu estômago voltasse a ficar vazio. Eva tinha um pouco de leite em pó de reserva para o caso de não poder amamentar, mas teríamos de preparar os biberões sem que na cozinha se suspeitasse.

Dieter estava calado, absorto em pensamentos.

– Temos de o levar depressa, ou corremos o risco de não o poder fazer de todo – disse.

– Mas para onde?

Enquanto o dizia, um fio de esperança subiu das profundezas da minha memória, e eu puxei-o para a realidade: a quinta do tio Dieter. Era ali na Baviera, a menos de trinta quilómetros de distância, e ele tinha uma governanta que eu sabia ser uma mulher bondosa, tolerante e – suspeitava – nada apoiente do *Reich*. Podia cuidar do bebé enquanto não arranjássemos um lugar mais seguro. Não tinha a certeza, mas não nos restava outra alternativa.

– Sei de um sítio – disse –, mas continuamos a precisar de transporte. Sei conduzir. Se me arranjares um camião ou um jipe, posso levar o bebé.

Ele fixou em mim os brilhantes olhos azuis.

– Anke, sabes muito bem que isso seria suicídio... e o fim da tua família. Além disso, não conseguirias passar do primeiro posto de controlo. – Fechou os olhos com força. – Eu levo-o.

– Dieter, não! Também é perigoso para ti.

– Mas eu terei mais probabilidades de passar pelos postos de controlo, se o bebé não chorar. Pelo menos, teremos uma hipótese.

Engoliu em seco e evitou o meu olhar. Queria ele dizer que o bebé teria uma hipótese, mas para lá disso a vida – a vida dele – seria uma incerteza absoluta. Nunca mais poderia voltar à Bergohf. No melhor cenário seria considerado um desertor, no pior um traidor e um fugitivo. Para os nazis, era pior do que ser um inimigo.

– Como vais explicar o desaparecimento do bebé? – perguntou.

– Deixa isso comigo.

Na altura não fazia a mais pequena ideia, mas havia de pensar em qualquer coisa e enfrentar as consequências.

– Vou arranjar um transporte e, com sorte, manter-me fora das vistas do Koenig. O homem está em pé de guerra, vais ter de te apressar com os preparativos. Volto daqui a cinco minutos.

A faísca dos nossos dedos foi eléctrica quando nos tocámos antes de ele sair do quarto.

Eva viu-me aproximar e ficou tensa, os músculos dos braços a prender com força o seu precioso fardo.

– Tão cedo? – disse.

– Tem de ser agora. Não há outra maneira, se tem a certeza de que é preciso que ele vá.

– Vai levá-lo? – perguntou. – Como posso pedir-lhe uma coisa dessas?

– O capitão Stenz leva-o. Para um lugar que eu conheço... escondido e seguro, de momento. Estará lá alguém para cuidar dele.

– O capitão Stenz, é...?

– É de confiança, um homem bom. Juro. Confie em mim. Confie nele.

– Não posso fazer outra coisa, não tenho alternativa. – Olhou para o filho. – Nenhum de nós tem.

Christa ajudou Eva a vestir o bebé, e eu encontrei um estojo de maquilhagem no toucador. Fizemos uma impressão do minúsculo pé de Edel e transferimo-la para uma folha de papel. Pensaríamos mais tarde numa maneira de a preservar. Christa cortou uma madeixa de cabelos e entalou-a entre mais folhas de papel. No meio de tudo isto, ele manteve-se abençoadamente calado, a arrulhar baixinho, um tudo-nada embriagado com o leite da mãe – o néctar espesso e amarelado a deixar-lhe uma crosta à volta dos lábios.

Christa foi num pulo à cozinha buscar mais água quente, alegando que precisávamos dela para o parto iminente, e pouco depois estava a preparar um biberão de leite.

Dieter bateu à porta mais cedo do que desejaríamos, como o inimigo aos portões. Deslizou para dentro e acenou com a cabeça.

– Eva, chegou o momento – disse eu, em voz baixa.

Embrulhámos o bebé numa macia manta de lã, e depois num cobertor cinzento, regulamentar – nada que se destacasse e atraísse atenções. Agora adormecido, as suas pequenas feições espreitavam como as de uma boneca russa.

Eva quase não conseguia falar no meio dos soluços e eu tive de soltar-lhe os dedos, as articulações brancas quando os afastei.

– Querido Edel – murmurou, e Christa segurou-lhe os ombros enquanto a dor lhe sacudia todo o corpo.

Entreguei o bebé a Dieter, com um biberão embrulhado em panos.

– Tenho uma mota com *sidecar* – disse ele, focado nos aspectos práticos. – Despertará menos suspeitas, mas vou ter de encaixar o bebé bem lá no fundo.

– Sabes conduzir uma mota a grande velocidade?

Os olhos azuis faiscaram e o sorriso arrapazado veio à tona.

– Cresci no meio de motores, Anke. Vai correr tudo bem.

Pus-me a tagarelar, numa tentativa de adiar o inevitável.

– Ele vai dormir algum tempo, com o movimento da mota. Só precisas de verificar que não tem a cara tapada. Se precisares de parar, dá-lhe o biberão.

Ele assentiu. Tinha chegado o momento também para nós. A mão livre entrelaçou-se na minha e apertou-a.

– Encontrar-te-ei, se puder – sussurrou. – Mantém-te a salvo, Anke. Sobrevive. *Tens* de sobreviver.

Os olhos azuis estavam mais límpidos do que alguma vez os tinha visto e quis beijar-lhe os lábios com força e durante muito tempo, cair na cama e esquecer tudo daquele último dia, comer bolinhos acabados de fazer e beber bom café enquanto percorria com os dedos os contornos do seu rosto pálido e belo. E nunca o largar.

Em vez disso, houve apenas palavras, insípidas e inadequadas.

– Tu também. Mantém-te escondido. O tio Dieter ajudar-te-á. É um bom homem. Mas tem cuidado contigo.

A minha mão apertava a dele com tanta força que quase fiz sangue. Enfie-lhe um pedaço de papel no bolso, uma nota rabiscada à pressa para o tio Dieter: «*Cuide deste rapaz. Encontre-lhe pais, porque não tem nenhuns. Estou bem. Noo Noo.*»

Era como o meu tio me chamava quando eu era pequena, e uma prova de que a mensagem tinha sido enviada por mim. O resto dependia da confiança e da sorte e da sua natureza boa e rude. Ouvimos um barulho no corredor e Dieter voltou a entrar no quarto.

– Tenho de ir – disse, e formou com os lábios a palavra «Amo-te», a pequena falha no dente quase invisível.

«Também eu», respondi da mesma maneira, mas não sei se ele percebeu. Vi o dólman desaparecer do outro lado da porta e, mais uma vez, o meu futuro tornou-se tão fundo e escuro como o tecido que ele usava.

Um minuto mais tarde, o som de um motor de mota a arrancar, um rugido rouco quando ele acelerou e que se perdeu rapidamente na distância. Tinham partido, e não havia sinais de perseguição; talvez tivesse conseguido passar sem atrair atenções, a sua imaculada reputação a abrir-lhe caminho. Então uma detonação. E uma segunda, uma terceira. Tiros ou as explosões do motor? Não tinha meio de saber, só o tempo e as consequências o diriam. Eva agarrou-se à minha mão enquanto os nossos futuros corriam montanha abaixo, cada uma de nós a chorar por dentro a nossa perda.

Soube então que só podia fazer o que ele me pedira e sobreviver. Voltei-me para Christa, cujo silencioso apoio nas últimas doze horas me sustivera mais vezes do que seria capaz de contar. Ficámos as três sentadas juntas na cama de Eva, a ouvir os pesados passos no corredor, a voz estentórea de Koenig a fazer-nos dar os braços e mantermo-nos firmes. Uma tonitruante pancada na porta assinalou o fim do momentoso dia de nascimento na Bergohf, e nós as três preparámo-nos para a batalha que tínhamos pela frente.

Capítulo 41

Castigo

Exsudava fúria dos pés até ao colarinho da camisa, que parecia apertar-lhe um tudo-nada o pescoço, e andava de um lado para o outro a pisar com tanta força que mal se notava o coxear, o sangue a ferver-lhe nas veias. Do colarinho para cima, no entanto, Joseph Goebbels era uma máscara de calma impassível, as faces encovadas, sem um único fio de cabelo fora do lugar. Só os olhos pulsavam, inquietos.

Andava à minha volta, a espicaçar a sua presa, como se eu fosse um nojento mas intrigante animal num zoo.

Eu estava imóvel, resignada, cada músculo do meu corpo a esforçar-se por manter a expressão mais vazia possível, nada que o irritasse, nem que revelasse medo.

– Portanto, *Fräulein* Hoff – começou –, não foi bem o desfecho que esperávamos, pois não?

O tom era retórico.

– Não, *Herr* Goebbels, e lamento tanto como o senhor a perda de *Fräulein* Braun. É trágico.

– Eu diria que é mais do que trágico. Não estamos a falar de uma criança qualquer, como sabe. É uma tragédia para a Alemanha inteira. Pode esclarecer-me quanto ao que aconteceu?

Inspirei fundo o mais discretamente que pude, a combater o tremor crescente da minha voz.

– O trabalho de parto estava a decorrer com normalidade... como qualquer outro primeiro parto... e não houve nada que me preocupasse até que o bebé nasceu.

– E então?

– Foi óbvio logo nos primeiros segundos que ele não estava... a aguentar.

– Chegou então a respirar?

Aquele homem abominável – pai de seis filhos – era incapaz de expressar a mais pequena ponta de dó pela vida que julgava extinta. Odiei-o mais por isso do que por qualquer outra coisa no seu desprezível passado.

– Sim, por breves instantes.

– Tentou salvar o bebé? Reanimá-lo?

O tom continuava neutro, uma raiva gargantuesca contida na fossa do seu odioso ser, a ferver como o tacho do presunto no fogão da mamã, com baforadas de vapor a tentarem escapar por baixo da tampa.

– Tentei, por um curto espaço de tempo.

– Porquê só por um curto espaço de tempo? – disparou. Agora estava animado, tinha uma falha para mostrar a minha culpa, uma prova do meu crime. Poupava-lhes o trabalho de a fabricar mais tarde, para os registos.

– *Fräulein* Braun pediu-me que parasse.

– Tem a certeza disso? Tem a certeza de que não queria apenas que esta criança vivesse, o filho do *Führer*? Por vingança, retaliação? Sabemos que o *Reich* tem inimigos.

A cara dele estava a centímetros da minha, os dentes finos a mostrarem-se por entre os lábios cerrados. Um homem feio, por dentro e por fora.

– Tenho.

Disse-o com toda a calma de que fui capaz, sem emoção. A tampa sobre o meu medo fez-lhe fremir as narinas.

– E por que lhe pediu *Fräulein* Braun que parasse? Por que havia uma mãe recente de dizer-lhe que parasse de salvar o seu bebé da morte? Não consigo imaginá-lo, *Fräulein* Hoff. Não consigo mesmo imaginá-lo.

– Porque era óbvio que o bebé não tinha condições para viver. Apresentava – e neste ponto senti que estava a trair todos os bebés nascidos com imperfeições – ... deformidades. Deformidades significativas.

– É o que diz. Na realidade, tão graves que senti a necessidade de eliminar o corpo antes que tivéssemos oportunidade de o ver, de queimá-lo de tal maneira que todas as provas se perdessem?

A voz tinha subido, o tacho começava a ferver, uma espuma azeda borbulhava.

– Imagino que *Fräulein* Braun nem pensou nisso – disse. A minha voz começava a quebrar, a determinação a esboroar-se. Vá lá, Anke. Luta pelo bebé, pela tua família, por Eva, por ti mesma. Inspirei fundo. – A sua primeira preocupação foi a reputação do *Führer*, que podia sair lesada se fosse... caso se soubesse que o bebé era seu filho. Quis que não houvesse qualquer registo, qualquer possibilidade de uma imagem que pudesse ser usada contra o *Reich*. – Olhei-o nos olhos e menti com quantos dentes tinha e que batiam em silêncio. – Fê-lo por amor ao *Führer*. Pela Alemanha.

Apanhado de surpresa por um instante, ele recuou, recomeçou a andar de um lado para o outro. E então preparou-se para um segundo ataque.

– E você, *Fräulein* Hoff, não pensou que essas acções despertariam suspeitas, suscitariam perguntas?

– Na altura não estava a pensar nisso – respondi, e era uma meia verdade. – Estava a lidar com um bebé morto, uma mãe muito perturbada que acabava de perder o filho. A minha primeira prioridade é sempre a mãe, e o filho, se possível.

– É o que diz! – Estava a gritar, numa voz alta mas controlada. – E no entanto eu

continuo sem saber, *Fräulein* Hoff, qual é a verdade. A verdade verdadeira.

Abateu o punho sobre o tampo da secretária no mesmo instante em que a porta se abria e Eva entrava na sala. Tinha o ar de uma leoa ferida disposta a proteger as crias.

– Joseph! – gritou, e ele voltou a cara, surpreendido por aquilo que era talvez a mais veemente e única censura que ela ousara dirigir-lhe. Eva estava a tremer, pálida e cambaleante, os cabelos soltos caídos e flácidos, o robe manchado a pender-lhe do corpo de súbito diminuído. Sai do meu lugar, puxei uma cadeira e ajudei-a a sentar-se. Quando voltou a falar, a sua voz soou mais calma: – *Herr* Goebbels, por favor. Nada disto é culpa de *Fräulein* Hoff. A decisão foi minha.

Goebbels parecia fulminado pela intrusão e pelas palavras ditas.

– Não pode considerá-la responsável, e não o fará – continuou. – Os cuidados que me prestou foram irrepreensíveis. Apenas não havia esperança e eu fiz o que me pareceu certo na altura.

Ele adiantou-se e eu vi-lhe nos olhos as astutas rodinhas do seu cérebro rodarem a toda a velocidade.

– Com certeza, *Fräulein* Braun, e os meus pensamentos estão consigo... os meus e os de Magda. As nossas mais sinceras condolências. – Aquela súbita bajulação provocou-me náuseas. – Mas talvez tivesse sido mais... apropriado se tivéssemos podido preparar um funeral adequado.

Ninguém naquela sala acreditou por um instante que as suas palavras eram inspiradas pelo respeito e não pelo desejo de controlar. Nem Eva, por muito crédula que pudesse ser. Olhou para ele, o rosto desfeito pelo choro, e comportou-se como uma artista consumada.

– Compreendo, Joseph, e compete-me a mim fazer as pazes com o *Führer*, no momento oportuno. Mas não quis que ninguém... *ninguém*... pusesse os olhos no rapaz que deveria ter sido perfeito. Fi-lo por respeito pelo *Führer*, pela sua maior criação. Com certeza compreende isto. Ou a sua fé no sonho começa a vacilar?

Não chorou, nem hesitou. Não era suposto fazê-lo naquele ponto, de acordo com o que era esperado de uma esposa nazi, focada e inflexível, como as centenas de modelos de Magda espalhados de uma ponta à outra da Alemanha. Mas eu detectei-lhe na voz, numa ligeiríssima falha, a dor não de um filho morto, mas de um filho vivo que para todos os efeitos estava morto para ela, sabendo que ele estava algures, sem ela, aninhado no seio de outra mulher. E não pude impedir-me de aplaudi-la por isso, pelo sacrifício.

O grande senhor da palavra do *Reich*, mestre na distorção da verdade, tinha sido por fim silenciado. Era a mão direita de Hitler, entre os de maior confiança, mas podia – ou queria – ousar questionar a palavra de uma rainha, da única escolhida?

– Como disse, as nossas condolências – conseguiu dizer. – *Fräulein* Hoff, faça o favor de acompanhar a sua senhora ao quarto.

Senti o tremor dos membros de Eva quando nos encaminhámos para a porta, talvez devido à fraqueza e à perda de sangue, mas mais provavelmente como resultado da confrontação mais violenta da sua vida. Para alguém que vivera sempre na sombra, saíra a terreiro quando isso mais importava.

– Só uma coisa antes de ir, *Fräulein Hoff*.

O tom calmo, contido, de Goebbels puxou-me a trela e eu detive-me a meio de um passo.

– Sim, *Herr Goebbels*.

Não me voltei, continuei a apoiar Eva.

– O capitão Stenz. Sabe alguma coisa a respeito do seu desaparecimento, das circunstâncias que o rodearam?

Senti o relógio de Dieter comichar-me o pulso, onde o tinha posto, talvez num gesto pouco sensato, no dia anterior. Escondi-o debaixo do robe de Eva. Os olhos de Joseph estavam fixos em mim, a queimar-me as costas. Teria visto o relógio, a prova de traição que eu não fora capaz de esconder.

– Não, *Herr Goebbels*. Vi-o ontem, por um instante, durante o parto, e não voltei a vê-lo desde então.

– Como todos nós, *Fräulein Hoff*. Julgo saber, pelo que me disse o sargento Meier, que eram... amigos.

Não me viu engolir em seco, mas isso deu-me um segundo para impedir uma lágrima de se formar.

– Não exactamente amigos, mas tratávamo-nos com civilidade. Ele era o meu supervisor.

– E nada mais?

Estava a sondar, teria adorado arrancar-me uma confissão recorrendo à persuasão, à lisonja ou à pancada, se pudesse.

– Nada mais. É sempre melhor ter uma relação cordial com os nossos captores, *Herr Goebbels*.

– Hmm.

Tomei isto como uma dispensa e guiei Eva para fora da sala.

Instalei-a na cama, verifiquei a hemorragia, enquanto ela voltava a cara para o lado, os olhos a rasgarem-se em lágrimas. Os seus dedos secos e gretados prenderam os meus.

– Obrigada, Eva – disse eu. – Por mim e pela minha família.

Ela olhou para mim, os olhos vermelhos, as lágrimas a correr.

– Parece que sempre consegui cuidar de alguém. – Fungou e esboçou um pálido sorriso.

– Só por alguns instantes.

– Conseguiu, sim – disse eu, e abracei-a enquanto ela chorava o filho perdido.

Epílogo

Berlim, 1990

Anke, com setenta e sete anos

Do meu apartamento perto de Chausseestrasse vejo o Muro cair, pequenos grupos a lascar anos de confinamento, corpos que se afastam com o seu pedaço de História em cimento, já comerciável. Como formigas com os seus despojos.

Sinto uma tristeza estranha, não por humanidade, porque os do lado oriental vão enfim conhecer um pouco de democracia, a seu tempo, mas porque aqueles tijolos me garantem que não estou sozinha nas minhas recordações daquele tempo. Todos os que são suficientemente velhos para ter visto o Muro crescer lembrar-se-ão do tempo antes, durante e depois da raiva que se apoderou da Alemanha, da Europa e do mundo. Os pequenos montes de entulho que hoje vemos são uma recordação da paisagem lunar da Berlim pós-guerra. De uma maneira bizarra, isso é reconfortante.

Por vezes, tenho dificuldade em lembrar-me de coisas – pormenores da vida quotidiana –, mas é privilégio da idade conseguirmos recordar com absoluta nitidez acontecimentos de há quarenta e cinco anos. Há alguns de que quero fugir, mas há muito tempo que luto com os meus demónios e chegámos a um impasse. Eles fazem parte do pacote.



Naqueles dias depois do nascimento do bebé de Eva, houve confusão; ela com o seu desgosto, eu com medo de represálias contra a minha família. Encarava com uma estranha calma aquilo que via como inevitável: a chegada da Gestapo à Berghof, ser levada do meu alpendre, talvez para a floresta que nos rodeava, e morta com um tiro pelo meu fracasso. O que receava era o tortuoso e prolongado preâmbulo, para nenhum outro fim que não fosse uma bala, de todos os modos. Christa tinha sido recambiada para casa dos Goebbels no dia a seguir ao parto, onde Magda controlaria sem dúvida o seu silêncio. Só podia esperar que estivesse a salvo.

De vez em quando, Magda invadia as salas da Berghof a pretexto de aliviar a dor de Eva,

mas na realidade à cata de informação. Encurralava-me sempre que aparecia e sondava os meus conhecimentos a respeito de incapacidades físicas e sobrevivência, e eu respondia quase sempre com um *bluff* de jargão médico. De mulher para mulher, sentia que ela conseguia ver através das minhas falsidades muito mais eficazmente do que os melhores agentes da Gestapo, mas eu vigiava as minhas palavras e jogava ao gato e ao rato com as suas perguntas.

Joseph estava noutro lado qualquer, a construir mentiras a respeito das esmagadoras derrotas e da iminente queda da Alemanha; na sala de jantar do pessoal, eu apanhava conversas sussurradas a respeito de a guerra estar a chegar ao fim. Com excepção de Lena, nenhum dos outros falava comigo, receosos de serem infectados pela lepra do meu fracasso.

Mas a Gestapo não irrompeu no caminho de acesso nos seus demoníacos carros negros, e *Frau* Grunders comportava-se como se nada de especial tivesse acontecido e mirava-me com uma mistura de suspeita e admiração. O seu menino estava mais uma vez livre das amarras *daquela* mulher.

Ele – o grande pai da Alemanha – não se deixou ver, não correu para junto da chorosa amante. Tive pena dela, mas para mim foi um alívio. Já perdera a esperança de ter notícias da minha família, restava-me apenas uma ínfima réstia de fé, embrulhada e escondida no fundo do meu coração. Sem Dieter, não havia ninguém para me aplanar o caminho, e o castigo do sargento Meier foi uma muralha de silêncio. Não se falou de se eu iria, ficaria ou seria devolvida ao campo. Todos os pensamentos estavam muito para lá da nossa linha de visão, na Europa, no esforço de salvar o que fosse possível face ao avanço dos Aliados. O céu por cima de nós enchia-se de aviões, deles ou nossos, não sabia dizer, mas ninguém corria nem dava o alarme. Ou erguíamos os olhos para eles por um breve instante, ou ignorávamo-los. Talvez fosse a estrada para a inevitabilidade.

Continuava a examinar Eva, como faria com qualquer mulher no período pós-parto, mas ela estava engolfada no seu desgosto, tão eriçada de farpas como o arame à nossa volta. E não tinha ninguém com quem o partilhar, além de mim. Mas eu sabia que a simples visão da minha cara lhe recordava com lancinante acuidade a sua perda, e por isso evitava-a o mais possível; tornara-me um símbolo de traição ao filho, e a breve intimidade que tínhamos tido desaparecera, consumida pela culpa dela. Os seus olhos tinham adquirido um mortiço azul-acinzentado rodeado por estrelas de fios encarnados, o brilho ambarino dos cabelos perdera-se à falta de cuidados. Já não era aquela rapariga numa loja de Berlim, toda sorrisos e promessas. Reconheci o aspecto, tendo-o visto vezes sem conta nas filas de camas e beliches do campo – uma mulher que perdera.

Duas semanas depois do nascimento, o sargento Meier chamou-me ao seu gabinete. Senti-me como me tinha sentido ao enfrentar o comandante no meu último dia no campo – resignada, pronta. Só me irritou saber que ele ia sorrir de presumida satisfação ao anunciar-me o meu destino. Em vez disso, entregou-me um mês de «salário» e disse-me que partisse de imediato.

– Para onde? – perguntei, estupefacta.

– Para Berlim, para a sua liberdade – foi a seca resposta. – Há quem cumpra as suas promessas, *Fräulein* Braun.

Nem conseguia olhar para mim, um ícone vivo de traição ao seu adorado *Reich*.

– E aquilo que sei, as coisas que vi? Vai cegar-me, como fizeram a Sansão, ou cortar-me a língua?

Os olhos dele reduziram-se a frestas reptilianas.

– Quem acreditaria em si, *Fräulein* Hoff? Uma louca saída dos campos, a balbuciar a respeito de um filho do *Führer*. Além disso, a sua família continua connosco, e assim será pelo futuro previsível. Tenho toda a confiança na sua discrição.

Voltei costas antes de poder ver o sorriso de troça instalar-se sob os oleosos pêlos que lhe ornamentavam o lábio superior.

Disse um breve adeus a Eva. Ela conseguiu um pálido sorriso, estendeu a mão engelhada – de unhas roídas até ao sabugo – e apertou molemente a minha antes de a retirar para abraçar os seus outros bebés, *Negus* e *Stasi*. Eram agora o seu consolo, estendidos em cima dos lençóis. Reparei que havia cartas na mesa-de-cabeceira, talvez dele, talvez a reconhecer a tristeza dela, a perda de ambos, mas talvez não. A pequena impressão do pezinho do bebé estava ao lado da almofada.

Rainer levou-me até à estação ferroviária de Bechtesgaden e deixou-me com um aperto de mão.

– Goze a sua liberdade, Anke – disse. – Foi duramente conquistada.

Havia uma expressão nos olhos dele, uma expressão que nunca lhe tinha visto e não consegui decifrar, mas estava demasiado ansiosa por desembaraçar-me de todos os vestígios da Berghof para pensar muito nisso. No sobrescrito do dinheiro havia um bilhete de comboio – segunda classe para Berlim. Não embarquei no primeiro comboio a partir. Em vez disso, fui até à praça da cidade e sentei-me na esplanada do café – o *nosso* café – debaixo de um chapéu-de-sol. Era a mesma mesa? Não me lembrava. Bebi uma chávena de excelente café, a espuma de leite ainda rica e activa. Levei a chávena aos lábios, a pensar em Dieter, e deixei as lágrimas cair por cima da beira, o seu sal a misturar-se ao sabor amargo dos grãos.

✎

Berlim estava em pedaços. Sitiada pelos militares, era irreconhecível como o lugar do meu nascimento – uma cidade cinzenta e arruinada, o ar empestado pelo cheiro da cordite. Figuras de ombros inclinados para a frente percorriam as ruas e só voltavam a cabeça para cima quando um qualquer ruído atravessava o ar carregado – um ataque aéreo, ou destroços caídos dos edifícios danificados que havia por todo o lado. O barulho só os fazia andar mais depressa. Era como se Berlim fosse uma feira e o circo tivesse abandonado a cidade. A proximidade da derrota infectava todos os poros cor de cinza, todos os rostos espantados.

Como não tinha para onde ir, dirigi-me para o único lugar que me era familiar, a minha antiga casa. Ficava nos subúrbios ocidentais e a rua parecia quase igual ao que era nos

primeiros tempos da guerra, com o acréscimo de sacos de areia que serviam de percurso de obstáculos para as crianças que brincavam no exterior, mas na essência intocada. A casa, no entanto, estava tudo menos abandonada. Vi vários pares de pequenas socas amontoados junto à porta quando meti, nervosa, pelo caminho de acesso. As hostas que a minha mãe plantara com tanto cuidado mostravam-se como saudáveis sobreviventes dos ataques aéreos, as folhas verde-claras bem erectas na posição de sentido.

A porta foi aberta por uma mulher com cerca de trinta anos, de rosto jovem e corado. Um avental e lenço na cabeça, que empunhava uma vassoura. Quando expliquei quem era, mandou-me entrar, embaraçada pela desarrumação que os três filhos tinham criado. Mas eu não estava perturbada – continuava a parecer a mesma casa de família que tinha em tempos sido para nós, salpicada de pó de amor. Como engenheiro especialista, o marido de Helen fora dispensado do serviço militar e a sua família instalada na casa «abandonada». Em contrapartida ele passava longas horas a manter operacional o fornecimento de energia a Berlim.

Era uma das felizardas, disse, sugerindo o seu alívio por ele não estar em nenhum dos extremos de uma arma. Não havia em Helen ares nem afectação, e eu simpatizei de imediato com ela. Ofereceu-me um quarto, o sótão que tinha sido o refúgio de Franz quando rapaz. Recusei, claro, mas ela insistiu, e fê-lo de maneira que não pareceu caridade. Além disso, eu não tinha mais nenhum lugar para onde ir, e muito pouco dinheiro. Helen e a sua bondade reafirmaram-me na crença de que, apesar da horrível sangueira, os alemães honestos continuavam a ser a coluna dorsal do nosso país, e os rufiões uma minoria sem moral nem princípios.

E assim passei o pouco que faltava da guerra a arranjar trabalhos pagos aqui e ali, em bares e restaurantes, e como voluntária em centros de saúde sempre que podia. Naqueles primeiros dias, nunca perdi a esperança de dobrar uma esquina e vê-lo à minha frente, ou de voltar-me para atender um cliente no bar onde trabalhava e ele estar a olhar para mim, a pedir uma bebida com o seu encantador sorriso.

No fim, recuperámos a nossa Berlim por pouco tempo, a coxear e aleijada. O fumo da guerra foi substituído pela vergonha, primeiro pela derrota, e depois, quando as notícias a respeito dos campos se espalharam pela população em geral, pelos acontecimentos da guerra. Havia os que nunca tinham visto nem sabido das mortes e da desumanidade, às mãos *daquele* homem, e havia os que afirmavam tê-lo feito pela Alemanha, pelo bem maior. Quando soubemos de Auschwitz, Dachau, Birkenau e mais, compreendi que o inferno tinha estratos, e que talvez eu não me tivesse afundado naquela fossa sem fundo. É triste dizê-lo, mas muitos tinham.

Naqueles estranhos dias de invasão, alívio e dor renovada, procurei em todo o lado a minha família – em todos os postos da Cruz Vermelha, em todos os hospitais, em todos os locais de reagrupamento, a perscrutar com os olhos as mulheres que ainda tinham alguma carne nos ossos, faces cheias e cabelos na cabeça, e também as que pareciam fantasmas, com farripas de cabelo e olhos vazios. Acabei por encontrá-las, a minha mãe e a minha irmã, agarradas uma à outra num centro comunitário e ainda com esperança.

Abraçámo-nos sem palavras durante uma eternidade.

Encontrámos Franz, numa lista de desaparecidos em Auschwitz – um nome riscado numa comprida lista, e soubemos que havia pouca esperança de voltar a vê-lo, conscientes de que tudo o que nos restava dele era o seu espírito combativo nos nossos corações. Franz estava perdido, e eu tinha de contar à mamã o que acontecera ao papá, mas com o conhecimento seguro de que ele não morreria numa câmara de gás. Confiava que Dieter me tinha dito a verdade a esse respeito. Passei por cima de outras verdades – os partos no campo e a minha passagem pela Berghof. Um pequeno elemento de vergonha, sim, mas também porque havia coisas que eram difíceis de explicar a quem não tivesse lá estado.

Quando soube do fim dos dois – os recém-casados *Herr* e *Frau* Hitler – não fiquei surpreendida nem chocada. Ela tê-lo-ia seguido até aos confins da Terra, e fê-lo. Só me pergunto se Eva terá pensado no filho no momento em que mordeu a cápsula de cianeto, se o tinha alojado no coração quando ele parou de bater. E Magda também, rodeada pela sua ninhada de filhos perfeitos. Quem poderá alguma vez saber no que foi que ela pensou como mãe naquele momento – para lá do batom, do *gloss* e da total devoção ao *Reich*?

Foram as imagens do cume da montanha que mais me perturbaram. Lembro-me de uma vez ter ralhado com Dieter por investir tanta emoção em meros tijolos e argamassa, por gostar mais de edifícios do que de pessoas. Mas ver a Berghof reduzida a escombros, irreconhecível, enlameadas botas aliadas a pisar lugares por onde eu tinha passeado, despertou em mim sentimentos que não queria deixar vir à tona. Não devia ter sentido aquilo em relação à casa maldita de Hansel e Gretel. Mas senti, e esse continua até hoje a ser o meu segredo sujo.



Reconstruímos a nossa vida, a mamã, a Ilse e eu, no meio de um mar de outros nómadas. Os meus crimes contra o *Reich* foram apagados e eu voltei a ser parteira; o meu trabalho, ajudar a nascer crianças saudáveis, era a minha salvação e o meu consolo. E não, não pensava que cada uma que nascia robusta e rosada, cada mãe sorridente e feliz, compensava as que tínhamos perdido. Não cortei os nomes delas da minha lista. Uma pessoa não podia pensar assim, ou dava em doida. Infectada. As suas faces, pequeninas e inocentes, continuaram guardadas, como fantasmáticos negativos, num recanto remoto da minha memória por muitos e muitos anos.

E então, o Muro. Lutei por continuar a ser uma berlinense, no lado ocidental da divisória. Já tinha tido ditadura que me chegasse para uma vida inteira. Conheci o meu marido, Otto, num café, mais um encontro vital entre o tilintar de chávenas e o aroma inebriante dos grãos torrados e moídos. Ele servira como soldado do exército regular na frente russa, de modo que as nossas guerras tinham sido muito diferentes. Foram poucas as ocasiões ao longo de um casamento de trinta anos em que falámos dos nossos fantasmas; ambos concordámos que na altura éramos pessoas diferentes. A guerra tinha-nos moldado, mas nunca poderia definir como emergiríamos, como seres humanos.

E, claro, o casamento deu-me filhos: um rapaz e uma rapariga. Por fim, pude

experimentar a agonia e o êxtase do nascimento, de ser uma com qualquer coisa fora de nós mesmos, desse gutural e glorioso empurrão final, da deliciosa cabeça molhada, do choro. Do amor louco e imorredouro. Foi nesse momento que pensei nas Irenas, nas Hannas, nas Leahs, nas Dinahs... e nas Evas. Chorei grossas e sentidas lágrimas, por elas e pelo meu alívio e alegria. Pelos perdidos, e pela preciosa dádiva que tinha nos braços.

Foi o meu filho, Erich, quem me ajudou a procurar respostas, anos mais tarde. Foram precisas três décadas para que certas verdades viessem à tona – pormenores dos campos, sobreviventes, a verdade nua e crua. Graunia emergiu com uma pena astuta e fulminante, ainda que a sua franqueza fosse demasiado amarga para alguns engolirem. Rosa, infelizmente, não sobreviveu, mas seguimos o rasto de Christa até uma povoação próxima da antiga quinta do pai. O nosso reencontro foi empapado em lágrimas e furiosa conversa – ela tinha-se tornado aquilo que sempre estivera destinada a ser, uma parteira, e falámos de partos e bebés, trabalho e vida caseira. Os seus cabelos muito louros tinham embranquecido com a idade, mas os olhos continuavam tão brilhantes como nos tempos da Berghof, e vestia com estilo, a sua habilidade com a agulha e a linha ainda evidente. Naquela altura já tinha os seus filhos, e juntámo-nos como mães e parteiras. Nem uma vez falámos do bebé, daquele parto. Parecia não haver necessidade.

Erich era um historiador apaixonado, capaz de passar horas a escrever cartas e a examinar documentos nos arquivos municipais, à procura de artigos a respeito do avô, o respeitado professor de Ciência Política. Encontrou poucos indícios de uma tentativa de golpe na Berghof – talvez as provas tenham ardido no meio dos escombros, e apenas uma breve referência a um nome familiar: Daniel Breuger, motorista do Estado-Maior de Hitler, fuzilado por «acções contra o *Reich*» em Junho de 1944, razão desconhecida. Os pormenores dos vários atentados contra a vida do *Führer* acabaram por vir a ser bem documentados passado algum tempo, mas não havia qualquer referência a uma breve escaramuça num dia de Maio de 1944, uma pequena gota num oceano de ódio que podia ter-se revelado um maremoto na enormidade da guerra: foi enterrada, com quaisquer eventuais provas da sua existência e das pessoas envolvidas.

Erich encontrou outro nome para mim: Dieter Stenz. Fuzilado por deserção em fins de Maio de 1944, duas semanas certas depois do parto de Eva. No dia em que eu saí da Berghof. Não havia muitos mais pormenores, mas Erich descobriu uma morada: a da velha mãe, ainda viva.

Escrevi-lhe – uma curta carta que me levou dias a compor – apenas para dizer que tinha conhecido o filho em 1944 e que, não obstante os registos oficiais, ele tinha sido um herói, um salvador, e não o cobarde que os relatórios oficiais descreviam. Que era um homem bom e humano, e tudo o que um SS não era. Em resposta, recebi um «Obrigada» rabiscado com uma mão incerta e uma fotografia dele sem o uniforme, com o pai e tendo pelo meio um motor, sem dúvida a ser desmontado ou montado. Não se via as mãos, mas estavam de certeza cobertas de óleo. Tenho-a na minha gaveta, ao lado das de Otto e dos meus filhos. E do relógio, de ponteiros imobilizados no tempo.

Não lhe falei do bebé, o pequeno e luminoso elemento de Dieter aninhado dentro

de mim e que deslizou para fora demasiado cedo, antes que eu tivesse oportunidade de recebê-lo no meu corpo ou no meu futuro, para se tornar parte da minha esperança. Uma prova positiva do tempo que tínhamos tido juntos. A amorosa Helen esteve comigo enquanto eu sangrava dor e tecido, sem fazer uma pergunta, apenas a agarrar-me a mão como a minha mãe teria feito. A mãe de Dieter não precisava de saber que podia ter havido qualquer coisa do filho para adorar. Seria demasiado cruel oferecer uma mão e então retirá-la. Mas fará sempre parte de mim, uma dessas jóias guardadas a salvo no meu coração. O meu Dieter. A minha guerra.

Quanto ao outro bebé, não sei o que lhe aconteceu. E ainda bem. Só sei que deixou a casa do meu tio três dias depois de ter chegado, levado pela calada da noite por um jovem casal, que o tio Dieter descreveu como «simpático». Há alturas em que olho para a televisão, durante o noticiário da noite, e a curiosidade me força a prestar mais atenção. Quando me parece que vejo um político com algumas semelhanças, os meus olhos procuram no mesmo instante a mão, qualquer coisa que não esteja bem. Porque, claro, com os progressos da medicina nos tempos que correm – próteses, chamam-lhes eles – uma pessoa pode nunca chegar a saber.

Mas talvez ele não seja um político – pode muito bem ser um agricultor, ou um carpinteiro, um artista. Quem sabe? É bom que ele não saiba. Nunca precisará de carregar o fardo da vergonha, dos genes que lhe correm no sangue. Só precisa de saber que nasceu do amor de uma mãe, num mundo incerto, como um dos milhares que emergiram do toldo de bombas, escombros e ameaça.

Um filho do tempo, um bebé da guerra, e não o filho do *Reich*.

Agradecimentos

Foram tantos os que contribuíram para o aparecimento deste livro, antes do mais a minha sofredora família – Simon, Harry, Finn e a mamã – que me consentiu um espaço precioso para escrever. Digo um enorme obrigada às minhas leitoras: Micki, Kirsty, Zoe e Isobel, e às minhas colegas na Stroud Maternity, que suportaram as minhas lamúrias a respeito de «ser escritora» com verdadeiro encorajamento. Um agradecimento especial para a minha colega autora Loraine Fergusson, sem cuja ajuda eu nunca teria tido um editor, ou conservado a sanidade mental – os seus conselhos foram valiosos e constantes. E para a escritora Katie Fforde – foi ela a primeira a reconhecer que a ideia era mais do que um conto e me disse com todas as letras que era o meu primeiro romance. E se tinha razão! Tenho também de prestar tributo ao maravilhoso pessoal do Coffee 1, em Stroud, que me manteve abastecida de sorrisos e cafeína. Foi lá que escrevi uma boa parte deste livro.

Obrigada a todos os que apoiaram e deram forma a *A Parteira Alemã* – Molly Walker-Sharp e a maravilhosa equipa da Avon, que guiaram uma noviça ao longo do processo sem perder a paciência. No que respeita aos episódios no campo de concentração, devo muito ao excelente livro de Sarah Helms, *If This Is a Woman*, que faz a crónica precisa e cheia de pormenor humano das mulheres que sobreviveram com dignidade naquelas condições, e aos relatos em primeira mão de sobreviventes, o autor anónimo de *A Woman in Berlin*, que ilustra de maneira perfeita o facto de o sofrimento não respeitar culturas nem credos.

Eu que toda a vida fui um rato de biblioteca, estou deliciada por ter finalmente passado «para o outro lado», e digo obrigada a qualquer leitor que queira virar estas páginas e ir até ao fim.

Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2018, Mandy Robotham
© 2019, Planeta Manuscrito

Título original: *A Woman of War*

Tradução: Mário Dias Correia

Design de capa: Design de capa: Becky Gliberry
© HarperCollins Publishers Ltd 2019

Fotografias de capa: Laura Kate Bradley /Arcangel (enfermeira)
Shutterstock (fundo)

Adaptação: Guidesign

1.ª edição em epub: Abril de 2020

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-377-8 (epub)

www.planeta.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo electrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infracção ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

